



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO - PRPG
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO PÚBLICA - PPGP
Campus Universitário “Ministro Petrônio Portella” – Bairro Ininga
Telefone: (86) 3237-2169; E-mail: ppgp@ufpi.edu.br
CEP 64049-550 – Teresina-PI



DOUGER SOUSA CAMPELO

SUICÍDIO E EDUCAÇÃO: ideações suicidógenas entre jovens do Instituto Federal do Piauí no período pandêmico da Covid-19 (2020 a 2022)

TERESINA- PIAUÍ
2023



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO - PRPG
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO PÚBLICA - PPGP
Campus Universitário “Ministro Petrônio Portella” – Bairro Ininga
Telefone: (86) 3237-2169; E-mail: ppgp@ufpi.edu.br
CEP 64049-550 – Teresina-PI



DOUGER SOUSA CAMPELO

SUICÍDIO E EDUCAÇÃO: ideações suicidógenas entre jovens do Instituto Federal do Piauí no período pandêmico da Covid-19 (2020 e 2022)

Apresentação da dissertação ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Piauí para a obtenção do título de mestre em Sociologia, sob a orientação da professora Dr^a. Francisca Verônica Cavalcante.

TERESINA- PIAUÍ
2023

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Divisão de Representação da Informação

C193s Campelo, Douger Sousa.
Suicídio e educação : ideações suicidógenas entre jovens do
Instituto Federal do Piauí no período pandêmico da Covid-19 (2020
e 2022) / Douger Sousa Campelo. -- 2023.
180 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro
de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em
Sociologia, Teresina, 2023.

“Orientadora: Profa. Dra. Francisca Verônica Cavalcante”.

1. Juventude. 2. Educação. 3. Suicídio. I. Cavalcante, Francisca
Verônica. II. Título.

CDD 362.708 3

Bibliotecária: Francisca das Chagas Dias Leite – CRB3/1004

DOUGER SOUSA CAMPELO

SUICÍDIO E EDUCAÇÃO: ideias suicidógenas entre jovens do Instituto Federal do Piauí no período pandêmico da Covid-19 (2020 e 2022)

Apresentação da dissertação ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Piauí para a obtenção do título de mestre em Sociologia, sob a orientação da professora Dr.^a Francisca Verônica Cavalcante.

Banca Examinadora

Francisca Verônica Cavalcante
(Professora Orientadora)

Profa. Dra. Lila Cristina Xavier Luz - UFPI
(Membro Interno)

Profa. Dra. Maria Glaucéria Mota Brasil - UECE
(Membro Externo)

Dedicatória

Dedico este trabalho ao meu Pai Durval de Sousa Reis (*in memoriam*), que sempre apostou na minha educação e na dos meus irmãos. Sempre dedicado à família e que dele tenho os melhores exemplos e forjaram o homem que sou hoje e minha querida vovó Margarida de Jesus Campelo conhecida em vida como Dona Didi (*in memoriam*) que dela tenho as melhores lembranças da minha infância dos cheiros e gostos de suas comidas e todas as memórias do bairro Vermelha. Da sua bravura em cuidar de 12 filhos e netos e que nunca os abandonou...saudades de ti vovó, a minha avó Genovelina Saraiva Sousa (*in memoriam*) conhecida em vida como dona Genova, pelos conselhos e palavras sábias que levo comigo. Aos meus avôs maternos João Rodrigues e paterno José de Sousa um misto de saudades e boas memórias afetivas. Aos mestres com carinho, Carlos Benedito de Araújo Júnior (*in memoriam*), que como suas aulas sempre apaixonado me fez ter paixão pelo meu curso e curiosidade pela temática. Pelas nossas conversas sempre animadas e cheia de conhecimento e claro de risos ficará nas minhas lembranças para sempre. Para a professora Maria Suely (*in memoriam*) por sua força de viver por dias melhores por sua vontade de lutar por justiça e menos desigualdade social ficará aqui plantada no meu coração este ímpeto por justiça social ao nosso povo. Aos meus Primos Claydstone Campelo (*in memoriam*) que não teve a oportunidade de tomar vacinar no tempo certo e não poder ter visto sua filha nascer neste plano a minha prima Marcia Regina Araújo (Marcinha) (*in memoriam*) que também não teve a oportunidade de vacinar a tempo fica aqui minha eterna saudades. Aos nossos alunos que participaram desse trabalho com suas informações valiosíssimas e aos nossos colegas professores e psicólogas que contribuíram também com suas experiências e informações precisas para que o trabalho tivesse o corpo necessário. Ao meu amigo *Roberto (*in memoriam*) que pediu demissão dessa vida e não tivemos mais tempo de tocarmos um velho blues e rock. A minha tia Gracinha (*in memoriam*) que sempre lembrarei com muito carinho e aos demais que pediram demissão desse plano com esperança talvez de apaziguarem suas angústias e por encontro com algo que trouxesse esperança e luz. Fica aqui minha eterna gratidão e as melhores lembranças.

*Pseudônimo.

AGRADECIMENTOS

Quero aqui neste espaço agradecer primeiramente a Deus que nos proporciona sempre um dia a mais para nos tornamos melhores seres humanos. Minha família, em especial meus pais Durval de Sousa Reis (in memoriam) e a minha amada mãe Ana Mary de Sousa Campelo que sempre apoiaram e incentivaram a nossa educação. Minha esposa, companheira e conselheira de todas as horas Ana Maria Cristina de Sousa que sempre soube usar as suas palavras sábias no momento certo, ao meu pequeno Diógenes Sousa Campelo que não entendia o porquê de não ir dormir cedo e contar suas estorinhas para aconchegá-lo até dormir. Não posso esquecer ao corpo docente e técnico do Programa de Pós-Graduação de Sociologia/ PPGS/UFPI que sempre nos acolheu como aluno mestrando nos guiando por este mundo acadêmico com seus saberes e experiências. A minha orientadora Francisca Verônica Cavalcante que nos momentos mais difíceis em que passei quando tive com COVID-19, sempre vinha com palavras de força para nunca ter pensamentos negativos e superar essa doença. Com suas orientações sempre precisa e sua paciência comigo. Ao Instituto Federal do Piauí, que é minha casa de trabalho onde foi possível realizar este sonho. Com a poio incondicional do meu campus de origem e tenho como diretor Jopson Carlos de Moraes e demais servidores amigos e colegas que torceram por essa conquista. Aos amigos de hoje e sempre pelo apoio, pelas conversas de ânimo e companheirismo. Evannoel de Barros Lima, Marcondes Brito da Costa, Wanderson Carlos Lima da Silva, Natanael Campos da Silva, José de Moura Santos e Cleuton Almeida. Ao meu compadre e amigo Juarez de Pinho Santos aos fiéis amigos Nilson Santos Carvalho, Nilson Santos Almeida, Henrique Souto Barbosa, Alexandre Matusalém Ramos Brito ao meu irmão Douglas Sousa Campelo e minhas Irmãs Diana Sousa Campelo, e Doriania Sousa Campelo que mesmo de longe sempre nos incentivou e Danielly Sousa Campelo pelo carinho de sempre. Minhas tias paternas que sempre acreditaram em mim, e que no momento mais difícil de nossa família estavam lá para nos dar apoio. Obrigado por tudo, Tia Lili (Maria Otávia) Tia Cleide, tia Socorrinha pelas palavras de amor, amo-as incondicionalmente. Ao meu querido tio João Filho por tudo que fizeste por mim e por nossa família, te amo incondicionalmente.

RESUMO

O presente estudo tem como temática o suicídio, a juventude e a educação no Ensino Médio Integrado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí - IFPI, nos campi Teresina Central e Picos, no contexto da pandemia da Covid-19. As experiências vivenciadas compreendem os anos de 2020 a 2022 por professores de sociologia, psicólogos e estudantes do IFPI com faixa etária entre quinze a dezoito anos. A pesquisa tem como sujeitos: alunos, professores de sociologia e psicólogos da referida instituição e se propõe a analisar os discursos dos sujeitos, utilizando-se do método compreensivo e de um arcabouço teórico marcado pela interdisciplinaridade. A problematização da investigação se dá a partir das seguintes questões: como a pandemia da Covid-19 influenciou as ideias e tentativas de suicídio dos jovens estudantes do IFPI? E especificamente, como pode ser compreendida a presença de tais comportamentos dos jovens do Ensino Médio dos campi Teresina Central e de Picos, do IFPI? Qual a relação entre as ideias destes discentes com o ambiente escolar? Como a instituição lida com os discentes que expressam ideias suicidógenas? Deste modo, o objetivo geral da pesquisa é compreender como os jovens estudantes, os professores de sociologia e os psicólogos da instituição IFPI entendem as ideias e tentativas de suicídios dos jovens. As principais categorias teóricas trabalhadas na presente pesquisa são: Educação, Juventudes, Suicídio e Pandemia. A metodologia desta pesquisa é qualitativa e dialoga com dados quantitativos. O estudo guarda uma peculiaridade que é o fato de ter sido construído de forma híbrida, isto é, o campo empírico da pesquisa se deu em parte de forma presencial e em parte de forma remota, dada a impossibilidade diante das medidas de distanciamento e isolamento social impostas pela Pandemia da Covid-19. Utilizou-se de recursos do *WhatsApp*, de *e-mails* e da plataforma do *Google meet*, crucial para a realização desta pesquisa. Utilizou-se de instrumentos como: diário de campo, tendo como base Malinowski; Roberto Da Matta; Geertz e Saada Fravet. Entrevista com tópicos-guias ou não diretivas, amparado por Severino e Mirian Goldenberg. Os dados da pesquisa foram analisados através da técnica de análise de conteúdo especificamente análise categorial de Bardim. O pressuposto da dissertação apresenta similaridades intrínsecas das ideias suicidas dos estudantes dos referidos campi com relação de descompasso entre escola/conteúdos/a vida, ou seja, para os jovens em questão, a escola parece ocupar um lugar em que prevalece a “modernidade sólida” e as suas trajetórias de vida apontam para situações em que prevalece a “modernidade líquida”, no sentido dos termos atribuído por Bauman. Os resultados da pesquisa demonstraram que as ideias suicidas dos alunos têm uma relação com o contexto social escolar do descompasso existente entre os institutos Federais do Piauí e a condição juvenil dos estudantes. A instituição educacional, situada na modernidade sólida, invisibiliza os dilemas existenciais da condição juvenil, inserida na modernidade líquida. Tal descompasso provoca violência simbólica de múltiplas formas.

Palavras-chave: suicídio; pandemia da Covid-19; juventude; educação.

ABSTRACT

The theme of this study is suicide, youth and education at the Integrated High School of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Piauí - IFPI, at the Teresina Central and Picos campuses, in the context of the Covid-19 pandemic. The experiences will cover the years 2020 to 2022, with sociology teachers, psychologists and IFPI students aged between fifteen and eighteen. The subjects of the research are students, sociology teachers and psychologists at the IFPI and it aims to analyze the subjects' discourses, using the comprehensive method and a theoretical framework marked by interdisciplinarity. The research is problematized by the following questions: how has the Covid-19 pandemic influenced the suicidal ideations and attempts of young IFPI students? And specifically, how can the presence of such behavior among young high school students at IFPI's Teresina Central and Picos campuses be understood? What is the relationship between these students' ideations and the school environment? How does the institution deal with students who express suicidal ideation? The overall aim of this research is to understand how young students, sociology teachers and psychologists at the IFPI institution understand young people's suicidal ideations and attempts. The main theoretical categories worked on in this research are: Education, Youth, Suicide and Pandemic. The methodology of this research is qualitative and dialogues with quantitative data. The study has a peculiarity, which is that it was constructed in a hybrid way, that is, the empirical field of research took place partly in person and partly remotely, given the impossibility of social distancing and isolation measures imposed by the Covid-19 pandemic. Use was made of WhatsApp resources, emails and the Google Meet platform, which was crucial for carrying out this research. We used instruments such as: field diaries, based on Malinowski; Roberto Da Matta; Geertz and Saada Fravet. Interviews with guiding or non-directive topics, based on Severino and Mirian Goldenberg. The research data was analyzed using Bardim's content analysis technique, specifically categorical analysis. The assumption of the dissertation shows intrinsic similarities between the suicidal ideations of the students from the aforementioned campuses and the mismatch between school/content/life, in other words, for the young people in question, school seems to occupy a place where "solid modernity" prevails and their life trajectories point to situations where "liquid modernity" prevails, in the sense of the terms attributed by Bauman. The results of the research showed that the students' suicidal ideations are related to the social context of the school, the mismatch between the Federal Institutes of Piauí and the students' youthful condition. The educational institution, situated in solid modernity, makes the existential dilemmas of the youth condition, inserted in liquid modernity, invisible. This mismatch causes symbolic violence in multiple forms.

Key Words: suicide; Covid-19 pandemic; youth; education.

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|------------|
| Quadro 1 - número de suicídios no Piauí, 2018-2020 | 34 |
| Quadro 2 - Evolução das taxas de mortalidade por suicídio, segundo região. Brasil, 2010 a 2019 | 50 |
| Quadro 3 - Evolução das taxas de mortalidade por suicídio, ajustadas por idade, segundo o sexo, 2010 a 2019 (por 100 mil habitantes). | 51 |
| Quadro 4 - Evolução das taxas de mortalidade por suicídio, conforme a faixa etária no Brasil, entre 2010 e 2019. Fonte: Boletim epidemiológico de suicídio publicado em setembro de 2021, Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS). | 52 |
| Quadro 5 - Evolução das taxas de mortalidade por suicídio. Brasil, 2010 a 2019. | 53 |
| Quadro 6 - Municípios do Piauí com maiores taxas de suicídio nos anos de 2018 a 2020 | 54 |
| Quadro 7 - Linha do tempo da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica | 104 |
| Quadro 8 - Menções de categorias Psicólogos (as) | 104 |
| Quadro 9 - Menções de categorias Professores (as) | 105 |
| Quadro 10 - Menções de categorias Alunos (as) | 105 |
| Quadro 11 - Atendimento Psicóloga do Campus Picos no período de 2019 até 2022. | 108 |
| Quadro 12 - Atendimento Psicóloga do Campus Floriano no período de 2019 até 2022. | 109 |
| Quadro 13 - Atendimento Psicóloga do Campus Parnaíba no período de 2019. | 110 |
| Quadro 14 - Atendimento Psicóloga do Campus Teresina Central no período de 2019 até 2022. | 113 |
| Quadro 15 - Após análise de conteúdo dos sujeitos psicólogos chegamos aos seguintes resultados: | 134 |
| Quadro 16 - Menções de categorias Professores II | 140 |
| Quadro 17 -Menções de categorias Alunos II | 145 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|-----------|
| Gráfico 1 - Crescimento Populacional e Número de Suicídios no Brasil | 31 |
| Gráfico 2 - Suicídio em relação ao gênero | 31 |
| Gráfico 3 - Mortalidade entre Adolescentes (suicídio) | 32 |
| Gráfico 4 - Suicídio por faixa etária | 32 |
| Gráfico 5 - Meios de autolesão | 33 |
| Gráfico 6 - Número de Suicídios no Piauí | 34 |

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| 1. NADA FÁCIL DE ENTENDER | 26 |
| 1.1. Os clássicos falam para o amanhã | 55 |
| 1.2 A sociedade depressiva e as angústias da Modernidade | 60 |
| 1.3. As juventudes nunca são levadas a sério | 69 |
| 1.3.1-Síntese das interlocuções psicólogos | 74 |
| 1.3.2- Síntese das interlocuções docentes | 75 |
| 1.3.3 Síntese das falas dos discentes. | 77 |
| 1.4. Uma análise da formação educacional do ensino médio público brasileiro ao profissionalizante: a educação como fator de conflitos e resistência | 82 |
| 2. METODOLOGIA | 93 |
| 3. O CAMPO E SEUS SUJEITOS | 102 |
| 3.1. Os psicólogos: investigar é preciso e escutar também | 106 |
| 3.2 Os professores: a escola como espaço de conflitos e de relações de poderes complexo | 113 |
| 3.3. Discentes: eu odeio amar vocês | 120 |
| 3.4 Operacionalização dos resultados da categorização dos questionários aplicados aos interlocutores | 131 |
| 3.5 Análise das categorias | 133 |
| 3.5.1 Análise categorial do grupo de psicólogos do IFPI | 133 |
| 3.5.2 Análise das categorias extraídas dos professores. | 139 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 160 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 165 |
| APÊNDICE I: ROTEIRO DE ENTREVISTA PSICÓLOGOS | 172 |
| APÊNDICE II: ROTEIRO DE ENTREVISTA PROFESSORES | 172 |
| APÊNDICE III: ROTEIRO DE ENTREVISTA ALUNOS | 173 |
| APÊNDICE IV: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO. (Termo padrão enviado para todos os sujeitos envolvidos na pesquisa). | 175 |
| APÊNDICE V: TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE. (Termo enviado aos alunos adolescentes). | 178 |

INTRODUÇÃO

O Suicídio, Juventude, Educação Técnica e Pandemia da Covid-19 são temáticas que nos ocupamos aqui e cuja preocupação central é a compreensão sociológica sobre como os jovens entendem suas ideações e tentativas de suicídios no contexto pandêmico do período de 2020 a 2022. Eles são estudantes na instituição escolar dos Institutos Federais do Piauí-IFPI, destacando-se, respectivamente, os campi de Teresina Central e de Picos. O pressuposto do trabalho é que as ideações suicidas desses estudantes possuem uma relação intrínseca com a relação de descompasso entre escola/conteúdos/ vida, isto é, para os jovens, a escola parece ocupar um lugar em que prevalece a “modernidade sólida” e as suas trajetórias de vida apontam para situações em que prevalece a “modernidade líquida”, no sentido atribuído aos termos por Bauman.

A construção do campo empírico da pesquisa é formada pelos campi das cidades de Teresina e Picos do IFPI em que fizemos interlocuções com questionários aos psicólogos, professores de Sociologia e alunos. O recorte temporal se deu no período de 2020 a 2022. Para a delimitação do marco temporal da pesquisa, foi traçado um período que ocorreu a suspensão das atividades acadêmicas e administrativas do IFPI e prorrogado por tempo indeterminado em 19 de março de 2020, tendo em 2022 ano em que houve um recrudescimento da pandemia e um relaxamento das normas de isolamento social, ou seja, período em que a vacinação começou a fazer efeito na população com a diminuição dos números de mortes ocasionados pela imunização.

A escolha dos professores de Sociologia se deu por terem leituras em um dos autores trabalhados nesta pesquisa, que é Émile Durkheim, levando ao entendimento de que alguns dos conceitos sociológicos enfatizados já são conhecidos e, assim, para uma explicação mais acurada dos nossos questionamentos.

O estudo tem como objetivo abranger os jovens estudantes da instituição escolar do Instituto Federal do Piauí, nos campi de Teresina Central e Picos, onde o pesquisador fez uso de meios eletrônicos como *WhatsApp* e Plataforma do *Google Meet* para com os profissionais da educação (professores e psicólogos) e as entrevistas realizadas presencialmente com os estudantes.

Um dos autores que embasa esta pesquisa e está dentro do nosso pressuposto é Bauman (2004), em que traz conceitos-chave sobre o tema da modernidade líquida e sólida. Para o autor, a modernidade líquida tem como característica fundamental a instabilidade, a incerteza, e a velocidade de mudanças nas relações humanas, sendo efêmeras e de curta duração, esfacelando-se rapidamente sem que haja tempo de questionar o porquê, como tendências de evitar

compromissos longevos, enquanto a modernidade sólida enfatiza a estabilidade e previsibilidade das relações humanas. Bauman acredita que os conceitos estão atuando ativa e simultaneamente na sociedade atual, criando um ambiente de imprevisibilidade e flexibilidade nas classes sociais. Dito isso, essa imprevisibilidade e flexibilidade nos dão uma nova noção de desordem que se expressa principalmente em um conflito entre a identidade de aluno e a identidade juvenil no âmbito escolar.

Desse modo, não faz sentido apresentar um estudo sem antes explicar os conceitos básicos sobre juventude aplicados aqui. Nesse sentido, a discussão provocada compreende que

A noção mais usual do termo juventude refere-se a uma faixa de idade, um período da vida, em que se completa o desenvolvimento físico do indivíduo e uma série de mudanças psicológicas e sociais ocorre, quando esta abandona a infância para processar a sua entrada no mundo adulto (Abramo, 2005, p. 1).

A juventude pode ser vista em vários aspectos, incluindo: dimensões simbólicas, factual, material, histórica e política (Abramo, 2005). Dayrell (2007) refere-se à cultura juvenil como: as práticas, expressões, símbolos e rituais que buscam retratar a identidade de jovens que se firmaram em tempos históricos, alguns deles, estabelecidos por instituições como escolas e mercados. É de suma importância salientar como esses jovens do IFPI lidaram com a pandemia de Covid-19.

Evidencia-se que a pandemia da Covid-19 foi um dos fenômenos analisado pela nossa pesquisa com consequências graves aos nossos discentes, sendo necessário alguns conhecimentos prévios, pois ainda traz muitos mistérios para a Ciência. Segundo o Ministério da Saúde¹ do Brasil, a Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo Coronavírus SARSCoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. O SARSCoV-2 é um betacoronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. Pertence ao subgênero Sarbecovírus da família de coronaviridae, é o sétimo Coronavírus de uma família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo o homem, camelos, gado, gatos e morcegos. Raramente os Coronavírus de animais podem infectar pessoas e depois se espalhar entre os seres humanos, como já ocorreu com MER-CoV e o SARS-CoV-2. Até o momento, não foi definido o reservatório silvestre do SARSCoV-2.

Como uma das categorias analisadas no trabalho de pesquisa, trataremos o suicídio, de acordo com Durkheim (2004), como “todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente

¹ Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acessado em: 01mar.2023.

de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que dela sabia que produziria esse resultado”, sendo um fato social que está presente em todas as sociedades de forma constante e universal. Essa trágica realidade presente universalmente nos leva a refletir sobre as condições por trás dos atos de suicídio. Seja em relação à motivação, depressão ou à falta de perspectivas, entre outros fatores, o suicídio é um problema que precisa ser enfrentado com urgência e, em especial, nos jovens em fase escolar. Já a tentativa de suicídio é descrita pelo manual Merk (MSD²), Merck Sharp & Dohme Moutier (2014) como o comportamento suicida que engloba um aspecto de tentativas de suicídio e comportamentos preparatórios a suicídios completos. Ideação suicida refere-se ao processo de pensar, considerar ou planejar o suicídio.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde³, no mundo, a cada 30 segundos uma pessoa comete suicídio e, para cada uma que se mata, outras 20 tentam o suicídio. Entre os jovens de 15 a 29 anos, o suicídio figura como a segunda maior causa de morte em escala mundial, a primeira é a violência. Segundo Araújo (2020), no Piauí, foram registradas 651 mortes por suicídio, entre os anos 2018 e 2019, dados registrados no Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM). Dado o boletim epidemiológico disponibilizado pela Secretaria de Estado da Saúde do Piauí, adolescentes, jovens e adultos (dos 15 aos 49 anos) representam o público mais vulnerável e com maior índice de notificação (SESAPI, 2020, p. 28).

Desse modo, mundialmente, 79% das ocorrências de suicídio acontecem em países de baixa e média renda. O assunto é especialmente preocupante quando pensamos nos alunos dos Institutos Federais (IFs), visto que esse público está diretamente relacionado a estes dados socioeconômicos correlacionando a este perfil. O descompasso se expressa, principalmente, em um conflito entre a identidade de aluno e a identidade juvenil⁴. A primeira peticionada pela instituição escolar, ancorada em aspectos cartesianos, racionais, coerentes, organizados; e a segunda se apresenta como complexa e diversa, marcada pela transitoriedade das vidas e seus auspícios, não linear, ora líquida, ora intercalada pelo campo racional.

A problemática da pesquisa centra-se na seguinte questão: Como os estudantes do Ensino Médio integral do IFPI dos campi Teresina Central e Picos - PI compreendem suas ideias e tentativas suicidas, entre os anos de 2020 a 2022?

² Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt-br/profissional/transtornos-psiqui%C3%A1tricos/comportamento-suicida-e-autoles%C3%A3o/comportamento-suicida>. Acessado em: 01 set. 2022.

³ Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/boletins-epidemiologicos/edicoes/2021/boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf.

⁴ A condição juvenil está inserida num contexto histórico geracional, cujas atribuições de significados são construídas, socialmente, aqui retratado como a transição entre infância e a fase adulta, levando em conta a dimensão simbólica, fática, material, histórica e política (ABRAMO, 2005).

A presente investigação se justifica enquanto possibilidade de ampliar o conhecimento sobre as temáticas abordadas, em especial, no contexto do Piauí, e assim contribuir com políticas públicas eficazes para mitigar o fenômeno do suicídio entre jovens, os adoecimentos mentais e a relação destes com o ambiente escolar. O olhar neste trabalho se volta para a educação técnica e tecnológica dos alunos do Ensino Médio dos IFPIs supracitados e vislumbra contribuir para a qualidade das relações entre juventude e instituições públicas de educação.

Selecionamos quatro psicólogos dos quatro maiores campi para desenhar um recorte da pesquisa, em que tentarão evidenciar quais campus apresentam o maior índice de tentativas e ideações suicidógenas. Como dito anteriormente, tivemos dois interlocutores dos campi de Picos e Teresina Central que se disponibilizaram para contribuir com o presente trabalho, sendo informados sobre os termos legais para o consentimento da pesquisa, os TCEL, e enviados aos seus contatos via *WhatsApp* e e-mail institucional. O primeiro interlocutor, do campus de Teresina Central, se dispôs a participar, pois este foi um dos requisitos e outro seria o maior número de casos de tentativas de suicídio por meio do quadro de atendimento desses alunos, que foram enviados logo após nossa entrevista. O outro interlocutor de Picos aceitou, apesar de não ter mais o quadro de atendimento, pois eles têm um prazo de cinco anos dentro da instituição. O interlocutor de Floriano estava com uma cooperação técnica no campus da Zona Sul de Teresina, portanto, impossibilitado de participar da pesquisa. O interlocutor do campus de Parnaíba não manifestou interesse, apesar de se tentar contato para que enviasse seu quadro de atendimento atualizado via e-mail institucional e até mesmo *WhatsApp*, o que não foi respondido. Desse modo, o recorte foi destes dois campi, Teresina Central e Picos.

Com o recorte metodológico pronto, fizemos a seleção dos professores de Sociologia que se deu por terem o contato próximo de um dos autores trabalhados na nossa pesquisa que é Émile Durkheim, então de certa forma entenderia alguns desses conceitos sociológicos para uma explicação mais acurada dos nossos questionamentos. Os professores foram informados sobre os TCEL e o receberam via *WhatsApp*.

As escolhas dos discentes se deu também dentro do recorte metodológico dos campi de Teresina Central e Picos, e foram apresentados pelos psicólogos, que abriram nosso campo de pesquisa com o total de sete alunos participantes. Quatro do campus do Teresina Central e três do campus de Picos. Foi apresentado os termos legais para o consentimento da pesquisa os TCEL.

O objetivo geral deste estudo é abranger como os jovens estudantes da instituição escolar do Instituto Federal do Piauí compreendem suas ideações e tentativas de suicídio. Os objetivos específicos são: identificar como a pandemia da Covid-19 potencializou as ideações

e tentativas de suicídio de jovens estudantes do Ensino Médio dos campi de Teresina Central e Picos do IFPI; apontar a relação das ideações desses discentes com o ambiente escolar; constatar como a referida instituição lida com os discentes que possuem ideações suicidógenas; produzir conhecimento que possa orientar políticas públicas para enfrentar essa problemática.

As questões norteadoras são: Como a pandemia influenciou as ideações e tentativas de suicídio de jovens do Ensino Médio do IFPI nos campi de Teresina Central e de Picos? Qual a relação entre as ideações dos discentes do Ensino Médio do Instituto Federal com o ambiente escolar? Como a instituição lida com os discentes que possuem ideações suicidógenas?

Tal pesquisa tem sua importância, haja vista o número de suicídios no mundo ter crescido cada vez mais e alguns dados nos chamam atenção para pensar o mundo, quais sejam: o suicídio é a segunda principal causa de morte entre jovens com idade entre 15 e 29 anos, segundo pesquisas da Organização Mundial de Saúde (OMS) e da Organização Pan-Americana de Saúde⁵ (OPAS). É também nessa faixa etária que identificamos jovens estudantes dos Institutos Federais, porém, nessas instituições os jovens têm, majoritariamente, entre 15 a 17 anos de idade.

A OMS (2021) apresentou dados relacionados ao fenômeno do suicídio e economia à medida que os levantamentos demonstram que 79% dos suicídios no mundo ocorrem em países de baixa e média renda. A complexidade das relações é estabelecida nos espaços onde ocorrem os suicídios, como, por exemplo, em instituições educacionais; seus estigmas para certos grupos sociais; o discurso de “demonização” de seus partilhantes, principalmente, quando são jovens, (desse grupo, se imagina que ainda tem uma vida inteira pela frente, então o suicídio é inesperado, porque interrompe uma trajetória) como nos lembra os autores com a ideia de Gerações de realidades⁶ em que

Os jovens sentem-se longe da morte, também da velhice e da doença. Este fato é objetivo, na medida em que a chance de adoecer ou morrer é menor; mas também é experiencial, há uma sensação de invulnerabilidade, afastamento da morte, alteridade em relação a ela, que é condicionada pela convivência e contemporaneidade com os membros adultos da família, com os pais e avós, com as gerações passadas. Ser jovem também significa ter pais e avós, que estão no grupo de outros familiares que terão que enfrentar a morte primeiro (Margulis e Urresti, 1982).

Atualmente, a pandemia da Covid-19 trouxe uma maior atenção ao fenômeno do suicídio devido à crescente incidência das tentativas e ideações de suicídios entre jovens,

⁵Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/suicidio>. Acessado em: 24 maio 2022.

⁶ Gerações de realidades: refere-se às mudanças nas formas de perceber e apreciar, mudança de tempo social, velocidade, sensibilidade, ritmos e gostos. Todas as idades têm sua episteme, e as variações epistêmicas são percebidas e apropriadas com toda a sua intensidade, durante o processo de socialização, pelos novos integrantes que a sociedade incorpora.

principalmente no ambiente escolar. Compreender essas tramas, os sentimentos e as práticas que advém dela é o intuito desta pesquisa. Este trabalho tem uma singela contribuição no campo da compreensão desse fenômeno.

Ressalte-se que do ponto de vista da construção e reconstrução das informações, o principal desafio desta pesquisa foi pensar qual técnica utilizar, bem como realizar uma aproximação e apreensão da realidade desses jovens em risco de suicídio. Sabemos que a realidade a ser estudada é mais vantajosa que qualquer teoria, qualquer pensamento e/ou discurso que possamos elaborar sobre ela. Portanto, foi crucial a necessidade de pensar o fenômeno do suicídio entre os jovens estudantes dos campi e o contexto da Pandemia da Covid-19 numa perspectiva sociológica e, portanto, científica. O caminho escolhido foi a pesquisa qualitativa em diálogo com as investigações quantitativas que nos servem como norte para perceber, entre outras dimensões, a magnitude do fenômeno do suicídio entre os jovens. Reiteramos a informação da OMS (2022) definindo-os como são aqueles que, em escala mundial, mas dão cabo à própria vida. Esse caráter qualitativo, sem perder de vista os dados quantitativos, é que nos fez perceber a natureza do presente estudo e a complexidade da realidade a ser aprendida. Concordando com Adad (2004), fazer desabrochar a voz, fazer fluir a intimidade desses atores será uma tarefa árdua por vários motivos: desde ser ainda um tabu em nossa sociedade falar sobre suicídio, até uma série de interditos em pensar essa questão no próprio espaço educacional do qual também sou partícipe.

Justificando com o compreender a forma em que os jovens e os educadores/professores pensam sobre o suicídio, serão utilizadas a observação participante de Malinowski (1984) e técnica de entrevistas com tópicos-guias ou não diretivas, porque compreendemos que, por meio delas, poderemos colher informações do sujeito a partir de seus discursos livres. O entrevistador mantém-se em escuta, atento, registrando todas as informações e só intervindo discretamente para, eventualmente, estimular o depoente (Severino, 2007). É uma forma de poder explorar mais amplamente a questão junto aos jovens, aos educadores e psicólogos, sujeitos desta pesquisa que partilham do espaço educacional que compõem os Institutos Federais do Piauí em questão.

Goldenberg (2000) apresenta vantagens sobre o uso da entrevista, pois torna o instrumento mais adequado para a revelação de informação sobre assuntos complexos, como as emoções e permite uma maior profundidade, com a capacidade de observar o entrevistado, como diz a autora, verificando as possíveis contradições.

Neste estudo foram utilizadas perspectivas de apreensão de elementos que, embora presentes na realidade empírica, escapam ao pesquisador por estarem ausentes dos discursos

dos sujeitos ou porque o próprio significado desses discursos depende do sentido fornecido pelos dados colhidos em relação à temática do suicídio em outras fontes: nas relações, nas teorias, nos documentos, jornais da cidade e os jornais televisivos e seus discursos, nas redes sociais, dentre outras.

A temática sobre suicídio enfatiza que as fontes estatísticas são elementos essenciais. No entanto, tem-se a clareza de que as informações não falam por si e devem ser interpretadas de forma rigorosa a partir de um amplo referencial, com a incursão das técnicas qualitativas em pesquisa social. As informações estatísticas servem como instrumento para traçar o perfil sociocultural geral dos sujeitos da pesquisa e para a busca, assim como em Durkheim (2004), no que se refere às relações entre variações sociais e tendências suicidógenas.

A partir dessas referências e das informações obtidas, este trabalho foi dividido em quatro capítulos. Detalharemos os capítulos e tópicos, pois cada momento de vivência em campo e com a nova informação construída a partir das leituras ou do diálogo tecido com cada interlocutor durante a entrevista surge outro rumo, seja no diálogo com os teóricos, ou mesmo na leitura e interpretação do caderno de campo e das entrevistas. Por isso, este estudo se constrói em quatro capítulos e tópicos, em que o primeiro capítulo denominado **Nada fácil de entender** trata das motivações para a realização deste estudo sobre o suicídio, devido a uma motivação pessoal familiar, pela perda de um amigo, e outro aspecto, o acadêmico, refere-se ao meu lugar enquanto profissional, cientista social e educador, pois a partir deste trabalho, esperamos trazer contribuições acadêmicas sobre a temática.

No primeiro tópico intitulado **Os clássicos falam para o amanhã**, dialogamos com as visões de Durkheim no seu clássico, *O Suicídio* (2004); Karl Marx (2006) e Marx Weber, *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva* e Bourdieu (2004) com a obra *A Economia das Trocas Simbólicas*, além de se utilizar o método compreensivista. Porém, além deles, dialogamos com diversos autores contemporâneos, tais como Kehl (2009), Dunker (2021) e Roudinesco (2000).

A partir do olhar sobre estes teóricos foi construído o segundo tópico: **A sociedade depressiva e suas angústias na modernidade**, para tratar de aportes como elementos de compreensão da realidade que nos cerca. A teoria psicanalítica, por ser uma teoria culturalista, nos ajuda a pensar essa sociedade do adoecimento e suas nuances ajudarão a encontrar conceitos-chave sobre depressão e ansiedade, contribuindo acerca dos fatores que levam os jovens a grandes frustrações e ao adoecimento mental. Quando os jovens se veem no modelo estabelecido, como o do neoliberalismo, em que vencer é a única túnica possível, tudo depende do seu esforço individual, disciplina, e a meritocracia é para todos e no final não há espaços

para todos os vencedores, trazendo como consequências a ansiedade, depressão, ideações, tentativas suicidógenas e o próprio suicídio como a fuga e solução dos problemas. Não há aqui uma sequência dita linear dessas ações.

Diante do apresentado, escolhemos o olhar da psicanálise, dentre os autores estudados estão: Kehl (2009); Dunker (2021); Roudinesco (2000); Freud (2010). A Psicanálise se apresenta como uma ciência que se aproxima das ciências sociais, elegendo a cultura como instância capaz de produzir os adoecimentos com seus agenciamentos, assim também como os processos terapêuticos.

Observamos que existem muitas pesquisas relacionadas à temática no Piauí, a qual podemos destacar **Suicídio no espelho: O imaginário de atendentes da rede de combate à ideia suicida em Teresina** (Lima, 2019); **Os aspectos socioatropológicos que contribuem para a tentativa de suicídio em Teresina** (Neto, 2019). Nos trabalhos elencados, destacamos para um diálogo com essa pesquisa outro intitulado de **Suicídio na Cidade de Teresina: uma análise das políticas públicas de prevenção ao suicídio em Teresina** (Araújo, 2022). Traremos o olhar de Júnior (2014) que abordará a temática no seu aspecto medicamentoso, excluindo as Ciências Sociais do debate e a hierarquização dos saberes.

No terceiro tópico denominado de: **a juventude nunca é levada a sério**, traremos conceitos básicos da juventude e sobre a Sociologia das Emoções. Neste tópico, exploraremos a relação entre a juventude, a escola e a cultura de consumo na sociedade moderna. Destacamos Abramo (2007), ao conceituar a juventude, assim como a origem da juventude como categoria social e as diversas dimensões da juventude. Enquanto que Dayrell (2014) abordará a juventude de hoje e seus comportamentos frente às adversidades que a sociedade tem apresentado e um conjunto de outras formas de observar a juventude assim como Bauman (2007; 2008; 2012) ao analisar as formações dessa juventude em um mundo cada vez mais imediatistas e consumista, ou seja, o autor trabalha com a perspectiva do impacto do consumismo na juventude, enxergando diversidades juvenis como fluidas que constroem suas identidades com base em uma variedade de marcadores, que inclui grupos sociais, instituições e relações com seus ambientes.

As problematizações trazidas por Silva (2006), Castoriadis (1987) e Bourdieu (2010) darão uma noção de capital cultural, violência simbólica e poder de reprodução e como essa violência simbólica afeta de sobremaneira a forma da relação educação escolar e juventude, isto é, impõe um arbitrário cultural que nem sempre é compatível com a condição juvenil dos alunos. Isso pode levar a um descompasso entre condição juvenil e a instituição escolar e por

fim os efeitos da saúde mental, pois essa tensão entre escola e a juventude pode ter consequências na saúde mental dos jovens, incluindo o suicídio.

Abordaremos o conceito de juventude de modo interdisciplinar, explorando a categoria citada a partir de processos singulares e polifônicos de um mundo em constante transformação (pós-modernidade, hipermodernidade ou modernidade líquida). A condição juvenil é compreendida na sociedade, no tempo e no espaço, e lida com as tensões existentes entre escola e as múltiplas identidades do aluno na vida concreta, levando-nos ao quarto tópico: **A educação como fator de conflito e resistência: uma análise da formação educacional do ensino médio público profissionalizante brasileiro.**

No tópico citado realizaremos uma análise da formação educacional do Ensino Médio público brasileiro ao modelo de educação técnica profissionalizante no Ensino Médio e sua atual realidade. Os teóricos Toyoshima *et al.*, (2005); Boaventura (2009); Ramos (2014) e Melo (2012) trarão aportes e históricos que nos darão suporte para uma análise mais profunda da nossa educação. Nesse sentido, Kuenzer (2017), Frigotto; Motta (2017) faremos uma análise do novo modelo de Ensino Médio, aprovado sem o debate da sociedade civil, com uma flexibilização impondo o modelo neoliberal na educação pública. Dayrell (2014) analisa as tensões e os desafios existentes na relação atual da juventude com a escola e as expressões de mutações profundas que vêm ocorrendo na sociedade ocidental, interferindo na produção social dos indivíduos, nos tempos e espaços, afetando diretamente as instituições e os processos de socialização das novas gerações.

O encadeamento desses tópicos dialogando com os teóricos nos leva ao segundo capítulo: **METODOLOGIA E SUAS OPERACIONALIZAÇÕES**, nele verificamos a operacionalização das teorias abordadas. No campo epistemológico, a metodologia desta pesquisa é qualitativa e dialoga com dados quantitativos. O estudo guarda uma peculiaridade que é o fato de ter sido construída de forma híbrida, isto é, o campo empírico da pesquisa se deu em parte de forma remota e outra presencial, não por uma escolha do pesquisador, mas por dada a impossibilidade que se apresentou diante das medidas de distanciamento e isolamento social impostos pela pandemia da Covid-19. Utilizou-se de recursos do *WhatsApp*, *E-mails* e da plataforma do *Google Meet*. Portanto, os diálogos com Lucas Bezerra, que compõem o campo dos estudos da sociologia digital, são de suma importância para a realização desta pesquisa.

A pesquisa utilizou-se de instrumentos, tais como: diário de campo, em que nos ancoramos nas produções teórico-metodológica de Malinowski (1984), Roberto Da Matta (1978), Geertz (1989) e Saada Fravet (2005); e entrevista com tópicos-guias ou não diretivas

cujo diálogo se dá com Severino (2007) e Mirian Goldenberg (2001). Dentre os vários autores com os quais dialogamos, destacamos também a contribuição de Laurence Bardin (1977) como de importância fundamental para nos possibilitar adentrar na lógica formativa dos discursos dos interlocutores, possibilitando inferir significado na comunicação realizada em um contexto social específico, ou seja, reconhecer as ideias construídas e dando sentido a elas.

No primeiro momento, fizemos um levantamento com os psicólogos dos quatro maiores campi para desenhar um recorte da pesquisa que tentará evidenciar quais os campi que apresentam o maior índice de tentativas e ideações suicidógenas, e qual dos interlocutores se disponibilizará a contribuir para a presente pesquisa. Nesse sentido, realizamos algumas conversas preliminares e entrevistas em profundidade com 4 (quatro colegas) psicólogas, que atuam diretamente com os alunos, sendo uma de Teresina, uma de Parnaíba, uma de Picos e a outra de Floriano. Os campi escolhidos foram Teresina Central, este com os maiores números de casos, e Picos pela disponibilização do (a) interlocutor (a) para nos ajudar na pesquisa. A investigação pautou-se, portanto, no levantamento e análise de casos no período pandêmico que se deu entre 2020 a 2022 e houve a intenção e disponibilidade desses (as) interlocutores (as) de participar da pesquisa.

Por fim, trataremos como um dos ferramentais da metodologia a análise de conteúdo de Bardin (1977). A pesquisa utilizou três etapas principais desse método, que são análise preliminar, revisão documental e processamento de resultados. 1. Pré-análise; a preparação se deu com os documentos a serem analisados (artigos, dissertações, teses, entre outros) e a leitura “flutuante” do material que foi realizada. Identificação de unidades de análise, classificadas em unidades de análise como palavras-chaves, frases ou parágrafos, relevantes para as questões de pesquisa. Teremos a codificação e classificação das unidades de registro dos interlocutores que são definidas com base em suas semelhanças e diferenças. 2. Categorização: são criadas categorias que foram os principais pontos da análise do conteúdo. Elas surgem a partir das respostas dos assuntos analisados dos entrevistados. As propriedades das categorias devem ter propriedades de exclusão mútua e conformidade, ou seja, reunir itens uniformes e ser relevantes. 3. Interpretação das categorias elaboradas pelos interlocutores foram interpretadas de acordo com o conceito teórico da pesquisa.

A pesquisa tem como sujeitos: alunos, professores de Sociologia e psicólogos da referida instituição e se propõe a analisar os discursos dos sujeitos utilizando-se do método compreensivo e de um arcabouço teórico marcado pela interdisciplinaridade.

No terceiro capítulo, **O CAMPO E SEUS SUJEITOS**, foi realizada uma descrição do campo com todos os seus percalços e seus interlocutores descrevendo os problemas da pesquisa e seus percalços, assim como se deu a elaboração das abordagens dos interlocutores onde consta; local das entrevistas, dia, horário e com isso procuramos analisar esses dados coletados pelo instrumental das entrevistas que servirá para as categorizações de cada um dos sujeitos. Com esses resultados, analisamos o conteúdo que dará sentido à ação dessas mensagens.

Destacamos que a arte de se relacionar e a criatividade em fazer as perguntas às pessoas certas não se aprende em textos acadêmicos, mas na experiência vivida, na atenção redobrada para "saber estar" sem produzir incômodos, afinal de contas, estaremos na condição de professor, e sabemos das hierarquias que isso traz, tanto junto aos colegas professores quanto aos alunos. Por isso, a decisão de escolher fazer essa observação em dois campi diferentes do local em que o pesquisador trabalha, onde os alunos pouco ou nada o conhecem, na tentativa de minimizar um pouco essa "barreira", de se estar em campo, podendo perceber e analisar expressões nativas corriqueiras entre os adolescentes que compõem o quadro discente do Instituto Federal do Piauí.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA- (1990), no Art. 2º: considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos. Para tentar adensar essa descrição, utilizamos um diário de campo. Anotamos essas vivências e esses encontros com os jovens, o “dito” e as impressões sobre o “dito”, aquilo que veremos e o que faziam os jovens, bem como o que sentiam com relação a isso. A trama, a rede de intrigas, as ações, os discursos, as marcas nos seus corpos e seus gestos. As tramas e seus conflitos familiares com choque de gerações; os conflitos internos de mudanças de corpos e aceitações às exigências; o aumento das responsabilidades que eles ainda não entendem, pois ainda, não são adultos e nem são mais crianças; os sentimentos que, às vezes, nunca são levados em consideração; a cobrança familiar e a escola fazem por êxito nas disciplinas, no Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM. As normas escolares como a rigidez dos horários e o controle dos seus corpos. Os jovens possuem em seus corpos expressões como tatuagens, *piercings*, adereços de suas modas como colares, bonés, suas gírias e expressões do grupo que, ao mesmo tempo, marcam e os diferem de outros grupos que podem formar as “panelinhas” e ter seus conflitos não só de predileções variadas como também de gênero. Enfim, para aproximarmos de sua subjetividade⁷, priorizamos seus depoimentos, seus

⁷ Para Michel Foucault, a subjetiva é a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si em um jogo de verdade, no qual se relaciona consigo mesmo” (Foucault, 1984/2004, p. 236)

comportamentos, gestos, atos e a relação que estabeleceram com o entorno no âmbito escolar. O caderno de campo serve de suporte para a pesquisa com a função de registrar a relação entre os observadores e a realidade, dialogando com a teoria e com o que acontece efetivamente, na prática.

Sendo os lócus de empiria os campi de Teresina Central e de Picos, as escolhas se deram por uma análise de discurso dos psicólogos e professores de Sociologia da Instituição que demonstraram interesse em participar da pesquisa com os jovens estudantes que nos trouxeram elementos substanciais para a escolha dos lócus, sobre a natureza da pesquisa, observando o princípio ético da transparência e da franqueza, bem como, as normas brasileiras sobre pesquisa com seres humanos. Foi necessário o consentimento formal e expresso de todos por meio da assinatura do TCLE e do TALE, documentos elaborados em linguagem acessível para os menores ou para os legalmente incapazes, sendo que após os participantes deste estudo serem devidamente esclarecidos, explicitando sua anuência em participar da pesquisa, diante de duas vias: uma para o interlocutor/entrevistado responder ao questionário e entregar; e o outro assinado para o pesquisador. Assim, observou-se a disponibilidade e o interesse dos sujeitos em participar da pesquisa e cumpridas com excelência as obrigações assumidas pelo pesquisador.

Ressalto que para fazer a análise dessas informações, utilizamos a análise de conteúdo de Bardin (1997), que postula três etapas principais: análise preliminar, revisão documental e processamento de resultados, por nos possibilitar adentrar na lógica formativa dos discursos dos interlocutores, possibilitando inferir significado na comunicação realizada em um contexto social específico, ou seja, reconhecer as ideias construídas e dar sentido a elas.

Conclui-se, no último capítulo definido como **CONSIDERAÇÕES FINAIS**, a apresentação das sínteses que surgiram tanto no trabalho de campo quanto nas filigranas discursivas das entrevistas, apontando uma análise dos desafios enfrentados por estudantes, professores e psicólogos durante a pandemia, bem como questões mais amplas relacionadas à educação e à compreensão da condição juvenil e seus dilemas existenciais. Destacamos que, uma das possibilidades deste estudo é contribuir para uma ampliação do diálogo entre escola, juventudes e comunidade acadêmica, contemplando a necessidade dos interlocutores para o desenvolvimento e a implementação de políticas públicas eficazes que visem à prevenção do suicídio com a inclusão do atendimento terapêutico nas escolas para a prevenção eficiente contra o suicídio e capacitações constantes voltados aos agentes educacionais. Temos, então uma reflexão temporal, fechando o trabalho, mas nunca o debate, pois a realidade a ser compreendida é sempre maior que qualquer teoria elaborada sobre ela.

Aos nossos leitores, chamamos à atenção, a seguir, da estrutura deste trabalho para uma melhor compreensão.

Capítulo 1: Nada fácil de entender

Neste capítulo, apresentamos as motivações pessoais e acadêmicas para a realização do trabalho sobre o suicídio, mencionamos o caso de suicídio familiar, a perda de um amigo e o desejo de contribuir academicamente para o entendimento da temática, pois sou um professor pesquisador e tenho alunos que passam por esses transtornos. Nesse debate, nos pautamos em teóricos clássicos como Durkheim (2004), Marx (2006) e Weber, assim como em autores contemporâneos para complementar as discussões, dentre eles Dunker (2021), Kehl (2009) e Roudinesco (2000). A seguir, continuaremos a demonstrar os tópicos do primeiro capítulo com as suas sínteses.

Tópico: A sociedade depressiva e suas angústias na modernidade

Neste tópico, trataremos da relação entre sociedade moderna e aumento da depressão e da ansiedade, especialmente entre os jovens. Teremos uma abordagem da teoria psicanalítica utilizada como uma ferramenta para entender a sociedade do adoecimento e suas nuances, em que a pressão do sistema neoliberal busca uma vitória individual acima de qualquer coisa a alegria em demasia e a meritocracia como um engodo são discutidas com fatores que potencializam a ansiedade, a depressão e o suicídio entre os jovens

Tópico: A juventude nunca é levada a sério

Neste tópico, são explorados conceitos fundamentais sobre juventude. As juventudes, como uma das categorias mais importantes do nosso trabalho, trará conceitos sobre o histórico da concepção juventude, sobre o que é usual desse conceito segundo Abramo (2005) e a condição juvenil na sociedade moderna, marcada pelo consumismo e pelas pressões e seus marcadores nos espaços escolares e seus conflitos dentro e fora do âmbito escolar. Observaremos a violência simbólica, o poder e a reprodução social analisados também como uma condicionante para o adoecimento da saúde mental dos jovens alunos.

Tópico: A educação com fator de conflito e resistência: uma análise da formação educacional do ensino médio público profissionalizante brasileiro

Neste tópico, abordaremos a formação educacional brasileira do início de sua formação do Colonial, Império e Estado. Assim, forneceremos nesses contextos históricos uma análise crítica sobre a educação brasileira, trataremos o debate para atualidade com a imposição do novo Ensino Médio, com suas influências neoliberais e o engodo para a sociedade civil, tencionando-as de forma a não as incluir nessa decisão. Trazendo assim uma série de problemas entre elas: a hierarquização de disciplinas e exclusão das disciplinas das humanas entre outras.

Capítulo 2: Traremos a metodologia e suas operacionalizações

Neste capítulo a metodologia é descrita utilizando-se do método qualitativo e dialoga com dados quantitativos. Destaco o uso de plataformas digitais devido a restrições da pandemia diante do isolamento social impostos pelas autoridades. Os recortes metodológicos temporal, dos lócus de empiria e dos interlocutores. Utilizamos diário de campo e entrevistas semiestruturadas com os nossos interlocutores, os psicólogos, professores e alunos, que foram necessários para a coleta de dados e após essa fase utilizamos para interpretação dessas mensagens a teoria compreensivista de Weber (2004) e para categorização e análises dessas mensagens a ferramenta metodológica de análise de conteúdo de Bardim (1977).

Capítulo 3: O campo e seus sujeitos

Neste capítulo, o campo de pesquisa e seus percalços são descritos com os problemas enfrentados dentro da pesquisa e os detalhes das abordagens dos nossos interlocutores. Ressalte-se a importância de se registrar as observações no diário de campo. A relação entre o pesquisador e os sujeitos de pesquisa é abordada, com destaque para a necessidade do consentimento e o trabalho ético.

Capítulo 4: Considerações finais

Por fim, após análises das categorias com resultados e descobertas, trataremos aqui alguns pontos, dentre eles: Os agentes educacionais reconheceram o impacto da pandemia na saúde mental dos alunos, incluindo o aumento de casos de ansiedade, depressão e automutilação e tentativas de suicídio. Apontamos o suicídio como um dos possíveis produtos de uma tensão entre a condição juvenil e a violência simbólica perpetrada pela escola. Os discentes compreendem que essa ação do suicídio é o extremo, e também está relacionada a própria Instituição onde estudam existindo um espiral, pois os alunos são alocados para vários setores até chegarem a órgãos externos na tentativa de resolver seus problemas.

1. NADA FÁCIL DE ENTENDER

*Estátuas e cofres
E paredes pintadas
Ninguém sabe o que aconteceu
Ela se jogou da janela do quinto andar
Nada é fácil de entender.
(Renato Russo)*

O texto deste trabalho acadêmico é algo artesanal, pensado, feito também à mão. Apesar de nunca termos feito isso sem acompanhamento, temos sempre um mestre orientador para nos guiar com suas experiências, dicas e conselhos. Bem como as caminhadas e empreitadas em

campo para sua feitura, nas entrevistas realizadas, das estórias partilhadas, do apoio dos colegas que estão em sala (nos diversos campis do IFPI no estado), dos psicólogos que nos foram solícitos nas respostas das demandas da pesquisa e que nos auxiliaram com o levantamento das demandas em cada campus. Este trabalho de pesquisa na totalidade não está acabado e perfeito, mas com suas imperfeições lanço-o ao julgamento dos profissionais na área da Sociologia, e que deles tenhamos a melhor crítica, e dela, nos alimentemos para lidar melhor com os próximos trabalhos. Consideramos, hoje, como um artífice moderno da sociedade, um cientista social sem laboratório propriamente dito, mas que buscamos dentro da realidade vivida, experiências que ancoradas em vários autores clássicos nos trazem embasamento e compreensão do fenômeno para podermos realizar uma excelente pesquisa.

O que nos trouxe a este tema tão espinhoso? Certamente não foi paixão pelo assunto, mas amor imensurável de viver positivamente e uma compaixão por aqueles que pediram demissão desse plano. Como diz a letra da canção de Renato Russo que, em 1989, foi integrante da banda da Legião Urbana, "ela pulou da janela do quinto andar... nada fácil de entender", realmente não entendemos tal ato, mesmo por se ter parente e amigo que se suicidaram. Não é fácil para as famílias entenderem ou aceitarem. Não há resposta plausível, nem há consolo e para alguns, não há perdão.

Dito isso, relataremos um pouco da minha vida (pesquisador) que foi marcada por esse fenômeno, no qual tive uma tia que era casada com irmão da minha mãe, e que, na década de 1980, cometeu suicídio. Era uma tia afetuosa que gostava dos seus três filhos e dos sobrinhos. Lembro da minha mãe acordando cedo, chorando enquanto arrumava eu e meus irmãos para escola. Eu sou o mais velho dos cinco filhos do casal. Eu tinha 7 anos e o segundo irmão tinha 6 anos, a terceira irmã tinha 4 anos e a quarta irmã tinha 2 anos. No entanto, posteriormente, a minha família aumentou e passamos a ser cinco irmãos. Era uma viagem de Picos rumo a Teresina, pois neste período meu pai era servidor do antigo Banco do Estado do Piauí - BEP, e trabalhava nessa cidade. Lembro de poucas coisas desse dia, uma delas que me marcou foi exatamente o velório de uma pessoa que conhecia, estava inerte, com algodões no ouvido e nariz. Não entendia o porquê.

Com o passar dos anos e tomando consciência do ocorrido, cheguei a questionar meu tio que era marido dela, o que teria levado a minha tia a ter cometido tal ato? Ele não sabia responder e também não compreendia. Talvez esse assunto ainda o machucasse. Ele relatou que a arma utilizada era dele, pois, as pessoas compravam e vendiam armas, sendo a que estava em questão era para negócio. Logo após o ocorrido, ele foi detido, a culpa sempre tem que ir para alguém. Passou horas na delegacia prestando depoimento e fizeram um exame para identificar

ação de resíduos de disparo para arma de fogo e constataram que ele não efetuou o disparo, logo sendo liberado pela polícia. Mas a família dela nunca o perdoou pelo ocorrido e, com isso os três filhos ficaram a cargo da família da finada esposa.

Conversando com minha mãe, ela me relatou que talvez esse ato tenha vindo de uma depressão pós-parto. “Ela estava bastante agitada, fumando duas cartelas de cigarros por dia. Tentou até matar a criança”. Com o tempo, esquecemos o ocorrido e tocando a vida, ganhando amigos novos que se tornam grandes irmãos, em especial um que conheci por intermédio de outro amigo que estudava na época em um dos melhores colégios particulares de Teresina. Denominei de Roberto. Ele vinha de uma família de boa condição financeira.

No entanto, era uma pessoa muito simples, prestativo, um amigo de verdade. Nesse período, tinha 22 anos e sempre saímos com a turma para as festas que nos proporcionaram bons momentos. Logo, ele passou no vestibular para Química no Estado da Paraíba, na cidade de Campina Grande, iria dividir uma casa com esse amigo que também era da turma. Lá foram dois anos cursando Química, mas, nunca deixando de vir nas férias para Teresina, passar com seus pais e visitar os amigos. Nos últimos anos, em Campina Grande, começou a ter crises de convulsões, ele tinha cisticercose, fez tratamento e segundo ele o parasita estava cristalizado. Mas as crises eram constantes e inclusive ocorriam na universidade.

O estado de saúde dele acabou lhe trazendo bastante constrangimento, pois quando as crises vinham ele se debatendo, às vezes, babando e se urinando. Certamente, isso foi minando sua autoestima e imagino que para além das limitações físicas do adoecimento, o constrangimento causado pelas crises também fez com que acabasse não frequentando o curso regularmente. Certa vez, a crise aconteceu na casa que dividia com o amigo, ficando aterrorizado. Com o tempo, a mãe de Roberto soube das crises e o levou para a cidade natal da família, Fortaleza. Chegando lá, já em estado depressivo, começa a usar substâncias ilícitas e a beber bebidas alcoólicas.

Quando eu estava trabalhando em uma transportadora recebi uma ligação da mãe do amigo que morava com ele em Campina Grande. O fato ocorreu em 1997, pela manhã... Roberto havia cometido suicídio em uma via pública perto do Dragão do Mar em Fortaleza. Fiquei espantado! Naquela hora eu fiquei sem saber o que falar. Chegando na casa dos meus pais, minha mãe já sabia do ocorrido e falou comigo, troquei algumas palavras com ela sobre o assunto, mas eu estava triste e me perguntando por que ele tinha feito aquilo. Realmente não entendia, pois ele tinha uma boa vida, sem problemas aparente, sempre alegre e prestativo.

Com o tempo, soube que Roberto tinha escrito uma carta de despedida para sua mãe. Lembro-me de poucas coisas e uma delas é que, segundo ele, estava fazendo aquilo era para

“dar tranquilidade aos seus pais” e que “não aguentava mais a vida que estava levando”. Fiquei abalado e me veio a história do suicídio ocorrido na minha família e o acontecido com um grande amigo. São marcas que ficaram para sempre na minha vida e digo, assim como Renato Russo em sua canção, que não é “nada fácil de entender”.

Ademais, a vida possui ciclos bem claros, e na perspectiva da biologia, todo ser vivo consciente, fará todo o esforço para se manter vivo e, diferentemente o suicida, se entrega à morte com suas ritualizações e com tal vontade que não haverá uma reação negativa. Isso nos intriga, pois não compreendemos como estas pessoas poderiam fazer isso com a própria vida. Ao adentrarmos na Universidade Federal do Piauí na condição de discente, nos anos 2000, nos deparamos com essa temática. Antes, o assunto não era debatido na sociedade com tal amplitude que vemos hoje e a partir de uma disciplina intitulada Introdução à Sociologia, cursada na graduação de Ciências Sociais, vimos que era possível estudar tal temática e com ela compreender e investigar esse fenômeno que sempre nos fascinou. Novamente, veio a marca desse fenômeno na minha memória, e pensei que agora poderia entender esse fenômeno cientificamente.

Posteriormente, ao ter êxito no concurso público para docente do Instituto Federal do Piauí e em efetiva atividade no campus de São João do Piauí, deparei-me novamente com este fenômeno, sendo que meu grande medo foi naturalizá-lo. Agora, professor pesquisador propus a me debruçar sobre o fenômeno do suicídio e fazer o projeto de mestrado que coincidiu com o período da Pandemia de Covid-19. Conseguindo entrar no mestrado com essa temática, percebendo que a pandemia trouxe um grande impacto para estes alunos, percebi que ela também poderia potencializar essas tentativas e ideias suicidógenas.

Além disso e remontando um pouco do tempo, observou-se que houve uma quebra de paradigma quanto à abordagem da temática do suicídio, pois a partir de 1999 a OMS lança o SUPRE, Suicide Prevention (manual para profissionais de saúde em atenção primária), iniciativa desenvolvida mundialmente para prevenção ao suicídio, como prevenção e controle, ou seja, reconhece que o suicídio é um problema de saúde pública. Diante desse aspecto, surge uma série de ações, como grupos de estudos, produção de cartilhas com orientações para identificação de comportamento suicida e do manejo de pacientes com tal quadro, direcionada para profissionais de saúde e também para pesquisadores das áreas da saúde e das ciências sociais, com destaque para Botega (2012). Citamos também o “Setembro Amarelo” que passou a fazer parte das atividades de prevenção ao suicídio no Brasil a partir de 2015, fato esse que tem como data mundial de prevenção ao suicídio: o dia 10 de setembro. Na esteira desses acontecimentos, surgem novas formas de abordar o fenômeno nas mídias. A OMS elaborou

diretrizes que institui a necessidade do monitoramento das coberturas dos suicídios, que haja neutralizações de informações negativas, como o uso de imagens em cenas suicidas pela mídia, e promover casos bem-sucedidos de recuperação de problemas de saúde mental e ideação suicida, o que pode levar pessoas com comportamento suicida, depressão e outros transtornos de saúde mental a imitar a ação suicida veiculada por meios de comunicação social se tornando mídia sensacionalista. Na realidade, a OMS elaborou um documento elencando, o que não pode ser noticiado: o método utilizado, a especulação da causa, a exposição de fotografias ou imagens filmicas da pessoa quando encontrada no ato do suicídio. A OMS propõe uma abordagem educativa e preventiva do fenômeno. Essa organização também estende sua ação convocando não só profissionais da saúde e da comunicação social, mas também os profissionais da educação, enfim, da sociedade em geral para desenvolverem ações preventivas e educativas que criem esforços contra o suicídio. Reiterando, essa não é tarefa única e exclusiva dos agentes de saúde em promover e divulgar essas ações por parte também da sociedade civil organizada, em que o poder público como um dos agentes garantidores de campanhas de informação e distribuição de cartilhas preventivas do assunto é um dos fomentadores de células de prevenção, tendo a sociedade o dever de abraçar a causa.

Segundo a Organização Mundial de Saúde⁸, no mundo, a cada 30 segundos uma pessoa comete suicídio e para cada uma que se mata outras 20 tentam. Entre os jovens de 15 a 29 anos, o suicídio figura como a segunda maior causa de mortes em escala mundial, a primeira é a violência. Os casos de suicídio ocorrem em média 79% em países de baixa e média renda em 2016, o que acaba acendendo nossa luz de alerta, porque esse perfil é justamente o perfil dos alunos dos IF's. Entender essa temática na dimensão social faz com que haja uma compreensão além dos fatores teóricos, permitindo a elaboração de estratégias de intervenção e prevenção frente ao tema. A OMS inclui a autolesão no contexto da violência autoinfligida, correspondendo ao uso intencional de força física real ou de ameaça contra si próprio (Organização Mundial de Saúde, 2014). Os tipos de violência autoinfligida são: tentativas de suicídio, suicídio, autoflagelação, autopunição e autolesão (Brasil, 2016), vez que a vigilância dos comportamentos de autodano tem sido cada vez mais priorizada em níveis nacionais e internacionais nos últimos anos. A OMS lançou, em 2016, o *Practice manual for establishing and maintaining surveillance systems for suicide attempts and self-harm* (Manual de Boas Práticas para estabelecer e manter sistemas de vigilância para tentativas de suicídio e

⁸Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf. Acesso em:....

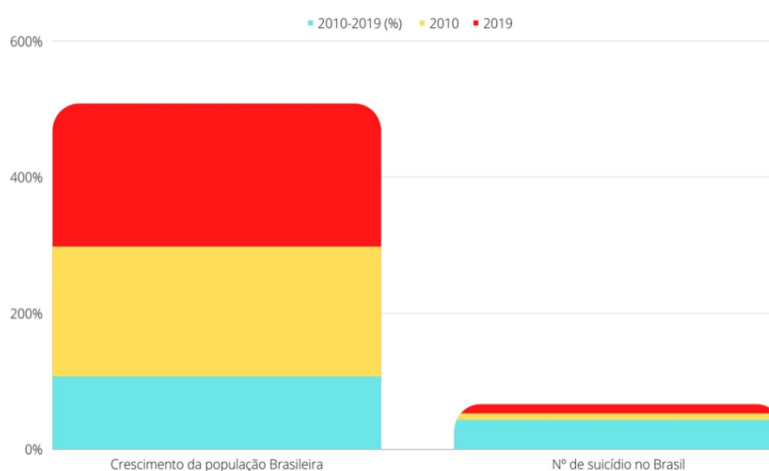
autolesão) (Organização Mundial de Saúde, 2016), corroborando com a importância atribuída ao tema atualmente. Considera-se que o monitoramento da autolesão ajuda a identificar aspectos de comportamentos relevantes à prevenção do suicídio e para tratamentos alternativos (Hawton K. *et al.*, 2015).

Atualmente, a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP; 2014)⁹ apontou que o suicídio poderia ser definido pelo desejo consciente de tirar a própria vida e o entendimento de que a ação realizada pode resultar na morte. Além disso, também faz parte do que é habitualmente chamado de comportamento suicida: os pensamentos, a ideação, os planos, a tentativa e o suicídio consumado.

Evidencia-se, no Brasil que, segundo o Ministério da Saúde (2021), entre os anos de 2010 e 2019, ocorreram 112.230 mortes por suicídio, com um aumento de 43% no número anual de mortes, de 9.454 em 2010, para 13.523 em 2019. A seguir, alguns gráficos são apresentados no que se refere às mortalidades por região.

A análise das taxas de mortalidade ajustadas, no período, demonstrou aumento do risco de morte por suicídio em todas as regiões do Brasil. Nesse mesmo período, estima-se que a população brasileira tenha crescido de 190.732.694 para 210.147.125, resultando em crescimento de 10,17%. Destacam-se as regiões Sul e Centro-Oeste, com as maiores taxas de suicídio entre as regiões brasileiras.

Gráfico 1- Crescimento Populacional e Número de Suicídios no Brasil

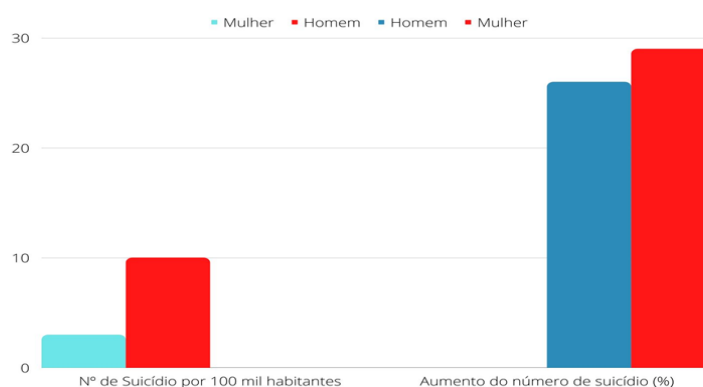


Fonte: MS, 2021.

⁹ Associação Brasileira de Psiquiatria - ABP. **Suicídio:** informando para prevenir. Brasília: CFM/ABP; 2014.

Entre homens, a taxa de mortalidade por suicídio, em 2019, foi de 10,7 por 100 mil, enquanto entre mulheres esse valor foi de 2,9. Ao analisar a evolução da mortalidade por suicídio segundo sexo, observou-se aumento das taxas para ambos os sexos, com manutenção da razão de taxas entre os sexos no período. Comparando os anos de 2010 e 2019, verificou-se um aumento de 29% nas taxas de suicídios de mulheres, e 26% das taxas entre homens.

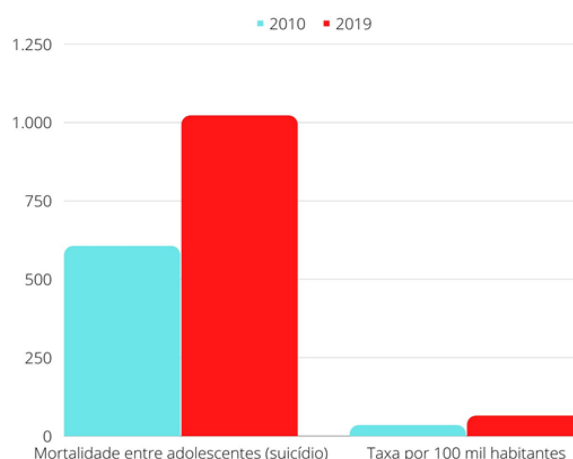
Gráfico 2 - Suicídio em relação ao gênero



Fonte: MS, 2021.

A análise da evolução dessas taxas, segundo faixa etária, demonstrou aumento da incidência de suicídios em todos os grupos etários. Destaca-se, nesse aspecto, um aumento pronunciado nas taxas de mortalidade de adolescentes, que sofreram um incremento de 81% no período, passando de 606 óbitos e de uma taxa de 3,5 mortes por 100 mil habitantes, para 1.022 óbitos, e uma taxa de 6,4 suicídios para cada 100 mil adolescentes. Não obstante, a menor expressividade das taxas em relação aos demais grupos etários, destacou-se também o aumento sustentado das mortes por suicídio em menores de 14 anos. Entre 2010 e 2013, ocorreu um aumento de 113% na taxa de mortalidade por suicídios nessa faixa etária, passando de 104 óbitos, e uma taxa de 0,3 por 100 mil, para 191 óbitos, com uma taxa de 0,7 por 100 mil habitantes.

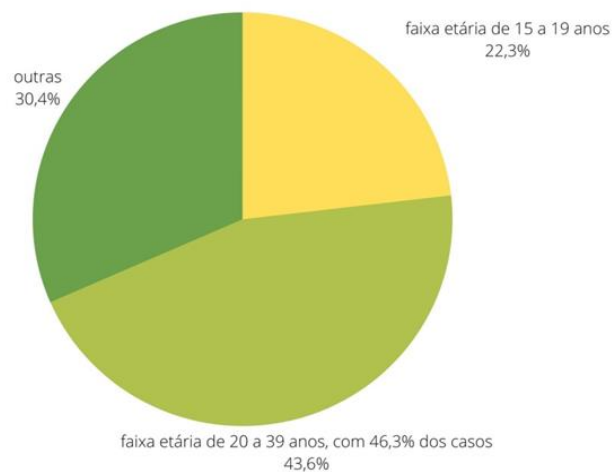
Gráfico 3 - Mortalidade entre Adolescentes (suicídio)



Fonte: MS, 2021.

A ocorrência das lesões autoprovocadas se concentrou na faixa etária de 20 a 39 anos, com 46,3% dos casos. A faixa etária de 15 a 19 anos aparece na segunda posição, com 23,3% dos casos.

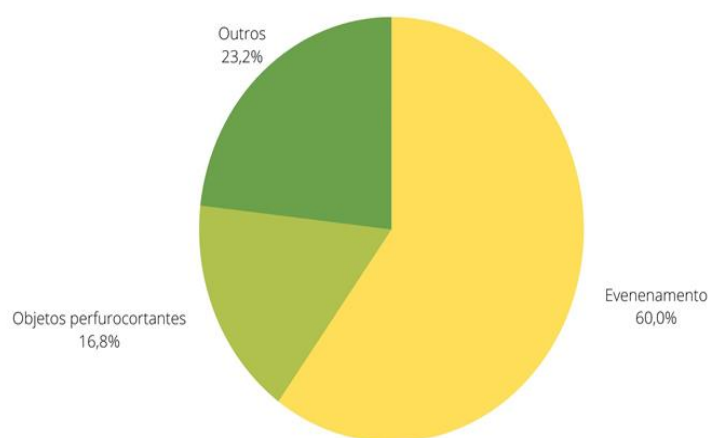
Gráfico 4 - Suicídio por faixa etária



Fonte: MS, 2021

Em relação à escolaridade, aproximadamente um terço possuíam Ensino Médio completo ou incompleto, e menos de 7% possuíam Ensino Superior. Quanto ao local da ocorrência, evidenciou-se que a maioria dos casos ocorreu na própria residência das vítimas (82%), e a repetição do evento foi registrado em 41% dos casos. Os dados mostram, ainda, que aproximadamente 60% dos meios de agressão registrados nas notificações de lesões autoprovocadas corresponderam ao envenenamento, seguidos pelos objetos perfurocortantes (16,8%).

Gráfico 5 - Meios de autolesão



Fonte: MS, 2021.

Com esta pesquisa, fica evidente que o número exponencial de suicídios e tentativas no período da adolescência, em que há uma transição para a vida adulta, é apontado como multifatorial nessas ações.

Conforme os dados gerais sobre óbitos por suicídio residentes no Piauí, 2018-2020, o número de mortes no ano de 2018 total foi de 330. No ano de 2019 o total foi de 326. No ano de 2020 o total foi de 312. Perfazendo um total deste período, 968 mortes.

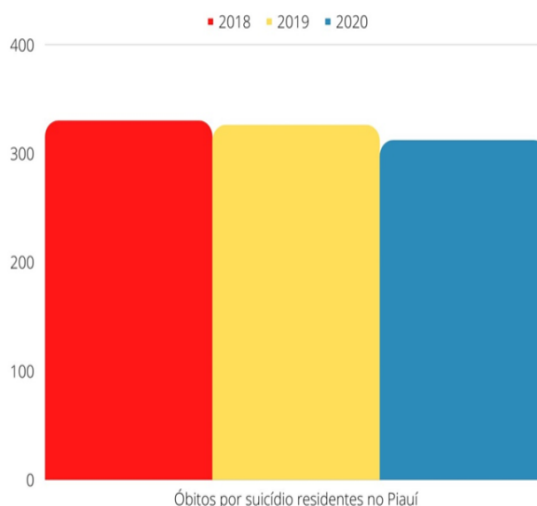
Quadro 1 - Número de suicídios no Piauí (2018-2020)

| ANO | NÚMEROS DE SUICÍDIOS |
|-------|----------------------|
| 2018 | 330 |
| 2019 | 326 |
| 2020 | 312 |
| TOTAL | 968 |

Fonte: MS, 2021.

Segundo uma pesquisa levantada pelo Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), em 2019, constatou-se uma elevação no número de suicídios no Piauí para 47%, sendo quase o dobro da média nacional, demonstrando que o Piauí possui o dobro da taxa média nacional de suicídios: são 11 a cada 100 mil habitantes.

Gráfico 6 - Número de suicídios no Piauí



Fonte: MS, 2021

Esses dados evidenciam uma situação que demanda de nós extrema atenção (não seria alarmista chamar a situação de uma tragédia anunciada), porque os casos crescem vertiginosamente e, no Piauí, eles crescem acima da média nacional mesmo após alguns trabalhos já realizados e apontando para tal emergência como a tese de Júnior (2014) *Apoptose na cidade verde*. Apesar de um primeiro esforço, ainda não temos dentro do Instituto Federal do Piauí um diagnóstico e muito menos uma política preventiva de cuidados a comportamentos suicidógenas, menos ainda um diálogo claro sobre suicídio, entre os pares, entre os pares e os pais, nem tampouco entre professores, equipe de saúde e alunos.

Esses dados elevados têm chamado à atenção da sociedade civil e do Estado do Piauí para reflexão e construção de ações de promoção à prevenção de tentativas e de óbitos por suicídio, passando a ser, também, a escola um espaço de preocupação. Um ponto que necessita de atenção é que mesmo sendo a quarta causa de morte entre jovens em idade escolar¹⁰ de quinze e vinte anos, não há um protocolo de prevenção e muito menos um programa de contenção no Instituto Federal do Piauí.

¹⁰ Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/anualmente-mais-de-700-mil-pessoas-cometem-suicidio-segundo-oms>. Acessado em: 12 mar. 2023.

Além disso, abordando agora a temática da pandemia da Covid-19 utilizamos para o diálogo, Cavalcante *et al.* (2021), que trazem na sua pesquisa: os jovens brasileiros em tempo de Covid-19, no capítulo oito, em que demonstra como a pandemia impactou de sobremaneira a vida dos jovens brasileiros em sua totalidade, pois foi um fenômeno.

Cavalcante *et al.* (2021) buscam compreender a situação dos jovens no momento da declaração do estado pandêmico causado pela Covid-19, articulando conceitos como a condição juvenil, as subjetividades, o distanciamento social e as práticas cotidianas.

A propagação do Sars-CoV-2, que surge em Wuhan na China, faz com que a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomende medidas que impossibilitem a maior transmissibilidade entre as pessoas, para isso:

Propôs medidas individuais como a lavagem frequente das mãos e o uso de álcool gel e máscaras. Indicou também ações sociais como o distanciamento social, restrição à circulação e aglomeração de pessoas e a quarentena, ou isolamento durante certo período, para pessoas que tenham contato com pacientes contaminados, que estejam aguardando diagnóstico, que fiquem doentes ou que pertençam a grupos de risco. Recomendou também a adoção do chamado *lockdown*, que é uma medida imposta pelo poder público e que implica a interrupção de atividades econômicas e restrições à mobilidade (Cavalcante, *et al.* 2021, p. 181).

Essas medidas impactaram diretamente na vida das pessoas, a título de exemplo, nas dimensões econômicas, culturais, sociais, religiosas etc. Na questão econômica, observa-se que as medidas influenciaram no fechamento do comércio e dos meios de produção, ocasionando uma queda nas receitas de empresas e países. O Brasil vinha de uma recessão entre os anos de 2015 e 2016 e de uma estagnação e leve crescimento nos anos posteriores e

Segundo informações da Confederação Nacional da Indústria (CNI), a pandemia encontrou esse setor operando com capacidade produtiva já reduzida a 77%, desde junho de 2018, caindo para 76% em março deste ano, quando se inicia uma tendência de queda mais acentuada. A situação do mercado de trabalho, que já era ruim, ficou ainda pior (Cavalcante, *et al.*, 2021, p. 182).

Encontrando a população brasileira em situação de vulnerabilidade, a Covid-19 marcou a vida das pessoas de diferentes maneiras, especialmente devido à desigualdade social. Nesse sentido, observamos que

O Brasil conta com uma população predominantemente jovem, com 42,3% de toda a sua população composta por pessoas com menos de 30 anos de idade. Assim, entre as populações mais vulneráveis em relação à pandemia, temos um contingente expressivo de jovens (Cavalcante, *et al.*, 2021, p. 185).

Os jovens foram impactados principalmente pelo fechamento das cidades e das organizações sociais ocasionado pelas medidas de distanciamento social e *lockdown*, dos espaços de socialização, tais como bares, casas de shows, shopping, parques, escolas, universidades e, devido às desigualdades sociais, muitos desses jovens ficaram sem acesso à

cultura, ao trabalho, à educação, à moradia e à saúde de qualidade. Cavalcante *et al.*, (2022), afirmam que “a condição juvenil corresponde ao modo como a sociedade posiciona os jovens em determinadas estruturas sociais. Mais do que uma faixa etária, a condição juvenil é uma posição nas hierarquias sociais”.

Na busca pela identidade e autonomia, o jovem precisa desses espaços de sociabilidade para se afirmarem enquanto indivíduos e as medidas restritivas interferiram de acordo com Cavalcante *et al.*, (2022) “no processo de transição para a vida adulta, impedindo os jovens forjarem seus próprios processos de fruição e busca por recursos que lhes assegurem a conquista de autonomia”.

A pesquisa, que subsidia o trabalho em tela, busca articular essas reflexões trazendo eixos tais como: a identificação de nexos causais entre desigualdades sociais e a vulnerabilidade ao adoecimento da Covid-19, a educação e trabalho de tempo de distanciamentos sociais e físicos, as formas de existências e resistências nesse contexto e as percepções de jovens sobre o futuro. Além de analisar a densa realidade vivida por esses jovens diante de suas vulnerabilidades escancaradas no bojo social brasileiro. Seja o negacionismo do governo vigente neste período, que conclamava aos brasileiros de não aderirem ao distanciamento social como uma das formas de prevenção, até ao não uso das máscaras e negação da vacina. Pedindo aberturas dos comércios e ironizou a Covid-19 dando a entendê-la como uma simples “gripezinha” e pedindo a normalidade da vida. No entanto, o que se viu posteriormente foi uma calamidade sanitária pública sem precedentes no Brasil, chegando a superar no seu pico máximo mais de 4.000 mortes por dia.

Com o agravamento da crise sanitária também veio a crise econômica, esta que já se arrastava desde o governo anterior chegando ao ápice na gestão do Jair Bolsonaro com altos índices de desempregos e uma diminuição da renda per capita das famílias brasileiras de 20.1%, baseados na informação da Fundação Getúlio Vargas (FGV), afetando os jovens trabalhadores. Os dados das pesquisas nacionais por Amostragem de Domicílios Contínua indicaram que

O ano de 2019 terminou com 16,2 milhões de desempregados ((desemprego)) aberto e por desalento) e 6,7 milhões de subocupados por insuficiência de horas, além de forte peso do trabalho informal, 38,4 milhões de trabalhadores (subocupados inclusos neste contingente), quadro relativamente estável desde 2016 (Krein e Borsari, 2020, p. 4).

Corroborando com essa passagem, os jovens foram impactados diretamente com essa situação do desemprego e o “mundo líquido” que tem como característica fundamental a instabilidade, a incerteza e a velocidade de mudanças nas relações humanas, sendo efêmeras e de curta duração, esfacelando-se rapidamente sem que haja tempo de questionar o porquê, como

tendências de evitar compromissos longevos, faz-se presente no mundo do trabalho com a precarização dos serviços no período da pandemia. Sendo um imperativo desses tempos de que haja aptidão, flexibilidade de tempo, não se questiona a condição de trabalho e nem direitos trabalhistas e tão pouco os salários.

De acordo com Cavalcante *et al.*, (2022), a pandemia encontrou a população brasileira em situação de extrema vulnerabilidade, com altas taxas de desemprego, desmonte das políticas sociais, intensos cortes na saúde, educação e pesquisa no Brasil. Nesse sentido, o sociólogo Santos (2020) confirma os nexos causais da desigualdade socioeconômica na distribuição da saúde e mortalidade das populações contemporâneas. O autor realizou estudos que confirmam um tipo de “nexo invariante”, quanto pior a posição social tanto pior a saúde, ou seja, a posição social influencia ao grau de exposição aos principais fatores de risco e à progressão da doença.

A pesquisa aponta o desmonte das políticas de saúde, o negacionismo da doença somado a um dos fatores de agravamento da saúde e a posição social é a equação para o desastre, pois, o Brasil possui uma população predominantemente de jovens com 42,3% composta por pessoas de menos de 30 anos, além de ser uma das camadas da população mais vulnerável e sucessivas a contrair o vírus da Covid-19.

Um dos dados analisados pela pesquisa ressaltou uma reportagem divulgada pela Agência Pública de São Paulo apontando que 93% dos casos de mortes de crianças e adolescentes por Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG), correlacionadas à Covid-19, foram de moradores de bairros periféricos ou de baixa renda. Esse quadro se agravou segundo a pesquisa com abertura das atividades comerciais, isso fez com que o perfil dos infectados mudasse, e os jovens passaram a ser maioria. Segundo dados do Ministério da Saúde (2020), o efeito foi de os jovens das camadas mais populares participassem como a população mais vulnerável da pandemia da Covid-19 no Brasil.

A questão da mobilidade dos jovens também foi afetada em todos os aspectos no distanciamento físico e social para contenção da propagação do Coronavírus. Segundo a pesquisa, as consequências foram a não interação de suas práticas de sociabilidade, em diferentes locais das cidades, parques, cinemas, casas de shows, shopping, escola, entre outros. Gerando, nesses jovens, incertezas com efeitos objetivos e subjetivos, uma vez que o distanciamento acabou com a relação espaço-tempo deles. Nesse sentido, aponta a pesquisa que essa limitação da mobilidade ocasionada pela Covid-19 interferiu no processo de transição para a vida adulta, impedindo-os da busca do processo de fruição e por recursos que lhes assegurem a conquista de autonomia.

Destacou-se que os jovens buscaram formas de resistência e sobrevivência perante às dificuldades da vida e de uma pandemia do Coronavírus em vigor, a qual trabalhavam em cima de motos ou em bicicletas na entrega de alimentos, entre outros pedidos feitos por *delivers* da vida. Renda baixa, sem garantias previdenciárias ou condições de trabalho digno, recebendo somente pelos pedidos entregues. Tudo que a precarização e o mundo líquido do trabalho mais amam é explorar os mais necessitados, jovens de periferia sem oportunidades de trabalho ou de educação, categoria essa que será analisada pela pesquisa.

A escola é considerada uma instituição privilegiada para a formação de crianças, adolescentes e jovens, para construir amizades e também para aprender nesse sentido. Ainda de acordo com Cavalcante *et al.*, (2022), a Covid-19 mostrou o aprofundou das desigualdades sociais existentes no Brasil e suas injustiças. O impacto do isolamento social, as quarentenas nas escolas, principalmente as públicas, podem ser observadas entre os estudantes das camadas mais populares que foram os mais prejudicados. Com o fechamento, as escolas públicas e privadas foram obrigadas a improvisar aulas remotas em plataformas para não perderem o ano letivo, mas não estavam preparadas para esta situação.

Segundo dados de pesquisa do Instituto Data Senado¹¹ sobre educação na pandemia, foram quase 56 milhões de alunos matriculados na educação básica e superior no Brasil, sendo 35% (19 milhões) os que tiveram as aulas suspensas devido à pandemia da Covid-19, enquanto 58% (32,4 milhões) passaram a ter aulas remotas. Na rede pública, 26% dos alunos que tiveram aulas on-line não têm acesso à internet. Revelando que, na opinião de 63% dos responsáveis por alunos, que tiveram aulas nesse modelo, a qualidade diminuiu e 75% das famílias cujos filhos tiveram aulas remotas, nos últimos 30 dias, preferiam que as aulas voltassem a ser presenciais somente quando a pandemia fosse controlada.

Outro ponto a ser destacado é que a pandemia da Covid-19 trouxe incontáveis desafios para os jovens de todo o mundo e no Brasil não foi diferente. Além dos impactos físicos da doença, houve efeitos emocionais profundos sobre esses jovens. E que não poderia faltar no palco das investigações do nosso trabalho tanto a Sociologia quanto a Antropologia das emoções, um ramo específico dessas áreas em geral e das próprias Ciências Sociais.

Esse ramo importante das Ciências Sociais não poderia ser excluído das análises dos sujeitos investigados, pois acreditamos na relevância da relação entre indivíduos, sociedade,

¹¹ A pesquisa do instituto data senado foi realizada entre os dias 23 e 24 de julho. Foram entrevistados por telefone 2,4 milhões de brasileiros com 16 anos ou mais, em amostra representativa da população brasileira. Os resultados foram analisados considerando-se dois grupos: pais com filhos que frequentam escola ou faculdade e os alunos de escolas ou faculdades (DATASENADO, 2020).

cultura e emoções. A sociedade e a cultura desempenham um papel crucial na maneira como as pessoas experimentam e manifestam suas emoções. A sociedade estabelece os padrões sociais que influenciam como as pessoas expressam suas emoções e interpretam as emoções dos outros. Esses padrões são ensinados desde a infância, e com o tempo, as pessoas aprendem a lidar com suas emoções de acordo com eles.

Além disso, as emoções são consideradas como uma complexa rede de sentimentos que surgem no processo intersubjetivo, resultante da cultura objetiva e das formas sociais, mas que também se manifestam como cultura subjetiva e conteúdos sociais (Koury; Barbosa, 2014). O isolamento social, mudanças na rotina diária, violência familiar, o medo da doença e da morte trouxe incertezas quanto ao futuro, e preocupações financeiras foram alguns aspectos que esses jovens tiveram que enfrentar. Segundo Rivera et al (2022), há um esforço em buscar a configuração e reconfiguração das emoções como relevância em interpretar e dá sentido à própria vida. Uma abordagem teórica conceitual de conhecimentos interdisciplinares, estabelecendo um diálogo entre as várias áreas do saber como Antropologia, Filosofia, Psicologia e Sociologia. Nesse sentido, buscou-se uma interlocução com as juventudes e suas emoções manifestadas para uma interpretação da realidade vivida e concreta. A análise das emoções busca compreender e explicar inúmeros fenômenos, processos ou situações sociais, assumindo que as emoções são a origem e a base de toda relação social (Bericat, 2000, p.146).

Rivera *et. al.* (2022) propõem um olhar ampliado para as emoções, pois, a partir dela, são tomadas como construções sociais que representam a vida social. Desse modo, a interdisciplinaridade transcende a dimensão individual e a distância da literatura dominante de que as emoções são exclusivamente processos físicos, mentais, neurofisiológicos, bioquímicos e psicológicos. Partido do princípio de que a existência ocorre em certas circunstâncias sociais e tem como prioridade as interações sociais. Assim,

[...] as emoções importam por serem lentes especiais para “ler” aspectos cruciais dos processos de estruturação, integração e organização social; expressam apoio emocional da vida social de das bases afetivas que estruturam a coesão e a reciprocidade entre indivíduos; cumprem várias e muito importantes tarefas essenciais relacionadas ao estabelecimento e preservação da ordem ou, bem, a promoção de conflitos sociais; e, finalmente, respondem pela natureza (Cavalcante *et. al.*, 2022, p. 240).

A natureza da pandemia da Covid-19 é um grande caldeirão de incerteza que afeta diretamente muitas áreas da vida dos jovens. Na pesquisa que desenvolvemos, mostramos que essa questão foi levantada em entrevistas com alunos e demais agentes de educação. São jovens que falam dos seus sentimentos, suas emoções vividas pela angústia, das incertezas do tempo em suas casas com choque de geração, violência familiar, perda da privacidade, isolamento

social, dos distanciamentos dos amigos e namorados e namoradas, da perda dos espaços de sociabilidade e recreação, o medo da morte pela doença, o luto pelo seu ente querido, por não poder fazer as últimas homenagens, da rotina quebrada nos colégios, do medos de perderem o ano letivo, o ENEM e o futuro que pode ser perdido, trazendo a desesperança, contradições e choques com o próprio colégio. Aqui estão algumas razões pelas quais esses sentimentos foram potencializados pela pandemia, seu profundo impacto nas emoções tem relação direta com pensamentos e comportamentos de automutilação e tentativa de suicídio. A categoria emoções será analisada dentro do arcabouço da teoria da compreensão de Weber (2004) e da análise de conteúdo de Bardin (1977), com um trato analítico das emoções das juventudes que precisa ser debatido entre os jovens estudantes do Ensino Médio profissionalizante.

Esses jovens enfrentaram o isolamento social com quebra brusca de suas rotinas, início de aulas remotas, mesmo não estando preparado para tal, eles não possuíam um ambiente próprio para estudo, a grande maioria não tinha internet, computador ou celulares próprios e/ou preparo técnico para a plataforma que seriam usadas para as aulas. Assim, também, como muitos colegas professores devido à pandemia pegar todos de surpresa, na verdade, ninguém estava preparado, mas, nós, professores tivemos condições para nos adaptarem relação aos alunos, diante de um treinamento para manusear as plataformas e condições econômicas para comprarmos novos aparelhos eletrônicos, realizando as gravações das aulas e enviando à plataforma. Esse contexto trouxe a perda da interação com os professores e colegas, veio ainda uma doença que levou seus entes queridos, amigos e conhecidos e o próprio medo, angústia, sofrimento, risco de se infectar por Covid-19, o que ocorreu com boa parcela deles.

Corroborando, a pandemia impactou na educação dos jovens. O ensino a distância no mundo, trabalho com a precarização dos postos de trabalho e a perspectiva desses jovens para o futuro “revelam perspectivas negativas relacionadas aos impasses crescentes para efetivarem seus projetos de escolarização, de profissão e de vida, que completariam suas trajetórias sociais em busca de autonomia” (Cavalcante *et. al.*, 2021).

Segundo Castioni *et al* (2020), os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IPEA, o PNAD, referente ao ano de 2018, demonstram que existia um problema sério com relação ao acesso à internet no Brasil, especialmente no Ensino Fundamental, em seus anos iniciais e finais, onde cerca de 16% da população brasileira ainda não tinha acesso aos serviços de internet básica, como 3G/4G. O Ensino Médio era seguido por 10% da população sem esses serviços. No Ensino Superior, nos níveis de graduação e pós-graduação, também existe esse problema, mesmo em menor escala.

Em todos os níveis da educação, as maiores taxas de pessoas sem acesso à tecnologia 3G/4G estão localizadas na área rural. Ressalte-se que

Agregando os estudantes da educação básica pública (da pré-escola ao ensino médio) sem acesso domiciliar à internet em banda larga ou 3G/4G, pouco mais da metade mora em áreas rurais. Esse percentual só é próximo ao dos que moram em áreas urbanas porque, mesmo na educação básica, há muito mais matriculados domiciliados nestas do que naquelas (80% a 20%). Por esta razão, embora na educação básica pública a carência de internet para atividades remotas de ensino-aprendizagem seja realidade na casa de 45% dos estudantes domiciliados em áreas rurais e na casa de 10% dos estudantes domiciliados em áreas urbanas, o universo de estudantes sem acesso se distribui quase que paritariamente entre domicílios urbanos e rurais. No nível superior (graduação e pós-graduação *stricto sensu*), estudantes domiciliados em áreas rurais ocupavam apenas 5% das matrículas, mas eram 32% dos que não tinham acesso à internet em banda larga ou 3G/4G (Castioni *et al*, 2020, p. 9).

Observou-se que o descaso com a educação pública brasileira é profundo e sistemático, principalmente com as camadas mais populares. Essas camadas sofrem com o atraso educacional proporcionado pela má gestão de todos os níveis das esferas governamentais que não proporcionam ou garantem o acesso destes alunos à internet, computadores ou tablets, diferentemente dos alunos da rede particular das capitais que continuaram suas atividades escolares com aulas on-line. Os alunos da rede pública ficaram à mercê da própria sorte e da boa vontade daqueles que se compadecem de suas situações de abandono educacional.

Como sabemos, a Covid-19 trouxe medo, desestruturação econômica, insegurança alimentar desencadeada pela perda do emprego de muitos de seus pais ou responsáveis. Esses alunos se veem numa situação de aumento de ansiedade e depressão levando a ideações suicidógenas, tudo isso potencializado pela pandemia. Segundo o estudo realizado pela JAMA pediatria¹² os sintomas de depressão¹³ e ansiedade¹⁴, entre crianças e adolescentes, dobraram após início da pandemia. O estudo reuniu dados de 80.879 jovens com idades que variaram de 18 anos ou menos, em diversos países. Antes da pandemia, os levantamentos sugeriam que os sintomas depressivos eram comuns a 12,9% desse grupo, já durante a pandemia essa taxa subiu para 25,2%. Os sintomas de ansiedade aumentaram de 11,6% para 20,5% e o índice tendia a ser maior conforme o avanço da pandemia. Os sintomas são mais complexos nos adolescentes, pois eles estão em formação de personalidade e em busca de experiências sociais, interações.

¹² Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jamapediatrics/fullarticle/2782796>. Acessado em 03 de mar. 2022

¹³ Segundo o Manual Diagnóstico e Estatísticos de Transtornos Mentais (DSM-5), da Associação Americana de Psiquiatria, o transtorno depressivo é a presença de humor triste, vazio ou irritável, acompanhado de alterações somáticas e cognitivas que afetam significativamente a capacidade de funcionamento do indivíduo. O que difere entre eles são os aspectos de duração, momento ou etiologia presumida (DSM-5, p.155).

¹⁴ Já o conceito de Transtorno de ansiedade para o Manual Diagnóstico e Estatísticos de Transtornos Mentais (DSM-5), da Associação Americana de Psiquiatria afirma que os Transtornos de Ansiedade incluem transtornos que compartilham características de medo e ansiedade excessivos e perturbações comportamentais relacionadas. (DSM-5, p.189).

O isolamento social causou uma ruptura nas suas rotinas e como consequências o convívio familiar ficou tensionado.

Nesse tensionamento, existe uma geração de jovens que tenta se situar neste mundo e garantir a realização de seus sonhos através da educação e no mundo do trabalho. Mas o que ele encontra hoje é um mundo globalizado, flexível, imprevisível com empregos temporários e precários, ou seja, um “mundo líquido” nas palavras de (Bauman, 1999), ligado em rede e com relacionamentos efêmeros. Isso não é muito diferente no ambiente escolar e no movimento de entrada para escola. Eles encontram o descompasso vigente entre eles e a escola, pois ela, estando em período sólido (Bauman, 1999) não entende as novas expectativas sociais e econômicas subordinadas ao modelo neoliberal que traz essa modernidade líquida, além de mudanças nos relacionamentos efêmeros, no mundo do trabalho com suas precariedades salariais e a desproteção de seguridade social. A escola ainda traz valores enquanto instituição social de produção e reprodução da ordem estabelecida, como variável de análise, cujo modelo estrutural, com seus processos disciplinares de controle do corpo, das ações e afetos dos sujeitos, sua rigorosa organização espacial, rigidez e distribuição de horários, exames e discursos e pressões para o sucesso escolar convergem para estabelecer um padrão do que seja dito como normal, provocando desagregação e exclusão da vida social, ou seja, uma violência simbólica impostas aos alunos com estigma reforçado por uma reprodução cultural. O descompasso é sentido no ambiente escolar pelos jovens que se veem cobrados pelas melhores notas em olimpíadas, sejam exatas ou humanas, no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), este último um dos indicadores de sucesso de gestão escolar e ingresso no mundo profissional.

Bauman (2004) interpreta a sociedade ocidental moderna afirmando sua transição processual de um estado sólido para um estado fluido ou líquido. Ao falar sobre o Estado, o autor define a modernidade sólida como uma época em que a ordem social entrou em colapso em que o imperativo era a ordem. Ainda de acordo com o autor, não se debruça prioritariamente sobre essa modernidade sólida, mas sobre o que hoje vivemos, a chamada Modernidade Líquida.

De acordo ainda com Bauman (2004) ressaltamos os conceitos-chave sobre o tema da modernidade líquida e sólida, em que a modernidade sólida enfatiza a estabilidade e previsibilidade das relações humanas. Já a modernidade líquida, tem como característica fundamental a instabilidade, a incerteza, e a velocidade de mudanças nas relações humanas, sendo efêmeras e de curta duração, esfacelando-se rapidamente sem que haja tempo de questionar o porquê, como tendências de evitar compromissos longevos. Bauman (2004)

acredita que ambos os conceitos estão atuando ativa e simultaneamente na sociedade atual, criando um ambiente de imprevisibilidade e flexibilidade nas classes sociais.

Dito isso, essa imprevisibilidade e flexibilidade nos dá uma nova noção de descompasso que se expressa, principalmente, em um conflito entre a identidade do aluno e a identidade juvenil no âmbito escolar.

Foucault (2005) observa a sociedade moderna como disciplinar, tolhendo as vontades individuais e os moldando. O autor nos apresenta uma perspectiva complementar a partir da qual se pode apreender a instituição escolar. A sociedade moderna é uma sociedade disciplinar, adestradora dos corpos e das vontades individuais e o adestramento se dá pela conjuração do trabalho de diversas instituições instauradas para moldar o sujeito moderno conforme as necessidades dessa sociedade. Nesse sentido, Foucault (2005) ressalta que a escola assume a forma de uma instituição de sequestro na qual a sua organização e estruturação do espaço, do tempo, da dinâmica relacional com os sujeitos, exerce mecanismos de controle sobre os seus corpos, vontades e atos, estabelecendo um padrão de normalidade e de eficiência.

Ademais, a análise de implicações na condição de pesquisador foi constantemente utilizada na pesquisa, nos levando a refletir sobre a nossa relação com o tema. Assim, nos conduziu, aproximando da análise das implicações do pesquisador como uma ferramenta teórico-metodológica empregada pela análise institucional francesa, que em contraponto à posição neutro-positivista, apresentou a figura do intelectual implicado, aquele que, além de analisar seus pertencimentos e suas referências institucionais, coloca-se também em debate o lugar do saber que ocupa na divisão social do trabalho no mundo capitalista, analisando seu território não apenas no âmbito da intervenção que está realizando, mas levando em conta as relações sociais, em geral, o seu cotidiano, a sua vida, em suma o lugar que ocupa na história (Coimbra, 2003).

Para a realização de qualquer diálogo, ainda mais no campo acadêmico, é necessário definir conceitos por onde se pretende caminhar. O Suicídio é presente na história da humanidade e sempre foi um assunto abordado de várias formas ao longo do tempo e com várias conceituações. No Oriente e no Ocidente têm historicamente apresentado características e abordagens distintas, nas diversas áreas do conhecimento encontramos registros que nos levam a tal afirmação, dentre elas podemos citar as seguintes: a religião, a filosofia, a história, a medicina, o direito etc., Entretanto, Durkheim, um clássico das ciências sociais e considerado pai da sociologia inovou de forma peculiar o estudo sobre o fenômeno do suicídio abordando-o como um fato social. Sendo um fato social presente em todas as sociedades.

Reiterando, conforme as outras áreas das ciências, o suicídio é visto de formas distintas. Para além das consequências produzida pelo fenômeno, queremos trazer para o nosso diálogo outro conceito fundamental presente nas observações de outro clássico e pai da psicanálise, Sigmund Freud (2010), que entende o suicídio pela via do ato. Segundo o autor, o ato de se suicidar contém diversas conjecturas relativas ao inconsciente, como a angústia e as referências imaginárias e simbólicas do sujeito. Já no âmbito das Ciências da natureza, as ciências biológicas têm o manual para os profissionais da saúde, o MSD¹⁵ Merck Sharp & Dohme (Moutier, 2014) que define o suicídio como a morte causada por um ato intencional de automutilação projetado para ser letal. O manual Merck define o comportamento suicida que engloba um aspecto, de tentativas de suicídio e comportamentos preparatórios a suicídios. Ideação suicida refere-se ao processo de pensar, considerar ou planejar o suicídio. Esta trágica realidade está presente em todas as sociedades e nos leva a refletir sobre as condições por trás dos atos de suicídio. Seja em relação à motivação, depressão ou a falta de perspectivas, entre outros, o suicídio é um problema que precisa ser enfrentado com urgência e em especial nos jovens em fase escolar.

Para a Organização Mundial de Saúde¹⁶, no mundo, a cada 30 segundos uma pessoa comete suicídio e para cada uma que se mata outras 20 tentam. Entre os jovens de 15 a 29 anos, o suicídio figura como a segunda maior causa de mortes em escala mundial, a primeira é a violência. O suicídio ocorre em 79% em países de baixa e média renda, é especialmente preocupante quando pensamos nos alunos dos IFs, visto que esse público está diretamente relacionado aos dados socioeconômicos, correlacionando ao perfil.

Ademais, o entendimento do suicídio tem suas concepções históricas no mundo ocidental e oriental e sendo um fenômeno social traçaremos suas respectivas compreensões. Primeiro, abordando como o suicídio é compreendido no ocidente no período da antiguidade, visto como ato heroico do qual na perda de uma guerra ou batalha, os generais davam fim às suas próprias vidas e como consequência a população civil não se entregaria também aos invasores pondo fim à vida num suicídio coletivo (Macho, 2021).

O suicídio na idade média estava ligado ao martírio ou necessidade. O não pagamento de dívidas e a vergonha da pobreza trariam o suicídio. Também havia a entrega religiosa como forma de interrupção da vida. Clérigos alçaram suas vidas para um paraíso junto a Deus, na

¹⁵Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt-br/profissional/transtornos-psiQUI%20C3%A1tricos/comportamento-suicida-e-autoles%20C3%A3o/comportamento-suicida>. site acessado em 01 de setembro de 2022.

¹⁶Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/boletins-epidemiologicos/edicoes/2021/boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf.

qual a fuga se dava de um mundo pecaminoso, conturbado, mas que salvaria suas almas numa redenção ao criador (Macho, 2021).

Já na idade moderna, identificamos o suicídio como uma necessidade ou fuga da solidão, de doenças incuráveis e dores crônicas sem tratamentos, em que alguns países da Europa aceitam a morte assistida. Essas necessidades se estendem a um ato político, pois

O suicídio como forma de protesto político prossecução do martírio por outros meios. Uma morte cruel, combinada com tortura e dor, executada em nome do poder, é, por assim dizer, revertida em uma morte voluntária que protesta contra esses poderes, transforma em humilhação em resistência (Macho, 2021, p. 3).

Detalharemos o entendimento do suicídio na visão ocidental, e também de acordo com Minois (2018), para quem a temática, em várias épocas, com suas devidas explicações filosóficas e religiosas, possui exaltação ora positiva, ora negativa do ato. Nesse sentido, o autor afirma que

Não podemos estudar os suicídios como podemos fazer em relação à destruição provocada pela peste ou pela tuberculose, pois a morte voluntária é um tipo de óbito cujo significado não é de ordem demográfica, mas filosófica, religiosa, moral, cultural. O silêncio e a dissimulação que a rodearam durante muito tempo instauraram um clima de mal-estar em torno dela (Minois, 2018, p. 2).

Entende-se que a busca pela compreensão do suicídio sempre foi uma constante das sociedades antigas para a resposta desses gestos, no entanto, não lhes faltaram meios para os merecidos castigos daqueles que ousaram desafiar Deus e a sociedade. Castigos aos cadáveres e seus familiares e amigos, amputação de membros, exclusão do lugar do descanso, penalidades e desprezos, em especial, às famílias dos desalmados. Ressalte-se que

Desde a mais remota antiguidade até os dias de hoje, homens e mulheres escolheram a morte. Essa opção nunca foi vista com indiferença. Aclamada, em várias vezes, objeto de reprovação social. Isso porque o suicídio é considerado, ao mesmo tempo, ofensa a Deus, que nos deu a vida, e a sociedade que provê o bem-estar de seus membros. Recusar o dom de Deus e também a companhia dos nossos semelhantes no banquete da vida são duas faltas que os representantes religiosos, que administram as dádivas divinas, e os dirigentes políticos, que organizam o banquete social, não podem tolerar (Minois, 2018, p. 4).

Por conseguinte, Minois (2018), através de sua literatura, nos mostra como se deu esses embates em períodos históricos em que sempre houve esse mal-estar. As tentativas de explicar que o dom da vida só Deus nos deu e só ele pode tirar em contraposição que a morte voluntária é também um gesto especificamente humano, individual e de livre arbítrio nos dando a suposta liberdade de escolha. No entanto, observou-se que ao longo dos séculos, precisamente no período Renascentista, século XV, a postura das autoridades teve mudanças, levando a uma crise da consciência europeia encaminhando tal problemática ao Iluminismo. Saliente-se ainda que

No século XVII, vemos uma evolução dos termos “Morte de si” para ‘Suicídio’, entretanto, as resistências das autoridades não desapareceram, e as perguntas passam a ser formuladas em público, reivindicando a liberdade de que cada um possa respondê-la, forçando aos governos mudarem de atitude” (Minois, 2018, p. 5).

No pensamento oriental, observamos milenares tradições como um enorme repertório cultural da qual se destaca o SATI, realizado na Índia. Segundo Barbagli (2019) traz no seu bojo cerimônias fúnebres e nupciais. As viúvas entregam-se deliberadamente às chamas das piras ao encontro do seu falecido esposo. Numa clara demonstração de um ritual de passagem deste mundo para o outro. Observamos, ainda, nessa prática de núpcias os cânticos, as danças, os objetos e os significados. No trecho a seguir, observamos que

[...] essas núpcias que se referem aos estranhos objetos que a mulher levava consigo. O espelho que segurava na mão esquerda relembra o espelho que o marido lhe dera no momento das núpcias como presente de bons augúrios, para que ela pudesse contemplar aquela imagem de si mesma que a tradição considerava como parte da alma. A flecha de bambu, que levava na mão direita, não era diferente daquela que, em certas castas ou em certas regiões, segurava na mão ao casar. E os próprios cocos não só nas cerimônias fúnebres, mas também nas bodas, porque trocar cocos era forma de selar a promessa de matrimônio no Rajastão. Enfim, muitos gestos que a mulher realizava no local da cremação eram uma réplica dos realizados nas núpcias. Agora também se unia ao marido no novo leito que lhe fora preparado, a *pira*, os corpos lado a lado, os rostos voltados um para o outro. Naquela pira em que fogo queimaria não um morto e uma viva, mas um corpo único, feito de duas metades inseparáveis. As cinzas dos dois cônjuges se misturaram, uma vez mais reafirmando simbolicamente aquela unidade que se forma com o fogo nupcial (Barbagli, 2019, p. 271).

No trecho lido, examinamos que o ritual tinha uma grande força cultural na Índia. Apesar do apelo do amor incondicional, traz uma carga cultural forte da qual a mulher não tem outra alternativa senão sua entrega ao derradeiro ritual. No entanto, não é simplesmente essa força do amor que leva essas viúvas a se entregar ao falecido dentro do ritual SATI, mais uma imposição também da família dele. Essas mulheres que não queriam praticar o ritual eram drogadas, amarradas ou contidas com hastes grandes e fortes de bambu (Barbagli, 2019).

Já na China, o suicídio se torna um caso curioso, pois os dados concretos e oficiais só foram divulgados em 1990. No entanto, depoimentos anteriores dos séculos passados, XIX e XX, realizados por missionários, diplomatas, médicos e viajantes cultos provenientes de outros países europeus, apontaram que, neste país, os casos de suicídios eram muitos e frequentes e que os chineses têm, talvez uma propensão maior ao suicídio (Barbagli, 2019). Esses observadores nos trazem depoimentos contundentes de como eles tinham a facilidade de tirarem suas próprias vidas. Sejam por simples discussões, palavras e futilidades. Segundo uma estimativa não muito confiável de um missionário que vivera muitos anos na China, no final do século XIX, a taxa de suicídio se situava entre 30 e 50 por cada 100 mil habitantes (Barbagli, 2019).

Uma outra particularidade atualmente na China, em contraste com o que ocorre nos países do Ocidente, é que a diferença na taxa de suicídio entre os gêneros é mais pronunciada, com as mulheres apresentando uma taxa superior à dos homens. Especificamente no contexto chinês, destacou-se a existência de um rígido controle populacional imposto aos casais, o qual incluía a restrição de ter apenas um filho por casal. Aqueles que aderiam a essas normas recebiam certos benefícios governamentais, como habitações maiores e salários integrais. No entanto, os casais negligentes recebem as sanções negativas, aumentando consideravelmente os números de abortos praticados pelas mulheres, tendo como consequências psicológicas gravíssimas e depressões, levando-as ao suicídio (Barbagli, 2019).

Outro ponto relevante a ser destacado diz respeito à frequência desse fenômeno em diferentes fases da vida. Na Europa, por exemplo, observa-se um aumento proporcional nas taxas de suicídio em diferentes faixas etárias. Por outro lado, na China, durante a década de 1990, os idosos foram o grupo que apresentou uma maior incidência de suicídios, o que resultou em uma distribuição das mortes voluntárias em faixas etárias distintas em comparação com a Europa. Na China, as taxas de suicídio aumentam consideravelmente entre os 12 e os 20 anos, seguidas por uma diminuição na faixa etária dos 40 anos, e posteriormente ocorre um novo aumento, atingindo o pico por volta dos 80 anos. Além disso, em relação à faixa etária, observam-se algumas diferenças entre as populações masculina e feminina. Após os setenta anos, os homens apresentam uma taxa de suicídio mais elevada do que as mulheres, enquanto entre os quinze e os quarenta anos ocorre o oposto (Barbagli, 2019).

Diante da temática, ainda verificamos que na China ocorreu diferenças nas mortes voluntárias da população no campo e na cidade. A China se diferencia dos outros países, pois os números de suicídios são mais elevados nos campos, pelo menos, o triplo dos centros urbanos. Com relação à faixa etária, os idosos correm o risco de se matarem quatro vezes maior que os das zonas urbanas. Já entre a população jovem dos 18 aos 25 anos, as diferenças entre o campo e as zonas urbanas são muito marcadas. Haja vista que as camponesas nessa faixa etária e também os camponeses, embora em menor proporção, apresentam um índice de suicídio de quatro a cinco vezes superior ao dos operários ou empregados citadinos. Em termos gerais, dos 18 aos 25 anos e depois dos 70 anos, as pessoas das áreas rurais chinesas tiram suas vidas com mais frequência do que em qualquer outra zona do mundo, mesmo na Hungria ou na Rússia (Barbagli, 2019).

As causas desses suicídios são plurais e estão ligadas diretamente ao aparato cultural das sociedades, sendo, “patrimônios de esquemas cognitivos e sistemas de classificação, de crenças e normas, de significados e símbolos que dispõem os homens e mulheres” (Barbagli,

2019). Como todos esses aspectos variam de uma sociedade para a outra e ao longo de diferentes períodos históricos e direcionam as atitudes para a morte voluntária, o autor afirma que podem ser quatro os fatores para o suicídio, sendo o primeiro, a intenção de tirar a própria vida; segundo, a forma e o modo como se executa essa ação; terceiro, o significado atribuído ao ato, tanto pelo indivíduo quanto pelo grupo e, por fim, os rituais que são realizados antes, durante e depois do acontecimento.

Todavia, observou-se que na fala do autor os significados e as formas de se fazer e reagir ao suicídio estão ligados diretamente à cultura, haja vista, que em algumas culturas isso pode ser visto como algo sobrenatural ou natural, desgraças, afortunado, morte natural, são feitos rituais, corpos tratados com brutalidade ou celebração, fatores políticos.

Nesse sentido, os atos suicidas estudados a partir de uma abordagem culturalista demonstram que essa temática é mais complexa e multifacetada, independentemente do local. Várias formas de suicídio emergem e são tratados de modos diferentes e de acordo com a cultura. Porém, o estudo sobre suicídio apontado por Durkheim, tem-se sua validade científica a partir da compreensão de tal fenômeno por meio da pesquisa “O Suicídio: estudo de Sociologia” (2000), publicada em 1897. O sociólogo rompe com a concepção vulgar sobre o fenômeno, tendo o êxito de demonstrar que é um fato social e, como tal, complexo e cheio de nuances, presente em todas as sociedades, que se subdivide. Sua abordagem metodológica buscou construir para uma interpretação rigorosa e científica sobre o tema, formulando uma definição racional e uma classificação tipológica do suicídio baseadas na disposição social, ou seja, na tendência dos grupos sociais para o suicídio, isolada de suas manifestações individuais, assim sendo, as formas de suicídio têm relação direta de como as sociedades se organizam, seja pela presença das instituições sociais, como no suicídio altruísta, em que o grupo estimula e premia ao suicídio, até pelas ausências das instituições e seus controles sobre os indivíduos como as formas de suicídio egoísta e anômico, em que iremos detalhar, a seguir, cada um dos tipos de suicídios. Compreender tais ações não é tarefa fácil para nenhum pesquisador, por mais que tenhamos uma gama de informações dessa temática ainda tentam escamoteá-la para debaixo do tapete. Por mais que a OMS (2006), nos oriente sobre como tratar ou falar desse assunto de forma mais adequada, observamos que as políticas públicas brasileiras ou as mídias impressas ou digitais abordam esta temática de maneira negativa. Trazendo um mal-estar ou preconceitos com aqueles que tentaram o suicídio ou às famílias enlutadas pela perda do seu ente acometido do mesmo e, muitas vezes, atuando como um gatilho aos suicídios.

Nesse ponto, trago novamente o quadro analítico atualizado no Brasil da evolução deste fenômeno que se alastra ano após ano em diferentes regiões do país e cujas políticas públicas não encararam o problema, tornando-o quase que incontrolável.

Quadro 2 - Evolução das taxas de mortalidade por suicídio, segundo região. Brasil (2010 a 2019)

| Zona/ano | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 | 2019 |
|---------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|--------------|
| Brasil | 5,24 | 5,37 | 5,53 | 5,54 | 5,56 | 5,72 | 5,77 | 6,24 | 6,28 | 6,65 |
| Centro-Oeste | 6,18 | 6,02 | 6,79 | 6,83 | 6,64 | 6,49 | 6,67 | 7,43 | 7,76 | 8,30 |
| Nordeste | 4,39 | 4,68 | 4,70 | 4,95 | 4,68 | 4,90 | 5,17 | 5,60 | 5,55 | 5,67 |
| Norte | 4,45 | 4,79 | 4,74 | 5,02 | 4,60 | 5,64 | 5,26 | 5,57 | 5,98 | 6,28 |
| Sudeste | 4,73 | 4,88 | 4,92 | 4,80 | 5,12 | 5,11 | 4,96 | 5,37 | 5,36 | 5,70 |
| Sul | 7,99 | 7,81 | 8,42 | 8,30 | 8,09 | 8,47 | 8,71 | 9,53 | 9,50 | 10,41 |

Fonte: Boletim epidemiológico de suicídio publicado em setembro de 2021. Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS).

No Quadro 2, todas as regiões brasileiras sofreram com o aumento dos casos de mortes por suicídio, fazendo com que a média de mortes por suicídio, no período de 2010 a 2019, aumentasse 26,90%, passando de 5,24, em 2010, para 6,65 suicídios por 100 mil habitantes, em 2019.

O Quadro, a seguir, demonstra que existe uma grande diferença em relação aos números de suicídios segundo o sexo, feminino e masculino, que crescem durante todo o período de 2010 a 2019, mas com proporções diferentes.

Observou-se que o aumento nos números de mortalidade por suicídio no sexo feminino foi de 22,46%, passando de 2,21 mortes por suicídio, em 2010, para 2,85 em 2019. Já o aumento nos mesmos números referentes ao sexo masculino também foi elevado, passando de 8,49 suicídios para 10,72 mortes, por 100 mil habitantes, aumento de 20,81%.

A porcentagem do aumento na taxa de mortalidade por suicídio no sexo feminino pode ter sido maior, mas se comparados os números entre os dois sexos, observou-se que a taxa de mortalidade por suicídio do sexo masculino é mais elevada que a do sexo feminino. Em 2010, a diferença entre as mortes por suicídio entre os sexos era de 73,97%, sendo que nesse ano morreram 2,21 pessoas do sexo feminino e 8,49 pessoas sexo masculino; enquanto em 2019 a porcentagem de mortes entre os sexos foi de 73,41%.

Quadro 3 - Evolução das taxas de mortalidade por suicídio, ajustadas por idade, segundo o sexo no período de 2010 a 2019 (por 100 mil habitantes)

| Sexo/ano | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 | 2019 |
|-----------|------|------|------|------|------|------|------|-------|-------|-------|
| Feminino | 2,21 | 2,23 | 2,26 | 2,27 | 2,34 | 2,35 | 2,39 | 2,61 | 2,64 | 2,85 |
| Masculino | 8,49 | 8,78 | 8,98 | 9,09 | 9,11 | 9,34 | 9,47 | 10,15 | 10,20 | 10,72 |

Fonte: Boletim epidemiológico de suicídio publicado em setembro de 2021. Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS).

O Quadro 4, a seguir, demonstrou que há um crescimento na taxa de mortalidade em todas as faixas etárias, contando com um número maior de mortes por suicídio a faixa etária dos 40 a 59 anos.

A faixa etária, foco de estudos desta pesquisa, de 15 a 19 anos, teve em 2010 o total de 3,52 suicídios, enquanto em 2019 o número elevou para 6,36 mortes por suicídios num total de 100 mil habitantes. Essa elevação ficou com a porcentagem de 42,65%.

No que se refere à questão regional, as regiões Sul e Centro-Oeste do Brasil são as que tiveram os números mais elevados, sendo a primeira e a segunda com mais mortes por suicídio, respectivamente. A região Nordeste, que sedia as cidades dos estudantes desta pesquisa, também passa por um crescimento exponencial de 22,57% no número de mortes por suicídio, passando de 4,39, em 2010, para 5,57 em 2019, por 100 mil habitantes.

Observou-se, no Quadro 4, que os dois estados com maior evolução na taxa de suicídio, no Brasil, são da região Sul, em primeiro Rio Grande do Sul e, em segundo, Santa Catarina. O terceiro lugar é ocupado por um estado do Nordeste, o Piauí.

Nesse sentido, ao nos depararmos com a faixa etária, observamos um crescimento entre os jovens no período escolar e que nesta pesquisa também apontam esse fator crítico, e não podemos como educador e pesquisador fecharmos os olhos para este fato que acometem nossos jovens.

Quadro 4 - Evolução das taxas de mortalidade por suicídio, conforme a faixa etária no Brasil (2010 a 2019)

| Faixa Etária/Ano | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 | 2019 |
|-------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| 5 a 14 | 0,31 | 0,33 | 0,37 | 0,39 | 0,47 | 0,45 | 0,49 | 0,62 | 0,57 | 0,67 |
| 15 a 19 | 3,52 | 3,64 | 3,90 | 3,83 | 3,86 | 4,17 | 4,40 | 5,20 | 5,39 | 6,36 |
| 20 a 39 | 6,49 | 6,73 | 6,77 | 6,75 | 6,86 | 6,81 | 6,78 | 7,34 | 7,52 | 8,19 |
| 40 a 59 | 7,04 | 7,09 | 7,34 | 7,60 | 7,44 | 7,76 | 7,90 | 8,32 | 8,25 | 8,43 |
| 60 e mais | 6,84 | 6,96 | 7,46 | 7,27 | 6,96 | 7,78 | 7,68 | 8,19 | 8,14 | 7,88 |

Fonte: Boletim epidemiológico de suicídio publicado em setembro de 2021. Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS).

Conforme o Quadro 5, os três primeiros Estados do Nordeste com maior índice de número de mortes por suicídio. O Piauí ocupa o terceiro lugar geral, com o aumento de 10,6, seguido do Ceará, ocupando a décima quarta posição, com o aumento de 7,2 e, depois, a Paraíba, com o aumento de 6,5 no número de mortes por suicídios por 100 mil habitantes.

Quadro 5 - Evolução das taxas de mortalidade por suicídio nos Estados no Brasil (2010 a 2019)

| Estado | Taxa de mortalidade por 100 mil/hab |
|----------------------------|--|
| Rio Grande do Sul | 11,8 |
| Santa Catarina | 11,0 |
| Piauí | 10,6 |
| Mato Grosso do Sul | 10,3 |
| Acre | 9,2 |
| Tocantins | 9,2 |
| Roraima | 8,7 |
| Goiás | 8,5 |
| Paraná | 8,5 |
| Rondônia | 8,5 |
| Mina Gerais | 8,2 |
| Amapá | 7,8 |
| Mato Grosso | 7,5 |
| Ceará | 7,2 |
| Distrito Federal | 6,9 |
| Amazonas | 6,7 |
| Paraíba | 6,5 |
| Espírito Santo | 6,5 |
| Rio Grande do Norte | 6,0 |
| São Paulo | 5,4 |
| Sergipe | 5,3 |
| Maranhão | 5,2 |
| Pernambuco | 4,9 |
| Bahia | 4,5 |
| Pará | 4,4 |
| Alagoas | 4,2 |
| Rio de Janeiro | 3,4 |

Fonte: Boletim epidemiológico de suicídio publicado em setembro de 2021, Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS).

O quadro a seguir demonstra os dados de 8 municípios piauienses com maior número de suicídios durante o período de 2018 a 2020.

Quadro 6 - Municípios no Piauí com maiores taxas de suicídio nos anos de 2018 a 2020

| CIDADES | Número de suicídios |
|---------------------------|----------------------------|
| Canto do Buriti | 45 |
| São Pedro do Piauí | 47 |
| Campo Maior | 114 |
| Oeiras | 128 |
| Floriano | 176 |
| Parnaíba | 454 |
| Picos | 460 |
| Teresina | 1.858 |
| TOTAL | 328 |

Fonte: SESAPI / Coordenação de Epidemiologia/ SINAN NET.

Os campi do IFPI, que são contextos de estudos da presente dissertação, estão localizados entre as quatro primeiras cidades com maior número de mortes por suicídios. Teresina, a capital do Estado, está em primeiro lugar com o número total de mortes (1.858) dentro do período mencionado de, enquanto em segundo lugar está a cidade de Picos com 460 suicídios, seguida de Parnaíba com o total de 454 mortes e, em quarto lugar, Floriano, com o número de 176 entre 2018 e 2020.

Na região Nordeste, observamos que o Piauí se destaca negativamente quanto ao número de suicídio. Nesse sentido, a nossa investigação está centrada na região nordeste no Estado do Piauí, tendo como sujeito de pesquisa os alunos do Instituto Federal do Piauí. Como

observado anteriormente pela Organização Mundial de Saúde¹⁷, no mundo, a cada 30 segundos uma pessoa comete suicídio e para cada uma que se mata outras 20 tentam o evento. Entre os jovens de 15 a 29 anos, o suicídio figura como a segunda maior causa de mortes em escala mundial, a primeira é a violência. Segundo Araújo (2020), no Piauí foram registradas 651 mortes por suicídio, entre os anos 2018 e 2019, dados registrados no SIM. De acordo com o boletim epidemiológico divulgado pela SESAPI (2020), os grupos mais vulneráveis e com maiores índices de notificação desse fenômeno são os adolescentes, jovens e adultos na faixa etária dos 15 aos 49 anos. É importante salientar que o suicídio ocorre com maior frequência em países de baixa e média renda, o que gera preocupações adicionais, sobretudo quando se considera a relação desse fenômeno com os alunos do IFPI, uma vez que esse público está diretamente associado a esses perfis socioeconômicos.

1.1. Os clássicos falam para o amanhã

O objetivo do presente tópico é analisar a modernidade e suas conexões com o suicídio, em que abordaremos aspectos relevantes dos pensamentos dos clássicos da sociologia: Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber. Posto que, a Sociologia nasce como uma ciência que tenta explicar as contradições do mundo moderno, ainda em seu nascimento.

Os cientistas sociais clássicos apresentam métodos diferentes e deste modo, as suas respectivas visões sobre modernidade tornam-se díspares em muitos aspectos. Durkheim utiliza concepções racionalistas e positivistas para abordar o seu objeto de estudo. Ele pertence à tradição racionalista cartesiana. Marx construiu o método do materialismo histórico dialético, herdeiro do idealismo de Hegel, do empirismo científico, da economia política e das concepções políticas do socialismo francês. Max Weber, por sua vez, utilizou o método compreensivo para analisar o sentido da ação social. A matriz de seu pensamento é calcada no idealismo alemão. Iniciemos com as concepções epistemológicas de Émile Durkheim.

O sociólogo define o objeto da sociologia e o método para seu estudo. Afirma que os fatos sociais devem ser tratados como coisa para que eles sejam passíveis de experimentação científica. Tal atitude permite conhecer os caracteres exteriores e aprofundá-los. O cientista define, precisamente, o objeto da Sociologia. Argumenta que todos os sociólogos, até então, utilizaram a categoria social para designar mais ou menos todos os fenômenos que se dão no interior da sociedade; porém, ao agir dessa maneira, esses sociólogos confundiram fatos biológicos, psicológicos e sociais. Durkheim, através de sua pesquisa, descobrirá fatos

¹⁷Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/boletins-epidemiologicos/edicoes/2021/boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf.

propriamente sociológicos. Para o intelectual, existem atos executados que constituem espécies de deveres e obrigações aprendidos por educação, transmitidos a partir do exterior e são maneiras de sentir, pensar e agir exteriores às consciências individuais (Durkheim, 2002).

Podemos perceber que o suicídio, o crime, a solidariedade social, o direito, a religião, a ciência e a educação são fatos sociais. Para Durkheim, o método que estabelece relação de causa e efeito na Sociologia é o comparativo. Esse método é indireto porque não teríamos como isolar, à maneira dos físicos, os objetos. Nele, pode-se ligar os fatos às suas causas. O método comparativo é objetivo, pois, os fatos sociais escapam à ação do operador. Durkheim acreditava no postulado epistemológico de que existe uma causa para um efeito. O método comparativo adequado é o das variações concomitantes. Ele é o único com a vantagem de demonstrar uma relação causal dos fatos sociais. As variações concomitantes só precisam de alguns fatos para estabelecer a explicação dos fenômenos sociais (Durkheim, 2002).

Émile Durkheim acredita que um dos sintomas mais proeminentes da desagregação e anomia da sociedade é o suicídio. Para o autor, chama-se suicídio “todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato positivo, ou negativo praticado pela própria vítima, ato que a própria vítima sabia dever produzir este resultado” (Durkheim, 2008, p.15). Ele especifica três tipos de suicídio: o primeiro é o egoísta; o segundo altruísta e o terceiro anômico. No primeiro, há um afastamento do indivíduo dos pré-requisitos básicos da sociedade; no segundo, o suicídio é visto como um dever para os indivíduos e ocorre com frequência em solidariedades mecânicas, ou seja, sociedades tradicionais. No terceiro, a sociedade está num estado de anomia e, por isso, a taxa de suicídio está desequilibrada. Essa forma de suicídio é um fenômeno da modernidade. Durkheim demonstra, em sua obra, que o suicídio é um fenômeno social. A taxa do suicídio é constante e sua frequência, tão regular, é a demonstração de sua objetividade e prova que não é um ato individual. Em caso contrário, a taxa seria aleatória (Durkheim, 2008).

Desse modo, no método das comparações concomitantes, Durkheim dissocia o suicídio de causas orgânicas, raciais, hereditárias, cósmicas, psicológicas. O objeto de estudo é a taxa social de suicídio. Assim, Durkheim compara a taxa de suicídio com as taxas nupciais, de alcoolismo, de doenças mentais etc. O método das variações concomitantes permitiu concluir que o suicídio é social e sua constância é a prova da existência de um ser psicológico da coletividade. O autor acreditava que a taxa social de suicídio aumentou, na Europa, à época, porque a sociedade estava em anomia. O remédio para essa falta de regulamentação social era o ressurgimento das corporações de ofício (Durkheim, 2008).

Portanto, ao conceituar o suicídio, Durkheim (2004) dimensiona o ato fora do reino animal e o posiciona nas ações humanas. Nesse modo, o fenômeno deve ser estudado pelas Ciências Humanas, em geral, cabendo um papel destacado para as Ciências Sociais. Ele sempre chama à atenção para definição rigorosa dos fenômenos sociais e na necessidade de rompimento com as concepções de senso comum.

Durkheim propõe uma observação empírica do fenômeno e rompe com o modo simplista de pensar do senso comum, trazendo para o campo científico, conceituando e categorizando em parte o que entendia pelos diversos motivos da ocorrência do suicídio, ou seja, fazer uma ruptura epistemológica do senso comum para uma abordagem científica do fenômeno. Com suas categorizações dos tipos de suicídios, abriram-se espaços para análises mais profundas de interpretações do que ocorre nas sociedades complexas. Segundo Durkheim (2004) a estrutura e a coesão são pontos-chave, pois através delas se tem uma relação direta com as taxas de suicídios, definindo-a como fato social.

Durkheim, por meio de suas análises, concluiu que as sociedades modernas fornecem seus contingentes descartáveis à morte, ou seja, mediante uma análise de todo o processo social, dos fatores sociais que agem não sobre os indivíduos isolados, mas sobre o conjunto da sociedade, fazendo com que cada sociedade possua em cada momento de sua história, uma atitude definida a entrega do seu contingente ao suicídio.

Karl Marx era considerado da esquerda Hegeliana, intelectuais que reinterpretem o sistema filosófico de Hegel. Aprende com o filósofo o método dialético cuja característica principal é analisar o processo histórico em meio a conflitos e sínteses. Entretanto, Marx estava insatisfeito com o idealismo empregado por Hegel e seus discípulos na análise do processo histórico. O cientista social havia absorvido o materialismo do neo-hegeliano Feuerbach. Porém, esse autor era considerado um materialista vulgar, pois percebia as relações humanas apenas como epifenômeno da matéria. Assim, o cientista social recorrerá a Adam Smith e David Ricardo para analisar a materialidade dos fenômenos sociais. Dos clássicos da economia política, absorverá o método empírico científico. Contudo, esses autores não eram dialéticos e tendiam a naturalizar as relações econômicas. Marx será influenciado pelos socialistas franceses, herdeiros das concepções da grande revolução Burguesa, porém, ainda muito utópicos em suas análises sociais. Marx e Engels foram grandes sintetizadores desse cabedal teórico (Hobsbawn, 2011). Nesse sentido, Karl Marx fundou o materialismo histórico dialético.

Podemos afirmar que o método marxista tem por objeto os modos de produção e não apenas o capitalismo. Estudar sua estrutura, maneira de funcionamento e forma de transição. A estrutura dos modos de produção compreende a infraestrutura econômica e uma superestrutura

jurídico-política-ideológica. A infraestrutura contém o conjunto das forças produtivas (força de trabalho, recursos naturais etc.), meios de produção (força de trabalho e tecnologia empregada para explorar as forças da natureza) e relações de produção (a diferença detentores dos meios de produção e produtores diretos, não detentores dos meios de produção). A superestrutura jurídico-política compreende o aparelho de Estado e suas funções repressoras, além de se ter uma função ideológica. A ideologia consiste em ideias que mascaram, legitimam, naturalizam as relações de dominação de determinado modo de produção como únicas, justas, necessárias e dadas, em si, por si, independentes das ações dos homens. A noção de ideologia permite uma análise da produção social e histórica do conhecimento (Althusser e Badiou, 1986).

A mudança de um modo de produção para outro se daria pela contradição fundamental entre os meios de produção e as relações de produção. O desenvolvimento da tecnologia empregada para explorar com maior eficiência a natureza acabaria por modificar todas as relações sociais e inclusive as relações entre dominantes e dominados. No momento da mutação, o modo de produção entra em estado de crise até que se transforme para outro modo de produção. Esse processo é denominado revolução. Há uma modificação completa de todas as instituições antigas por novas totalmente incompatíveis. Os modos de produção foram classificados em: comunismo primitivo, modo de produção asiático, modo de produção escravista, modo de produção feudal, modo de produção capitalista, modo de produção socialista e modo de produção comunista (Althusser e Badiou, 1986).

Sabe-se que Karl Marx e Friedrich Engels (1986), grandes intelectuais sintetizadores do cabedal teórico metodológico de sua época, analisaram de maneira sóbria o mundo moderno. Marx e Engels percebem a especificidade do mundo produzido pela burguesia. Nesse sentido, a burguesia é vista pelos autores como uma feiticeira que põe em marcha um feitiço que não consegue controlar. Ela é “mágica” porque construiu um mundo jamais visto, globalizado e dinâmico, capaz de revolucionar constantemente os meios de produção, hábil em destruir e reconstruir as relações sociais em um curto período. Porém, ela própria, detentora dos meios de produção, não tem controle sobre os efeitos do constante revolucionar desses meios. Assim, os autores apostam na destruição do modo de produção burguês, iniciada pela própria burguesia e radicalizada pelo seu rebento explorado, o proletariado. Entende-se que o proletariado é o produto antagônico e contraditório da burguesia.

Os pensadores denunciam as mazelas causadas pelo mundo burguês e seu modo de exploração como a dominação mais radical produzida pelo homem contra o próprio homem. Os autores denunciaram todos os efeitos nefastos da exploração do trabalho do proletário. Os salários miseráveis que reproduzem as condições de vida dos operários, como tais: a

desumanização do operário transformado em mercadoria, exploração do trabalho feminino e da criança, a prostituição das filhas dos operários pelos burgueses para complementar a renda familiar, a instituição casamento como fortalecimento do poder burguês, os aparelhos estatais criados para manter os privilégios da burguesia, em suma, demonstram um mundo desumano criado pela burguesia.

Além disso, a análise sobre suicídio não escapou as percepções de Karl Marx (2006). Ao fazer uma análise de um capítulo das memórias de Jacques Peuchet, *Du suicide et ses causes*, diretor dos arquivos da polícia de Paris durante o período da Restauração, o pensador parte da premissa de que a sociedade está doente no conjunto da vida privada, familiar e sua estrutura macro. Causando um grande mal-estar nos indivíduos que buscam dentro dessa estrutura não só as posses e a riqueza das coisas materiais, mas também a posse de corpos e sentimentos, principalmente das mulheres que neste período tem seus desejos reprimidos violentamente por uma sociedade patriarcal severa e conservadora. Portanto, a análise de Karl Marx sobre o suicídio é produto dialético da contradição entre uma sociedade tradicional e o mundo moderno burguês emergente e que segundo ele, através do capitalismo de exploração desumaniza os indivíduos e que suas mazelas sociais podem se refletir para este fenômeno.

Considera-se que Max Weber é fundador de uma escola sociológica na Alemanha. Para o autor, a Sociologia é a ciência que pretende compreender interpretativamente a ação social e explicá-la casualmente em seu curso e seus efeitos. A ação humana é o comportamento onde os agentes relacionam com o sentido subjetivo. A ação social significa uma ação orientada para outrem quanto ao seu sentido subjetivamente visado. O sentido é aquilo que fornece a compreensão da ação, podemos afirmar que é seu significado. A sociologia tenta analisar o comportamento humano não em termos de certo ou errado, verdadeiro ou falso, normal ou patológico, mas conforme a média de comportamentos legítimos numa sociedade dada. A ação social se diferencia de um comportamento reativo que, por sua vez, define-se como ação sem um sentido subjetivamente visado e, portanto, não passível de compreensão (Weber, 2004).

A análise sociológica das ações sociais de Max Weber resultou na interpretação da modernidade e do capitalismo moderno. O burguês moderno adquiriu sua prática capitalista no processo de racionalização do mundo levado a cabo pela ética protestante. Max Weber (2002) descobriu que o capitalismo precisava da ética calvinista do trabalho para expandir-se no mundo. Talvez Marx e Engels concentraram-se nas condições econômicas de produção e assim deixaram de perceber que o capitalismo moderno tem uma ética intrínseca que orienta sua prática. Em grande medida, o sucesso do capitalismo se deveu porque era uma prática altamente racionalizada de valorização do trabalho como uma vocação (Weber, 2002).

Não se tem conhecimento sobre um estudo de Max Weber sobre o suicídio, porém seu método compreensivo é importante ferramenta para interpretar os sentidos das ideações suicidógenas dos indivíduos. Os pensamentos suicidógenas possuem uma significação e como fenômenos sociais são passíveis de interpretações sociológicas. Em síntese, traz a compreensão interpretativa ética como fatores influentes na ação social que podem ser aplicados para compreender o suicídio de forma contextualizada. Pretendemos utilizar o método compreensivo para entender as ideações suicidógenas dos sujeitos da pesquisa.

Portanto, dois dos clássicos da sociologia trataram do fenômeno do suicídio relacionado a causas sociais. Apesar desse fenômeno ser uma prática cujo autor realiza contra si, não podemos concluir que as causas são individuais. Mas como apontaram os criadores da sociologia, o suicídio tem uma dimensão social.

1.2 A sociedade depressiva e as angústias da Modernidade

Bauman (2005) está entre os autores que negam o fim da modernidade e progressiva instalação da pós-modernidade. Inspirado no livro Manifestos Comunista de Karl Marx e Friedrich Engels, para Bauman, a modernidade é conceituada como a tendência de autorrenovação destrutiva que a sociedade ocidental inaugurou há alguns séculos. Dentro dessa perspectiva, a noção de modernidade é mutável. Mesmo quando Bauman ainda falava em pós-modernidade, o autor a define de modo preciso e não muito conflitante de suas concepções atuais.

Baseando-se em Freud, Bauman conceituou Modernidade e Pós-modernidade em termos de seus dilemas. Entre segurança e liberdade, os homens e mulheres desses períodos optaram por um dos polos. Na modernidade, o mal-estar se dava em escolher a segurança às custas do sacrifício da liberdade. Nos tempos pós-modernos, escolhe-se a liberdade em detrimento da segurança. Bauman indica que as formas de sofrimento se diferenciam de acordo com esses momentos. O autor analisa que

Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura de prazer que tolera a segurança individual pequena demais (Bauman, 1998, p. 10).

Bauman é o sociólogo que analisou as sociabilidades “pós-modernas”, porém reformulou suas concepções e se referiu a dois momentos da modernidade: sólida e líquida. A modernidade inaugurada no século XXI é diferente da modernidade do século XX. Essa última era mais “pesada”, “sólida” “condensada” e “sistêmica”, tratava-se de uma modernidade

impregnada de totalitarismo, inimiga da contingência, da variedade, da ambiguidade, da instabilidade e esperava-se que a esfera pública invadisse a vida individual. Essa fase moderna foi analisada pelos clássicos da sociologia ainda na sua gestação. No século XXI, surgiu uma modernidade mais leve, líquida, fluida, difusa, capilar e em forma de rede, em que o privado coloniza constantemente a esfera pública, esvaziando-a de sentido.

A autoconsciência metafórica da sociedade moderna pesada concebia-se como uma fábrica fordista, sendo obcecada por volume, tamanho e fronteiras. A fábrica fordista, com a separação entre projeto e execução, iniciativa e atendimento a comandos, liberdade e obediência, invenção e determinação, foi a maior realização da modernidade pesada. A modernidade sólida fora bem caracterizada por Max Weber, concebida como um cárcere de ferro. Foucault, também, quando caracteriza o poder disciplinar, não deixa de analisar a modernidade sólida. Freud (2010), também percebeu que a modernidade era um progressivo ganho de ordem, segurança em troca da liberdade e do prazer.

Entende-se que o fordismo era o quadro metafórico para a compreensão da relação indivíduo e sociedade. A crítica literária de George Orwell na obra *1984* e de Aldous Huxley no livro *Admirável Mundo Novo* e suas previsões para um futuro totalitário era voltada para essa modernidade montada como uma fábrica fordista. A modernidade pesada era dirigida por administradores concebidos como autoridades.

A metáfora do capitalismo leve pode ser concebida como um avião em que a cabine do piloto está vazia, que não há meios para extrair da “caixa preta” chamada piloto automático e que não há qualquer informação sobre para onde vai o avião, onde aterrissará, quem escolherá o aeroporto e sobre se existem regras que permitam que os passageiros contribuam para a segurança da chegada. Bauman (2007) vai dizer que a segurança aqui é sacrificada no altar da liberdade. O novo mal-estar é produzido pelo progressivo ganho de liberdade. Um novo mal-estar na modernidade líquida.

Enquanto a modernidade leve demonstrou que a incerteza está em pauta. A questão é decidir em face de todos os riscos da livre escolha. Os homens da modernidade leve se angustiam porque não sabem o que escolher dentre infinitas opções. Nela, a autoridade dos especialistas dita as regras mediante dispositivos mais sofisticados, pois se tornaram amigáveis e agradáveis. O comportamento exemplar é importante para manter a autoridade.

Ademais, na modernidade leve, todas as angústias públicas prontas para serem decididas no coletivo são passadas para responsabilidade privada e individual. O homem contemporâneo sente-se frustrado porque tomou para si muitas responsabilidades que antes eram da esfera pública. O indivíduo contemporâneo, não mais cidadão, foi jogado à própria sorte e relegado a

ser um produto de suas escolhas. O homem contemporâneo está livre para escolher até mesmo suas identidades. Estas como crostas ou capas escondem um manancial de fluidez, fragilidade, fissuras e vazios no próprio indivíduo. Uma sociedade onde consumir é o valor máximo e último dos indivíduos fluidos e relegados à própria sorte.

A psicanálise será ferramenta importante para analisar os sofrimentos contemporâneos. Freud, inventor da psicanálise, esteve atento aos sofrimentos modernos. No período entre as duas guerras mundiais produziu uma poderosa reflexão sobre os impasses dos seres humanos na civilização (leia-se modernidade). Em *O Mal-Estar na Civilização*, o psicanalista, produziu um diagnóstico da modernidade. A civilização seria uma ordem pesada, opressora e, ao mesmo tempo, necessária para regular as sociabilidades em troca da repressão dos desejos e consequentemente dos prazeres. O neurótico, um produto da modernidade, tem suas queixas em torno de um mal-estar em que os desejos são negados pela lei. O sintoma seria uma verdadeira formação de compromisso entre o desejo e a lei na busca de negar o prazer.

Na segunda metade do século XX, a psicanálise lacaniana descobriu formas de sofrimentos mais difusos e de difícil compreensão. O intelectual francês afirma que os novos sintomas eram originados de um novo laço social. A lei não mais negaria o desejo através de uma repressão negativa, mas por meio de um imperativo categórico positivo: Goze. A lei, doravante, dirá sim e, por esse mesmo motivo, negará o desejo por meio do acesso ao gozo e prazeres supremos. Lembremos que um prazer além da medida, tem um caráter insuportável. As novas formas de sintomas têm uma dimensão excessiva de busca de prazer. Eles refletem novas formas de sociabilidades próprias da modernidade líquida. Para a psicanálise, todas as formas de sentimentos e sofrimentos são produzidas social e culturalmente. Desse modo, é possível construir uma história dos afetos. A tristeza e suas formas possuem uma história.

A História da tristeza ao longo dos séculos foi ganhando contornos e nomes e várias expressões diferentes para algo maior que poderia evoluir para a morte do indivíduo. Dentre os termos estão: doença da alma, da insídia, da melancolia e depressão (este último como termo mais novo vindo agora na metade do século XIX), nomes dados ao longo do tempo, que possuindo várias expressões não se pode dizer ser única ou várias. Um dos grandes problemas clássicos é: as doenças mentais são verdadeiramente doenças? (Dunker, 2021).

Dunker (2021) explica que as doenças biológicas possuem seus percursos mais ou menos regulares e um desfecho. Diferentemente das doenças mentais que são extremamente irregulares e seus sintomas vêm e voltam sem que se saiba a causa. Como saber efetivamente se essa doença mental é verdadeiramente uma doença? Não se pode medir os níveis de serotonina, não há como verificar os níveis de humor ou tristezas. No entanto, ela foi trazida ao

centro do debate moderno na metade do século XIX. Segundo Dunker (2005), algo mudou no processo de individualização, e os sinais que definem a depressão começaram a saltar os olhos, tornando fonte de reconhecimento e identificação para um número cada vez maior de pessoas. Percebemos que como o processo de industrialização recente trouxe suas consequências de os indivíduos serem submetidos as mais brutais explorações dos seus corpos e mentes, tornando-os um apêndice desse mecanismo chamado capital e tempo. Não os ter te deixa doente literalmente.

Ademais, sabe-se que Kehl (2016), sustenta que o mundo demonizou a depressão, o que fez agravar o sofrimento dos depressivos com sentimentos de dívidas e culpa em relação aos ideais em circulação. A depressão é um sintoma social na primeira década do século XXI, pois, destrói lenta e silenciosamente a teia de significados e crenças que sustentam e ordenam a vida social. Os mesmos ideais de felicidade que se busca nas propagandas de famílias e pessoas satisfeitas com seus sucessos aparentes. Os ideais de competitividades, conquistas dos bens materiais e desprezo aos fracassados, mesmo que traga ou produza cada vez mais doentes. Não importa a lógica capitalista, se alguns milhares ficarem para trás, o que importa sempre é ganhar e desfrutar do prazer.

Ao analisar o dramático aumento da ansiedade e depressão como sintoma de agitação social no século XXI, tem-se o sofrimento da depressão como um alarme social, nos diz que o simples fato de expressões de tristeza serem muitas vezes entendidas e tratadas como depressão maior confirma que as manifestações de dor ao viver parecem inaceitáveis em uma sociedade que aposta na euforia e no prazer como valor agregado de preço a todos os pequenos bens oferecidos no mercado.

A falta de empatia pela depressão em nossa cultura geralmente tem consequências terríveis para os adolescentes. Porque não suportam a enorme perda de sua autoestima com a sensação de serem incompreendidos e isolados pelo estigma da depressão, afetando familiares, amigos, tornando-os alvo de intimidações, ridicularizações e preconceitos.

Além disso, o tempo também nos foi tomado com seus marcadores precisos como os relógios, antes em mosteiros, depois em órgãos públicos e por último nas indústrias. E, com isso, hoje, não podemos adoecer, ficar tristes e, se isso vier acontecer, tomamos remédios que curem as dores e a "alma". Dito isso, não há tempo para tristezas ou luto, o estresse (cada vez mais comum na sociedade urbana industrial, tem a característica de aceleração dos fluxos), nos faz perder a racionalidade complexa em que a ciência europeizada racionalizante usam bloqueadores para inibir qualquer sentimento, perdemos esse direito de ficarmos tristes diante

da liquidez da modernidade, deixamos de aprender com a tristeza e a dor para dar os passos seguintes que a sociedade nos obriga diante da sua racionalização dos sentimentos.

Segundo Dunker (2005), o caso da operação conjunta entre indústria farmacêutica e o marketing de saúde mental enfatizam que os depressivos curam a depressão e começamos a chamar a depressão tudo aquilo que é curado pelos depressivos.

Assim, como o homem de hoje está vazio, não encontra consolo na vida moderna que prega o máximo de felicidade do agora. No entanto, essa felicidade tem que vir com o que o dinheiro pode oferecer, viagens, festas, fantasias e as felicidades momentâneas que não preenche o vazio da alma. Segundo a autora Roudinesco (2000) o indivíduo, passa da psicanálise para os psicofármacos sem se dar tempo de refletir o que lhe traz a infelicidade, angústia e a depressão. O mal-estar está presente no cotidiano, seu tempo alongado de seu trabalho remoto, com seu apêndice do smartphone lhe traz a sensação de uma coleira virtual, este indivíduo não tem mais tempo para si ou sua família, a infelicidade bateu na porta de sua vida real.

Kehl (2016) entende que o tempo vivido hoje nos foi encurtado pelo neoliberalismo, em que a busca constante da felicidade nos faz perder de vista uma realidade coletivamente consensual para passar a acreditar numa realidade cada vez mais individualista e inviável de ser vivida. Não fazer parte dessa festa de consumo e felicidade é não pertencer a nenhum mundo, é não pertencer à humanidade, é não ter perspectiva alguma no amanhã.

Nesse sentido, Dunker (2005) faz uma metáfora do condomínio que traz segurança e uma divisão características que se utilizam do muro. Este mesmo muro nos diz como simbolismo que a sociedade admite a divisão e aceita a mesma como algo normal e natural. Quem está dentro aceita os regulamentos, tem segurança, tem privilégios, há um ar de fetichismo, os de fora e os de dentro. Uma mensagem clara da diferença social em que os tempos líquidos trazem consequências para nossa sociedade e nossos jovens. Os que podem e os que não podem.

Dentro dessa análise, Dunker (2015) nos dá pistas de que o sofrimento virou parte do capital sendo este o fio condutor para a origem do mal-estar e do vazio, que se engendrou em todas as estruturas da nossa sociedade brasileira. Não há felicidade para todos e esta divisão é feita pelo sistema de consumo e como tal felicidade é medida pelo poder de compra nos trazendo um sentimento de inveja dos indivíduos. Esse sentimento nos traz a alienação da alma, na dissolução do eu nos direcionando a pulsão pela morte. Bauman (2005) já nos alertava para esse processo de transformação da vida em consumo, sem danos para os processos de simbolização de si e do outro, e, portanto, para os cognitivistas.

Portanto, a psicanálise, como uma intérprete da modernidade líquida, mostra-nos a armadilha do imperativo categórico da felicidade, pois numa sociedade que nos promete múltiplas escolhas observamos o efeito colateral da depressão e não muito raro a escolha pelo suicídio dentre as opções de produtos a serem consumidos. O suicídio é o efeito colateral mais proeminente dos tempos líquidos.

Corroborando para um novo debate sobre suicídio na contemporaneidade, Júnior (2014) aponta em seu trabalho de doutoramento sobre suicídio apoptose na cidade verde que “Não levamos em conta que as vítimas do suicídio são sintomas da crise da humanidade, toda que vive o risco de se perder”.

Constatou-se que o pesquisador concluiu no seu trabalho que, as políticas públicas foram mal direcionadas, em especial no Piauí, no período de 1998 a 2008. E houve campanhas educativas e permanentes no combate à dengue em que o número de vítimas foi muito menor em relação ao suicídio no período de 1998 a 2008. Observou-se que o Estado do Piauí não possui uma política clara em relação ao suicídio, negligencia e escusa-se de lidar com a complexidade dos problemas emocionais que o problema traz.

Júnior (2014) apontou que houve um aumento significativo de casos concretos de suicídios de jovens no Piauí, no período de 1998 a 2008, com taxas que variaram de 4,4 em 1998, para 5,1, em 2008, em grupo de 100 mil, um aumento de 153%, sendo Teresina a 2º capital com maior número de mortes na faixa etária de 15 a 24 anos e o Piauí ocupa a 5ª posição neste infeliz ranking. Um dos motivos apontados pelo pesquisador para esse aumento seria um descompasso entre a cidade e seus moradores. Teresina como uma cidade-mundo contém todos os problemas de uma metrópole mundial, porém seus moradores advindos da zona rural do Estado do Piauí ainda são arraigados de tradições incompatíveis com a nova vida cidadina.

Constatamos que as sociedades contemporâneas têm uma marca importante na construção de seus sentidos de existência. Ela identifica e alimenta os significados da vida. Nesse ponto, observamos os nossos jovens desesperados com o momento atual. As crises se instalam em todos os setores, não havendo refúgio em lugar nenhum. Desesperança no futuro, incertezas para o mínimo da sobrevivência familiar. A felicidade no mundo real vem de outras formas para as camadas mais populares, ou no consumo de drogas lícitas, ou ilícitas, ou na fuga para um mundo melhor sem problemas em que no imaginário traz o suicídio como solução.

No entendimento de Carlos Júnior, o problema do suicídio é multidimensional e não pode ser exclusivo da área médica, pois a psiquiatria é uma das ciências que necessita também de aportes teóricos das Ciências Sociais, pois ela traz a complexidade de uma dada sociedade e sua realidade vivida em interpretações sérias e científicas.

Considera-se que a OMS entende que este fenômeno é um problema de saúde pública, e que por meio de políticas públicas direcionadas é possível evitar o suicídio. No entanto, a OMS hierarquiza os saberes, ou seja, os problemas psíquicos são abordados pelo modelo biomédico com tratamentos psicofármacos, trazendo uma visão reducionista em que

Depois do consciente progresso da neurobiologia na decifração da importância dos neurotransmissores serotonina, dopamina, norepinefrina e acetilcolina nos comportamentos humanos, incluído o comportamento suicida, rápido instalou-se a era da medicalização das emoções. Os psicotrópicos já são os mais vendidos do mundo (Júnior, 2014, p. 15).

Revelou-se que os tratamentos destes indivíduos estão numa seara hospitalar e medicamentosa não levam em conta que, através de estudos acadêmicos na área das humanidades que tratam do assunto, este fenômeno não existe por uma única causa, ele é múltiplo complexo vindo da vida dos indivíduos, com fatores econômicos, sociais, não podendo negligenciar todos estes fatores pois são o combustível para o disparo da ação.

Corroborando com esta passagem, pode-se afirmar que

De maneira geral, a psiquiatria até encarou o suicídio como fenômeno individual. Entretanto, as intensas pressões que as condutas coletivas ou fatos sociais exercem sobre nossa vida privada e profissional permitem demonstrar, sem esforço, a insuficiência teórica e terapêutica desse enfoque individual (Kalina e Kovadloff, 1983, p. 26).

O rompimento do cérebro, corpo e meio pela psiquiatria foi decisivo para a hierarquização dos saberes. As questões existenciais foram tratadas como transtornos mentais passíveis de intervenção médica e conseqüente tratamento psicofármacos. A ruptura implantada posteriormente no *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais- DSM-III*, passa a analisar e tratar os indivíduos com transtornos mentais com psicofármacos agora receitados e tratados exclusivamente por médicos.

Revelou-se que mesmo com a descoberta destes remédios ditos milagrosos contra a depressão e sua crescente disponibilidade no mercado não diminuíram os números de suicídios, pelo contrário, houve um aumento exponencial dos casos no mundo, em especial aos jovens. A falta de pesquisas densas com inclusão das Ciências Sociais sobre o tema agrava ainda mais a situação, pois as autoridades de saúde ficam sem um aporte analítico para planejamento de ações claras para um debate com a sociedade civil organizada.

Apesar de tratar do fenômeno em sua complexidade, Júnior (2014), advoga por uma maior inclusão dos resultados das pesquisas das Ciências Humanas sobre o suicídio. O tema, muitas vezes, é monopolizado pelas contribuições das Ciências Biomédicas. Tal monopólio foi responsável por uma visão redutora do suicídio. O autor tem o mérito de contribuir com o debate reintroduzindo as Ciências Humanas novamente.

Júnior (2014) conclui que uma das formas de diminuir estes impasses provocados por essa cisão seria a reconexão das disciplinas das Ciências Sociais criando uma interdisciplinaridade com as Ciências Biológicas para pôr fim ao antagonismo cérebro, corpo e meio e que quem ganharia com este resultado seria a própria Ciência e a humanidade.

No que se refere à discussão das emoções, Cavalcante (2021) reflete acerca da “domesticação das emoções, conhecer sentimentos engendrados em situações que envolvem a morte, o morrer e o sobreviver de pessoas jovens e idosas em Teresina” e essa investigação é relevante para a presente pesquisa porque demonstra que os sentimentos e emoções que envolve a vida dos jovens construída por uma série de variáveis sociais, culturais, políticas e religiosas.

As emoções, segundo Cavalcante (2021 apud Koury, 2009) podem ser tomadas pelas Ciências Sociais como objeto de análise, pois as situações e contextos são formados de interações, e nessas interações uma teia de sentimentos é direcionada entre as partes envolvidas. Nas interações entre as pessoas “os sentimentos aparecem misturados, emaranhados, por vezes de forma ambígua, ambivalente [...] tais sentimentos são expressos na interação que os jovens estabelecem com familiares, vizinhanças e sociedade” (Cavalcante, 2021b).

Os jovens entrevistados pela pesquisadora e que perderam parentes idosos pelo suicídio são de classes sociais distintas, um de classe média e outra de classe baixa, e é relevante pontuar que os sentimentos relativos à morte, seja a dor, a culpa, o medo, a angústia, a raiva e o constrangimento são construídos socialmente e simbolicamente, por isso

A forma de manifestação dos sentimentos pela morte auto infligida dos idosos: Mãe Nenê e Pai-Avô são inteligíveis à medida que quando expressas fazem sentido para as outras pessoas, familiares, vizinhança, comunidade, enfim, para a própria pesquisadora, isto é, são sentimentos vivenciados e expressos mediante formas instituídas coletivamente (Cavalcante, 2021b, p. 111).

Ainda segundo a pesquisadora, “a visão que o Ocidente tem sobre a morte e o morrer é carregada de medo, e a perda de um ente querido é vivenciada com dor, sofrimento e solidão, de forma privatizada” (Cavalcante, 2021b).

Como fica claro, o morrer é o gatilho para Cavalcante (2021) bem como analisar os sentimentos e emoções de jovens da cidade de Teresina, no entanto, entende-se nesse trabalho que outros gatilhos também podem aflorar os mesmos sentimentos e, por isso, torna-se relevante que em toda pesquisa sobre o suicídio deve-se considerar os sentimentos e emoções como construtores sociais, simbólicos e que podem ser ambíguos e ambivalentes e o que é certo até o momento é “a morte por suicídio, autoinfligida, voluntária, autodestrutiva, acompanha, atravessa a história humana, é universal” (Cavalcante, 2021b).

Nesse sentido, a pesquisa buscou dentro dos arcabouços teóricos da Sociologia e da interdisciplinaridade oferecer luz sobre a temática que traz em si tabu, vergonha dos entes afetados, sentimento de culpa por parte daqueles que fizeram a tentativa e descompromisso das instituições públicas que não atendem e não entendem a condição juvenil. Segundo Araújo (2020) na cidade de Teresina, capital do Piauí, situada no nordeste do Brasil, as políticas públicas não são claras e raramente estão entre as principais ações a serem desenvolvidas pelo poder local. Não muito diferente dessa inação está o Estado do Piauí que prioriza outras campanhas se eximindo das suas responsabilidades da saúde mental dessa população que engloba os jovens da periferia e das escolas públicas.

Como dito anteriormente, esta pesquisa traz como um dos sujeitos principais da investigação os jovens dentro da instituição IFPI e seus descompassos na modernidade líquida, a violência simbólica e a pandemia da Covid-19. A qual, está exposta ao fenômeno do suicídio. Tentamos compreender como a pandemia da Covid-19 influenciou as ideias e tentativas de suicídio dos jovens estudantes dos IFPI? E especificamente, como pode ser compreendida a presença de tais comportamentos dos jovens do Ensino Médio dos campi de Teresina Central e de Picos do IFPI? Qual a relação entre as ideias destes discentes com o ambiente escolar? Como a instituição lida com os discentes que expressam ideias suicidógenas? Desse modo, o objetivo geral da pesquisa é compreender como os jovens estudantes, os professores de sociologia e os psicólogos do IFPI entendem as ideias e tentativas de suicídios dos jovens.

Dito isso, nos debruçaremos no próximo capítulo denominado "As juventudes nunca são levadas a sério", de forma densa com os arcabouços teóricos conceituais das juventudes para que possamos compreender a condição juvenil dos jovens estudantes brasileiros que expressam seus descompassos nos âmbitos escolares possuindo uma condição sólida, angústias com o mundo líquido, tentativas e ideias suicidas potencializados pela pandemia da Covid-19.

1.3. As juventudes nunca são levadas a sério

*Eu vejo na TV o que eles falam sobre o
jovem não é sério
O jovem no Brasil nunca é levado a sério
Eu vejo na TV o que eles falam sobre o
jovem, não é sério, não é sério
Eu vejo na TV o que eles falam sobre o
jovem não é sério
O jovem no Brasil nunca é levado a sério.
(Charlie Brown Jr. e Negra Li)*

Sabe-se que não podemos iniciar um trabalho acadêmico, seja ele qual for, sem fundamentação teórica adequada, afinal de contas, a fundamentação faz parte do jogo quando

pensamos a juventude, faz-se necessário que entendamos como se constituiu esse conceito enquanto categoria destacada da infância e do mundo adulto, mas entendendo-o como uma construção social e histórica, de cunho eminentemente moderno,¹⁸ polifônico e multilocular. Existem enfoques diversos sobre a temática e, nessa multiplicidade, nos coloca uma compreensão muito usual em que

A noção mais usual do termo juventude refere-se a uma faixa de idade, um período da vida, em que se completa o desenvolvimento físico do indivíduo e uma série de mudanças psicológicas e sociais ocorre, quando esta abandona a infância para processar a sua entrada no mundo adulto (Abramo, 1994, p. 1).

O surgimento da sociedade moderna viabilizou a juventude enquanto categoria social e posterior teórica, e que fosse aos poucos surgindo no cenário social, a partir das reorganizações dos espaços familiares e da proteção que as camadas empobrecidas passaram a oferecer a seus filhos, retirando-os da vida produtiva rotineira e preparando-os para o exercício da vida adulta futura. Além da importância que a família passou a ter para a constituição do segmento juvenil, também outros fenômenos passaram a gozar de alta relevância nesse âmbito, como é o caso das demais instituições socializadoras – escolas, igrejas, grupos de lazer, grupos organizacionais etc. O processo de complexidade social ocorrido a partir do aprofundamento da divisão do trabalho, principalmente ocorrido pós-revolução industrial, do aumento da interdependência social, da necessidade da disciplina para o trabalho, entre outros, geraram dificuldades quanto às compatibilidades necessárias ao convívio social, explicitando a necessidade de maior padronização do tempo social e do tempo da vida.

Os indivíduos passaram a participar de um contexto histórico geracional denominado condição juvenil, ou seja, ao modo como a sociedade constrói e atribui o significado ao momento da vida considerado transição entre infância e a fase adulta (Abramo, 2005). A condição juvenil é considerada sob o prisma de várias dimensões, tais quais: a dimensão simbólica, fática, material, histórica e política (Abramo, 2005). Dayrell (2007) se refere a uma cultura juvenil, definida como práticas, representações, símbolos e rituais nos quais os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil, ancorada em um tempo histórico e alguns marcadores, que podem advir de instituições como a escola, o mercado de trabalho, do campo cultural. O que interessa para esta pesquisa também é como essa juventude que frequenta os IF's¹⁹ (que é uma escola que tem o pressuposto de preparar os jovens para o mercado de trabalho), são interpelados e reagem a essa interpelação. As mais variadas manifestações desta

¹⁸ Assim como o indivíduo, a juventude também é uma categoria pensada na modernidade, especificamente nos dois últimos séculos.

¹⁹ Sigla que significa Institutos Federais.

condição são visíveis através dos olhos e do corpo. Música, dança, vídeo e outras formas de expressão mediam esses encontros juvenis. Eles se expressam simbolicamente consumindo e produzindo cultura.

Além disso, nas páginas que seguem, faremos uma discussão que leva em consideração um conjunto polifônico e diversas formas de se fazer jovem, marcada pela idade também, mas não unicamente e nem exclusivamente por ela, muito mais por outros marcadores como, grupos sociais, instituições e as relações que esses sujeitos constroem com seus entornos. Uma de nossas inquietações é, que parte desses marcadores está relacionado ao marco temporal em que esses jovens permanecem nessas instituições que lhes emprestam esses signos/marcadores. No caso específico dos jovens dos IFs, entre 15 e 18 disciplinas, com pelo menos dois turnos de permanência nesse espaço, essa reflexão se torna pertinente. Faz necessário destacar que, a pandemia acelerou esse processo. Aqui no estado, por exemplo, o índice de postagens era bastante irregular, sendo postadas aulas durante todo o dia, deixando os alunos, além de ansiosos, também, conectados e ligados às atividades do instituto, senão nos três turnos, pelo menos nos dois.

Na contemporaneidade/pós-modernidade, o mercado aparece como um dos marcadores mais avassaladores da condição juvenil, assim como da própria condição humana, afinal de contas é pelo consumo que nos humanizamos e nos mostra como

[...] os jovens vivem na contemporaneidade, numa época de profundas transformações, aí incluídas as de cunho econômicas e morais, que afetam, de modo indelével, sua transição para a vida adulta. Sujeito de uma sociedade de consumo ostentatória – cujo principal traço é suscitar nas juventudes, mas não apenas entre elas, aspirações que, porque irrealizáveis para a grande maioria -, transitam no seio de uma arquitetura social cuja desigualdade e acirramento das diferenças constituem algumas de suas formas mais visíveis” (Abramovay, 2009, p. 27).

Considera-se que Bauman (2008) em sua percepção de uma vida cada vez mais arrebatada pelo consumo, vai apresentando esse marcador como um dos que mais subsídios empresta para a construção de identidades no que o autor denomina de sociedade líquida. Esse aspecto atinge todos os grupos sociais, pois de uma forma intensa os jovens estão saindo de uma condição (adolescência e infância) e tentando se firmar em outra (a condição adulta). Nesse sentido, um bom aporte para compreender o processo de construção de juventudes na modernidade demonstra como a

[...] “juventude” não está dada, mas só ganha existência concreta no estreito e imediato diálogo com a realidade que a cerca e segundo, **que múltiplas juventudes povoam os cenários das sociedades contemporâneas**. Portanto, a tarefa de compreender **as juventudes** impõe aos estudiosos o abandono de matrizes teóricas fechadas e a adoção de posturas receptivas ao diálogo com referências diversas que, articuladas, potencializam o propósito de entendimento substancial das mesmas (Silva, 2006, p. 144, grifos da autora).

A categoria juventude assume nessa consideração dimensões fluidas e híbridas, de caráter fragmentado, instável, calcados em outros territórios, também fluidos, incertos. Nessa perspectiva elencada do imediatismo, o agora passa a ser a mola propulsora da vida e das construções elencadas por ela, e as ações advindas desse agora orientam as dinâmicas sociais, os sentidos, suas subjetivações, as pessoas e as relações de reciprocidade vão se tornando obsoletas ao mesmo tempo em que o agora pontua as relações líquidas, fractais e fragmentadas. Essa realidade tem implicado que, os jovens e suas construções, tornam-se intermináveis. Assim,

Cada jovem, ou melhor, cada ser humano, cada indivíduo pode percorrer sua própria condição de jovem como não-terminada e inclusive como não-terminável. Por isso, assiste-se a um conjunto de atitudes que caracterizam de modo absolutamente único nossa era: as dilatações juvenis. O dilatar-se da autopercepção enquanto jovem sem limites de idade definidos e objetivos, dissolve as barreiras tradicionais, tanto sociológicas quanto biológicas. Morrem as faixas etárias, morre o trabalho, morre o corpo natural, desmorona a demografia, multiplicam-se as identidades móveis e nômades (Canevacci, 2005, p.29).

Levando em consideração essa pulverização das possibilidades de ancoramentos, ou mesmo sua fluidez, é imprescindível compreender como se constroem esses pertencimentos juvenis nesse território incerto (Lipovetsky, 2007) que os autores denominam de pós-modernidade, hipermodernidade ou modernidade líquida, na qual tudo pode ser comercializado, está se comercializando com uma intensidade e velocidade cada vez mais frenética. As relações comerciais assaltam nossas vidas, com possibilidades muito limitadas de defesa a esse assalto que afeta diretamente nossa subjetividade, muito mais do que em tempos outros, nos atravessam em nossas construções identitárias. Mesmo aqueles que desse processo de consumismo institucionalizado pelo emprego fixo estão excluídos, são seduzidos e fetichizados por ele de outras formas. Estando esses jovens em uma instituição que tem um histórico de inserção no mercado de trabalho mais rápido e eficaz do que as universidades, essa interpelação mercadológica é mais intensa, e não é sem danos para esses jovens, principalmente os jovens que não estão nos IFs das capitais ou zonas onde essa inserção é mais favorecida pelo espaço de convênios com as empresas, ou com o poder público.

Considera-se que Bauman (2007) em suas análises avalia que essa transformação das relações, das coisas em mercadoria e os canais subjetivos de apelo ao ingresso de todos nesses circuitos, sendo colocados como a única possibilidade de humanização, é uma *economia do engano* (grifos do autor), pois aposta na *irracionalidade* dos consumidores; ao estimular emoções consumistas e não estimular a razão. Continua avaliando que a sociedade de consumo só consegue prosperar por sua capacidade de tornar perpétua a não satisfação de seus membros, mas pontuando que essa se constrói sempre na busca incessante pelo consumo cego e

inconsequente, onde ter o poder de consumir supera qualquer outro valor humano. E nesse sentido o criador fez criatura da própria criação e não consegue ser outra coisa se antes não for isso. Baseando-se nas reflexões de Bauman, o presente trabalho tem como hipótese que há um descompasso entre a condição juvenil do aluno e a instituição escolar. A primeira encontra-se em plena modernidade líquida e, a segunda, ainda, na modernidade sólida.

Dayrell (2007), refere-se à tensão existente na escola entre a identidade do aluno e a condição juvenil. O primeiro é frequentemente declarado na escola para contrariar e negar o segundo. No geral, a escola classifica os jovens em termos de cognição (inteligente ou ruim) e comportamental (bom ou mau aluno). No entanto, seu status de jovem é negado. Para isso, os alunos criam espaços intercalados dentro das escolas onde praticam a condição juvenil.

Os grupos juvenis são construídos na dimensão da sociabilidade e na relação tempo e espaço. A primeira, no caso dos jovens atuais, se define como movimento constante de aproximações e afastamentos entre diferentes grupos, preferencialmente de pares e é fundamental para a construção da identidade. As sociabilidades definem gradações de companheirismos e demarcação entre um “eu” e um “nós”. A dimensão do tempo e espaço é de agudíssima importância. Os espaços podem ser ressignificados e serem vividos como lugares de afetividades. A dimensão do tempo é vivida por meio de uma postura baseada na experimentação e no desejo de vivenciar o momento presente (Dayrell, 2007), assim como também observa Castoriadis (1987). Nesse sentido, Dayrell (2007) afirma que os jovens da escola pública brasileira, no geral, estão implicados numa condição juvenil de pobreza e deste modo necessitam trabalhar para ter acesso mínimo às condições de lazer e consumo.

O pesquisador vê a escola como um espaço sociocultural organizado em duas dimensões: institucional e cotidiana. A primeira é formada por um conjunto de regras e normas que visam unificar as ações dos indivíduos, e a segunda é uma complexa teia de relações sociais entre os atores que constroem a comunidade escolar. As sociedades juvenis estão incluídas na segunda dimensão, onde ocorrem alianças, conflitos, apropriações, reconstruções e repulsões.

Bourdieu (2010) nos fez perceber este desacordo entre a escola e a condição juvenil como fruto de uma violência simbólica praticada pela ação pedagógica²⁰ escolar. A violência simbólica é uma das categorias centrais desta abordagem conceituando como poder que impõe significações como legítimas e assim dissimula as relações de forças que estão na sua base

²⁰ A ação pedagógica (AP) é o exercício de imposição de modos de pensar, agir e sentir da cultura de um grupo ou classe determinados. Toda AP implica uma relação de poder legitimada e dissimulada entre um emissor pedagógico e receptor pedagógico. O autor classifica vários tipos de AP, da família, da igreja, da escola, porém o interesse primordial do autor e o nosso é pela AP escolar (Bourdieu e Passeron, 2010).

(Bourdieu e Passeron, 2010). O autor afirma que qualquer ação pedagógica tem condições objetivas de agir. Representa um tipo de cultura de grupos e classes sociais específicos e, portanto, preocupa-se com o equilíbrio de poder que busca a autoridade pedagógica²¹.

O sociólogo afirma que o sistema escolar é local de reprodução de um arbitrário cultural²² específico que se investiu de autoridade pedagógica e transmite seu modo de pensar, agir e sentir como único, justo, necessário e legítimo. A ação pedagógica investida de uma autoridade pedagógica somente é legitimada por que dissimula sua violência. Nesse sentido, o autor critica uma visão ingênua sobre educação e a exhibe como inculcação e imposição de um arbitrário cultural de uma classe determinada para outra. A última, por sua vez, é obrigada a ressignificar-se para adquirir o sucesso escolar (Bourdieu e Passeron, 2010).

As escolas públicas violam seus alunos porque têm normas culturais diferentes da prática pedagógica dominante, elas são o teatro do equilíbrio de poder nascido da arbitrariedade cultural de diferentes classes e grupos, representando a arbitrariedade cultural da classe economicamente dominante. Nem todos os alunos se adaptam a essa violência cotidiana em decorrência da ação pedagógica e, portanto, ocorrem todos os tipos de evasão, como desistência total ou desinteresse pelo conteúdo ali ensinado. A tensão entre a identidade estudantil e o status de juventude revela uma luta de diferentes forças de grupos culturais na escola. Para o presente trabalho, o suicídio foi considerado como um dos possíveis produtos dessa tensão entre o condicionamento e a violência simbólica perpetrada pela escola.

Dessa forma, apresentaremos em síntese as falas dos nossos interlocutores e suas nuances de suas entrevistas, nesses tópicos que virão, identificaremos todos os sujeitos da pesquisa por pseudônimos escolhidos por conta e risco. Criar essas denominações têm o intuito de dar sentido e corpo a seus discursos e não despersonalizá-los.

Nesse sentido, informamos como se deu o recorte da pesquisa quanto aos nossos primeiros interlocutores que foram os psicólogos. Com quatro interlocutores envolvidos, o primeiro interlocutor do campus de Teresina Central se prontificou a participar, atendendo a um dos requisitos, que incluía o fornecimento do maior número possível de casos de tentativas de suicídio registrados em seu quadro de atendimento de alunos após a nossa entrevista. O interlocutor de Picos aceitou prontamente, apesar de não dispor mais do registro de atendimento de casos que remontem a cinco anos atrás.

²¹ A autoridade pedagógica se define como o direito legítimo de imposição da violência simbólica (Bourdieu; Passeron, 2010).

²² A cultura de uma classe ou de um grupo é arbitrária porque suas estruturas e funções não podem ser deduzidas de nenhum princípio universal, físico, biológico ou espiritual. A sua violência é arbitrária por que é determinada social e historicamente (Bourdieu; Passeron, 2010).

O interlocutor de Floriano estava envolvido em uma cooperação técnica com o campus da zona sul de Teresina, o que impossibilitou sua participação na pesquisa. Quanto ao interlocutor dos campi de Parnaíba, não demonstrou interesse em colaborar, apesar de nossas tentativas de contato via e-mail institucional e WhatsApp, as quais não obtiveram resposta. Portanto, o foco da pesquisa ficou restrito aos campi de Teresina Central e Picos.

1.3.1-Síntese das interlocuções psicólogos

A pandemia da Covid-19 foi um período em que houve a perda de espaços de socialização, tais como a escola, e de maneira remota, o trabalho e os estudos tiveram que ser remodelados ao novo contexto e isso se configurou nas relações da rotina familiar que foram modificadas. Segundo os nossos interlocutores, os psicólogos identificaram que a pandemia da Covid-19 teria aumentado a demanda de pessoas com transtornos mentais.

Helena: “Então assim percebi que durante o processo pandêmico a gente teve muitos casos, professor a gente consegue ver a diferença”

Sandra: “Agora da pandemia para cá, muito possivelmente, já até um pouquinho antes da pandemia, muitas demandas relacionadas mesmo a transtornos mentais, muitas demandas de crise de ansiedade, a maior parte de que atendo hoje tem a demanda da ansiedade. ”

Maria: “Houve um aumento da procura pelo serviço de psicologia e como a gente estava atendendo remoto, é, a gente pode pegar até mais pessoas. Então a gente passou a atender muito mais, então, como a gente estava atendendo mais, essas demandas também apareceram mais. “É com a pandemia isso se intensificou e também a procura pelo atendimento, se intensificou, ficou bastante, é a gente, a gente atendeu muito nesse período e, é a ideação suicida, o pensamento de tirar a própria vida, estava muito presente. ”

Verifica-se nessa passagem da entrevista a resposta do profissional de que houve o aumento na procura por atendimento por parte dos alunos, mas que também existiam casos que não eram de conhecimento dos profissionais da escola, sendo detectados depois de acontecimentos mais drásticos, como a tentativa de suicídio com remédios, feita pelo referido aluno.

Helena: “O aluno tinha feito a tentativa, mas estava preocupado com as disciplinas e com as aulas que estava perdendo.”

Um dos nossos interlocutores conseguiu detectar possíveis motivos das ideações e tentativas de suicídios dos alunos:

Sandra: “são mais questões de fase da vida de relacionamentos amorosos também, de namoro mesmo, de relação com a família.”

Ana: *“O que eu sinto que são problemas muito de relacionamento interpessoal ou intrapessoal. São questões de conflitos ou entre colegas, ou entre familiares, ou entre aluno e professor ou conflitos internos mesmo, de identidade, de orientação sexual, conflitos de autoestima, de como a pessoa reage às vivências que ela tem, são tanto aspectos intrapessoais como interpessoais.”*

A escolha dos professores de Sociologia se deu por eles terem o contato próximo de um dos autores trabalhados na nossa pesquisa que é Émile Durkheim, possibilitando o entendimento de alguns desses conceitos sociológicos para uma explicação mais acurada dos nossos questionamentos, sendo quatro professores já relacionados pelo recorte metodológico, dois dos campi do Teresina Central e dois do campi de Picos.

1.3.2- Síntese das interlocuções docentes

Observou-se que houve uma preocupação com a queda de rendimento escolar e o esvaziamento da relação professor e alunos, verificando uma preocupação com a própria aula remota.

Fabrizio: *“... o nosso tempo de interação com o aluno era muito limitada. Nós éramos instruídos a aula de 15 minutos, obviamente eu não conseguia assim, eu tentava burlar isso de alguma forma, fazia dois vídeos de 15 a 20 minutos, ou fazia grandão mesmo. Olha, a impressão que dá é que você está falando para ninguém, não consegue ter uma medida exata de como está o aprendizado deles.”*

Alessandra: *“Péssima, péssima, porque a gente fala muito. Então eu não tenho tantas habilidades, não gosto de trabalhar com as tecnologias de comunicação, não gosto de câmera, não gosto de fotografia, então, estava muito difícil. Eu peguei e aderi à metodologia de slides comentados, só que eu não conseguia comentar esses slides e me dar por satisfeita em 15 minutos.”*

Os professores de sociologia entrevistados estruturam suas perspectivas sobre o suicídio a partir da teoria desenvolvida por Émile Durkheim, pois o suicídio é um ato intencional com o objetivo de dar cabo a própria vida. As temáticas do suicídio sob a ótica dos professores compreendem que o assunto é tratado de forma aleatória nos campi sem nenhuma ação orquestrada pela instituição e, na maioria das vezes, é feito para cumprir o calendário acadêmico, sendo pontual ficando a cargo de um setor da saúde, a psicologia, e este setor sempre está sobrecarregado de tarefas.

Fabrizio: *“Não tanto quanto deveria, como eu disse agora há pouco em Floriano, em ocasiões pontuais, por exemplo, setembro amarelo. Durante 9 anos eu conto nos dedos de uma mão quantas vezes nós falamos sobre suicídio, eu falo disso na sala de aula, mas assim é importante fazer em outros momentos.”*

Alessandra: *“A infraestrutura em si, ela ainda é muito falha. Nós só temos uma pedagoga, ou uma psicóloga, nós temos pedagogos até suficientes para isso, mas é como a gente só tem uma psicóloga, fica muito sobrecarregado para ela, nem todos os professores têm essa sensibilidade de falar sobre o suicídio, na área de*

humanas, a equipe de humanas tenta ao longo de todo o ano dentro do conteúdo, trazer essa possibilidade de falar sobre o suicídio das diversas formas possíveis”.

Pedro: *“Nós já tivemos no campus de Picos alguns eventos vinculados a esse assunto que não me lembro qual foi, foi o ano, abordou esse tema. Nós já tivemos algumas palestras sobre isso”.*

Carla: *Não sei se tem um projeto especificamente sobre isso, para tratar internamente dessa questão do suicídio no ambiente escolar, que eu saiba não existe”.*

Impostos pelo novo cenário social, as relações entre professores e alunos foram ficando cada vez mais distantes e a impossibilidade de mostrar carinho ou de fazer uma escuta ativa, deteriorava essa relação. Além disso, tudo foi muito superficial, os alunos não participavam das aulas e o modelo afastava e criava uma barreira ainda maior, causando uma impotência dos professores.

Fabricio: *“Protocolar, os alunos só me procuravam quando era para falar alguma coisa sobre nota, o sobre a possibilidade de fazer, de estender prazo de avaliação, essas coisas, agora trocar ideia sobre conteúdo ou tirar alguma dúvida, quase nada, quase nada. Há raras exceções, sim. Mas assim, uma turma de 50 alunos, 2 ou 3 participarem, é pouco. Muitos problemas, alunos tem dificuldade com o acesso à internet”.*

Carla: *“era algo que me incomodava muito, porque eu o presencial, você está ali, você dialoga com o aluno, você está vendo o rosto, e o corpo da gente fala muito, e quando eu estava dando aula, você não via ninguém, era só aqueles janelinhas ali, você não podia obrigar o aluno abrir uma turma, uma turma de 30 e pouco 40 e poucos alunos, 5 quando a gente começou, ter essa possibilidade com ensino médio, de fazer uma aula via meet, você via a participação era muito limitado, pouquíssima dos alunos.”*

Além disso, houve uma sobrecarga muito grande com relação ao trabalho levado para o âmbito doméstico, pois segundo outro (a) professor (a) entrevistado (a):

Carla: *“a gente teve que se reorganizar do ponto de vista, no âmbito doméstico, porque todos os trabalhadores e estudantes ficaram juntos, no mesmo espaço e a gente tinha que fazer isso. Não tínhamos espaço físico suficiente para isso. A gente tem um escritório, mas aí eu teria que ficar nesse escritório dando minhas aulas, o filho está assistindo aula, a filha trabalhando em outro espaço. E isso gera um estresse dentro de casa muito grande demais, então assim, você está trabalhando ao mesmo tempo, você tem que parar porque tem uma demanda de âmbito doméstico para você atender e eu não tenho secretário, então na minha casa as coisas são divididas entre os moradores, entre os habitantes da casa. Fazer doméstico com o fazer a comida ou limpar o lavar”.*

Os nossos discentes foram apresentados pelos psicólogos, totalizando sete alunos que aceitaram participar da pesquisa, sendo quatro do campus Teresina Central e três do campus Picos. Para todos eles, o termo de consentimento livre e esclarecido foi lido em voz alta. Foram informados sobre os termos legais necessários para o consentimento da pesquisa, especificamente o TCEL e o TALE. Como mencionado anteriormente, é importante ressaltar que todos os nomes utilizados são fictícios, pois a criação dessas denominações tem o propósito de dar significado e representação aos discursos dos participantes, sem despersonalizá-los. Todos eles são alunos do Ensino Médio integrado, com idades compreendidas entre 16 e 19 anos, matriculados nos diversos cursos profissionalizantes oferecidos nos campi previamente mencionados.

1.3.3 Síntese das falas dos discentes.

A mudança no contexto, provocado pela pandemia da Covid-19, fez com que as principais queixas dos alunos sofressem modificações e passassem a estar ligadas a transtornos psicológicos, como frisou a entrevistada. Nas entrevistas com os alunos, a situação pandêmica, causada pela Covid-19, modificou radicalmente suas rotinas, como frisou os (as) discentes.

Clara: “quando veio a pandemia, tipo assim fiquei totalmente deslocado porque eu não tinha mais nada o que fazer durante o dia todo. “Super bem intenso até, tipo assim, eu lembro que a primeira prova que eu fiz foi de matemática, na hora que eu saí da prova, já vim direto para o psicólogo (a) chorando, não consegui nem assinar meu nome na prova, porque eu fiquei muito nervosa, tipo, eu não sabia mais se nem fazer uma prova”.

Diogo: “Basicamente, todos os dias vou fazer a mesma coisa, que era ficar trancado dentro de casa, mexendo no celular e deitado e alimentando, mesmo quando estava tendo aula. Para mim foi isso, fica deitado em minha cama, mexendo no celular, comendo alguma coisa de vez em quando, acordando tarde, dormindo bem mais tarde, tipo, às vezes nem dormindo, 5 horas da manhã, eu estava acordado. Bagunçou minha rotina, bagunçou meu sonho, minha alimentação piorou muito. Tudo. Basicamente, bagunçou minha cabeça, ficou toda bagunçada. Já comecei a me sentir mais cansado, não fisicamente e sim, mentalmente. Aí fui, comecei a me afogar, me afogar em mim mesmo e acabei me isolando, completamente, parando de falar com todo mundo. Eu não saía de casa para nada e quando saía, voltava para casa, eu tinha uma crise de ansiedade”.

Neide: “A pandemia foi um grande empecilho na minha vida, na verdade. Ela trouxe muitos problemas para mim, econômicos, de saúde, de relação familiar, problemas psicológicos meus, pessoas que morreram”.

A condição juvenil ressaltada por Abramo (2005) e Dayrell (2007), a pedagogia adotada pela escola no período de isolamento social, o desinteresse pelos estudos está ligada diretamente à forma como as aulas foram estruturadas e como essa situação provocou o adoecimento ou a piora de questões ligadas ao psicológico dos alunos. Como fica claro no trecho, a seguir, retirada de uma passagem dos (as) interlocutores (as):

Sara: *“Acho que só piorou em ansiedade assim, até por causa da quantidade de matérias, da falta de atenção dos professores, falta de atenção da coordenação. Eu me sentia muito sozinha, aparece aqui. Eu só estava estudando para fazer prova e acabou que acarretou muita ansiedade.”*

Denis: *“Eu acho que a escola não teve nenhuma participação positiva nisso, eu acho que tudo foi muito descontrolado. Eu não era visto, não tinha o entendimento dos meus pais em relação a isso. Eles não sabiam como eu também não sabia. Eu não sabia dizer o que era, porque como. Não sabia identificar, então eu não tive o apoio de ninguém. Era só eu tentando lidar com aquilo tudo que eu nem sabia o que era.”*

Clara: *“Porque eu estava com isso, no caso, foi em agosto, foi quando decidi voltar do nada as aulas, fez, foi piorar. Porque ele não estava mais conseguindo fazer nada na escola e eu estava me sentindo meio pressionada, tive alguns professores que me ajudaram.”*

Os discentes compreendem que ser jovem e aluno não é fácil, sabem que é um momento de transição, que a vida tem suas agruras e, apesar, desse turbilhão de emoções, entendem que estão nesse momento de erros e acertos para evoluir. Esse pensamento é observado na passagem de suas vozes:

Lucia: *“Muitas pessoas falam que adolescência é melhor fase da vida e tal, mas sinceramente para mim, uma das suas mais difíceis que eu estou passando, é cansativo, você passa a lidar com problemas que quando você era criança, você não nem imaginava que teria, então é uma fase difícil”.*

Flavia: *“Jovem, viver, conhecer, errar, porque só com um erro que a gente consegue evoluir.”*

Sara: *“Ser jovem nos dias de hoje é enfrentar dificuldades que às vezes alguns adultos ignoram, pensam que é besteira. É lidar com dificuldades que às vezes são consideradas banais, tipo dificuldade psicológica, ansiedade, até porque a gente tem que se dedicar aos estudos. É nessa fase que a gente está se capacitando para o mercado profissional. Então, para mim, ser jovem é correr atrás dos nossos sonhos, da nossa carreira.”*

Denis: *“É um tanto desafiador. É, eu acho que é um compartilhamento de todos também, de que é complicado. É duro ter essa vivência, essa nesse ambiente que às vezes não é tão acolhido.”*

Diogo: *“Ser jovem, é você, agora eu falo, é meio complicado, até porque, tipo, eu não sou um adulto ainda para dizer como é que é isso, não é, mas pelo que os adultos me falam você aproveitar sua vida, entendeu o máximo que você conseguir e tipo assim, você aproveitar de uma maneira que você não vá se arrepende depois”*

Neide: *“Ser jovem, é estar no meio de uma grande mudança, no quesito social, a gente ao mesmo tempo que tem Liberdade para ser mais coisas, para ser o que somos, a gente também tem que lidar com a pressão que a sociedade ainda impõe, porque a gente tá num período de transição, a gente não mudou ainda, é confusa mesmo, ao mesmo tempo que muitas são reprimidas e outras são cobertas, então, você está no meio de uma transição, enquanto vai ter pessoas te aplaudindo, vão ter pessoas também te agredindo.”*

A compreensão deles sobre o período pandêmico foi uma ruptura drástica do seu cotidiano líquido (Bauman, 2008) em que estavam inseridos. Nesse caso, o jovem aluno não se adaptou bem à realidade virtual e remota imposta pela pandemia e a escola, sendo acometido de sentimentos não positivos. Nesse sentido, observamos dos nossos (as) interlocutores as seguintes falas:

Flavia: *“Sim, meu primeiro ano e o meu segundo ano foram bem complicados. Porque a gente adolescente a gente fica muito na internet, mas é uma questão muito difícil aprender em primeiro lugar online. Eu mesmo não aprendi nada disso”.*

Sara: *“Durante a pandemia, foi bem apertada minha rotina, porque eu tinha online, alguns professores não davam aula, eles só colocavam PDF, livro no classroom, gente usa plataforma do classroom. E alguns simplesmente não davam aulas, jogava um PDF, então para eu compensar, eu estudava muito aulas no YouTube, por apostilas, então de manhã, à tarde eu dedicava meu tempo inteiro só a instituição, só as matérias. Sim, impacto muito. Tive muita dificuldade”.*

Todos os alunos entrevistados concordam com a ideia de que o IFPI é uma importante instituição em suas vidas, possibilitando o encontro desses jovens com o conhecimento técnico científico, a qualificação e o aprimoramento de seus cabedais, mesmo que de maneira teórica, para o mercado de trabalho, isso fica claro na passagem de um interlocutor (a) que diz:

Denis: *“Eu acho muito importante a educação e a nossa vontade de querer aprender, nosso sonho de se formar, de estudar, de abrir uma empresa e diversas ações que a gente pode possa ter. Eu acho que a escola é uma porta para isso”.*

Diante dessa perspectiva positiva sobre a escola, os alunos entrevistados demonstraram que, muitas vezes, seus sentimentos e emoções são sobrecarregados nesse mesmo ambiente. Além desse fato, que acontece pela pressão da família em relação à instituição em que buscam resultados em suas disciplinas ou pelo fato de se querer mesmo capacitar e encontrar um volume muito grande de conteúdos e não suportar a pressão da pontualidade de prazos imposta pela pedagogia escolar, os alunos sentem a falta de acolhimento e/ou compreensão sobre seus pensamentos e atitudes, reacendendo a tensão entre as identidades juvenis, a condição juvenil e a escola. Dayrell (2007), assim como afirma Lipovetsky (2007), os alunos constroem seu pertencimento nesse território incerto. Vejamos uma passagem da entrevista de um dos (as) discentes:

Clara: *“Essa escola, ai meu Deus, eu não vou mentir não, eu não gosto dessa escola. Se eu pudesse voltar no tempo, porque assim, eu entrei aqui de segunda chamada, já estava estudando em outra escola. Eu não gosto é da visão daqui, sabe? Me irrita muito. Na semana de prova, mete as provas não estão nem aí para nada, nem para ninguém. Eu vejo assim, alguns professores também só entram em salas, jogam as coisas, outros, nem entram, vem tipo da aula, uma vez em semestre e pronto, e na outra já é prova. Alguns professores são incompreensíveis, são meio fechados, tipo assim, tenho dificuldade em alguma, na verdade, em só uma matéria. Ai, tipo o professor, ele já bota muita pressão em você e você tenta falar com ele. Meu Deus, só piora, só aumenta”.*

O esvaziamento ou relação distante entre os profissionais da instituição e alunos, o processo de ensino-aprendizagem e a violência simbólica da pedagógica escolar estão entre as principais dificuldades e causas do adoecimento psicológico, segundo os discentes entrevistados, por mais que achem o IFPI uma relevante instituição para seu crescimento

pessoal e profissional sentem que não são ouvidos e não entendidos. Segue uma passagem da entrevista de um dos (as) interlocutores:

Denis: *“Eu acho que a escola não teve nenhuma participação positiva nisso, eu acho que tudo foi muito descontrolado. Eu não era visto, não tinha o entendimento dos meus pais em relação a isso. Eles não sabiam como eu também não sabia. Eu não sabia dizer o que era, porque como. Não sabia identificar, então eu não tive o apoio de ninguém. Era só eu tentando lidar com aquilo tudo que eu nem sabia o que era.”*

Diogo: *“não sou de me machucar mais sobre me matar mesmo porque eu não tenho, tipo assim, eu não gosto de sentir dor assim, de pegar uma faca e cortar, entendeu? Sinceramente, se a pessoa pensa em se matar, ela não vai ficar se cortando, não sei o que entendeu a assim. ? E sinceramente, tiveram algumas vezes que foi por causa daqui do IFPI. Sim, porque por mais que eu goste muito assim na matéria, mas é muita coisa, tenho 22 matérias”.*

Com o psicológico abalado, muitos discentes desenvolvem ações suicidógenas, tais como automutilação ou autolesão, ideação suicida e a tentativa de suicídio. As discussões sobre essa temática estão dentro de várias esferas da comunidade escolar, incluindo psicólogos, professores e alunos.

Clara: *“Sim, já me machuquei, já me feri, já tentei suicídio, no dia 21 de agosto. Não, não sei, tipo, eu era muito infeliz e a minha vida não está fazendo sentido, só queria acabar naquele momento. Eu realmente só pensava que nada ia melhorar e que minha vida era aquela e que não ia mudar, entendeu? Pensamento que hoje eu vejo que é totalmente errado”.*

A maioria dos alunos tiveram algum tipo de pensamento sobre tirar a própria vida ou crises de ansiedade e depressão e estavam ou ainda estão em acompanhamento por profissionais da psicologia, seja dentro ou fora da escola. Todos eles disseram em entrevista o que pensavam sobre o suicídio e as ideias convergiram muito, para exemplificar, observaremos a fala do (a) aluno (a):

Lucia: *“Que normalmente a pessoa não quer simplesmente acabar com a vida dela, ela está procurando alguma forma de lidar com a dor que ela está sentindo ou eliminar aquela dor que ela está sentindo. E normalmente, como última opção, acaba sendo um suicídio”.*

Flavia: *“ Suicídio assim, é um ponto forte, tipo além de já ter passado pela cabeça de várias pessoas e eu não posso negar que também já passou pela minha pela situação complicada que eu tive nos meus 12 e 13 anos de idade”.*

Sara: *“Assunto muito delicado é um suicídio, não é uma coisa de repente, não é de um dia para o outro, é tipo aquele estresse que vai acumulando aquele sentimento de abandono, aquele sentimento que você está sozinho”.*

Denis: *“Sim, eu acho que em momentos da minha vida eu tive ideias diferentes sobre, teve momentos que eu me automutilava, e eu acho que o meu pensamento de suicídio nem era estabelecido nessa época, não era algo que eu tinha em mente, não sabia realmente o que eu estava fazendo”.*

Clara: *”já me machuquei, já me feri, já tentei suicídio, no dia 21 de agosto. Não, não sei, tipo, eu era muito infeliz e a minha vida não está fazendo sentido, só queria acabar naquele momento. Eu realmente só pensava que nada ia melhorar e que minha vida era aquela e que não ia mudar, entendeu?”*

Diogo: *”Com relação a tentativas em si, as únicas vezes que eu cheguei mais perto, foi uma vez que fiquei com a faca meia hora apontada para meu peito, a outra foi uma arma carregada apontada para minha boca. Eu não faria isso de novo, por mim eu não faria isso de novo, mas foi isso que aconteceu.”*

Estas falas demonstram que o suicídio não é algo repentino, mas que vem sendo construído ao longo do tempo, que é indeterminado e multifatorial, mas que se constrói a partir de algumas situações específicas de emoções e que se intensifica quando os alunos adquirem ou agravam problemas ou transtornos mentais, tais como: ansiedade e depressão.

Nesse sentido, observou-se que eles entendem a ação do suicídio como extremo e a automutilação é uma ação que “normalmente a pessoa não quer simplesmente acabar com a vida dela, ela está procurando alguma forma de lidar ou eliminar aquela dor que ela está sentindo”. A falta de compreensão e o descompasso da escola se estende aos participantes da comunidade escolar, como fica claro nesta passagem:

Denis: *”Eu acho que sinto que eu não estou sendo ouvido, não estou sendo visto ou não entendido, eu acho que esse sentimento de estar sozinho, de não ser compreendido, desse entendimento das pessoas, eu acho que é um gatilho muito forte, eu já consegui ver identificar isso na minha rotina, quando alguns colegas de turma não por querer, talvez, mas bloqueiam o entendimento da situação no entendimento do que eu estou falando, já vem imediatamente esse sentimento de estar sozinho, de ter sido largado e tudo mais. Esse é um gatilho fortíssimo que eu tenho”.*

São diversas e múltiplas as questões que envolvem o tema do suicídio nas escolas e quais as motivações que levam os jovens a terem ações suicidógenas como as já listadas, ou até tentar cometer o suicídio. Para tentar mitigar esses pensamentos dentro do corpo discente dos campi estudados, professores de sociologia e psicólogos e outros profissionais realizaram algumas ações pontuais com relação ao tamanho do problema.

1.4. Uma análise da formação educacional do ensino médio público brasileiro ao profissionalizante: a educação como fator de conflitos e resistência

Para compreender como se estrutura o ensino médio profissional na contemporaneidade brasileira, é relevante que se adentre primeiramente na história do desenvolvimento da educação neste país, haja vista, que a educação sofre mudanças significativas a cada instauração de um novo regime político e social.

Sabe-se que a educação formal se iniciou ainda na implementação da colônia brasileira, em 1549, com a atuação dos jesuítas sob orientação do Padre Manoel da Nóbrega. A Companhia

de Jesus surge com Inácio de Loyola, em Paris, na contrarreforma católica em reação à Reforma Protestante orquestrada por Matinho Lutero e atua sob a regência constituinte do *Ratio Studiorum*.

O Plano contido no *Ratio* inicia-se com as regras do provincial, depois do reitor, do prefeito de estudos, dos professores de um modo geral, de cada matéria de ensino, incluía também, às regras da prova escrita, da distribuição de prêmios, do *debel*, dos alunos e por fim as regras das diversas academias. Além das regras e das normas, o *Ratio Studiorum* apresenta os níveis de ensino Humanidades, denominado de estudos inferiores, cujo currículo abrangia cinco disciplinas, sendo elas, retórica, humanidades, gramática superior, gramática média e gramática inferior. A formação prosseguia com os cursos de Filosofia e Teologia, denominados de estudos superiores (Toyoshima *et al.*, 2005, p. 2/3).

Várias classes sociais surgiram e estruturaram a vida social durante o Brasil Colônia, a título de exemplo, os administradores portugueses, o clero, senhores de engenho e escravos. Assim, a educação Jesuítica organizada nesses moldes atendia a duas preocupações iniciais, a primeira, catequizar os povos indígenas, a fim de “domesticar”, converter à fé cristã e usar como força de trabalho na produção e extração de matéria-prima e, garantir a “importação da cultura vinda da Europa, atendendo às exigências da camada dirigente, que queria se aproximar do estilo de vida da metrópole” (Melo, 2012).

Essa educação era voltada exclusivamente para os filhos da elite colonial brasileira, para os índios e escravizados restava apenas a catequese, pois, nesse contexto social o ensino só podia ser conveniente e interessar a esta camada dirigente (pequena nobreza e seus descendentes), servindo de articulação entre os interesses metropolitanos e as atividades coloniais (Melo, 2012). Essa herança elitista da educação tem vários reflexos ainda vigentes na contemporaneidade. Um dos efeitos que ainda vigora é a perpetuação de um ensino voltado para as elites e um voltado para as classes populares. O ensino conservador, tão forte, nas práticas e imaginário educacionais, tem seu fundamento no ensino religioso.

Com o fim da hegemonia da Companhia de Jesus, em 1759, na educação em Portugal e na Colônia Brasileira, tem-se a promulgação de um alvará feito por Sebastião José de Carvalho e Melo, popularmente conhecido pelo título de Marquês de Pombal. Essa reforma estava atrelada à tentativa de secularização das instituições de estado portuguesas, afastando, assim, a tomada de decisões do clero, a partir de ideias iluministas, de autores, tais como: John Locke, Voltaire, Jean-Jacques Rousseau, Kant e Montesquieu em que

Essas penetrações iluministas ocorreram a partir do reinado de Dom José I em 1750, e de Sebastião José de Carvalho e Melo teve forte ascensão, tornando-se ministro de grande expressão, chegando aos títulos de conde de Oeiras e Marquês de Pombal. Pombal ao assumir de forma absoluta como ministro plenipotente afastou o clero do status de supremacia das decisões, concentrando-as no rei, vale ressaltar, que ele condenava o atraso português as intervenções jesuítas (Silva *et al.*, 2018, p. 638).

As reformas pombalinas não obtiveram sucesso em tentar transformar Portugal numa metrópole comparável à Inglaterra. As reformas tinham pouca aceitação interna. Protestos e movimentos foram emergindo para que o país retornasse à antiga forma de governabilidade. Nesse aspecto, observamos que

As fragilidades sociais, políticas e econômicas de Portugal eram evidenciadas através das inúmeras crises internas e esta situação propiciou a invasão do país pelas tropas francesas, em 1807, lideradas por Napoleão Bonaparte. Então a família real e a corte foram obrigadas a se refugiar no Brasil, fato que gerou uma série de modificações nesta colônia (Melo, 2012, p. 17).

Com a chegada da família real portuguesa no Brasil, que durou de 1808 a 1821, esse período ficou conhecido como período joanino. Assim que chegou à Bahia, Dom João VI começou a realizar uma série de implantação a fim de reestruturar a organização administrativa da colônia brasileira e dar um novo status, aos moldes europeus.

Nessas intervenções que ocorrem nos âmbitos administrativos, políticos e na educação foram implementados no Reino Unido do Brasil a Portugal e Algarves

[...] os primeiros embriões da educação superior formal no Brasil: foram criados os cursos de cirurgia e economia, em Salvador, em 1810; a Academia Real Militar e o curso de agricultura, em 1812; o curso de química, em 1817; o curso de desenho técnico, em 1818, a Escola de Serralheiros. Esses cursos não eram ministrados em universidades, até porque ainda não existiam; eram consideradas tão-somente cátedras isoladas de ensino superior, que formavam profissionais para atender às necessidades do governo imperial. O ensino consistia em três níveis distintos: primário, secundário e superior. Esse último, sem dúvida, foi o que teve maior atenção da Corte (França, 2008, p. 78).

Ademais, os cursos que surgiam nessa época estavam atrelados ao interesse da corte e poderiam ser divididos, segundo Boaventura (2009) por três características, a primeira era a prevalência de cursos voltados para a área médica, como a medicina e a farmácia, devido à escassez de profissionais nessas áreas nas principais cidades do litoral da colônia brasileira.

A segunda característica das reformas no ensino são as criações das Academias Militares e da Marinha “conforme a mesma necessidade bélica daquele momento tão conturbado pelas campanhas napoleônicas, objetivou-se dotar o Estado brasileiro de instituições indispensáveis à segurança” (Boaventura, 2009, p. 133).

A terceira característica foram os cursos de caráter profissional que surgiram na Bahia e no Rio de Janeiro, pois a educação nesse período “continha forte conteúdo ideológico europeu e discriminativo no sentido de apenas formar quadros de profissionais importantes para as elites aristocráticas e da Corte, em detrimento das classes inferiores” (Boaventura, 2009, p. 135). Nesse sentido, os cursos técnicos que surgiram foram os de Ciências Econômicas, Comércio, Agricultura, Botânica e Desenho. Nesse período, estendido para o período imperial, a educação formal brasileira concretizou o seu caráter elitista e excludente.

Com a proclamação da independência do Brasil, em 1822, em 7 de setembro, esse ato deu início a um período denominado de período imperial brasileiro, marcado por dois governos, o de Dom Pedro I (1822-1831) e o de Dom Pedro II (1840-1889) e houve algumas mudanças significativas na vida social brasileira, sendo que

Nossa economia passou de um modelo agrário-exportador-dependente, vivenciado no período colonial, ao agrário-comercial-exportador-dependente, com base na monocultura canavieira, utilizando mão-de-obra escrava. A sociedade era composta basicamente por dois grandes grupos: a aristocracia rural, com ideias conservadoras, e os escravos. Em 05 de março de 1824, foi outorgada a 1ª Constituição Brasileira, com ideais liberais, inspirada na Constituição Francesa de 1791 (Melo, 2012, p. 28).

Essa organização, mesmo na constituição definindo a educação primária para todos, era voltada para melhor atender os filhos da elite brasileira, como fica claro no exemplo citado por Melo (2012), afirmando que o Colégio de Artes Mecânicas não aceitou a matrícula de crianças negras livres no Rio Grande do Sul.

Em 1909, já no governo de Nilo Peçanha na Presidência da República, após o falecimento do então presidente Afonso Pena, a ideia era a instalação e consolidação do ensino técnico industrial, que estava totalmente ligada às ideias liberais da época e a partir da promulgação do Decreto de nº 7.566, sendo criadas dezenove “Escolas de Aprendizes e Artífices, destinadas ao ensino profissional, primário e gratuito” (MEC, 2009, p. 2).

As Escolas de Artífices, segundo Ramos (2014), foram importantes, pois expandiram o ensino profissionalizante em todas as zonas do Brasil para dar amparo às atividades da agricultura e da indústria e para incluir os pobres e humildes na educação, todavia, a partir da década de 40, com a reforma Capanema, o ensino médio foi criado. Ele continha, já em seu germe, a dualidade estrutural que consistia em uma educação profissional voltada para as classes trabalhadoras e o ensino propedêutico, voltadas para as elites. Mantendo assim, uma configuração dual no ensino, com um extremo sendo o ensino enciclopédico, que tem como intenção preparar os indivíduos para o Ensino Superior e, no outro extremo, o ensino profissional, técnico e científico, com finalidade primordial em preparar o estudante para o mundo laboral e à vida em sociedade (Ramos, 2014). Essa dualidade ainda continua no ensino médio. Ela é uma das facetas daquilo que Bourdieu chamou de violência simbólica e consiste na reprodução do capital cultural das elites na educação. A violência simbólica é invisível porque é legitimada por um discurso dominante que não ataca essa dualidade que estrutura o ensino médio.

Na década de 1940, especificamente no ano de 1942, Ricardo Capanema fez reformas importantes no ensino secundário e no ensino industrial, a partir da promulgação de dois

decretos, o Decreto de Lei 4.244 de 9 de abril, que se torna a Lei Orgânica do Ensino Secundário e o Decreto de Lei nº 4.073 que se tornou a Lei Orgânica do Ensino Industrial.

É importante ressaltar que o Art. 15º do referido decreto diz que os tipos de estabelecimentos de ensino industrial se dividem da mesma maneira que as modalidades de ensino, sendo que para o ensino técnico, as escolas técnicas responsáveis pelo ensino industrial são as escolas industriais, para o ensino artesanal, as escolas artesanais, e para a aprendizagem, as escolas de aprendizagem. Nesse sentido, ressaltamos que

As escolas técnicas poderão, além de cursos técnicos, ministrar cursos industriais, de mestría e pedagógicos. As escolas industriais poderão, além de cursos industriais, ministrar cursos de mestría e pedagógicos. Os cursos de aprendizagem, objeto das escolas de aprendizagem, poderão ser dados, mediante entendimento com as entidades interessadas, por qualquer outra espécie de estabelecimento de ensino industrial. Os cursos extraordinários e avulsos poderão ser dados por qualquer espécie de estabelecimento de ensino industrial, salvo o de aperfeiçoamento e os de especialização destinados a professores ou a administradores, os quais só poderão ser dados pelas escolas técnicas ou escolas industriais (BRASIL, 1942 b, s-p).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961, elaborada sob a forte influência capitalista do Governo de Juscelino Kubitschek (JK), no Art. 34º do Capítulo II afirma que “Ensino Médio será ministrado em dois ciclos, o ginásial e o colegial e, abrangerá entre outros, os cursos secundários, técnicos, de formação de professores para o ensino primário e pré-primário” (BRASIL, 1961, s-p). Já em seu Capítulo III, destinado ao ensino técnico, diz que esse grau de ensino abrange os cursos industrial, agrícola e comercial, todos de nível médio. Todos esses cursos eram ministrados em dois ciclos temporais, um ginásial com quatro anos de duração e outro colegial com duração de três anos.

Outra modificação importante aconteceu já com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, nº 5.692 de 1971, que emergiu em meio a um contexto de ditadura militar, onde a perseguição a estudantes e pessoas contrárias ao regime era constante. Foram fechadas organizações estudantis como a UNE e universidades foram invadidas em uma ilusão criada de perseguição ao Comunismo.

A LDB de 1971, construída ao longo de um período de muitas controvérsias, estava pautada no projeto desenvolvimentista, tecnocrático e industrial, servindo como um aparato de transmissão ideológica do regime político e isso foi precedido por outra tentativa de reforma educacional da universidade em 1968, também bebeu da fonte da lei estabelecida pela constituição de 1946. Esse fato tem levado alguns estudiosos a defenderem que, por isso, pouco contribui para mudar o estado da educação no país. A verdade é que, embora não dê conta de muitos dos problemas que vêm travando a educação no país, vemos preocupações no ensino de primeiro e segundo graus (no ensino médio atual).

Segundo a LDB de 1971:

[...] torna, de maneira compulsória, técnico-profissional, todo currículo do segundo grau um novo paradigma se estabelece: formar técnicos sob o regime da urgência. Nesse tempo, as Escolas Técnicas Federais aumentam expressivamente o número de matrículas e implantam novos cursos técnicos (MEC, 2009, p. 5).

Com o processo de redemocratização do país, em 1985, principalmente durante o governo de José Sarney, trouxe novos fatores políticos no contexto da grave crise econômica mundial, que teve um grave impacto no país, por isso, os anos 1980 foram chamados de anos “perdidos”. A atuação do Estado na educação profissional tem caráter relativamente populista, estabelecendo a expansão das redes federais e implantando unidades de ensino descentralizadas, pouco claras no contexto do impacto nas visões econômicas, sociais e políticas do país.

Então, durante o governo de Fernando Collor de Mello, que lançou as bases para as reformas neoliberais do país, até o governo de Itamar Franco, houve um grande movimento de fortalecimento da educação profissional e técnica no país, especialmente por meio da ampliação das funções de agências federais. Nesse período, a aprovação da lei possibilitou a transformação da Escola Técnica Federal em Centros Federais de Educação Tecnológica – CEFETs (Ramos, 2014).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394 de 1996, que emerge no período democrático brasileiro, já sob a Constituição Federal de 1988, trouxe mudanças significativas em relação LDB de 1971, separando o ensino médio do ensino técnico, sendo que o ensino técnico deve ser desenvolvido de maneira articulada com o ensino médio e de maneira subsequente pelos estabelecimentos de ensino médio ou por meio de parceria com empresas especializadas em educação profissional. O ensino técnico articulado com o ensino médio deve ser desenvolvido de modo

I – Integrada, oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino fundamental, sendo o curso planejado de modo a conduzir o aluno à habilitação profissional técnica de nível médio, na mesma instituição de ensino, efetuando-se matrícula única para cada aluno;

II – Concomitante, oferecida a quem ingresse no ensino médio ou já o estejam cursando, efetuando-se matrículas distintas para cada curso, e podendo ocorrer:

a) na mesma instituição de ensino, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis;

b) em instituições de ensino distintas, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis;

c) em instituições de ensino distintas, mediante convênios de Inter complementaridade, visando ao planejamento e ao desenvolvimento de projeto pedagógico unificado (BRASIL, 1996, p. 29).

Já no capítulo III, que fala da educação profissional e tecnológica, observou-se que esse tipo de educação se integra aos diferentes níveis e modalidades de ensino, sendo oferecido pelas escolas, por instituições especializadas ou dentro do ambiente de trabalho, sendo que:

§ 1o Os cursos de educação profissional e tecnológica poderão ser organizados por eixos tecnológicos, possibilitando a construção de diferentes itinerários formativos, observadas as normas do respectivo sistema e nível de ensino.

§ 2o A educação profissional e tecnológica abrangerá os seguintes cursos: I – de formação inicial e continuada ou qualificação profissional; II – de educação profissional técnica de nível médio; III – de educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação.

§ 3o Os cursos de educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação organizar-se-ão, no que concerne a objetivos, características e duração, de acordo com as diretrizes curriculares nacionais estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 1996, p. 29).

Diante do observado, no governo Fernando Henrique, reforçou-se a dualidade estrutural do Ensino Médio nos institutos federais, pois se separavam os ensinos propedêuticos e ensino técnico. Porém, o decreto 5.124/2004 (Ciavatta e Ramos, 2011) representou um esforço tímido de superação da dualidade estrutural, pois, obrigou que o ensino técnico fosse ofertado, obrigatoriamente, junto com o ensino médio. Amparado por essas legislações, em 2008, a Lei nº 11.892 transforma os Centros Federais de Educação Tecnológica em Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia que “vêm a ser uma síntese do que a Rede Federal construiu ao longo de uma história amparada pelas leis e políticas da Educação Profissional e Tecnológica do Governo Federal” (Garcia *et al.*, 2018).

Quadro 7 - Linha do tempo da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica

| 1909 | 1937 | 1942 | 1959 | 1978 | 2008 |
|-------------------------------------|----------------------|--------------------------------|------------------|--|---------------------------------|
| Escolas de Aprendizizes e Artífices | Liceus Profissionais | Escolas industriais e Técnicas | Escolas Técnicas | Centros Federais de Educação Tecnológica | Institutos Federais de Educação |

Fonte: GARCIA; DORSA; OLIVEIRA; CASTILHO, 2018.

Em 2011, mais uma ação foi realizada pelo Governo Federal, especificamente no Governo da Presidenta Dilma Rousseff com a ampliação dos cursos profissionalizantes e tecnológicos “por meio de programas, projetos e ações de assistência técnica e financeira” (BRASIL, 2011) com a instituição do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec).

Segundo o Art. 2º da Lei do Pronatec de nº 12.513, afirmou-se que o programa atenderia com prioridade:

- I - Estudantes do ensino médio da rede pública, inclusive da educação de jovens e adultos;
- II - Trabalhadores;
- III - beneficiários dos programas federais de transferência de renda; e

IV - Estudante que tenha cursado o ensino médio completo em escola da rede pública ou em instituições privadas na condição de bolsista integral, nos termos do regulamento.

§ 1º Entre os trabalhadores a que se refere o inciso II, incluem-se os agricultores familiares, silvicultores, apicultores, extrativistas e pescadores (BRASIL, 2011, s-p).

Nesse aspecto, desde o começo da história do Brasil a Educação sofre transformações significativas em seus paradigmas e projetos pedagógicos que estão relacionadas às mudanças na estrutura e/ou na ideologia política. Evidenciou-se que o desmanche das arenas populares veio com o governo de Michel Temer, logo após o impeachment da Presidenta Dilma Rousseff ocorrida em 2016. Segundo Kuenzer (2017) entre os anos de 2012 e 2017 houve um debate acalorado sobre a estruturação do ensino médio entre o setor privado aparelhado das instituições estatais (MEC, Conselho de Secretários de Educação) e as entidades não governamentais, movimentos sociais e intelectuais.

O primeiro grupo que defende o interesse privados se posiciona a favor da flexibilização do currículo, para “permitir que o aluno, assegurada a base nacional comum, opte pelo aprofundamento em uma área acadêmica, ou pela formação técnica e profissional, a partir de sua trajetória e seu projeto de vida” (Kuenzer, 2017, p. 333).

O outro defende uma educação voltada para a classe trabalhadora, onde o indivíduo, por meio de uma educação integrada, com componentes curriculares organizados em disciplinas, que por meio da interdisciplinaridade permitam a formação cidadã e a reflexão das dimensões da ciência, da tecnologia, da cultura e do trabalho. No entanto,

Essa controvérsia é afastada do espaço do debate quando o Governo Temer edita a Medida Provisória nº 746, de 22 de setembro de 2016, que incorpora a proposta que atende aos interesses do setor privado e do Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED); esse processo que culmina com a promulgação da Lei 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, que estabelece as novas diretrizes e bases para o ensino médio, nos termos dispostos pela referida Medida Provisória (p. 333).

Assim, com a implementação da medida provisória de nº476, de 22 de setembro de 2016 no governo de Michel Temer, chamada de urgente, houve uma quebra de paradigmas das disputas nas arenas políticas dos espaços escolares, das quais havia sempre uma parcela da sociedade pautando determinados aspectos na política educacional acompanhados sempre de um corpo de técnicos da área da educação. No entanto, essa medida provisória foi imposta de cima para baixo sem ouvir a sociedade civil e especialistas da educação excluindo-as desse debate. Prevalecendo, portanto, o modelo econômico capitalista, sob a lógica neoliberal, segundo Kuenzer (2017).

Ademais, em 2022, começa a implementação do novo ensino médio em todas as escolas públicas e privadas do país. Com a reforma, o currículo do ensino médio passa a ser composto por duas partes, a formação geral básica, composta pelos conhecimentos expressos na Base

Nacional Comum Curricular (BNCC), obrigatória para todos os estudantes e os itinerários formativos, que são de curso obrigatório, mas que podem ser compostos por diferentes trilhas, que os estudantes devem escolher conforme o seu projeto de vida (Motta e Frigotto, 2017).

Registrou-se que a BNCC estabelece dez competências gerais que devem ser desenvolvidas com os estudantes ao longo de toda a educação básica. A parte da base para o ensino médio não está mais estruturada em componentes curriculares, mas por área do conhecimento, especificamente, ciências humanas e sociais aplicadas, matemática e suas tecnologias, ciências da natureza e suas tecnologias e linguagens e suas tecnologias. Nesse novo formato, apenas língua portuguesa, matemática e inglês são disciplinas obrigatórias nos três anos de ensino médio.

Registra-se aqui um dos grandes engodos para educação, a clara concepção de hierarquização das disciplinas, sobrepondo às demais disciplinas na qual houve uma drástica redução das cargas horárias. Tendo que as gestões escolares decidirem quais seriam as menos afetadas, com isso e historicamente as disciplinas humanas foram as mais prejudicadas. Mais uma vez a lógica capitalista impôs seu peso e sua medida. Da qual não se reduz a possibilidade na formação humanitária dos jovens, na qual a concepção é de uma formação exclusiva de mão de obra para o mercado laboral.

Além disso, a reforma do ensino médio traz uma mudança muito importante, que são os itinerários formativos. Os itinerários formativos são as trilhas que os estudantes deverão cursar para aprofundar os seus conhecimentos, orientado pelo seu projeto de vida, eles poderão contemplar aprendizagens de uma ou mais áreas do conhecimento, que são as quatro citadas pela BNCC e a formação profissional.

Avaliou-se que nessa passagem mais uma forma de enganar a sociedade e o estudante de modo geral com a tal escolha da formação técnica e profissional como itinerário formativo. Haja vista que, nem sempre a escola poderá ofertar o que o aluno deseja. Ou seja, um *self service* onde não há opção de escolha, é o que a escola pode oferecer dentro do seu Projeto Político Pedagógico (PPP) e dentro da sua limitação orçamentária e sem a obrigatoriedade de ofertar as demais disciplinas das áreas de humanas.

Desse modo, o aluno poderá cursá-la no turno regular, sem a necessidade de retornar no contra turno, saindo do ensino médio com um curso profissional, o itinerário pode contemplar conhecimentos de uma ou mais áreas do conhecimento e ser composto por atividades ofertadas em diferentes formatos, como componentes curriculares, módulos, oficinas, projetos, entre outros. Desse modo, verificou-se que

Ainda que esses jovens vençam o gargalo da passagem do Ensino Fundamental para o Ensino Médio e concluam o ensino Médio profissional, passam a compor a amarga estatística da maior taxa de desemprego. A falácia de estimular o Ensino Médio para qualificar-se para o trabalho depara-se com a falta de emprego no mercado de trabalho para a quase totalidade desses jovens (Motta; Frigotto, 2017, p. 362).

Nesse aspecto, demonstrou-se outra novidade no que se refere à carga horária, de duas mil e quatrocentas horas obrigatórias o novo ensino médio passa a ter três mil horas, ou seja, seiscentas horas a mais. Essas três mil horas devem ser divididas em duas partes, uma destinada à formação geral básica, que deve corresponder até mil e oitocentas horas e, outra, com o mínimo de mil e duzentas horas destinadas aos itinerários formativos. Diante do exposto, ocorreu que

Outra crítica contumaz reportou-se à organização curricular: a redução da formação comum a, no máximo, 1.800 horas, a hierarquização das disciplinas e a escolha precoce por uma área especializada de estudos em um período em que o jovem ainda está se preparando para fazer suas escolhas, para o que necessita ter o maior contato possível com as diferentes áreas. E o que é mais relevante: a fragmentação passa a substituir a proposta de diretrizes anterior, cujo eixo era a integralidade da pessoa humana e, portanto, sua formação integral (Kuenzer, 2017, p. 336).

Constatou-se que, mais uma vez com a aprovação da Lei 13.415/17, a intenção é formar capital humano para atuar em empregos de baixa complexidade e baixa renda, pois o país ainda é uma economia de capital dependente, como afirma Motta e Frigotto (2017), com a desvalorização da sua força de trabalho. A formação flexível só serviu para mascarar a falta de profissionais que deveriam atuar no antigo formato do ensino médio e também direcionam os alunos de determinadas localidades para o ensino sem aprofundamento nenhum, devido à falta de estrutura e pessoal para lecionar, uma variedade grande de itinerários formativos e de todos os componentes curriculares presentes nas quatro áreas do conhecimento.

No Brasil, não há uma política pública educacional a longo prazo, pois a qualquer mudança de governo o que se percebe é um retrocesso educacional ou uma reforma da desestrutura em andamento, como ocorreu com a tal reforma do ensino médio feita no governo do Michel Temer e que afeta demasiadamente o ensino médio profissional tecnológico.

Observamos que os governos do Brasil, desde a implantação do ensino profissional e tecnológico, têm um lado assistencialista, pregando a educação profissional como uma garantia de desenvolvimento. Entretanto, no sistema capitalista com suas crises cíclicas essa aposta se torna perigosa, haja vista que, o processo de formação e qualificação destes sujeitos, alunos e professores é um processo longo e de investimentos elevados, ou seja, as políticas públicas educacionais sempre são vistas como gastos excessivos, nunca como um devido investimento e que a todo momento há cortes orçamentários neste setor.

Sabe-se que o ensino médio técnico integrado é proposto aos concludentes do ensino fundamental maior que estão no ápice de suas transições para adolescência. As escolas desempenham um papel importante na construção e disseminação do conhecimento e, como sabemos, as escolas são onde os jovens passam a maior parte do tempo.

No Brasil existem vários grupos de jovens com origens sociais distintas e escolaridades plurais. No entanto, há famílias abastadas economicamente que tardam a entrada de seus filhos no mundo laboral, para que eles possam se qualificar melhor para galgar os melhores postos de trabalho e comando, enquanto a grande maioria das famílias brasileiras são desfavorecidas economicamente, fazendo com que seus filhos sejam obrigados a entrarem no mundo do trabalho mais cedo e conseqüentemente não conseguem manter essa dupla jornada de trabalho e escola impedindo-os a não conclusão do ensino básico e médio. Aumentando assim a evasão escolar. Apesar do aumento significativo de matriculados e uma universalização do ensino médio técnico integrado, há um grande número de evasão escolar, pois no Brasil a educação é elitista e excludente, fazendo com que as camadas populares não consigam de fato sua permanência no âmbito escolar e, conseqüentemente, o término do ensino básico e quiçá o ensino superior.

Nessa análise, verificamos que as instituições escolares geralmente são guiadas pelo discurso de habilidades cognitivas e comportamentais com dificuldades em classificar os alunos e reconhecê-los em termos culturais. Por outro lado, os jovens ignoram algumas normas, criam lacunas e estratégias de resistência dentro da escola. Experimentar a juventude e seu próprio estilo de vida e aprendizagem, isto é, os estresses e tensões constantes na escola estão relacionados ao cumprimento de regras e comportamentos dos alunos. Nas quais eles se mantêm descontentes por não entenderem o seu estilo de vida juvenil em relação à escola. Observou-se, deste fato, que há uma diferença ou desacordo sobre a situação juvenil, gestão escolar e prática pedagógica em que

As tensões e os desafios existentes na relação atual da juventude com a escola são expressões de mudanças profundas que vêm ocorrendo na sociedade ocidental, interferindo na produção social dos indivíduos, nos seus tempos e espaços, afetando diretamente as instituições e os processos de socialização das novas gerações (Dayrell, 2007, p. 01).

Esse desacordo vem ao encontro com o mundo em constante transformação global com sua lógica capitalista que abandonou o mundo sólido. O mundo sólido reflete nas escolas que preparam seus jovens ao dito mercado de trabalho formal. Enquanto isso, esses alunos vivem outra realidade posta de um mundo plástico e líquido com trabalhos na linha da informalidade, precariedade, identidades múltiplas e líquidas e resistentes ao mundo sólido representado pela

escola. É pressuposto do presente trabalho de pesquisa que os alunos e a escola estão em desacordo. A escola tem um discurso homogeneizante e pretende criar a identidade aluno, gestada, apenas, em termos cognitivos. Porém, esse sujeito aluno possui várias identidades perpassadas por vários marcadores como classe, raça, gênero e geração. A condição juvenil é fator importante para esses estudantes e, no geral, está em conflito velado ou aberto com a instituição escolar. O suicídio na escola, visto neste trabalho como uma construção social, é compreendido inserido nesse desacordo entre a condição juvenil em plena modernidade líquida e a escola, ainda na modernidade sólida. Esse desacordo produz a violência simbólica porque as múltiplas identidades dos alunos não são visualizadas e são reduzidas à identidade do aluno. Os vários mal-estares contemporâneos como depressão, ansiedade e ideação suicidógenas, na escola, devem ser compreendidas nesse contexto de desacordo entre a escola e as juventudes.

Assim, para compreendermos mais profundamente esta relação de desacordo entre a escola e as juventudes devemos nos debruçar com maior rigor sobre a metodologia e seus percursos e é o que faremos nas páginas seguintes.

2. METODOLOGIA

Corroborar-se do ponto de vista da construção e coleta das informações, o principal desafio de qualquer pesquisa, seja pensar em qual técnica utilizar, e em como nos aproximaremos e apreenderemos a realidade desses jovens que ora são muito familiares, ora suas vidas subjetivas são como labirintos. Sabemos que a realidade a ser estudada é mais rica que qualquer teoria, qualquer pensamento e discurso elaborado sobre ela. E esse caráter qualitativo nos fez perceber a natureza do presente estudo e a complexidade da realidade. Desenhar um percurso metodológico para reflexão sociológica não é das tarefas mais fáceis, muito pelo contrário, pois, como a ciência é parcimoniosa, atenta-se muito mais aos detalhes do que às generalizações, e quanto mais nos aproximamos do problema estudado mais temos a possibilidade de descrevê-lo, mas isso não garante que o processo se dê forma mecânica. A proximidade e a familiaridade com o objeto de pesquisa, às vezes, podem atrapalhar a condução da própria investigação, exigindo, deste modo, o esforço da vigilância e ruptura epistemológica. Nesse sentido, Bourdieu (1999), quando pensa o ofício de sociólogo, nos convida a uma reflexão crítica ao fazer pesquisa, em que a vigilância epistêmica e o cuidado com a abordagem metodológica devem ser um constante do *métier* científico.

Para Bourdieu (2010), são funções da Sociologia detectar dimensões e dissecar os mecanismos do mundo social, compreendê-los e interpretá-los. Bourdieu (2000), ao refletir sobre a construção do objeto de pesquisa, nos alerta para o cuidado com a criação de verdades no fazer científico ou mesmo no enquadramento do objetivo às teorias já dadas. Nesse aspecto, observamos que

[...] semelhante tarefa, propriamente epistemológica, consiste em descobrir no decorrer da própria atividade científica, incessantemente confrontando com o erro, as condições nas quais é possível tirar o verdadeiro do falso, passando de um conhecimento menos verdadeiro a um conhecimento mais verdadeiro (Bourdieu, 2000, p. 17).

Para Bourdieu (2000), o fazer científico deve ser questionado tanto para as regras de pesquisa, já estabelecidas, quanto aos seus objetos. Segundo ele, os objetos sociológicos, diferentemente dos objetos sociais, devem ser “conquistados, construídos e constatados”, pois o conhecimento deve ser construído contra a ilusão de um saber imediato. Na prática social, os imponderáveis da vida real estão sempre presentes a confrontar a prática da investigação sociológica e a eles o pesquisador deve sempre dar atenção e se esforçar para romper com as relações aparentes como meio de apreender as novas relações que o objeto se apresenta.

Weber (2001) analisa a construção da objetividade do conhecimento nas Ciências Sociais, diferindo de uma questão “já resolvida” nas Ciências da Natureza para as quais o

conhecimento, para ser construído, deve ser apartado do objeto que se pretende conhecer. Discordando desta perspectiva, Weber (2001) afirma que o conhecimento científico social não é um reflexo da realidade societária, mas um ordenamento conceitual dela para determinados fins.

Utilizou-se a observação direta da pesquisa participante, “aquela que o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, de suas atividades” (Severino, 2007) nos propiciando o clima adequado que nos manterá motivados a participar efetivamente da investigação. O intuito é realizar essa observação junto aos alunos, nos períodos de intervalo e nos espaços onde os jovens costumam ficar nos campi de Picos e Teresina Central, acreditamos que, por serem campus distantes do campus do pesquisador, por um lado a hierarquia do fazer professoral não estará vigente, mas a questão etária e geracional pode se apresentar como uma barreira a ser transposta. O próprio Foot-Write (2005), com toda a sua destreza, na sociedade de esquina também encontrou os imponderáveis da pesquisa, seja pela emergência de uma nova forma de olhar para seu objeto de pesquisa, seja pela diferença entre seu espaço e dos seus pesquisados.

Trata-se da observação direta (Da Matta, 1978) nas incursões, pode-se capturar os sentidos dos comportamentos sociais como também identificar as relações de sociabilidade existentes dentro de seus núcleos de vivências comunitárias, assim como entre esses núcleos e outros espaços. Apostamos nessa técnica como possibilidade de estar próximos aos alunos, e por essa proximidade, poder compreender essas dinâmicas de entristecimento suicidógenos. Em vista disso,

[...] o trabalho de campo não pode aparecer fundamentalmente como um processo cumulativo de coletar “experiências” ou de “aprendizado” cultural por um sujeito autônomo. Ele deve, antes, ser visto como um encontro historicamente contingente, não controlado e dialógico, envolvendo, em alguma medida, tanto o conflito, quanto a colaboração na produção dos textos (James Clifford, 2002, p. 223).

Uma das preocupações desta abordagem metodológica se dá pelo esforço para levar tudo em conta, isto é, de estarmos atentos para que nada escape. No campo, tudo que observamos foi anotado, perto do vivido, mesmo que não dissesse respeito diretamente ao assunto estudado.

Adotou-se por uma descrição densa²³ das coisas vivenciadas durante as observações, e para realizar esta descrição dos espaços percorridos pela pesquisa de campo, utilizamos o diário

²³ Uma descrição densa é interpretar e elaborar uma leitura da leitura que os nativos fazem da própria cultura. A etnografia, enquanto um método de pesquisa antropológica, tem a função não somente de guiar o pesquisador em campo, mas também atua como um fundamento do papel do antropólogo, sem a necessidade dele se tornar um

de campo, no qual descrevemos, por meio de notas, o “dito” e as impressões sobre o “dito”, o que observamos e o que fazem os sujeitos da pesquisa. A trama, a rede de intrigas, as ações, os discursos, as marcas nos seus corpos e seus gestos, a estrutura física das instituições, enfim, para nos aproximarmos desse feixe de relações e sentidos (Geertz, 1989), priorizamos depoimentos e, sobretudo, comportamentos, gestos, atos e a relação que nossos interlocutores estabelecem com o entorno. Na concepção de Whitaker (2002), o caderno de campo serve de suporte para a pesquisa e tem a função de registrar a relação entre os observadores e a realidade de campo, dialogando com a teoria e com o que acontece efetivamente, na prática.

As análises críticas desenvolvidas por Favret-Saada (2005) são importantes acerca da prática de observação participante tal qual realizada pelos antropólogos. Segundo a autora, muitos dos antropólogos que dizem fazer observação participante entendem que participar é tão somente condição de presença em campo, sem perceber a profundidade dos sentidos atribuídos às práticas ocorridas em campo. Ainda segundo esta autora, com esteio em seus estudos sobre feitiçaria na França, fazer pesquisa de campo não é apenas fazer descrição sobre as práticas vistas em campo, mas deixar-se afetar por elas, conforme se afirmar no trecho a seguir

[...] aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assume o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer. Pois se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada. Mas se acontece alguma coisa e se o projeto de conhecimento não se perde em meio a uma aventura, então uma etnografia é possível (Favret-Saada, 2005, p. 160).

Concordamos com a autora, e entendemos que aquilo que poderia ser um problema, seria estar inserido como membro da educação EBTT (na condição de professor), na realidade se configura como um ponto alto, no sentido de nos dar a possibilidade de perceber as dinâmicas e as nuances do processo educacional técnico, tanto para a instituição como para os docentes e os discentes. Assim sendo, nosso exercício epistêmico de tentar compreender essas dinâmicas dentro do campus de Teresina Central e Picos.

Utilizou-se a técnica de entrevistas abertas ou não diretivas, com tópicos guias sempre que nos forem possíveis, por entender por meio delas, a possibilidade de colhermos informações do sujeito a partir de seus discursos livres. O entrevistador se mantém em escuta atenta, registrando todas as informações e só intervindo discretamente para, eventualmente, estimular o depoente (Severino, 2007) a retirar alguma dúvida ou aprofundar um ponto que julgue importante para sua pesquisa. Recorremos à técnica de entrevistas com psicólogos que atuam no campus de Picos e Teresina Central, com professores de sociologia do campus e também

objeto de estudo, um nativo. In: Geertz, Clifford. Uma Descrição Densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 3-21.

com os alunos dos cursos técnicos e concomitantes técnicos. Certamente, as informações obtidas por este meio serão de grande valor, mas não substituíram a necessidade de observarmos determinados agenciamentos práticos *in loco*. A conversa com os sujeitos e a observação de suas práticas possibilitaram construir essa colcha de retalhos da realidade estudada por esta pesquisa, numa perspectiva processual e construtivista, inspirado na referência de tópicos guias. Diante do apresentado, observou-se que

o tópico guia e, contudo, como sugere o título, um guia, e não nos devemos tornar escravos dele, como se o sucesso da pesquisa dependesse só disso. O entrevistador deve usar sua imaginação para perceber quando temas considerados importantes e que não poderiam estar presentes em um planejamento ou expectativa anterior, aparecerem na discussão. Isto deve levar a modificação do guia para subseqüentes entrevistas. Do mesmo modo, à medida que uma série de entrevistas for acontecendo, alguns tópicos que estavam anteriormente na fase de planejamento, considerados centrais, podem se tornar desinteressantes, até mesmo devido a razões teóricas, ou porque os entrevistados têm pouca coisa ou nada a dizer sobre eles. Finalmente, à medida que o estudo progride, o entrevistador pode criar algumas hipóteses, exploradas com uma forma diferente de investigação. Em síntese, embora o tópico guia deva ser bem preparado no início do estudo, ele deve ser usado com alguma flexibilidade. Uma coisa importante: todas estas mudanças devem ser plenamente documentadas com as razões que levaram a isto (Bauer e Gaskell 2000, p. 65).

Nesse sentido, acima colocado por Bauer e Gaskeel (2000), pensar entrevistas é também pensar o conjunto de complexidades que estão inseridos na maneira como os sujeitos que vivenciam as dinâmicas do IFPI trazem para si em sua lida cotidiana sentido para a vida. Entrevistas são instrumentais importantes quando a questão buscada pela pesquisa é mapear as práticas, as crenças, os valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos dos sujeitos que desejamos entender, além, ainda, de percebermos esses sujeitos como sujeitos que vivem seus conflitos e contradições, ainda que para eles essas questões não estejam claramente explicitadas. Nesse caso, elas podem possibilitar ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade, nos permitindo descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior de um grupo, o que, em geral, é mais difícil obtermos com outros instrumentos de coleta de dados.

As entrevistas, neste caso específico, nos possibilitam trabalhar com grupos diversos e polifônicos entre si, que ora apresentam similitudes, ora conflitos latentes, sejam eles ideológicos ou operacionais.

Para delimitação do marco temporal da pesquisa foi traçado um período que foi a suspensão das atividades acadêmicas e administrativas do IFPI e prorrogado por tempo indeterminado que se deu em 19 de março de 2020. E, em 2022, foi ano em que houve um

recrudescimento da pandemia e um relaxamento das normas de isolamento social, ou seja, período em que a vacinação começou a fazer efeito na população com diminuição dos números de mortes ocasionados pela imunização. Ademais, fizemos entrevistas com quatro psicólogos (as) dos quatro maiores campi para desenhar um recorte da pesquisa a qual, tentará evidenciar quais os campi que apresentam o maior índice de tentativas e ideias suicidógenas e quais desses interlocutores estariam dispostos a participar da pesquisa. Pois seria necessária uma visita de campo presencial para entrevistas dos alunos, porque naquele momento já estava acontecendo a vacinação em massa da população brasileira e com isso um recrudescimento das barreiras sanitárias. Nesse sentido, tivemos dois interlocutores dos campi de Picos e Teresina Central que se disponibilizaram para contribuir para a presente Trabalho. O primeiro interlocutor do campus Teresina Central manifestou interesse em participar, atendendo a um dos requisitos, que incluía fornecer o maior número possível de registros de tentativas de suicídio de seus alunos por meio do seu quadro de atendimento, o qual foi compartilhado imediatamente após a nossa entrevista. O interlocutor do campus de Picos aceitou prontamente, embora não mais mantivesse registros de atendimento, pois estes são descartados após cinco anos.

O interlocutor do campus de Floriano estava envolvido em uma cooperação técnica com o campus da Zona Sul de Teresina, o que o impossibilitou de participar da pesquisa. Já o interlocutor dos campi de Parnaíba não demonstrou interesse, apesar de nossas tentativas de contato por meio de e-mail institucional e WhatsApp para que nos enviasse seu quadro de atendimento atualizado, as quais não obtiveram resposta.

Dessa forma, o recorte da pesquisa concentrou-se nos campi Teresina Central e Picos. Os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foram explicados aos participantes, e esses termos foram compartilhados com eles por meio de seus contatos via WhatsApp e e-mail institucional. Além disso, os psicólogos (as) são interlocutores e sujeitos da pesquisa que serviram de porta de entrada para o campo de investigação para com os sujeitos alunos, pois, através da sua interlocução tivemos o contato deles que foi de grande valia

Eles também são os nossos interlocutores pois, através deles podemos compreender como age a instituição e de certa maneira como pensam e trabalham sobre a temática do suicídio. Dentro do recorte já definido estão os campi de Picos e Teresina para análises destes sujeitos que foram quatro professores, dois professores de Picos e dois do Teresina Central. Porque, eles estão em contato direto com os discentes e seus diálogos com eles fluem com naturalidade. Além disso, fizemos entrevistas com sete discentes dos campi já estabelecidos do recorte da pesquisa. Os nossos discentes foram apresentados pelos psicólogos, totalizando

um total de sete alunos que concordaram em participar da pesquisa, sendo quatro do campus Teresina Central e três do campus Picos. Foi fornecida a eles informações detalhadas sobre os termos legais necessários para o consentimento da pesquisa, e todos eles assinaram os termos correspondentes, que incluíram o TCEL (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e o TALE (Termo de Autorização para Uso de Imagem e Voz).

Ressalta-se que todos esses estudantes são matriculados no ensino médio integrado, com idades médias compreendidas entre 16 e 18 anos, e estão cursando diversas modalidades de cursos profissionalizantes nos campi anteriormente mencionados. Estes interlocutores e sujeitos da pesquisa com suas vozes nos dará luz sobre a problemática do suicídio que ocorrem na nossa instituição, pois através de sua ótica poderemos compreender os seus pensamentos e sentimentos sobre o que ocorreu durante a pandemia da Covid-19, nos permitindo refletir e discutir de como a instituição escola, comunidade acadêmica pode intervir de forma mais eficiente nessa temática.

Para análise desses dados produzidos, utilizaremos a análise de conteúdo de Laurence Bardin (1977), em que se postula três etapas principais: análise preliminar, revisão documental e processamento de resultados. Antes da análise, o pesquisador deve determinar o objetivo do estudo se há uma lacuna dentro do campo pesquisado e selecionar os documentos a serem analisados, artigos, dissertações, teses entre outros e fazer uma leitura “flutuante” dos materiais catalogados. Portanto, o processo de descoberta de documentos exige que os pesquisadores identifiquem e classifiquem as unidades de análise (palavras-chave, frases ou parágrafos). É importante que as categorias sejam relevantes para as questões norteadoras e os objetivos da pesquisa, pois a partir delas realizamos a análise do conteúdo, a qual o pressuposto da pesquisa será validado ou não. Finalmente, considerando os resultados, os pesquisadores devem interpretar os dados construídos e produzir um resumo das informações.

A partir dessas etapas, nos possibilitarão adentrar na lógica formativa dos discursos dos interlocutores, possibilitando inferir significado na comunicação realizada em um contexto social específico, ou seja, reconhecer as ideias construídas e dando sentido a elas que nos levará às categorias.

Com a intenção de atender aos objetivos geral e específicos, construiu-se um roteiro de perguntas semiestruturadas em que Psicólogos, Professores de Sociologia e Alunos tornaram-se os principais interlocutores. As entrevistas foram guiadas por um roteiro de perguntas semiestruturadas que se encontram nos, (Apêndices), para compreender como a pandemia da Covid-19 influenciou ou potencializou as ideações e tentativas de suicídios nos alunos da

referida instituição e se estas ideações e tentativas estão encadeadas com ambiente escolar e como a instituição lida com estes discentes que expressam essas ideações e tentativas?

O objetivo geral da pesquisa é compreender como os jovens estudantes do ensino médio integral entendem suas ideações e tentativas de suicídio dos campi de Teresina Central e Picos do IFPI e como os professores de sociologia e os psicólogos (as) dos referidos campi, entendem as ideações e tentativas de suicídios dos jovens alunos do ensino médio do IFPI. Os objetivos específicos são: (1) Compreender como os jovens estudantes dos campi de Teresina Central e Picos IFPI, entendem suas ideações e tentativas de suicídio; (2) Identificar como a pandemia da Covid-19 potencializou as ideações e tentativas de suicídio de jovens estudantes do Ensino Médio dos campi de Teresina central e Picos do IFPI; (3) Apontar a relação das ideações e tentativas de suicídio de discentes com o ambiente escolar de jovens estudantes do Ensino Médio dos campi de Teresina central e Picos do IFPI; (4) Identificar como o IFPI lida os jovens estudantes do Ensino Médio dos campi de Teresina central e Picos do IFPI que possuem comportamento suicida.

Os dados foram construídos através das entrevistas dos nossos interlocutores e seus conteúdos foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo do tipo categorial (Bardin, 1977). A análise de conteúdo tem como objetivo adentrar na lógica formativa dos discursos dos interlocutores, possibilitando inferir significado na comunicação realizada em um contexto social específico, ou seja, reconhecer as ideias construídas e dando sentido a elas. Nesse caso, a análise de conteúdo é adequada para este propósito, pois as mensagens destes interlocutores foram analisadas e categorizadas.

Desse modo, exercitamos a técnica da análise categorial que seguiu três etapas: a pré-análise da pesquisa do material, coletada das informações prestadas dos interlocutores, psicólogos (as), professores (as) e alunos (as) e processamento de resultados. A primeira etapa consistiu em uma triagem geral do material por meio do que se chamou de "leitura flutuante" e foi feito um rastreamento das questões consideradas importantes nas entrevistas. Esta fase da análise de conteúdo é apresentada no Apêndice 1. O segundo passo foi codificar as unidades de registro de cada um dos interlocutores.

Na etapa final, os elementos são classificados de acordo com suas semelhanças e diferenças por agrupamento em função de características comuns (Bardin, 1977). A pré-análise da pesquisa caracterizou-se pela organização do material experienciado, corresponde a um conjunto de procuras iniciais que consistiu em três metas, estreitamente interrelacionadas: selecionar os materiais que possam ser analisados, formular premissas e objetivos e preparar indicadores para apoiar a interpretação das categorias. A pré-análise realizou essas três metas

através de quatro atividades: a leitura flutuante, seleção de documentos, formulação dos pressupostos e referência aos índices (Bardin, 1977).

A primeira atividade pré-analítica consistiu em imergir no documento construído, através de uma escuta atenta. Em primeiro momento, ouvimos, atentamente, o material construído pelos interlocutores na pesquisa a fim de deixar-se envolver pelos sentidos ali capturados. A segunda etapa pré-analítica consistiu em escolher o material a ser analisado de acordo com o pressuposto, objetivos e problemática da pesquisa. A terceira atividade consiste na construção de um corpus comum através do levantamento dos dados mais relevantes. Essa construção obedece às regras da exaustividade²⁴, da representatividade, da homogeneidade²⁵. O preceito do pressuposto é a terceira atividade que surgiu logo após a busca das primeiras informações colhidas. Isso levou a uma quarta atividade, que foi a elaboração de indicadores referentes ao tema da mensagem transmitida. Esses indicadores levam em consideração o número de vezes que aparece acerca de uma questão e a dedução do sentido ao conteúdo (Bardin, 1977). Nessa investigação, quantificamos a recorrência do conteúdo semântico, ou seja, as palavras-chave, que indicam o tema da mensagem.

A segunda etapa da análise de conteúdo consistiu na criação de categorias, que formaram os pontos principais da análise de conteúdo. A categorização é o ato de classificar (agrupar e distinguir) itens com base na analogia. As categorias podem ser criadas primeiramente pelo pesquisador ou podem surgir a partir dos enunciados dos sujeitos analisados.

Para o intento da pesquisa, há uma estrutura de perguntas formuladas colocados em apêndices. Na entrevista semiestruturada, escolheu-se analisar as categorias que surgiram das respostas dos psicólogos (as), professores (as) e alunos (as) sujeitos da pesquisa. A categoria criada deve ter as seguintes propriedades: exclusão mútua e conformidade. A primeira é reunir o que é uniforme e excluir o dessemelhante. A relevância para a literatura selecionada deve estar de acordo com a estrutura, objetivos, pressupostos e o problema de pesquisa (Bardin, 1977).

Essa regra exige que um elemento seja identificado e todos os outros elementos sejam considerados corpus analíticos. A representatividade aponta que o material a ser examinado deva ser vasto. Os documentos elaborados não devem ser diferentes e diverso, mas devem exibir uniformidade.

²⁴ Essa regra estabelece que considerem todos os elementos desse corpus construído.

²⁵ O corpus deve possuir uma homogeneidade.

A terceira etapa – Fase final da pesquisa – Consistiu em interpretar as categorias desenvolvidas pelos interlocutores de acordo com o conceito teórico da investigação da pesquisa (Bardin, 1977). As categorias consideradas foram distinguidas sob a perspectiva do arcabouço teórico de Bauman, Pierre Bourdieu, Dayrell e Boa Ventura. Centraram-se as análises nas noções de modernidade líquida e sólida, violência simbólica, juventude e educação e suas correlações com o suicídio dentro do período da pandemia da Covid-19 no âmbito escolar.

3. O CAMPO E SEUS SUJEITOS

O campo como área de investigação nos trouxe bastante preocupação até mesmo aos nossos professores e colegas do curso, devido às restrições impostas pela Covid-19. Como teríamos acesso aos principais sujeitos da pesquisa sendo os nossos alunos da instituição?

Uma entrevista com outros atores seria até certo ponto mais fácil, pois estes possuem meios de comunicação e acesso fácil à internet. Sem contar que sendo docente da instituição me garantiria trânsito fácil entre os meus pares e demais servidores.

Além disso, houve uma demonstração em uma aula no curso de mestrado de como seriam as estratégias a serem usadas no campo com essas restrições. Ela foi ministrada pelo egresso do curso de mestrado da UFPI Francisco Weriquis, em que relatava quais foram suas estratégias para ingressar no campo e como trabalhar determinados aplicativos. Isso ocorreu na disciplina Sociologia da Juventude. Aproveitando algumas dicas e sugestões do nosso colega, fomos pôr em prática no campo remoto.

As primeiras providências tomadas para que eu pudesse me informar sobre os casos e números de suicídios foi procurar um contato dentro da minha instituição que me levasse as psicólogas do setor médico. Porque sou docente e pesquisador da instituição e tenho transito melhor, assim pedimos aos diretores dos campi escolhidos que foram os quatro maiores que me fornecessem os números telefônicos com seus devidos e-mails institucionais dos (as) servidor (as) do setor médico que são os (as) psicólogos (as). Posteriormente, tentamos submeter nosso trabalho ao Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos na plataforma Brasil. No entanto, enfrentamos dificuldades, uma vez que a plataforma não estava adequada para a compreensão de pesquisas na área das Ciências Sociais. Ela foi desenvolvida principalmente para pesquisas na área da Medicina e não oferecia muitas opções para abordagens relacionadas às humanidades, o que tornou o envio de documentos específicos um desafio.

Além disso, devido à minha localização em São João do Piauí, alguns documentos enviados ao comitê foram rejeitados devido ao fato de serem assinaturas eletrônicas. O comitê exigia assinaturas manuscritas dos gestores dos campi dos quais estávamos solicitando autorizações para a pesquisa. Isso dificultou a conformidade com os requisitos da plataforma, que também apresentava demora nas respostas às submissões.

Diante desse cenário, após quatro meses de tentativas sem sucesso e com o risco de prejudicar o andamento da pesquisa, comuniquei à minha orientadora, a professora Verônica, que optaria por não submeter mais o projeto ao comitê. Decidimos então trabalhar com os Termo de

consentimento livre e esclarecido, (TCLE) e o Termo de Assentimento livre e esclarecido, (TALE), além do termo de permissão de pesquisa assinado pelos diretores dos campi selecionados. Após essa decisão, partimos para o campo a fim de iniciar nossa pesquisa com os primeiros interlocutores. Assim, entrevistamos quatro psicólogos (as) dos quatro maiores campi para desenhar um recorte da pesquisa, onde evidenciamos quais os campi que apresentaram o maior índice de tentativas e ideações suicidógenas. Como dito anteriormente, tivemos dois interlocutores dos campi de Picos e Teresina Central que se disponibilizaram para contribuir para a presente trabalho. O primeiro interlocutor do campus Teresina Central demonstrou disposição para participar da pesquisa, atendendo a um dos requisitos, que envolvia fornecer o maior número possível de registros de tentativas de suicídio a partir do seu histórico de atendimento a alunos, os quais foram compartilhados logo após a nossa entrevista. O outro interlocutor do campus Picos também aceitou prontamente, apesar de não mais possuir os registros de atendimento, uma vez que eles são descartados após cinco anos.

O interlocutor do campus de Floriano estava envolvido em uma cooperação técnica com o campus da Zona Sul de Teresina, o que impossibilitou sua participação na pesquisa. Quanto ao interlocutor do campus de Parnaíba, não demonstrou interesse em participar, apesar de nossas tentativas de contato, nas quais solicitamos que nos enviasse seu registro de atendimento atualizado por meio de e-mail institucional e WhatsApp, mas não obtivemos resposta. Dessa forma, a pesquisa ficou limitada aos campi Teresina Central e Picos.

A escolha de envolver os professores de Sociologia se deu devido ao fato de eles terem proximidade com um dos autores abordados em nossa pesquisa, que é Émile Durkheim. Portanto, esperávamos que eles pudessem compreender alguns dos conceitos sociológicos de forma mais precisa e contribuir para uma explicação mais aprofundada dos nossos questionamentos. Eles também são os nossos interlocutores, pois, através deles compreendemos como age a instituição e de certa maneira como pensam e trabalham sobre a temática do suicídio. Dentro do recorte já definido estão os campis de Picos e Teresina para análises destes sujeitos que foram quatro professores, dois professores de Picos e dois do Teresina Central. Porque, eles estão em contato direto com os discentes e seus diálogos com eles fluem com naturalidade. Além disso, fizemos entrevistas com sete discentes dos campis já estabelecidos do recorte da pesquisa. Como mencionado anteriormente, esses discentes foram apresentados a nós por psicólogos, totalizando sete alunos que concordaram em participar da pesquisa, sendo quatro do campus Teresina Central e três do campus Picos. Foi realizada a

leitura em voz alta dos termos legais, que incluíram o TCEL e o TALE, aos quais todos eles assinaram.

É importante ressaltar que todos esses estudantes são alunos do ensino médio integrado, com idade média entre 16 e 18 anos, e estão matriculados nos diversos cursos profissionalizantes oferecidos nos campi previamente mencionados. Esses interlocutores e sujeitos da pesquisa com suas vozes nos dará luz sobre a problemática do suicídio que ocorrem na nossa instituição, pois através de sua ótica poderemos compreender os seus pensamentos e sentimentos sobre o que ocorreu durante a pandemia da Covid-19, nos permitindo refletir e discutir de como a instituição, escola, comunidade acadêmica pode intervir de forma mais eficiente nessa temática.

Tais categorias foram construídas a partir da quantificação das respostas sugeridas pelos indivíduos a cada pergunta lançada nos questionários. Ouvindo atentamente, o material construído pelos interlocutores na pesquisa a fim de deixar-se envolver pelos sentidos ali capturados, chegamos ao número máximo, exaurindo assim o que chamamos de unidade de análises. Acrescentando-se que, logo abaixo, teremos os quadros analíticos dos sujeitos entrevistados, de modo a surgir as categorias.

Assim, analisamos o conteúdo das entrevistas dos psicólogos (as) e chegamos às seguintes categorias:

Quadro 8 - Menções de categorias psicólogos (as)

| SUJEITO | CATEGORIAS | MENÇÕES | CAMPIS ANALISADOS PICOS/ FLORIANO/TERESI NA CENTRAL /PICOS |
|----------------------------|---|----------------|---|
| PSICÓLOGOS (AS) | Depressão e Ansiedade/ autolesão | 40 | 4 |
| | Ideação suicida/Saúde mental | 37 | |
| | Pandemia | 27 | |

Fonte: A própria pesquisa. 2020-2022.

Analisamos o conteúdo das entrevistas dos professores (as) e chegamos às seguintes categorias:

Quadro 9 - Menções de categorias professores (as)

| SUJEITO | CATEGORIAS | MENÇÕES | CAMPI ANALISADOS PICOS/ TERESINA CENTRAL |
|-----------------------------|---|----------------|---|
| PROFESSORES (AS) | ALUNOS (AS) | 214 | 4 |
| | AULAS | 92 | |
| | PANDEMIA | 45 | |
| | IDEAÇÃO SUICIDA/SAÚDE MENTAL | 35 | |

Fonte: A própria pesquisa. 2020-2022.

Na análise de conteúdo das entrevistas dos alunos (as), chegamos às seguintes categorias:

Quadro 10 - Menções de categorias alunos (as)

| SUJEITOS | CATEGORIAS | MENÇÕES | CAMPIS ANALISADOS PICOS/ TERESINA CENTRAL |
|-------------------|---|----------------|--|
| ALUNO (AS) | DEPRESSÃO E ANSIEDADE/ AUTOLESÃO | 35 | 4 |
| | IDEAÇÃO SUICIDA/SAÚDE MENTAL | 30 | |
| | PANDEMIA | 34 | |
| | ESCOLA/ PROFESSORES | 102 | |

Fonte: A própria pesquisa. 2020-2022.

3.1. Os psicólogos: investigar é preciso e escutar também

A Primeira interlocutora é psicóloga do campus de Picos a qual, denominei de Helena.

Entramos em contato com nossa interlocutora, Helena, e agendamos uma data e horário para nossa conversa. A reunião ocorreu por meio da plataforma *Google Meet*, seguindo o mesmo formato das demais, devido ao contexto da pandemia. O encontro foi agendado para o dia 23 de janeiro de 2022, às 9h da manhã.

A entrevista foi realizada no campus IFMA/Timon, porque estava em Teresina cursando as últimas disciplinas do mestrado e não havia um ambiente propício em minha residência, pois, tenho uma criança pequena que poderia eventualmente atrapalhar a entrevista. Levei comigo o meu primeiro piloto do questionário, aprovado pela nossa orientadora para ser feito a nossa interlocutora.

O que observei na primeira resposta foi o fato de biologizar os sujeitos sempre na condição de paciente com problemas mentais e um quadro depressivo, fato que irá se repetir nas demais entrevistas. No ponto de vista da psicologia, tais observações foram aceitas dentro da área. O caso recente do primeiro atendimento contado foi da tentativa de uma aluna que usou medicação e que sua preocupação mesmo internada era com uma disciplina do colégio e que o professor relatou à psicóloga sobre a tentativa. De pronto fiquei estarecido e, simultaneamente, lembrei de um caso assim do meu campus cujo trabalho em que uma discente fizera tentativa com uso de medicamentos levando-a ao hospital. Assim, comecei a entrevista com o questionário em mãos para ter conhecimento do que estava ocorrendo no referido campus. Helena é bastante atuante dentro da sua área e no período pandêmico fez uma série de entrevistas e constatou que a maioria dos problemas enfrentados pelos discentes eram transtornos psicológicos como depressão, ansiedade e problemas de aprendizagem no remoto. Já no período anterior à pandemia estava ligada mais às relações interpessoais entre professor e aluno e problemas familiares.

Helena relatou sobre uma investigação que realizou no corpo docente e discente sobre o retorno das aulas presenciais e que a grande maioria respondeu aos questionários. Os docentes estavam ansiosos e receosos de uma contaminação em massa. Apesar de não gostarem do modelo remoto, pois, para eles, as aulas assíncronas não funcionam como modelo pedagógico de aprendizagem adequado. Os discentes também responderam em massa sobre esse modelo em que cita uma enorme dificuldade de aprendizagem. Como dito anteriormente, a interlocutora é bastante atuante na área de pesquisa e relatou que propôs um projeto de retorno presencial

bem desenhado para o campus do Piauí e que somente seis campi retornaram para participar do projeto. Sendo eles: Oeiras, Floriano, Paulistana, Parnaíba, Picos e Piripiri. Resultando disso uma publicação de um capítulo no livro da área de Psicologia intitulado, **ONDE ESTÁ A PSICOLOGIA ESCOLAR NO MEIO DA PANDEMIA?** Publicado pela editora Pimenta Cultural, na cidade de São Paulo, no ano de 2021, e a elaboração de cartilhas para acolhimento dos alunos e docentes e técnicos de assuntos educacionais sendo apresentada ao reitor para implementação no campus. Depois disso, há depoimentos mais específicos do nosso questionário sobre a temática da qual a interlocutora relata da forma mais categórica as tentativas que são problemas temporários como uma solução permanente e drástica. Na maioria das vezes, os alunos chegam relatando que querem acabar com seus problemas, pois não aguentam mais sofrer.

A interlocutora Helena, nas suas rondas escolares, sempre está atenta a determinados comportamentos que possam levantar suspeitas de tentativas, da qual relata que sempre pede aos professores que fique atento aos alunos que usam casacos em períodos quentes do ano e depois disso houve um relato de um professor dessa situação que viu as marcas escondidas no braço de um aluno e comunicou a interlocutora. Assim, há toda uma preocupação para se observar fora da sala de aula esses comportamentos, diferentes palavras da interlocutora.

Ademais, Helena nos informou que a família sempre é alertada do que está ocorrendo com o discente e algumas vezes eles chegam ao setor médico e através de uma verificação a interlocutora descobre o problema de ideações e tentativas auto lesivas.

Logo em seguida, colocaremos abaixo de todas as entrevistadas os quadros de atendimentos.

Quadro 11 - Atendimento Psicóloga do Campi Picos no período de 2019 até 2022.

| ANO/DEMANDAS ATENDIDAS | 2019 | 2020 | 2021 | 2022 (ATÉ ABRIL) |
|-------------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------------------|
| AUTOLESÃO | | 1 | | 02 |
| IDEAÇÃO SUICIDA | | | | 06 |
| TENTATIVA DE SUICÍDIO | 2 | 2 | 2 | 1 |
| TOTAL PARCIAL | 2 | 3 | 2 | 9 |
| TOTAL GERAL: 16 | | | | |

Fonte: Setor médico de Psicologia do IFPI/ Campi Picos (2022.)

A segunda interlocutora é psicóloga do campus de Floriano. Denominada de Sandra, que estava também respondendo pelo campus de Teresina, zona sul.

O psicólogo (a) desse campus estava afastado para o mestrado. Nosso contato também se deu por meio de WhatsApp, da qual me identifiquei, falei do meu projeto de pesquisa e pedi um horário para que tivéssemos a conversa sobre a temática. Marcamos a reunião pelo *Google Meet*, no dia 21 de fevereiro de 2022, às 15h. Dando prosseguimento, fizemos o nosso questionamento sobre as tristezas e apatia dos alunos no período pandêmico. Ela relata que não houve uma quantificação desses dados, mas considera, sim, que houve esse aumento de demanda. Relata que está fazendo parte do projeto com outras psicólogas e desenvolvendo as cartilhas de acolhimento. Sandra relata que após dez anos de serviço nunca havia presenciado um ato de suicídio entre os alunos, mas que infelizmente isso ocorreu nesse período pandêmico. Pondera que não se pode afirmar categoricamente que os casos de suicídios e pandemia estão imbricados, mas que o suicídio é uma construção multifatorial, podendo haver uma correlação dos casos auto lesivos e que não se pode afirmar enquanto não houver pesquisas consolidadas apontando essa causalidade.

Perguntou-se sobre a Lei nº 13819/19 e se houve divulgação em massa? Disse que não houve essa divulgação no seu campus. Faltou orientação e o instrumento a ser utilizado para tal lei e que não houve o devido suporte. Destacou que muitas ações acontecem para dar sentido ao trabalho de valorização da vida e que conta com um momento de *coffee time* que também trata de assuntos transversais de vida dos adolescentes. Questionada sobre quais seriam esses acontecimentos se seriam ideações, tentativas ou autolesões, a interlocutora nos informa que são autolesivas e questionado se tem algo relacionado a raça, racismo e bullying. A interlocutora

Sandra não soube precisar, pois os dados não foram quantificados, mas entende que não existe um fato determinante e como dito antes, são multifatoriais, pedindo sempre a atenção dos docentes que preste a atenção a sinais desses alunos, informando sempre ao setor médico. E que buscando em sua memória informa que a maioria destes casos estão relacionados a fases da vida, a relacionamentos amorosos, questões de sexualidade e familiares. Sandra relata que a demanda dos alunos vem dos docentes que encaminham, do setor multifatorial como o setor pedagógico e assistentes sociais, família e as demandas que vem espontâneas ao setor médico. Informa quais eram as demandas e continua e que o público é variado tanto do médio como superior e que a maioria é do ensino médio. Sendo que relata que antes um pouco da pandemia estava aparecendo muitos casos de transtornos mentais e crises de ansiedades. Finalizando relata que apesar do ocorrido com suicídio do aluno somos seres humanos e que nem sempre estas pessoas querem aproximação, que o trabalho é realizado com máximo zelo que sempre informa aos discentes que está disposição. Pondera que devemos cuidar da prevenção ao suicido e abordar de forma correta e científica o assunto. Não esqueçamos também da nossa saúde, inclusive a mental.

Quadro 12 - Atendimento Psicóloga do campi Floriano no período de 2019 a 2022

| ANO/DEMANDAS ATENDIDAS | 2019 | 2020 | 2021 | 2022 (ATÉ ABRIL) |
|-------------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------------------|
| AUTOLESÃO | 4 | 6 | 2 | 0 |
| IDEAÇÃO SUICIDA | 6 | 5 | 2 | 0 |
| TENTATIVA DE SUICÍDIO | 4 | 3 | 2 | 0 |
| SUICÍDIO | 0 | 1 | 0 | 0 |
| TOTAL PARCIAL | 14 | 16 | 6 | 0 |
| | | | | TOTAL GERAL: 36 |

Fonte: Setor médico de Psicologia do IFPI/ campi Floriano.

A terceira interlocutora que é psicóloga do campus de Parnaíba, a qual denominei de Ana.

A reunião se deu como as outras pelo *Google Meet* no dia 23 de janeiro de 2022, às 8h da manhã realizada residência do pesquisador, pois, no IFMA/ Timon estava de recesso e com

algumas restrições quanto ao uso de salas. Como dito antes, por ter uma criança pequena, ela poderia a qualquer momento intervir e atrapalhar a dinâmica da entrevista.

Nessa abordagem, houve pequenas modificações no nosso questionário, não alterando a problemática da pesquisa nem o nosso pressuposto. Haja vista que, nos primeiros questionários, íamos direto ao ponto. Deixando de envolver nossos (as) interlocutores (as) e até mesmo criando uma certa tensão. Por que falo isso? Depois de analisar algumas das entrevistas, observamos que um interlocutor estava por demais desconfortável, isso foi demonstrado pelo seu gestual. Então, decidimos que no nosso primeiro questionamento o/a interlocutor (a) nos contasse do seu dia a dia junto à instituição para saber como era de fato sua rotina.

Com isso, criamos um clima de aproximação e envolvimento para que pudessemos deixar mais tranquilo o que realmente ocorreu. Que a entrevista não fosse apenas mais uma entrevista com um clima tenso, mais que fosse uma conversa entre servidores. O que ficou claro, após análise dos vídeos após a entrevista é que essa modificação deu certo ao nosso propósito.

Ademais, Ana nos contou como era sua rotina antes da pandemia e durante a pandemia. Ana relata quais as diferenças básicas do seu trabalho e como age em suas ações frente às suas demandas, na qual, especifica novamente que não faz a parte terapêutica junto aos docentes. Ela afirma no nosso segundo questionamento, sobre os problemas enfrentados pelos discentes, que a maioria desses casos estão relacionados a fases da vida, a relacionamentos amorosos, questões de sexualidade e familiares. Nesse ponto, observamos uma homogeneização das falas dos psicólogos. A interlocutora nos relata que há um trabalho na forma coletiva e individual e que geralmente o discente não se sente confortável para falar no coletivo, e a procura no individual. Há uma terapia para os alunos e que não os fideliza porque perderam aulas. Ela, ressalta que, às vezes, atua até como apagar fogo em situações graves. No caso em que teve de pular uma porta de banheiro para socorrer uma aluna em crise, acalmando a aluna e chamando logo em seguida os familiares. A interlocutora, Ana, relata que houve um caso de suicídio em 2022, mas ele era egresso da instituição e que a procura por atendimento on-line não aconteceu, porque eles não se sentiam confortáveis por estar em casa e fazer esse tipo de atendimento.

Segundo a nossa interlocutora, foi realizado um projeto coletivo com equipe multiprofissional intitulado de *Diálogo em tempo de pandemia* em que toda segunda-feira várias temáticas eram discutidas. Segundo Ana, houve mais de 10 encontros, sendo muito rico. Ana nos relata que houve um debate sobre o estudo remoto e que ele cobra do aluno um autodidatismo com um protagonismo maior. Esses alunos não conseguem sua automotivação e mergulham em ambiente doméstico, muitas vezes um ambiente opressor. “Eles tinham um IFPI

como uma casa diferenciada, se sentiam confortáveis e era como um refúgio”. Aconteceram casos, como o aumento da violência psicológica prejudicando a parte do estudo. Ana nos relata sobre a Lei nº 13819/19, sendo que ela não está efetivamente nos moldes do universo escolar. Sobre a temática em si, sempre tem a culminância em setembro com palestras, filmes, murais com mensagens de apoio às pessoas com pensamentos negativos.

Quanto às atividades de prevenção, Ana informa que segue o calendário internacional do setembro Amarelo. Isso envolve a realização de palestras em auditórios com a participação de profissionais externos, exibição de vídeos e filmes relacionados ao tema, além de murais nos quais os alunos podem expressar suas palavras e mensagens de apoio àqueles que enfrentam pensamentos negativos. A colaboração dos Grêmios e Centros Acadêmicos é fundamental nesse processo. Essas ações são realizadas de forma sazonal e culminam em setembro.

A interlocutora nos relata que busca compreender as emoções dos discentes a fim de abordar melhor suas questões. Ela trabalha temas como relacionamentos amorosos, conflitos familiares, pressões escolares, angústias, ansiedades e frustrações. Ana destaca que, para alunos que enfrentam problemas mais graves, ela aumenta a frequência de atendimento, sem estabelecer um número fixo de sessões. No entanto, ela faz exceções para esses alunos até que possam encontrar uma rede de apoio adequada, como uma vaga na rede pública para atendimento terapêutico.

Ana também destaca que todos os casos estão relacionados a transtornos mentais, incluindo tentativas de suicídio, mas ressalta que não se trata de uma condição única.

Quadro 13 - Atendimento Psicóloga do Campus Parnaíba no período de 2019

| ANO/DEMANDAS ATENDIDAS | 2019 |
|-------------------------------|-------------|
| AUTOLESÃO | 5 |
| IDEAÇÃO SUICIDA | 5 |
| TENTATIVA DE SUICÍDIO | 5 |
| SUICÍDIO | 1 |
| TOTAL PARCIAL | 16 |
| TOTAL | 16 |

Fonte: Setor médico de Psicologia do IFPI/campi Parnaíba.

A quarta interlocutora, que é psicóloga de Teresina Central, denominamos de Maria.

Essa reunião se deu como as outras pelo *Google Meet* no dia 03 de março de 2022, às 8h da manhã, realizada na residência do pesquisador, pois o IFMA/Timon continuava de recesso e com algumas restrições quanto ao uso de salas. Novamente, fizemos uma programação toda especial devido aos fatores elencados nas outras. Maria relata que trabalha com atendimento de plantão aos discentes. A interlocutora Maria nos relata que antes da pandemia o problema era a rotina escolar, horário, bastantes conteúdos, familiares e com bastante demandas de autolesões e tentativas de suicídios.

Ressaltou que há bastante interação com outros setores médicos e que constantemente levam demandas ao setor psicológico. Maria nos relata que com a pandemia se intensificou muito os casos de autolesões e ideações suicidógenas e com muita procura no setor psicológico, realizando uma avaliação sobre o risco de suicídio. A interlocutora Maria nos relata que os sentimentos desses alunos é desistir de tudo, desesperança, falta de perspectivas, porque alguns moravam em cidades distantes de Teresina e, com isso, possuíam certas liberdades e a pandemia os forçaram a regresso para casa perdendo a liberdade, gerando tensões familiares. Como as aulas eram remotas, eles sentiam muito a falta da convivência dos amigos e falta da escola, ou seja, as redes de relações contribuíram para as instabilidades emocionais. Maria nos relata o não conhecimento sobre a Lei nº13819/19. Os profissionais não foram informados da lei.

Segundo a nossa interlocutora, Maria, há um trabalho com os calendários de prevenção que fazem eventos e que outros setores também contribuem, como a biblioteca com um ciclo de palestras, utilizando de intervenções em momentos específicos em que são chamados e que possuem plantões permanentes. Os atendimentos dos alunos acontecem diante de uma análise de suas emoções e que vai direto ao ponto. Ela tenta compreender mais desses sentimentos puxando para a valorização da vida em algo que os traga de volta e que faça sentido à sua vida. A nossa interlocutora, Maria, nos relata que disponibiliza o seu contato pessoal para outras conversas ao longo do dia e que a queixa mais recorrente é sobre as perspectivas não correspondidas.

Segundo Maria, há um programa municipal chamado *Provida* que atuava ao lado do Lineu Araújo e agora está próxima ao IFPI/Teresina Central. Os alunos que estão sendo atendidos pelo setor de psicologia IFPI, apesar de existir um médico do setor de psiquiatria, eles estão sendo levados pessoalmente a esse atendimento municipal e tendo um acompanhamento dos relatórios desses alunos. Maria nos relata que não é fácil o atendimento na rede pública e que há um acompanhamento até achar a vaga na rede municipal.

Maria, a nossa interlocutora, nos relata que um psicólogo do *Provida* entrou em contato com o setor médico/psicologia do IFPI, pois um aluno da instituição teve algum problema em relação ao colégio, no entanto, devido ao sigilo não foi aberto o problema. Isto mostra o quão grave são os problemas que os alunos estão sofrendo e que há um canal de conversas institucionais. O Professor pesquisador, com um tempo de conversa relata o quão problemático está sendo essa passagem da pandemia pelos alunos e professores e das quais; a perda de familiares, alguns que sustentavam a casa, o luto, abrupta quebra de rotina, sentimento de solidão, ruptura do convívio familiar, escolar, quebra das interações sociais, sensação de angústia e sem perspectivas do amanhã. Isso tudo em um só período, nos traz uma sensação de preocupação futura, pois a informante relata que essas consequências terão desdobramentos futuros inimagináveis e as pesquisas dentro desta área serão de extrema importância para as futuras pesquisas.

O docente pesquisador pede aos interlocutores os contatos dos alunos atendidos pelo setor médico/psicólogos com esses transtornos, ideações e tentativas de suicídio, pois serão feitos os primeiros contatos a respeito da nossa pesquisa e sobre o interesse de participar voluntariamente de uma futura entrevista. Conseguimos seis contatos. As quatro entrevistas ficaram em média 35 minutos.

Quadro 14 - Atendimento Psicóloga do Campus Teresina Central no período de 2019 a 2022

| ANO/DEMANDAS ATENDIDAS | 2017 | 2018 | 2019 | 2020 | 2021 | 2022 (ATÉ ABRIL) |
|------------------------------|----------|----------|-----------|-----------|-----------|------------------|
| AUTOLESÃO | 4 | 7 | 21 | 31 | 39 | 17 |
| IDEAÇÃO SUICIDA | 1 | 2 | 12 | 17 | 21 | 7 |
| TENTATIVA DE SUICÍDIO | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 7 |
| TOTAL PARCIAL | 5 | 9 | 32 | 32 | 56 | 25 |
| TOTAL GERAL: 36 | | | | | | |

Fonte. Setor médico de Psicologia do IFPI/ Campi Teresina Central.

3.2 Os professores: a escola como espaço de conflitos e de relações de poderes complexo

O primeiro interlocutor, professor do Teresina Central, denominei de Fabrício.

Marcamos a reunião como as outras pelo *Google Meet* e se realizou no dia 29 de junho de 2022, às 20h. O encontro aconteceu na residência do pesquisador devido ao horário estipulado pelo nosso interlocutor.

Fabrício relata que sua rotina como professor na instituição e se sente realizado como docente e pesquisador. Aponta que os alunos do campus que veio, Floriano, lhe surpreendeu e em Teresina observa uma enorme diversidade. Como sua rotina foi totalmente modificada pela pandemia, o trabalho remoto lhe causou estranheza com a limitação de tempo. Teceu as críticas pela forma de trabalhar e que os alunos não se manifestavam apesar de ter uma turma relativamente grande. Não há uma mensuração do nível de aprendizagem desses alunos. Simplesmente cumprindo protocolo e dando satisfação à opinião pública. “Como instituição de tecnologia poderíamos ter dado nossas aulas em frente de uma câmera com tempo correto. Tínhamos muito mais a oferecer, podia ser muito mais diferente. Mas infelizmente não foi. ”, relatou do professor. A relação com os alunos foi protocolar. Trocas de conteúdo ou dúvidas quase nada. Houve uma reciprocidade protocolar entre alunos e instituição.

O interlocutor Fabrício nos relata que tem oito turmas virtuais com a mesma disciplina e que teoricamente a mesma carga horária e não tem as mesmas quantidades de aula. Aponta que as turmas que tiveram menos aulas são as que tiveram o pior desempenho comparados as que tiveram mais aulas. Prejudica as interações entre professor, aluno e isso nas aulas remotas.

Segundo o nosso interlocutor, Fabrício, os alunos tiveram muita reclamação nesse modelo implantado, principalmente do acesso à internet. Muitos pedidos para estender prazos de atividades devido ao grande número de atividades. Aponta também que houve mudança de

humor dos discentes e muitos alunos procuram o setor médico por terem entrado em depressão e estavam sendo acompanhados. Sendo que alguns casos foram comunicados aos professores e outros não.

De acordo com Fabrício, nosso interlocutor, sua rotina com as aulas presenciais estava ainda muito apreensiva, mas a tensão inicial foi se dissipando e agora está mais tranquilo. Relata que há uma certa desorganização em relação aos horários e na maioria das vezes os alunos ficam a esmo e tem turma que não conhece o coordenador do curso. Causando desconforto, inquietação e gerando dúvidas. O interlocutor Fabrício nos afirma que sobre o suicídio vem na cabeça o Sociólogo Durkheim, que trata o assunto muito sério. Entende que o assunto é sensível e usam desse artifício para não haver discussão sobre o assunto. Fabrício nos relata que ao tratar desse assunto em sala os alunos ficam curiosos e observam que sendo um tema tão importante não há uma discussão séria. No seu campus anterior, em Florianópolis, os debates eram sazonais e agora em Teresina Central ele ainda não viu essas discussões. O interlocutor Fabrício nos relata que a instituição não dialoga com os demais pares, assim dificultando a divulgação e ampliação do debate sobre a temática. A partir de observações não notou pensamentos ou atitudes suicidógenas dos discentes, pois o Teresina Central é enorme, diferentemente do outro campus que conhecia todos e que as conversas fluíam. Fabrício diz que não há um trabalho contínuo de prevenção no seu campus, em nenhum setor viu movimentação para tratar do assunto, só vê aquilo que está dentro do calendário.

A segunda interlocutora é professora do Campus de Picos, e a chamamos de Alessandra.

Essa reunião se deu como as outras pelo *Google Meet* e realizada no dia 04 de julho de 2022, às 15h. E foi realizada na residência de um amigo do pesquisador em Teresina. Alessandra nos relatou que, na sua rotina docente, percebeu os alunos muitos ansiosos e com baixa autoestima. A interlocutora Alessandra desenvolveu um projeto de extensão de crochê em sacolas plásticas e tendo como vertente de interações, vivências e discussões de temas da sociedade. Com dois anos de duração, de 2018 a 2020 e depois até a pandemia. Sendo a referência no campus onde trabalha a de sustentabilidade. Alessandra falou que a rotina durante a pandemia foi horrível, pois não tem habilidades tecnológicas. Inclusive tinha problema com a metodologia dos slides comentados, devido ao tempo exímio.

De acordo com Alessandra, a relação dos alunos era protocolar e tiveram poucos alunos mantendo contatos. Alessandra nos relata que em relação ao modelo implantado de aulas no período da pandemia demonstrava que os alunos tinham carência de uma infraestrutura de um lar. Não tinham um local para estudar ou uma privacidade e que eles não tinham um planejamento para o envio das atividades e procrastinavam muito suas atividades. Não ouviam

os slides e copiavam e colavam na internet as respostas. Que o ensino remoto vai de encontro aos ensinamentos sociológicos, pois o que se trabalha é o coletivo para busca de soluções. A interlocutora Alessandra nos relata que notou mudanças de comportamentos dos discentes em que alguns estavam bastante agressivos e violentos no ambiente virtual. Às vezes se sentiu ofendida e violentada por determinadas exigências de direito. Alessandra nos relata do retorno das aulas presenciais que os alunos estão muito ansiosos com bastantes crises de choro nas avaliações e que poucos conseguiram evoluir como discentes.

A interlocutora Alessandra relata que sua rotina pós-pandemia está bem melhor e com cancelamento da disciplina por parte dos alunos, porque segundo os alunos não querem mais ler os assuntos, pois estavam acostumados com os comentários dos slides em que se fez um processo de alfabetização com os discentes. A interlocutora Alessandra nos relata que houve um desaprendizado no período pandêmico, e refletiu sobre o entendimento do suicídio com uma passagem Durkheimiana em que existem várias práticas suicidas desses alunos como uso excessivo de álcool sendo de menores e vindo de outras cidades do interior de Picos. Esses alunos têm uma vida sexual ativa sem uso de preservativos e como consequências a gravidez na adolescência. Alessandra nos relatou que o campus tem muita falta, pois existe uma psicóloga sobrecarregada e não há muita sensibilidade dos demais professores para tratar da temática. Não bastando só uma sensibilidade para tratar do assunto, mais uma qualificação específica para todos. A interlocutora Alessandra disse que chegou a identificar atitudes suicidógenas com autolesão vinculada à sexualidade homoafetiva ou reprodutiva, ou seja, gravidez não planejada. Quando identificava tais atitudes direcionava à rede do setor médico. E com retorno do setor para o docente sobre a situação do aluno que precisou de atendimento psicológico. Alessandra ressaltou que há um trabalho contínuo sobre a temática, sendo sazonal ou algum caso no campus ou em nível nacional ou internacional, buscando uma interação com rodas de conversa. Mas ao longo do ano não há nada programado e o grande problema é que só existe uma só psicóloga no campus.

O terceiro interlocutor, que é professor do campus de Picos, foi denominado de Pedro.

Essa reunião se deu como as outras pelo *Google Meet* e se realizou no dia 19 de julho de 2022 às 23h da noite, realizada na residência do pesquisador.

Segundo o interlocutor, Pedro, a rotina docente é bem intensa com trabalho de pesquisa e extensão e de orientações interdisciplinares com os alunos do curso de Física e Química. Não residindo em Picos, estando constantemente em movimento pêndulo de Natal a Teresina. E que sua rotina durante a pandemia foi afetada e devido ao excesso de trabalho remoto, pois montou um grupo de pesquisa com outros professores, alunos matriculados e alunos egressos. Montou

um site de acompanhamentos de afetados pela Covid-19 que incluía Teresina, Picos, Natal e três cidades do Rio Grande do Norte. Com produção de artigos em debate na revista da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e criação de protocolos de segurança para compras em delivery. Tentativa de mudança no modelo de aula remoto, mas que não foi aceito pela reitoria. Pedro nos relatou sobre as aulas remotas que foi uma experiência ruim. E desenvolveu uma busca desses alunos sobre suas problemáticas e que não estávamos preparados, pois sabíamos sobre a uma qualidade inferior do serviço prestado, apesar do esforço da equipe. No que se refere às aulas, Pedro, disse que foi tranquilo, mas não de qualidade, sendo que alguns alunos respondiam e não houve conflitos e que buscavam outros meios de diálogos fora das plataformas oficiais. Além disso, afirmou que não concordava com o modelo implantado, no entanto, os discentes entendiam a situação e que sua proposta na construção do aprendizado foi negada, não foram chamados para participar e quando foram as opiniões não ocorreu atendidas.

Suas aulas eram síncronas, pois as aulas gravadas não lhe agradaram no sentido de qualidade. Muitos desses alunos mostravam dificuldades devido ao ambiente não ser favorável e alguns alunos veteranos sentiram baixa qualidade e os que estavam iniciando o processo ficaram bastante confusos com as informações. Os alunos com mais tempo de Instituição manifestaram suas insatisfações e deixaram até de pegar algumas disciplinas, outros pegaram para não atrasar o curso, mas sabendo da deficiência do modelo. Pedro nos relata que nas suas aulas não pedia para os alunos abrirem as câmeras e que não reconhecia seus alunos fora da instituição e isso lhe trouxe bastante estranheza. O interlocutor afirmou que no período da pandemia houve mudança de comportamento de muitos casos como psicológicos, ansiedade, situação financeira, situação de estudo, saúde na família, tristeza e agitação. Maneira de tratar os professores no ambiente virtual com muito formalismo, perguntas sem nexos, apatia, piadas e brincadeiras.

Com o retorno, não se encontra dentro da normalidade devido a adaptações e algumas peculiaridades em relação ao ambiente escolar, incluindo crises de pânico, tristeza e ansiedade. Notou-se que alguns professores dentro do modelo híbrido se tornaram mais flexíveis, enquanto outros se mantiveram mais rígidos em relação aos alunos, resultando em um aumento significativo na procura por serviços psicológicos. Esse retorno resumiu-se em uma busca pelo processo de adaptação.

Já em relação ao seu retorno, observou-se a abordagem de assuntos que chamam a atenção dos alunos que estão envolvidos com o sistema de avaliações. O professor trabalha temas interessantes e realiza atividades que buscam uma análise sociológica. Como resultado prático, notou-se uma alta participação dos alunos. Pedro relata casos de suicídio no âmbito

escolar e aborda, em suas aulas, os aspectos sociais do suicídio, indo além da explicação sociológica baseada em Durkheim, que tenta demonstrar como esse comportamento é influenciado pelos fatores sociais.

O objetivo no espaço escolar é identificar e ajudar não apenas os alunos, mas também seus amigos e familiares a buscar ajuda, isto é, o foco do trabalho de Pedro em relação a essa temática se deu mais por intervenção do que de entendimento. Em suas aulas, ele destaca que esses sentimentos advêm de pressões sociais, romantização do tema e pessimismo, acrescentando que um novo elemento é a exposição desses sentimentos nas redes sociais.

A temática é abordada ocasionalmente no campus por meio de palestras, mas não é uma prática constante. Pedro relata que percebeu comportamentos suicidas por parte dos alunos e encaminhou imediatamente para os psicólogos. Antes da pandemia, houve uma tentativa de suicídio que também foi tratada por ele. Ele menciona que trabalhou sobre o assunto da "baleia-azul" e que havia um certo receio de que isso pudesse contagiar outros alunos. Todos os alunos estavam cientes do assunto, mas os professores estavam desinformados. Pedro encaminhou diretamente os casos à psicóloga e informou o diretor sobre a situação.

Quanto ao retorno, ele não procurou ativamente os alunos, mas fez questionamentos à psicóloga, o que tem se mostrado bastante positivo. Pedro também identificou sinais de problemas em uma aluna durante sua aula e a encaminhou imediatamente para a psicóloga, e após algumas sessões, ela se sentiu consideravelmente melhor. No entanto, Pedro observou que não há um trabalho contínuo de prevenção ao suicídio em seu campus e que não percebe ações claras para combater o problema, apenas ações pontuais. Essa crescente demanda por serviços psicológicos tem aumentado a carga de trabalho no setor.

A quarta interlocutora é professora do Teresina Central denominada de Carla.

A reunião demorou um pouco a ser realizada, pois a interlocutora estava com sua agenda e carga horária bastante cheia, mas conseguimos o nosso intento e se deu como as outras pelo *Google Meet* no dia 04 de agosto de 2022, às 19h, sendo realizada na residência do pesquisador deste trabalho.

Segundo a interlocutora, Carla nos informa que sua rotina como docente foi uma escolha pensada e, como tal, reflete sua filosofia de vida. Ela possui uma vasta experiência na área da docência, tendo trabalhado em diversos níveis de ensino, inclusive durante o mestrado e doutorado. Atualmente, Carla leciona no IFPI, ministrando aulas nos cursos de nível médio integrado e graduações. Ela encontrou prazer no exercício do ensino, especialmente porque a disciplina de Sociologia a faz refletir sobre a realidade em que vivemos.

Carla menciona que seu trabalho docente envolve um planejamento cuidadoso realizado muito antes de entrar em sala de aula. Ela destacou que lidar com os alunos do ensino médio requer habilidades específicas, dado que o ambiente e a dinâmica são diferentes, e ela se esforça para manter a atenção dos estudantes. Suas turmas costumam ser numerosas, e a implementação do ensino modular aumentou o número médio de alunos em cada turma, tornando a situação ainda mais desafiadora. Ela passou a maior parte do dia no campus, o que pode ser fisicamente e mentalmente cansativo devido à dinâmica das aulas espaçadas. Carla também menciona a existência de conflitos no ambiente escolar, que têm impacto nas emoções dos envolvidos.

No entanto, Carla relata que sua rotina durante o período da pandemia foi significativamente afetada, uma vez que não podia interagir com os alunos fora da sala de aula. Ela percebeu que alguns alunos demonstraram crises de ansiedade, depressão, automutilação e tendências suicidas, e esses relatos chegaram até ela. Devido ao seu perfil de ouvir e se comunicar, Carla percebeu que estava emocionalmente sobrecarregada, mas se sente preparada para lidar com essas situações.

A interlocutora Carla nos relatou que teve uma conversa com uma aluna com tentativas de suicídio e que ficou bastante abalada com a situação, causando um desequilíbrio emocional muito grande. Direcionando agora ao setor competente. O trabalho docente na pandemia ficou bastante complicado, pois o seu ambiente familiar tornou-se também trabalho de todos de sua casa, não tendo espaço físico para todos, tencionando o ambiente familiar. Além de não ter horário específico do seu labor docente e o formato não foi possível acompanhar, pois o curso de capacitação se deu no início do período letivo. A gravação no ambiente familiar não facilitou o seu labor devido às intercorrências na casa com um custo financeiro devido às aquisições de novos aparelhos eletrônicos para dar conta da demanda exigida das novas plataformas. Os alunos tinham problemas de conexão e de pegar o material impresso. A relação dos alunos durante a pandemia ficou ruim, pois se perdeu o contato cara a cara e que o ambiente virtual não proporcionava essa interação. No que se refere à participação dos alunos, era muito pouco, ocorrendo prejuízo de aprendizagem enorme e que havia pouca ou quase nenhuma nas aulas com os discentes.

Em muitos momentos, os alunos não conseguiam acessar as aulas online devido à limitação de seus celulares, e eles frequentemente expressavam insatisfação com o modelo implantado. O ambiente escolar de interações foi profundamente afetado pela pandemia, causando inquietação nos alunos, como se o tempo passasse sem uma concentração adequada. Carla percebeu um sentimento de tristeza entre os alunos, talvez devido à ruptura dessas relações durante o período pandêmico. Também houve conflitos entre alunos e professores,

especialmente aqueles que não tinham familiaridade com as ferramentas tecnológicas, o que levou a situações de agressividade por parte dos alunos. O resultado não atendeu às expectativas de aprendizado.

Carla nos informou que sua rotina presencial retornou com um novo contexto e adaptações. Ela enfatizou a importância de discutir abertamente o tema do suicídio, devido a uma série de problemas sociais, e acredita que, com o retorno dos alunos ao presencial, surgirão desafios psicológicos significativos. Carla argumentou que a escola precisa promover discussões, coletar dados e desenvolver diagnósticos, envolvendo seu corpo de profissionais, a fim de implementar ações de apoio emocional dentro da escola, não apenas durante o período de conscientização do "Setembro Amarelo".

Esses debates desempenham um papel crucial ao permitir que expressemos nossas angústias, criando um espaço para compartilhar experiências que, infelizmente, não encontramos na instituição. Carla fez uma descrição de como lida com as atitudes de alunos que têm ideações e tentativas de suicídio, encaminhando-os para o setor médico sem que haja um acompanhamento adequado. Ela argumentou que a escola deveria estabelecer uma colaboração mais estreita entre o setor pedagógico e os demais setores, a fim de abordar essa questão de maneira mais abrangente.

Outro problema mencionado é a falta de compreensão por parte de alguns professores em relação aos problemas enfrentados pelos alunos, demonstrando a ausência de empatia. Carla relatou que informou ao setor pedagógico sobre esses casos, esperando que as medidas necessárias fossem tomadas. Ela recebeu orientações do setor psicológico sobre determinados alunos que estão passando por problemas, durante as reuniões de conselho de classe. Para Carla, o trabalho de prevenção não deve ser sazonal, mas sim contínuo, apoiado por diagnósticos que permitam a intervenção antes que seja tarde demais. Ela também sugeriu a possibilidade de explorar outras formas de terapias alternativas como parte desse esforço contínuo.

3.3. Discentes: eu odeio amar vocês

A primeira discente foi denominada de Lúcia.

A primeira abordagem se deu por ligação telefônica no dia 6 de agosto de 2022, identifiquei-me como professor-pesquisador do IFPI. Falei da minha pesquisa, da temática e da importância para o mundo acadêmico e a contribuição para nossa Instituição. Relatei que a temática que aborda o assunto é sensível e se a mesma teria interesse em participar. De imediato aceitou, afirmando que o assunto era importante e que por estar passando por isso não gostaria

de ver outras pessoas passarem pelo mesmo. Informou que era menor de idade e que levaria o assunto aos seus responsáveis e os termos TALE e TECLÉ' para serem lidos por eles.

A entrevista se deu no colégio do Teresina Central no dia 17 de agosto de 2022, foi presencial. O local foi na biblioteca numa área reservada. A nossa interlocutora chegou muito tímida e nervosa, conversamos bastante com Lúcia para que ela pudesse entender a dinâmica da nossa conversa e também para criar uma relação amistosa, apesar da conversa ainda observamos a entrevistada tensa mesmo ao lado da nossa interlocutora.

Fizemos a leitura em voz alta do termo de consentimento livre e esclarecido e após o entendimento e aceite, realizamos as perguntas básicas e uma para que a nossa interlocutora pudesse distensionar. Lúcia relata que, durante a pandemia, a sua rotina ficou bastante desinteressante e não prestava atenção nas aulas gravadas, o que impactou os estudos, devido ao modelo que não agradava e não chamava atenção, pois tudo lhe tirava atenção. Lúcia relata que, a sua rotina nas aulas presenciais foi de fácil adaptação e que ser jovem e na fase de adolescente está sendo muito difícil e cansativo, e passa a tratar de problemas que antes nunca enfrentou. Relatou que o colégio é um lugar acolhedor, preparando para o futuro e que no mercado laboral poderá se sair bem, pois pretende terminar os estudos e se dedicar para seguir carreira.

Segundo a nossa interlocutora, Lúcia compartilha que perdeu um parente devido à Covid-19. Ela menciona que lida com a situação fingindo que nada aconteceu, mas ao ver seus familiares sofrendo, também fica triste. Lúcia relatou que não recebeu acompanhamento psicológico durante a pandemia, mas atualmente está em tratamento psicológico. A interlocutora destaca que Lúcia passou por tratamento psiquiátrico e utilizou medicamentos recomendados por um médico. Lúcia demonstrou compreensão sobre a temática do suicídio, afirmando que uma pessoa não deseja simplesmente tirar a própria vida, mas está tentando lidar com a dor intensa que sente, e o suicídio é visto como a última opção.

Lúcia compartilhou sua experiência pessoal, revelando que já tentou o suicídio usando remédios em quantidades reduzidas, o que resultou em seu mal-estar. Suas tentativas eram motivadas pelo profundo cansaço de si mesma e da vida, representando uma tentativa de escapar da pressão que ela sentia. A interlocutora acrescentou que a escola desempenhou um papel importante em ajudar Lúcia a superar esses pensamentos suicidas, pois ela tinha a oportunidade de conversar com psicólogos na instituição.

A nossa segunda discente foi denominada de Flávia.

Seguindo a sequência de entrevistas logo chega a interlocutora Flávia às 9h49 do dia 17 de agosto do corrente ano, na biblioteca do IFPI central, como combinado. Nesse momento,

conseguimos separar uma sala de estudo individual para a conversa. Como sempre, devemos sensibilizar a entrevistada do que se vai falar para fluir, e como algo já protocolar fizemos a leitura em voz alta dos termos de consentimento livre e esclarecido e após o entendimento e aceite, explicamos como será a dinâmica da conversa para que pudesse entender e também para interagir sem deixá-la nervosa.

Flávia relatou que durante a manhã se dedicava a cumprir as atividades acadêmicas exigidas, enquanto à tarde não realizava nenhuma tarefa, incluindo atividades físicas. Ela afirmou que esse período teve um impacto significativo nos dois anos em que estudou no IFPI, pois enfrentou dificuldades de aprendizado e sentiu que não aprendeu muito durante esse tempo. Sua rotina durante o período presencial ficou bastante agitada, já que retomou as atividades físicas e teve uma carga considerável de atividades acadêmicas em turnos alternados. Flávia acreditou que a juventude envolve viver, conhecer e cometer erros, pois é por meio dos erros que se pode evoluir. Ela vê a escola como um local de aprendizado e conhecimento, onde teve a oportunidade de adquirir muitos conhecimentos valiosos. Em relação às expectativas de trabalho, Flávia espera encontrar boas oportunidades, mas lamenta que não haja perspectivas de emprego em sua área, pois essa oportunidade é escassa em Teresina. Ela compartilhou que obteve várias notas baixas e que o modelo de ensino implementado não foi eficaz para o seu aprendizado.

Flávia também menciona a perda de parentes devido à Covid-19, destacando que não pôde reagir adequadamente, uma vez que não houve velório. Ela relata que não recebeu acompanhamento psicológico, nem durante o período de ensino à distância, nem após o retorno presencial, devido à sobrecarga de atendimentos. Flávia não tomou medicamentos e compreende a questão do suicídio, admitindo que já teve pensamentos suicidas no passado. No entanto, ela enfatizou que o suicídio não é uma opção para ninguém, pois a vida é feita de momentos únicos. Ela relacionou seus momentos difíceis a problemas familiares, mencionando desentendimentos com seu pai e um relacionamento mais harmonioso com sua mãe. Nesse momento Flávia começou a se emocionar, pois lembra das situações vividas em sua família que não pode resolver, gerando muito conflito e tensão e que gera automutilação e muita crise de ansiedade. Ela tentou o suicídio de mutilação profunda e com remédios e tendo a escola como suporte, pois tinha com quem conversar, porém se afastou das pessoas.

O terceiro discente foi denominado de Denis.

O interlocutor já tinha faltado a uma entrevista agendada. No entanto, sabemos que os nossos interlocutores possuem seu tempo, sua rotina e delas o pesquisador tem que ter consciência da importância do tempo do entrevistado. Dito isso, tínhamos a consciência de que

este interlocutor nos diria algo valioso para a pesquisa e marcamos novamente a nossa entrevista. Ficamos desconfiados de que talvez não viesse, pois só respondia às mensagens horas depois, mas de fato ela aconteceu e foi como pensamos.

A entrevista aconteceu no colégio de Teresina Central, no dia 18 de agosto de 2022 e foi presencial. O local foi na biblioteca numa área reservada e se deu às 13h no dia 18 de agosto. Explicamos a dinâmica da nossa conversa de forma protocolar, a fim de proporcionar entendimento e criar um ambiente amistoso. Como parte desse protocolo, realizamos a leitura em voz alta do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, após o entendimento e aceitação por parte do nosso interlocutor, Denis, prosseguimos com a discussão.

Denis compartilha que sua rotina passou por significativas mudanças durante o período da pandemia. Inicialmente, ele encarou o período como uma espécie de férias e um período de descanso. No entanto, quando as aulas remotas começaram, ele enfrentou grandes dificuldades para se adaptar. Isso o levou a passar longas horas realizando tarefas que muitas vezes se estendiam até a madrugada, resultando em uma desregulação total de seu sono, com longos períodos de sono diurno. Ao final do período de ensino remoto, Denis percebeu que estava guardando vários sentimentos e que, ao retornar presencialmente, começou a experimentar sentimentos confusos e incontroláveis. Ele relatou episódios em que esses sentimentos afloraram, levando-o a chorar sem motivo aparente e a ter crises emocionais. Mesmo que tenha experimentado alguma melhora, ele ainda se sente agitado e relata dificuldades em controlar suas emoções, resultando em momentos de agressividade e isolamento, na tentativa de evitar prejudicar outras pessoas. Denis também menciona que está estagiando com uma carga horária bastante intensa e que continua tomando seus medicamentos. No início da pandemia, sua rotina ficou desorganizada, e ele passou longos períodos deitado em seu quarto. Seu processo de aprendizado foi afetado, pois ele sentiu que não conseguiu absorver muitos conteúdos, destacando que alguns professores não fizeram esforços significativos para ajudar os alunos, o que tornou a situação difícil para todos.

No que se refere às aulas, relatou que tinha bastantes vídeos longos, bastantes documentos e que não era algo que não funcionava. Sobre ser jovem é saber da importância para a sociedade, é lutar pelos seus direitos, ter sua liberdade, viver como quer. Ser jovem no colégio é complicado porque, às vezes, a vivência no colégio não é tão acolhedora, muitos não se sentiram parte desse contexto na volta ao presencial, como exemplo ele e em inúmeras vezes não se sentiu bem e voltava para casa. Sendo bastante puxado e com emoções que sabia controlar e sem apoio de outras pessoas mais experientes. O interlocutor Denis relatou que no começo sentiu muitas coisas e que não teve muito apoio da escola e ao retornar o presencial

tentou procurar os psicólogos, coordenação junto com sua mãe. Nesse momento, foram escutados, mas não foram ouvidos. Faltou às aulas, mas teve atestado, mas não sabe se foi entregue ao setor competente. Diante dos relatos, pedimos que falasse da sua situação aos professores, mas que não quer usar essa situação para se vitimizar. Ressaltou que os professores não entendem algumas situações dos jovens e que não possuem a mente aberta para as situações dos jovens, mesmo com acesso a informações eles não procuram entender os jovens, ocasionando um embate e assim criando uma barreira. Para quebrar essa barreira, os professores deveriam ter entendimento e a vontade de compreender os jovens.

De acordo com Denis, a instituição tem que procurar esses alunos, pois eles não conseguem pedir ajuda, e não basta dar um remédio para tudo se resolver, deve-se escutar e ter um acompanhamento de verdade. Não basta conversar uma vez com ele e está tudo bem e está resolvido. Isso é processo, pois é difícil para nós, mas mesmo assim temos que continuar tentando. O colégio é importante para a educação para aprender os sonhos de se formar e empreender. A escola é uma porta para isso, mas existe uma barreira entre o jovem e o colégio, uma barreira de entendimento, o jovem não sabe se adaptar e acaba saindo daquele lugar ou perdendo o foco, quando não se tem apoio é o que se observa atualmente nas instituições.

A escola desempenha um papel importante, não apenas no fornecimento de conhecimento técnico, mas também na construção das relações interpessoais entre a instituição e os estudantes, que fazem parte desse processo. No entanto, em relação ao mercado de trabalho, Denis relatou que a escola muitas vezes não oferece uma visão realista e prática. Ele sente que o curso não prepara adequadamente os alunos para a realidade que encontrarão no mercado, deixando-os desorientados e tendo que aprender tudo de novo, uma vez que o que lhes foi ensinado não corresponde à realidade. Denis também menciona a falta de apoio da escola na busca por estágios, destacando que teve que procurá-los por conta própria, pois a instituição não demonstrou proatividade nesse aspecto. Quando tentou conciliar seus horários de estudo com o emprego, enfrentou resistência e foi informado de que precisaria escolher entre o emprego e a escola, o que o deixou em uma situação difícil e pressionada.

Ele relata que falou com alguns professores sobre sua situação, sendo que alguns entenderam sua dificuldade, enquanto outros não. Denis segue em sua jornada de estudo e trabalho, mas sente que a escola falha em fornecer o apoio necessário. Denis também menciona que houve uma perda de renda na família devido à avó, o que os levou a ajudá-la financeiramente. Isso resultou em mudanças na alimentação, no lazer e no aumento dos preços. No entanto, ele ressalta que não teve perdas familiares graves. Ele atualmente toma três tipos de remédios receitados por médicos psiquiatras e sua condição está estabilizada. Quanto ao

tema do suicídio, Denis compartilha que já teve pensamentos diferentes sobre o assunto e que chegou a se automutilar sem estar consciente disso. Ele menciona ter considerado a ideia de desistir de maneira simplista no passado, mas reconhece que, agora, compreende que não é uma escolha fácil, especialmente devido ao impacto que teria em sua mãe, irmã e família. Ele tenta não pensar nisso, mas reconhece que às vezes esses pensamentos surgem e que não tem total controle sobre eles.

De acordo com Denis o que o leva a ter esses pensamentos é algum gatilho ou situações que passou, mas ele tenta bloquear tais sentimentos e impedir que se materializem. Às vezes, sente que não está sendo ouvido, visto, não entendido sentimento de solidão e que isso é um gatilho muito forte. Ele identifica isso em sua rotina e, na escola, vê que alguns colegas não entendem o que ele fala quando o sentimento vem. Denis tentou o suicídio com algo no pescoço e que se sente muito mal e por ter se automutilado e que entende hoje que é parte do que está vivendo. A escola não foi importante no período de suas crises porque não teve nenhuma participação positiva, foi muito descontrolado, não era visto, não tinha entendimento dos seus familiares, também não entendia o que era, não identificava o problema. Não teve apoio de ninguém, era uma tentativa solo do problema que nem sabia o que era.

Tentava esconder esse sentimento para diminuí-los, porém, a escola não estava presente, não apoiava, e não procurava os alunos durante a pandemia. Ter pesquisado e se informado das situações psicológicas dos alunos, não foi realizada nenhuma dessas ações e se a instituição tentou não foi efetiva. E se houve essa busca foi pelo jovem insistir em ser ouvido.

A quarta discente foi chamada de Sara.

A entrevista ocorreu no colégio de Teresina Central no dia 19 de agosto de 2022, em formato presencial. O encontro se deu na biblioteca, em uma área reservada, às 14h40, no dia 18 de agosto. Inicialmente, explicou-se a dinâmica da conversa para que a interlocutora, Sara, pudesse compreender e para criar um ambiente amistoso. Como procedimento protocolar, foi realizada a leitura em voz alta do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual foi devidamente compreendido e aceito por Sara.

Sara compartilhou que sua rotina durante o período da pandemia foi bastante limitada, uma vez que as aulas passaram a ser realizadas online. Ela mencionou que alguns professores não ministravam aulas, apenas disponibilizavam documentos em formato PDF, o que a levou a adotar uma abordagem autodidata. Sara se dedicava a estudar utilizando recursos como o *YouTube* e apostilas, dividindo seu tempo pela manhã para o colégio e a tarde para seus estudos autodidatas. Ela enfrentou diversas dificuldades devido a essa transição e teve que correr atrás para compensar o aprendizado, especialmente porque as provas do ENEM estavam se

aproximando, aumentando a pressão para obter bons resultados. Sara não chegou a retornar às aulas presenciais, pois concluiu o curso ainda durante o período de ensino à distância causado pela pandemia. Em relação à visão de ser jovem, Sara acredita que isso envolve enfrentar desafios que às vezes são ignorados pelos adultos. Para ela, ser jovem significa lidar com dificuldades que, embora possam parecer banais para alguns, incluem questões psicológicas e ansiedades que também merecem atenção e cuidado.

Ser jovem é correr atrás dos sonhos da carreira profissional. O colégio significa muito apesar das dificuldades da pandemia, mas reconhece muito o IFPI por ter conseguido lograr êxito no ENEM e estar cursando Engenharia Elétrica na UFPI. Apesar da dificuldade enfrentada pelo IFPI no período pandêmico, reconhece que é muito bom, mas confessa que não teve muita assistência apesar de ter ganho um pacote de internet e não deu para fazer muita coisa. Chegou a procurar atendimento psicológico, enviando e-mail disponibilizado pela instituição. No entanto, não foi respondido. Não entenderam seus problemas psicológicos e ignoraram. Nesse período, desenvolvendo muita ansiedade, sendo que em reuniões da instituição diziam que era normal ficar assim. Tendo expectativa em melhorar em investimentos e capacitações nos alunos, apenas jogavam matérias como fizeram na pandemia no intuito de aprenderem a matéria e fazerem a prova. Sara afirmou que a escola deve abrir mais a mente dos alunos para o mercado de trabalho como citou o exemplo de uma entrevista de emprego. Nela uma fórmula de Bhaskara não será utilizada, mas se vai muito além, como se preparar psicologicamente. Ela observou que faltou isso até por parte de alguns professores ao jogarem assuntos sem compromisso. Assim, Sara espera que eles deem atenção aos alunos tanto na parte física como psicológica e que haja muita interação entre escola, alunos, professores e coordenação. Sara relata novamente sobre o período da pandemia mais detalhadamente, que tinha uma rotina de acordar cedo para ver as aulas on-line e que se deparava com uma aula gravada sem relação com o conteúdo da matéria e, às vezes, o professor abordava o assunto no geral. Ela analisava o planejamento e estudava material das aulas do *Youtube* e apostilas para recuperar o prejuízo. Sara afirmou também que as aulas gravadas não surtiavam efeito, pois não tiravam dúvidas. O suporte para complementar o conteúdo das aulas era sempre da plataforma do *Youtube*, enviando as dúvidas sem obter respostas. Ela não perdeu entes na pandemia, mas perdeu um amigo que ficou bem difícil, pois não podia vela. No período da pandemia teve uma sequela social, desenvolvendo ansiedade.

A interlocutora relatou que possui fobia social e que não recebeu suporte do setor psicológico, tampouco faz uso de medicamentos para lidar com essa condição. Ela entende que o suicídio resulta da acumulação de sentimentos, especialmente entre colegas que

desenvolveram problemas psicológicos. No entanto, lamenta que muitos pais não compreendam a gravidade desse problema e o considerem trivial. Ela observou que, embora seus pais acreditem que o ensino à distância (EAD) seja uma opção melhor, ela sente que a falta de contato humano é prejudicial. A interlocutora nunca chegou a pensar em suicídio, mas enfrentou várias crises de ansiedade das quais não tinha um entendimento claro. Essas crises a deixaram muito deprimida, e embora tenha melhorado ao longo do tempo, ainda ocasionalmente enfrenta esses episódios ansiosos. A interlocutora ressaltou que nunca tentou nada relacionado ao suicídio, mas sofreu intensamente com a ansiedade. Ela acredita que a escola contribuiu para piorar sua ansiedade devido à grande quantidade de matérias, à falta de atenção por parte dos professores e à falta de suporte da coordenação. Essa situação a fazia sentir-se isolada, e ela passou a encarar sua obrigação escolar apenas como um meio de realizar provas, o que aumentou consideravelmente sua ansiedade.

A quinta discente foi denominada de Clara.

A entrevista se deu no colégio do IFPI Campus de Picos, no dia 30 de agosto de 2022 e foi presencial. O local foi uma sala reservada e se deu às 9h37. Foi falado sobre a dinâmica da nossa conversa para que pudesse entender e também para se criar um ambiente amistoso. Como algo já protocolar, fizemos a leitura em voz alta dos termos de consentimento livre e esclarecido e após o entendimento e o aceite. A nossa interlocutora, Clara, relatou sua rotina bem antes da pandemia, era bastante atarefada, pois vinha cedo para o colégio e saia tarde. Com a pandemia ficou bastante deslocada, pois não tinha o que fazer o dia todo ficando muito tempo em casa no quarto sem fazer nada. Esse isolamento trouxe muitos impactos na vida da interlocutora chegando a desenvolver problemas psicológicos.

A interlocutora mencionou que não perdeu amigos nem familiares devido à Covid-19, mas perdeu muita interação com seus amigos. Ela destacou que o impacto na sua educação foi bastante negativo, principalmente devido à pressão que sua família exercia em relação aos resultados acadêmicos. Durante o retorno das aulas remotas, ela enfrentou problemas psicológicos e familiares, que a levaram a receber uma recomendação de pausa nos estudos por parte de um psiquiatra, o que resultou no atraso de seu curso. Atualmente, ela tem clareza sobre o curso que deseja cursar. Ela descreveu que o retorno às aulas presenciais foi muito estressante e que, em uma avaliação, entrou em crise, procurando o setor psicológico para ajuda. Suas dificuldades atuais estão relacionadas principalmente às avaliações, e ela experimenta muita ansiedade nesse contexto.

A interlocutora compartilhou sua visão sobre a juventude, considerando-a um desafio devido à grande pressão para obter resultados satisfatórios no ENEM. Ela enfatizou a

importância de aproveitar a vida, independentemente das situações escolares. Além disso, expressa sua insatisfação em relação à escola, revelando que não teria escolhido o curso atual se não fosse pela pressão da família, e percebeu que não deseja seguir uma carreira na universidade na área do curso que está cursando atualmente. Clara considerou o sistema educacional muito desorganizado.

Ela afirmou que não gosta da desorganização, principalmente no período das provas, pois aplicam as avaliações sem um compromisso em dar retorno aos alunos. Além de que alguns professores entram em sala sem uma preocupação com o assunto ministrado e outros faltam ou dão aula uma vez por semestre e, depois, as avaliações. Ressaltou também que a escola, às vezes, a compreende como aluno, quando precisa de ajuda principalmente no setor psicológico, mas que os professores além de não compreenderem ainda são muitos fechados.

A interlocutora relata que enfrenta muita pressão de um professor em particular, que não a compreende como aluno e se mostra inflexível diante de situações pessoais. Ela sente que a escola não a compreende como jovem, exigindo que siga rigidamente as normas escolares, incluindo o estudo e o uso do uniforme completo. Para a instituição, a prioridade é que os alunos sejam apenas alunos, sem considerar as particularidades da juventude.

Ela reconhece a importância do mundo do trabalho e como a educação pode abrir caminhos para o seu futuro. No entanto, sente que a escola não a prepara adequadamente para essa realidade, especialmente porque não gosta do curso que está cursando. Ela se sente sobrecarregada com as disciplinas do ensino médio e do técnico, além de ter que se dedicar aos estudos para o ENEM. Ela lamenta ter que dedicar tempo a algo que não lhe interessa diretamente, já que acredita que o foco da escola está direcionado ao mercado de trabalho. Clara observa que as perspectivas são desafiadoras, e o maior desafio que enfrenta é a gestão do tempo. Apesar das dificuldades, ela expressa um profundo amor pela vida e compartilha seus projetos, que incluem sua carreira profissional e a construção de uma família.

Clara enfrenta as dificuldades com mais calma para pensar positivo, tem apoio da família e ajuda profissional. Ela teve ansiedade e depressão e fez uso de medicamentos se automutilou que tentou o suicídio. Os motivos eram infelicidades, que a vida não estava fazendo sentido e que nada iria melhorar e o pensamento atualmente é totalmente diferente. Ela tomou muitos remédios, chegando a ir para o hospital e que se escapasse iria tentar fazer tudo de forma diferente e mudaria sua vida. E para ter controle sobre esses pensamentos, hoje, tenta não pensar mais. Sempre teve ajuda familiar e deixou de tomar remédios e começou a fazer terapia. E a escola não foi importante durante as suas crises, pois com o retorno apenas piorou.

O Sexto discente denominamos de Diego.

A entrevista se deu no colégio do IFPI campus de Picos, no dia 30 de agosto de 2022 e foi presencial, numa sala reservada e se deu às 10h31. Foi falado a dinâmica da nossa conversa para que pudesse entender e também para criar um clima amistoso. Como algo já protocolar fizemos a leitura em voz alta dos termos de consentimento livre e esclarecido e após o entendimento e aceite. O nosso interlocutor, Diego, nos relatou sua rotina no período da pandemia, era mesma coisa ficar em casa dormindo, mexer no celular e deixando de se higienizar. Mas com o passar do tempo começou a se cansar, ficou totalmente isolado, sem contato com as demais pessoas e quando saía tinha crise de ansiedade e depressão. Ocorreu uma mudança de residência de uma casa para um apartamento e que tinha muito barulho nesse local e atrapalhava seu sono. Em suma, a pandemia alterou a rotina, o sono, alimentação, relacionamento e o psicológico. Ocorreu a separação dos seus pais e, com isso, houve uma diminuição da renda familiar. Além da quebra de relacionamento com os amigos. Ele participava de um projeto com um professor e, em seguida, foi chamado para outro projeto, mas que sempre se sentia vazio e cansado, não importando o que fizesse. Ele não perdeu parente durante a pandemia ou amigo, mas o retorno às aulas presenciais foi complicado com a quebra da rotina escolar. Aqui houve uma quebra do mundo virtual para o presencial, sentida muito forte pelo Diego, relatando como se estivesse fora do aquário. Os principais desafios eram ter amigos, agora nem tanto, pois tem um relacionamento. E ser jovem é aproveitar a vida e para não se arrepender depois deve-se ter planejamento. Diego afirma que a escola é um lugar de refúgio, gosta de ficar na escola o dia inteiro. Esse ambiente o compreende como aluno sentindo-se importante, assim como o compreende como jovem e impõe limites. No que se refere ao mundo do trabalho, Diego afirmou que se faz complicado, principalmente o de conseguir o trabalho, mesmo a escola lhe preparando para este mundo ele sente dificuldades. Ele entende a vida como sem sentido até certo ponto, tendo como projeto de vida entrar numa universidade, ter um emprego e constituir família. Enfrenta as dificuldades tentando resolver e se não conseguir tenta se acalmar para resolver depois. Com sua rede de apoio boa dando suporte. Ele afirma que teve transtornos psicológicos, faz acompanhamento psiquiátrico e uso de fitoterápico por conta própria. Considera que seu adoecimento veio em 2017 e se potencializou em 2019. Provavelmente, tenha crise de pânico e pensou em suicídio devido a conflitos familiares e no IFPI também. Diego estava cansado do colégio por conta das muitas disciplinas. Suas ações foram chorar, se isolar e ter pensamentos suicidas. Mas conversou com sua mãe, namorada para melhorar tais pensamentos. E por fim conversou com a psicóloga do campus e a escola ajudou nos períodos de crises.

A sétima discente foi denominada de Neide.

A entrevista se deu no colégio do IFPI campus de Picos, no dia 30 de agosto de 2022 e foi presencial, numa sala reservada e se deu às 11h10. Foi explicado sobre a dinâmica da nossa conversa para que pudesse entender e também para criar um clima amistoso. Como algo já protocolar fizemos a leitura em voz alta dos termos de consentimento livre e esclarecido e após o entendimento e aceite. A nossa interlocutora, Neide, nos relatou que sua rotina durante a pandemia era com tarefas familiares pela manhã e que seu estudo foi negligenciado e como consequências algumas retenções de ano. A pandemia foi um dos grandes empecilhos, trazendo problemas econômicos, saúde de relações familiares e problemas psicológicos, tendo perdas de parentes e amigos pela Covid-19, não sabendo lidar com essa situação porque ficou em casa e não prestou as devidas homenagens. Ela tratou os sentimentos externos, de modo calmo e o interno como uma tempestade. As aulas presenciais foram positivas, pois sair de casa foi importante pela interação com outras pessoas, mas também teve problemas de readaptação devido ao isolamento social e à ansiedade. A Neide lida com esses sentimentos e pensamentos de isolamento mesmo cercada de pessoas ainda não se sente bem, porém vendo sempre o lado positivo, se readaptando com o colégio e tendo uma readaptação social com um aprendizado de modo interativo. Ser jovem é estar no meio de uma grande mudança, no quesito social, pois apesar de ter uma liberdade ainda tem uma pressão que a sociedade impõe, pois nesse período de transição não houve uma mudança, sendo confuso e ao mesmo tempo, oprimido outros libertos. Estar no meio de uma transição em que há apoio de um lado e do outro não. Diante dessa situação, apenas se continua porque se está inserida, pois não se tem muito o que fazer e só faz o possível para que não se sinta totalmente mal. Sendo a escola um local de paz e ódio. Ela gosta de aprender, de estar com pessoas. Assim, a escola compreende como aluno porque atende às necessidades de estudo e que ela não compreende como jovem porque não abrangem temas a serem discutidos de como os jovens devem ser acompanhados. Eles enfrentam outras dificuldades que não é o financeiro, mas o emocional. A escola pode evoluir, não evoluiu porque as palestras são raras de como ensinar, tomar decisões da realidade e deixar claro que os alunos devem ser acolhidos independentemente das identidades juvenis. E assim tendo mais representatividade para o jovem, que entende o mundo do trabalho como um local complicado. Porque não é certo a entrada no trabalho ao término do curso, que não é certo gostar desse trabalho ou que vai atender as necessidades, que não é certo que não vai se acomodar, pois sabe que o campo de trabalho é mais competitivo e agressivo que o colégio. A escola às vezes prepara para o mundo trabalho em outros aspectos, não porque não há um conhecimento básico de determinados assuntos da vida real que não lhe são passados, e não ensinando como lidar com pessoas, ou seja, não há um treinamento de relações interpessoais, tendo que lidar com isso de

forma inconsciente. Não prepara para tomar iniciativa, mas te prepara para te blindar. Em suma, não se prepara para tomar iniciativa, procurar emprego do se cuidar que não ensina. Só se prepara para o mercado de trabalho. Que suas perspectivas que será difícil, pois ainda é jovem e será cobrado experiência. Que sua visão da vida é uma caixa de surpresas porque, ao mesmo tempo que ela te oferece coisas incríveis, ela te dá um tapa na cara. Ou seja, existe uma expectativa de um dia vir uma coisa boa que também pode não acontecer. Que não se supera isso e que levar com bem-estar com cuidar de si. Que enfrentar a dificuldade é reconhecer como ela é enfrentar o problema. Mesmo que não possa fazer nada, é seguir em frente. Tendo em sua rede de apoio falhas e no quesito saúde não encontra fácil determinados especialistas, no quesito família ainda é fechada, mundo fora é mais aberto, em casa se torna mais difícil, no colégio agradece ao IFPI pelos profissionais da área de saúde, pois entende que não é só planos de estudo. No colégio não há conscientização dos problemas internos dos alunos e que o jovem tem uma vida lá fora. Que não há equilíbrio entre aluno e escola. Que a escola entenda que o aluno tem uma casa e que o aluno entenda o colégio como uma necessidade que às vezes se perde. Que o professor tem que entender o aluno em ajudar em reforço tirar uma dúvida. Que o professor não compreende os alunos e nem os jovens. Ela teve transtorno psicológico como ansiedade e diagnosticada com ataques de pânico, que está em tratamento com psiquiatra e toma remédios, tendo crises há bastante tempo e que potencializou no período da pandemia.

Neide já pensou em se automutilar e se automutilou sentindo alívio mesmo sendo irracional. Mas parecia a única saída. Ela sofria bullying na escola, pressão escolar por resultados e problemas familiares. Sentia-se desprezada pela família e os sentimentos eram de insuficiência, não ser suficiente em todos os sentidos, inclusive para si. Suas ações eram de absorver tudo que era dito e descontava tudo em si, se automutilando, pensava em quais caminhos para lidar com esses pensamentos acreditando em si e que poderia aguentar tudo acreditando que melhoraria no futuro. Ela não falava sobre esse assunto a ninguém, mas neste ano falou com sua família sobre a temática e foi atendida no setor psicológico e encaminhada para o setor de psiquiatria. Neide a escola foi importante para ajudar nos seus momentos de crise.

3.4 Operacionalização dos resultados da categorização dos questionários aplicados aos interlocutores

As categorias que surgem no texto, transversalizam as respostas dos sujeitos ouvidos, a oralidade dos questionários, nos assaltando de forma semântica, foram construídas a partir da

quantificação das respostas sugeridas pelos indivíduos a cada pergunta lançada. As categorias nasceram das análises dos conteúdos, através das técnicas de análise de categorias. Surgiram das sínteses das estruturas que atravessam, os sujeitos e que ficaram velados durante a pandemia, porém e como processo da modernidade líquida (Bauman, 2004) já sinalizam a algum tempo. Cada grupo de sujeitos (psicólogos, professores e alunos do IFPI) produziram suas respectivas categorias. Algumas dessas categorias podem transversalizar todos os sujeitos, mesmo que de forma diferenciada. Os psicólogos produziram as categorias: Depressão/ Ansiedade/ Autolesão, Ideação Suicida/ Saúde Mental e Pandemia. Os professores se expressaram utilizando-se das seguintes categorias: Aluno/Aula/ Ideação Suicida/Saúde Mental Pandemia e por fim, os alunos construíram as categorias: Depressão/ Ansiedade// Autolesão / Ideação Suicida, Saúde Mental/Pandemia e Escola e Professores.

Com a intenção de atender aos objetivos geral e específicos, construiu-se um roteiro de perguntas semiestruturadas nas quais os psicólogos(as), professores (as) e alunos (as) com intuito de compreender como a pandemia da Covid-19 influenciou as possíveis ideações e tentativas de suicídio dos jovens estudantes dos IFPI, como são compreendidas as presenças de tais comportamentos destes jovens do Ensino Médio dos campi de Teresina Central e de Picos do IFPI, Qual a possível relação entre as ideações destes discentes com o ambiente escolar e como a instituição lida e reage com os discentes que possuem estas ideações suicidógenas.

O objetivo geral da pesquisa é compreender como os jovens estudantes, os professores de sociologia e os psicológicos da instituição escolar do Instituto Federal do Piauí entendem as ideações e tentativas de suicídios dos jovens. Os objetivos específicos são: (1) compreender como os jovens estudantes dos campi de Teresina Central e Picos entendem suas ideações e tentativas de suicídio; (2) identificar como a pandemia da Covid-19 potencializou as ideações e tentativas de suicídio de jovens estudantes do Ensino Médio dos campi de Teresina central e Picos do IFPI; (3) Apontar a relação das ideações e tentativas de suicídio de discentes com o ambiente escolar; (4) Identificar como a referida instituição lida com os discentes que possuem comportamento suicida.

Após o comprimento dessas etapas, faremos as discriminações do que foi encontrado nas tabelas das categorizações dos interlocutores. Deste ponto em diante, traremos os elementos necessários para análises das categorias e através do diálogo com Bardin (1977), faremos o trato analítico com os arcaouços teóricos já definidos anteriormente.

3.5 Análise das categorias

Neste tópico serão realizadas análises sobre as categorias a partir da quantificação das respostas sugeridas pelos indivíduos a cada pergunta lançada nos questionários. Ouvindo, atentamente, o material construído pelos interlocutores na pesquisa a fim de deixar-se envolver pelos sentidos ali capturados, chegamos ao número máximo, exaurindo assim o que chamamos de unidade de análises. Nesse sentido, a etapa pré-analítica consistiu em escolher o material a ser analisado de acordo com o pressuposto, objetivos e problemática da pesquisa. As atividades de análise dos dados consistem na construção de um corpus comum através do levantamento dos dados mais relevantes. Os resultados destas análises serão tratados neste tópico.

Os sujeitos da presente pesquisa estão reunidos em grupos de psicólogos, professores e estudantes. A escolha desses sujeitos se deu para atender os objetivos da pesquisa a seguir: compreender como os jovens estudantes dos campi Teresina Central e Picos entendem suas ideias e tentativas de suicídio; identificar como a pandemia da Covid-19 potencializou as ideias e tentativas de suicídio de jovens estudantes do Ensino Médio dos campi Teresina Central e Picos do IFPI; apontar a relação das ideias e tentativas de suicídio de discentes com o ambiente escolar; identificar como a referida instituição lida com os discentes que possuem comportamento suicida; produzir conhecimento que possa contribuir com políticas públicas eficazes no enfrentamento da problemática. Os dados construídos a partir das entrevistas semiestruturadas foram analisadas pela técnica de análise categorial em que foram extraídas certas categorias de análise de cada grupo de sujeitos. Os próximos subtópicos irão apresentar as análises de conteúdo de cada grupo de sujeitos. Primeiro iremos expor a análise das categorias extraídas dos psicólogos (as), em seguida, dos professores e por fim, dos estudantes.

3.5.1 Análise categorial do grupo de psicólogos do IFPI

Ao realizar as entrevistas semiestruturadas, retiramos as seguintes categorias do grupo de psicólogos: Depressão, Ansiedade, Autolesão, Ideação suicida, Saúde mental e Pandemia. Como pode ser exposto no quadro a seguir:

Quadro 15 - Após análise de conteúdo dos sujeitos psicólogos chegamos às seguintes categorias

| SUJEITO | CATEGORIAS | Menções | CAMPIS ANALISADOS PICOS/ FLORIANO/TERESINA CENTRAL /PICOS |
|------------------------|---|----------------|--|
| PSICÓLOGOS (AS) | Depressão e Ansiedade/ autolesão | 40 | 4 |
| | Ideação suicida/Saúde mental | 37 | |
| | Pandemia | 27 | |

Fonte: A própria pesquisa. 2020-2022.

Neste momento, veremos a análise da categoria Pandemia. Sabemos que a pandemia da Covid-19 afetou diretamente a vida de todos os atores que fazem parte da instituição escolar, principalmente porque entre as principais medidas adotadas pelos governos de âmbito federal, estaduais e municipais, foi o isolamento parcial ou total da população. A pandemia foi um fenômeno multidimensional. A dimensão social da pandemia pode ser interpretada sob o ponto de vista de Émile Durkheim e a noção de anomia social cuja conceituação revela uma falta de regulamentação social que afetaria os laços sociais a ponto de produzir suicídios. A pandemia e as estratégias de isolamento trouxeram um afrouxamento dos laços sociais tão necessários à vida social e individual. Desse modo, observou-se que

A anomia é, portanto, em nossas sociedades modernas, um fator regular e específico de suicídios; é uma das fontes em que se alimenta o contingente anual. Por conseguinte, estamos diante de um novo tipo, que deve ser distinguido dos outros. Difere deles na medida em que depende, não da maneira pela qual os indivíduos estão ligados à sociedade, mas da maneira pela qual ela os regulamenta (Durkheim, 2004, p. 328-329).

Nesse sentido, todos agentes educacionais do setor de saúde do IFPI, psicólogos, afirmam que houve o aumento na procura por atendimento por parte dos alunos, mas que também existiam casos que não eram de conhecimento dos profissionais da escola, que só foram detectados depois de acontecimentos mais drásticos, como a tentativa de suicídio com remédios, feita pelo referido aluno (a). Mesmo com essa dificuldade, os psicólogos (as) conseguiram detectar os motivos das ideações e tentativas de suicídios dos alunos.

Dentro da categoria ansiedade, depressão, autolesão observa-se que a pandemia da Covid-19 teria aumentado a demanda da procura dos serviços pelos alunos da instituição na

área de saúde e o agravamento desse problema intensificou os transtornos mentais e que houve aumento no número de casos de ansiedade, depressão e autolesão. Aparecendo bastantes ações de automutilação. Afirmam que os atos estão relacionados a questões de relacionamentos amorosos e familiares. Como revelam as falas dos (as) interlocutores (as):

Sandra: são mais questões de fase da vida, de relacionamentos amorosos também, de namoro mesmo, de relação com a família.

Ana: O que eu sinto que são problemas muito de relacionamento interpessoal ou intrapessoal. São questões de conflitos ou entre colegas, ou entre familiares, ou entre aluno e professor ou conflitos internos mesmo, de identidade, de orientação sexual, conflitos de autoestima.

Os problemas emocionais dos alunos são vistos pelo prisma, meramente, psicológico, individual e particularizado de cada um. Há uma dificuldade em perceber os jovens do ponto de vista multidimensional. As questões são tratadas em termos de conflitos na escola entre professores e alunos ou sob o enfoque centrado na família e não se estende para um olhar social mais abrangente, com, por exemplo: questões de classe, raça, geracionais e a anomia advinda da pandemia. Isso demonstra uma miopia dos agentes escolares, no caso os psicólogos, quanto a percepção da juventude dos alunos. Percebe-se que os jovens atendidos nos institutos federais são compreendidos sob a identidade - aluno. Sabemos que a identidade - aluno é uma imposição nas escolas de um ser, supostamente, sólido, coerente, cartesiano e racional. Porém, a juventude encontra-se na multiplicidade, conflitos, contradições e transitoriedade. Toda essa dimensão é eclipsada em favor da identidade Aluno. Tal atitude revela uma faceta da violência simbólica, pois há uma negação da condição juvenil e seus marcadores de classe, raça e gênero.

Dessa forma, a violência simbólica ocorre em ambientes educacionais que excluem os alunos. Que não atende aos padrões estabelecidos pela instituição educacional. Este aluno jovem é negligenciado por ela, isso leva ao desânimo, tristeza e sofrimento com fortes descarrego de emoções negativas. A escola vê nestes indivíduos, como relapsos que não se esforça para atender aos requisitos exigidos por ela. Para Bourdieu (1998), entende que a violência simbólica tem uma forma de coerção baseada em um sentimento de que há uma imposição de uma classe social sobre outra e que demonstra seus posicionamentos econômicos, sociais ou simbólicos. A violência simbólica ocorre na criação contínua de crenças no processo de socialização, a qual leva os indivíduos a se posicionarem no espaço social que estão inseridos de acordo com as normas e costumes estabelecidos. Devido ao discurso dominante, a violência simbólica se manifesta por esses conhecimentos e por meio do reconhecimento da legitimidade

desse discurso dominante. Para o autor, a violência simbólica é a concretização material do poder simbólico.

Dentro da categoria Saúde mental e ideação suicida; entende-se que mesmo admitindo o contexto social da pandemia na escola, percebe-se na fala dos psicólogos (as) um reducionismo conceitual. Tal percepção reducionista pode ser analisada sob o ponto de vista do autor ao afirmar que

Não temos tempo para cometer erros. E o primeiro já foi cometido. Um problema multidimensional como o suicídio não pode ficar circunscrito à área médica. Sem desconsiderar o avanço que foi admitir o suicídio como grave problema de saúde pública, a trincheira composta só por psiquiatras e psicólogos possui poucas chances de êxito. No topo da hierarquia, o psiquiatra, com sua visão reducionista, que enxerga apenas aspectos da bioquímica cerebral envolvidos no ato (Júnior, 2014, p. 13).

Nessa ótica dos psicólogos, há uma visão decididamente reducionista da doença mental e esses atos não podem ser tratados apenas em termos de sua bioquímica, ou seja, nós, seres humanos, somos inteiramente biológicos e cultural. O psicólogo cita um caso de consumação da tentativa de suicídio para afirmar sua perspectiva e se mostram preocupados com a relação entre transtorno mental, automutilação, ideação e tentativa de suicídio. Esses casos são recorrentes. Como podemos notar nas falas a seguir:

Helena: Geralmente são casos que são acompanhados sempre de algum transtorno psicológico. Eu começo a investigar aluno, ele traz sintomas depressivos” E quando a dor sofrimento vai transformar transtorno psicológico e pode levar a um problema suicida e um comportamento auto lesivo.

Ana: Esses casos sempre, todos os casos que eu já tive de alunos com comportamentos da ação suicida, com comportamento automutilação tem a associação com algum transtorno mental.

Percebeu-se uma visão biomédica do tema suicídio na fala dos psicólogos. Um reducionismo bioquímico em termos de transtornos mentais. O objetivo é classificar o indivíduo em algum dos transtornos mentais, identificar o comportamento advindo de tal desequilíbrio bioquímico e tentar intervenção partindo dessa perspectiva. Elisabeth Roudinesco nos alerta sobre os perigos dessa perspectiva. Tal visão eclipsa o peso das escolhas do sujeito do desejo no que desrespeita a sua vida mais subjetiva e questões concernentes ao inconsciente. Sobre essa problemática, verificou-se que

Cada paciente é tratado como um ser anônimo pertencente a uma totalidade orgânica. Imerso numa massa em que todos são criados à imagem de um clone, ele vê ser-lhe receitado toda uma gama de medicamentos, seja qual for seu sintoma. Ao mesmo tempo, no entanto, busca outra saída para seu infortúnio. De um lado, entrega-se à

medicina científica, e de outro, aspira uma terapia que julga mais apropriada para o reconhecimento de sua identidade (Roudinesco, 2000, p. 7).

O sujeito e seus dilemas existenciais reduzidos a um subproduto de uma maquinaria bioquímica corporal tem seus sintomas tratados apenas como uma avaria que necessita de ajustes. A intervenção bioquímica faria o papel de regulador dessa avaria corporal. Tal concepção nega a dimensão simbólica que constitui o sujeito. As teorizações de orientação lacaniana foram responsáveis por situar o inconsciente num construto social ao postular o inconsciente estruturado como linguagem. O inconsciente para psicanálise não seria um resultado de relações bioquímico-cerebrais, mas situa-se no laço social e na sua construção linguística. Portanto, os dilemas existenciais e questões de ideações suicidógenas estão situados nas dimensões singulares e suas interconexões com as interfaces simbólicas, sociais e culturais.

Tais considerações não eram alheias a Freud (2010), pois o pai da psicanálise compreendia os sofrimentos humanos inseridos na perspectiva da interação entre o sujeito singular e as imposições sociais. Freud (2010), afirma que o ser humano busca maximizar o prazer e evitar o desprazer, porém, o meio exterior, (a natureza e a cultura) são fontes de desprazer. O ser humano está fadado a escolher suas fontes de prazer nessas condições e por isso, sua felicidade é sempre transitória. Os sofrimentos humanos teriam uma ligação com a fragilidade do corpo, fragilidade frente a acontecimentos naturais e com a relação com outros seres humanos. A última não possui uma ética que as regulam e sempre é uma fonte de desprazer. Nesse sentido, Dunker (2021) afirma que os sofrimentos e a depressão são frutos de um período atual, que estão situados numa concepção líquida, que é transitório, rápido e tudo se resolve bastando tomar uma simples aspirina sem levar em conta o que provocou esta situação. Busca-se descaracterizar o sofrimento, a depressão e o suicídio como um sintoma do mal-estar da modernidade e de uma sociedade consumista. Os caracteres sólidos desses sentimentos são postos à mesa através do número crescentes de aumento da depressão e suicídios e o consumo exagerado dos fármacos antidepressivo.

O setor de psicologia dos IFPI's tem o objetivo de identificar os problemas dos alunos relacionados ao contexto do ensino e aprendizagem. Quando as situações de sofrimento ultrapassam esses limites, o setor de psicologia encaminha para instituições médicas externas como os centros de atendimentos psicossocial CAPS de Teresina.

Maria: *então a gente faz um caminharmento, a gente sempre direciona para esse projeto do Provida²⁶, porque a gente sabe que tem um atendimento médico e a gente sabe que quando a coisa está bastante grave, precisa de uma intervenção medicamentosa, precisa de uma avaliação do psiquiatra. O nosso, médico aqui é ele, aqui ele trabalha como clínico geral, mas o nosso médico da manhã, ele é psiquiatra, então às vezes eu converso muito com ele também em relação a isso, mas a gente, a gente encaminha para o Provida aí a gente fica acompanhando esses alunos, sobretudo esses graves, assim que a gente vê que precisa de uma avaliação ou para a psiquiatra, a gente encaminha e a gente fica pedindo o relatório.*

Os psicólogos têm suas competências restritas a assuntos escolares. Isso revela a separação entre a identidade aluno, concebido apenas sob os pontos de vistas comportamental e cognitivos, e a condição juvenil Dayrell (2007). Nesse sentido, quando a escola tem que lidar com desafios da ordem da condição juvenil, ela relega para outras instituições como uma patologia a ser tratada. A escola, ainda na modernidade sólida, não consegue lidar com a condição juvenil situada na modernidade líquida.

Ademais, apontaram que as políticas públicas são fragilizadas e que a quantidade de profissionais de saúde mental na rede municipal e estadual não é o ideal. Porque a demanda de saúde mental de suicídio vem aumentando. Pontua que o suicídio está arraigado de preconceitos. Não existe um programa de nível institucional definido. Seguindo apenas o calendário acadêmico anual a qual, cada campi trabalha isoladamente de forma pontual.

Sandra: *Acontece, muito até porque muitos dos nossos alunos às vezes vêm dos interiores menores ainda de idade e que Floriano, por exemplo, e ainda vem algumas questões de preconceitos muito arraigados então eu sempre converso com eles sempre me apresento para eles da maneira mais leve possível explicando como que é o trabalho na escola. É trabalho dos psicólogos na escola.*

Ana: *É... normalmente é setembro Amarelo que a gente trata a temática específica do suicídio, a gente não foge do calendário de saúde, do calendário nacional, que é o setembro.*

²⁶CAPS: São Centros de atendimento Psicossocial. Mantido pelas prefeituras do Estado do Piauí. Que atendem pessoas com ideações suicidas que buscam atendimento de forma espontânea com psiquiatra e psicólogo como forma de intervir emergencialmente, a curto prazo, com ideação suicida. Que possui serviços como o PRÓ VIDA que são serviços residenciais terapêuticos ambulatorial para quem tem ideações suicidas.

Maria: *É, a gente se concentra nesse setembro amarelo, que é para ficar uma coisa já marcada, é para culminar.*

O suicídio é discutido apenas no setembro Amarelo em situações pontuais. Isso mostra que o fenômeno não é visto sob o ponto de vista social pelos psicólogos, pois como fruto das relações sociais deveria ser assunto explorado em primeira ordem pelo setor psicológico e pela instituição IFPI. Isso revela uma visão dissociativa entre a identidade - aluno e os problemas sociais mais gerais. Os últimos, vistos como exteriores aos domínios da escola. O suicídio, tratado como fenômeno individual e particular, tem uma exploração restrita e pontual localizada no mês de setembro. Isso mostra o descompasso da escola (ainda na modernidade sólida que apenas deseja lidar com assuntos cognitivos e comportamentais dos alunos) e a condição juvenil com suas determinações sociais.

Podemos concluir nas falas dos psicólogos que as causas das ideações suicidas estão relacionadas a transtornos mentais, questões de relacionamentos amorosos, familiares e relação entre professor aluno. Essa visão revela um reducionismo da noção do suicídio, sempre ligado a uma avaria bioquímica neurocerebral que peticiona sempre uma intervenção medicamentosa. O suicídio não é visto nas suas dimensões: social, cultural, simbólica e subjetiva. Os impactos produzidos pela pandemia causaram vários problemas, dentre eles o isolamento desses jovens, que segundo os psicólogos, houve mudança de comportamento dos alunos que apresentaram dificuldades de aprendizagem com o modelo implantado de aulas remotas que potencializou essa problemática com o agravamento dos casos de depressão, ansiedade, automutilação e tentativas de suicídio.

Como vimos, a pandemia da Covid-19 foi uma anomia mundial em que seres humanos fragilizaram os laços sociais, produzindo problemas de várias ordens, dentre eles, o suicídio. Os psicólogos têm suas competências restritas somente a assuntos acadêmicos e suas intervenções são pontuais e, na maioria das vezes, restritas à conscientização do setembro amarelo. Tal situação nos revelou uma visão dissociativa entre a identidade aluno (imposição da modernidade sólida) e a condição juvenil situada na modernidade líquida. A visão reducionista biomédica associa-se a uma visão dissociativa em que a escola só é capaz de lidar com problemas concernentes de interesse acadêmico. Eis a crueldade da violência simbólica, pois ao excluir os problemas como suicídio, condição juvenil e fatores sociais em geral, o aluno é violentado simbolicamente, não por uma ação deliberada, mas pela falta de compreensão.

3.5.2 Análise das categorias extraídas dos professores.

Do grupo de professores, as categorias extraídas foram Aluno/ Aulas/ Ideação Suicida/ Saúde mental e Pandemia.

Após análise de conteúdo dos sujeitos professores chegamos às seguintes categorias:

Quadro 16 - Menções de categorias Professores

| SUJEITO | CATEGORIAS | Menções | CAMPIS ANALISADOS PICOS/ TERESINA CENTRAL |
|-------------------------|-------------------------------------|----------------|--|
| PROFESSORES (AS) | ALUNOS (AS) | 214 | 4 |
| | AULAS | 92 | |
| | PANDEMIA | 45 | |
| | Ideação suicida/Saúde mental | 35 | |

Fonte: A própria pesquisa. 2020-2022.

A categoria pandemia foi significada pelos professores de modo específico, pois foi relacionada às aulas remotas e trabalho docente cotidiano. Obrigados pelo novo cenário social imposto pela pandemia da Covid-19, os professores tiveram que desenvolver novas habilidades, voltadas para as tecnologias digitais de comunicação e informação, no entanto, nem todos conseguem ter essa facilidade com a tecnologia.

Alessandra: Então eu não tenho tantas habilidades, não gosto de trabalhar com as tecnologias de comunicação. Não gosto de Câmera, não gosto de fotografia, então, que estava muito difícil. Eu peguei e aderi a metodologia de slides comentários, só que eu não conseguia comentar esses slides e me dar por satisfeito em 15 minutos.

A categoria Aula foi compreendida como uma preparação que foi açodada pela instituição que não surtiu efeito desejado. As aulas tinham qualidades ruins, porque seguiam o padrão estabelecido pela escola com tempo reduzido em slides comentados e aulas síncronas com pouca participação dos alunos e que não deu muitas alternativas de inovação. Que tudo foi muito superficial, os alunos não conseguiram o mínimo de aprendizagem, o modelo afastava e criava uma barreira ainda maior, causando uma impotência dos professores.

Carla: *que aquela formação que nos foi ofertada, foi uma formação que eu não conseguia acompanhar, porque quando foi dada a formação nós já estávamos iniciando as aulas. Então eu tive que ir aprendendo ia acontecer situações muito chatas num ambiente virtual.*

Fabrizio: *Porque assim, se você for avaliar pela atividade, pela nota, aquilo não te oferece o quadro do que está acontecendo de fato. Porque as perguntas colocadas na plataforma poderiam ser pesquisadas. Então você não sabe só pela nota o nível de aprendizagem dos alunos e a gente está vendo agora no retorno o quanto eles perderam com isso, o quanto eles estão distantes de dominar o mínimo que eles precisam para cada série.*

Nas falas dos professores, observou-se que houve uma preocupação com a queda de rendimento escolar, com o esvaziamento da relação professor e aluno, assim como, verificou-se uma preocupação com a própria aula remota. Quando postaram as aulas poucos alunos participavam não conseguia enxergar uma medida exata de como estava o aprendizado. Que o nível de qualidade do trabalho caiu e foi muito aquém do que poderia oferecer e que suas rotinas foram bastante alteradas, prejudicando o trabalho e a práxis educacional.

Fabrizio: *Então a forma que a gente trabalhou durante a pandemia e causou muita estranheza que além de você ter as aulas gravadas ... o nosso tempo de interação com o aluno era muito limitado”. Olha a impressão que dá é que você está falando para ninguém, porque você grava aula, e se você posta o vídeo e de repente uma turma que tem 50 alunos, um ou dois se manifestam questões do livro ou alguma atividade que você passou, então você, assim porque ele não consegue ter uma medida exata de como está o aprendizado deles.*

O modelo implantado de aulas assíncronas e síncronas foi muito mal recebido pelo corpo docente. Pela forma como foi posto, não havendo uma discussão ampla com a comunidade acadêmica que pudesse de certa forma amenizar as deficiências de aprendizado. Além disso, houve uma sobrecarga muito grande com relação ao trabalho levado para o âmbito doméstico.

Fabrizio: *Foi uma das coisas que reclamei muito nas reuniões nas poucas reuniões, mas isso foi levado até o fim, até o momento da retomada das aulas daquele sistema híbrido.*

Pedro: *Foi uma experiência ruim, no sentido de que nós estávamos preocupados em tentar trazer, uma qualidade para essa forma de educar. Então, foi uma experiência ruim, porque sabemos que nós não estávamos preparados e quando fomos para a realidade a gente, nós sofremos uma série de impactos em relação a qualidade do produto que nós estávamos trabalhando.*

Na categoria Aluno, os docentes compreenderam que as relações entre professores e alunos foram ficando cada vez mais distantes e a impossibilidade de interação ficou protocolar. Suas rotinas foram alteradas drasticamente em todos os aspectos familiares, das relações com os estudantes e principalmente com a práxis educacional. Vejamos algumas dessas conversas:

Pedro: *Protocolar, os alunos só me procuravam quando era para falar alguma coisa sobre nota, ou sobre a possibilidade de fazer, de estender prazo de avaliação, essas coisas, agora trocar ideia sobre conteúdo*

ou tirar alguma dúvida, quase nada. Eu acho que eles deram retorno no mesmo estilo, assim, as participações nas discussões das disciplinas foram muito tímidas, e eu senti falta disso. Essa interação com os alunos prejudicou durante o ensino remoto.

Como sabemos, as normas sanitárias de isolamento social foram impostas pelos governos federais, estaduais e municipais e isso afetou diretamente os colégios do ensino privado e público. Com isso foram criadas alternativas para que não se perdessem o ano letivo. Como o modelo de aulas remendo do EAD utilizando-se de uma plataforma para envio de atividades e aulas gravadas (assíncronas) e aulas online (síncronas). Nesse sentido, o modelo EAD de ensino tem todo um aparato pedagógico, com tutores na plataforma e presencial e toda uma preparação com aulas gravadas e editadas com os professores devidamente qualificados. No entanto, isso não foi visto e nem feito pelo Instituto Federal país afora. Segundo dados colhidos na pesquisa realizada do Data Senado²⁷ sobre educação na pandemia, foram quase 56 milhões de alunos matriculados na educação básica e superior no Brasil, sendo 35% (19 milhões) os que tiveram as aulas suspensas devido à pandemia da Covid-19, enquanto 58% (32,4 milhões) passaram a ter aulas remotas. Na rede pública, 26% dos alunos que tiveram aulas on-line não têm acesso à internet. Revelando que, na opinião de 63% dos responsáveis por alunos que tiveram aulas nesse modelo, a qualidade diminuiu e 75% das famílias cujos filhos tiveram aulas remotas nos últimos 30 dias preferiam que as aulas voltassem a ser presenciais somente quando a pandemia fosse controlada. Segundo (Abramovay e Waiselfisz, 2015), demonstraram que essa pandemia da Covid-19 dimensiona a importância da escola, da socialização, do acolhimento e da oportunidade de valorização da instituição, com maior reconhecimento dos professores, que é um fator de motivação para que os jovens não abandonem o estudo mesmo diante de adversidade. Nesse sentido, Luz *et al.* (2021), a Covid-19 mostrou o aprofundou das desigualdades sociais existentes no Brasil e suas injustiças.

Ademais, há de se entender que para melhor forma de trabalhar com o sistema de informação os alunos e demais profissionais devem ter aparelhos modernos e uma boa internet. Certamente, isso foi um custo para os professores, pois além de comprarem novos computadores ainda arcaram com uma nova internet e melhorias no seu ambiente de casa para poderem trabalhar, pois um dos grandes problemas enfrentados pelos docentes foi a sua mudança de rotina dentro do seu ambiente familiar, a qual não conseguiam separar casa e trabalho, gerando conflitos entre seus membros.

²⁷ A pesquisa do instituto data senado foi realizada entre os dias 23 e 24 de julho. Foram entrevistados por telefone 2,4 milhões de brasileiros com 16 anos ou mais, em amostra representativa da população brasileira. Os resultados foram analisados considerando-se dois grupos: pais com filhos que frequentam escola ou faculdade e os alunos de escolas ou faculdades. (DATASENADO, 2020).

A compreensão dos professores sobre a situação produzida pela Covid-19 guarda similaridades com a noção de anomia (Durkheim, 2004). O afrouxamento dos laços sociais causou as mais variadas formas de sentimentos como desânimo, medo, inseguranças por toda parte. A escola é um local de socialização e contato social por excelência e a pandemia da Covid-19 trouxe um afrouxamento desses laços que atingiu o trabalho docente. Sabemos que a anomia para Durkheim é a causa do suicídio anômico.

Na categoria Ideação Suicida e Saúde Mental, os professores de Sociologia entrevistados estruturam suas perspectivas sobre o suicídio a partir da teoria desenvolvida por Émile Durkheim, onde o suicídio é um ato intencional com o objetivo de dar cabo a própria vida. Então, Durkheim define suicídio como toda a morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que ela produziria esse resultado” (Durkheim, 2004).

A temática do suicídio sob a ótica dos professores é tratada de forma aleatória nos campi sem uma nenhuma ação orquestrada pela instituição e que na maioria das vezes é feito para cumprir o calendário acadêmico, sendo pontual e que fica a cargo de um setor, que o da saúde com a psicologia, e que este setor sempre está sobrecarregado de tarefas e que não há servidores suficientes. Como atestam as falas a seguir:

Fabrcício: Não tanto quanto deveria em ocasiões pontuais, por exemplo, setembro amarelo. Durante 9 anos eu conto nos dedos de uma mão quantas vezes nós falamos sobre suicídio, eu falo disso na sala de aula, mas assim é importante fazer em outros momentos.

Alessandra: ela ainda é muito falha, nós temos pedagogos até suficientes para isso, mas é como a gente só tem uma psicóloga, fica muito sobrecarregado para ela, nem todos os professores têm essa sensibilidade de falar sobre o suicídio.

Carla: A cada ano, nós temos a semana, aquela semana que fala sobre o suicídio, são desenvolvidas ações de palestras, debates, convidando pessoas de fora ou de instituições que trabalhem com o suicídio. Não sei se tem um projeto especificamente sobre isso, para tratar internamente dessa questão do suicídio no ambiente escolar, que eu saiba não existe, mais especificamente eu não conheço nenhum projeto, que pautasse essa discussão no cotidiano da escola, em roda de conversa, acolhimento, não conheço.

Benedito Carlos já alertava que o Estado do Piauí e a capital Teresina não possuem políticas públicas voltadas para prevenção do Suicídio. Ele compara o suicídio com outras epidemias com a dengue que tem campanhas de prevenção amplamente discutidas e divulgadas. Existe o mito de que o suicídio não deve ser discutido sob pena de aumento dos casos. Isso se reflete nos Institutos Federais do Piauí que não contam com uma ação mais sólida de prevenção de suicídio para além de uma sensibilização do setembro amarelo.

Fabrício: *eu comento em sala de aula sobre esse livro do Durkheimiana e alunos ficam muito interessados com a temática.com um tema que causa tanta curiosidade em jovens que geralmente não se interessam por outras discussões. Como é que um tema como esse muitas vezes é ignorado nas escolas?*

Os professores dos Institutos afirmaram que ao identificar ideações suicidas, comportamentos auto lesivos, ansiedade, depressão por parte dos alunos, o procedimento consiste em encaminhá-los para o setor pedagógico ou de assistência social, em que é realizada uma primeira escuta. Comunicam-se os pais, familiares ou responsáveis. Em seguida, os alunos são conduzidos para o departamento psicológico que, por sua vez, dependendo da gravidade do caso, dirige os discentes para órgãos de saúde externos à escola como hospitais e CAPS. Como podemos observar nas falas a seguir:

Alessandra: *O encaminhamento assim, quando a gente identifica, no caso eu falo por mim, a gente encaminha para o setor de assistência social, a gente vê determinado aluno que tem certa dificuldade, aí o setor vai investigar e encaminhar para o setor de psicologia, creio que lá é feita a avaliação e se o aluno precisar de acompanhamento mais efetivo, mas profundo do ponto de vista medicamentoso, psiquiátrico, eles encaminham para outros órgãos.*

Fabrício: *É o seguinte. A partir do momento que o aluno é encaminhado para o setor pedagógico, lá eles fazem os primeiros atendimentos, eles escutam, eles tentam entender qual é a dinâmica, qual o contexto dos alunos, aí eles vão analisar, os psicólogos quanto o restante do setor pedagógico de saúde, se é algo que pode ser resolvido internamente. Quando não é possível, pelo que entende de outras conversas, de outras situações, há um encaminhamento, para aquele atendimento psicológico, parece que é CAP, Centro de Atendimento Psicológico, a um encaminhamento e acompanhamento desse atendimento do aluno pelo setor psicológico.*

As falas revelam que os Institutos Federais funcionam como uma grande fábrica fordista, dividida em departamentos com trabalhos especializados. Uma fábrica sólida, burocrática, automatizada e pouco humanizada. Uma escola situada na modernidade sólida Bauman (2005). O aluno é encaminhado para vários setores da burocracia da escola. Uma arquitetura sólida míope para os dilemas existenciais dos alunos em que os agentes educacionais, especializados em suas devidas competências, não conseguem lidar com a condição juvenil. O Instituto acaba por excluir os dilemas para fora dos seus muros e revela sua total inabilidade para com os jovens estudantes. A imposição da identidade - aluno, em seus aspectos comportamentais e cognitivos, ofusca a condição juvenil Dayrell (2007) e causa cegueira nos agentes educacionais.

Mesmo os professores de Sociologia, sabedores da teoria crítica sociológica, não conseguem ultrapassar a reprodução imposta pela burocracia educacional. Eles, também, reproduzem essa cegueira para com a condição juvenil. Os estudantes são vistos apenas na dimensão aluno e avaliados sob os pontos de vista comportamental e cognitivo. Dilemas existenciais, angústias, sintomas mais subjetivos são logo encaminhados para o setor

competente. Há uma inabilidade em tratar dos aspectos mais subjetivos da condição juvenil. Essa reprodução da burocracia nas atitudes dos professores revela um aspecto cruel da violência simbólica. Encaminhar os alunos com ideações suicidas, depressão, ansiedade e outros dilemas para os setores da burocracia do Instituto, parece uma escolha deliberada de não tentar lidar ou compreender a condição juvenil e suas complexidades.

3.5.3 Análise das categorias extraídas dos discentes

Do grupo de alunos, as categorias extraídas foram: Depressão/Ansiedade/Autolesão/Ideação Suicida, Saúde Mental /Pandemia Escola e Professores. Após análise de conteúdo dos sujeitos alunos, chegamos às seguintes categorias:

Quadro 17 -Menções de categorias Alunos

| SUJEITOS | CATEGORIAS | MENÇÕES | CAMPIS ANALISADOS PICOS/ TERESINA CENTRAL |
|-------------------|---|----------------|--|
| ALUNO (AS) | DEPRESSÃO E ANSIEDADE/ AUTOLESÃO | 35 | 4 |
| | IDEAÇÃO SUICIDA/SAÚDE MENTAL | 30 | |
| | PANDEMIA | 34 | |
| | ESCOLA E PROFESSORES | 102 | |

Fonte: A própria pesquisa. 2020-2022.

Na categoria Pandemia, os alunos perceberam que suas rotinas foram abruptamente alteradas e os seus hábitos foram modificados, como hábitos alimentares, a interação com outras pessoas e o sono, isso foi crucial para abalar os seus aspectos psicológicos. Emocionalmente abalados, muitos discentes desenvolveram ações de ansiedade, depressão e ideação suicida.

Denis: Minha rotina mudou bastante, teve acontecimentos que desencadearam toda uma situação. Eu não sabia o que fazer, qual seria a minha ação para viver naquele momento, sentimentos afloraram. Eu chorava do nada. Eu tive crises e toda essa situação. Lidar com isso foi muito difícil, porque a gente não tinha apoio da instituição, até tinha as tentativas, mas acabava não dando em nada, eu acredito que não só eu, mas muito colegas se viram na dificuldade de fazer seu ensino médio remotamente e foi difícil para todo mundo, tanto nesse quesito da gente está estudando, quanto as outras coisas que se passou na nossa vida, foi um período complicado.

Clara: Então, olha, meu tempo todo era sozinha, trancada dentro de um quarto sem fazer nada. Aí tipo, meu Deus, o que está acontecendo? O que está acontecendo com o mundo? O que está acontecendo com a minha vida? Aí eu comecei a desenvolver problemas psicológicos, ansiedade, depressão.

Diogo: Basicamente, todos os dias vou fazer a mesma coisa, que era ficar trancado dentro de casa, mexendo no celular e deitado e alimentando, já comecei a me sentir mais cansado, não fisicamente e sim, mentalmente. Aí fui, comecei a me afogar, me afogar em mim mesmo e acabei me isolando, completamente, parando de falar com todo mundo. Eu não saía de casa para nada e quando saía, voltava para casa, eu tinha uma crise de ansiedade”. Aí eu comecei a desenvolver problemas psicológicos, ansiedade, depressão.

Neide: Ela trouxe muitos problemas para mim, econômicos, de saúde, de relação familiar, problemas psicológicos.

As falas, acima, revelam que os alunos sentiram a pandemia como um verdadeiro caos e expressam muito mais, evidentemente, a noção de anomia social e afrouxamento dos laços sociais. A escola é um dos locais mais importantes de contato social, relações sociais, sociabilidades e construções das identidades juvenis. O afastamento abrupto e violento das interações sociais dos jovens na escola impactou profundamente o modo como eles construíram suas identidades. Como afirma Dayrell (2007), a escola é um espaço de sociabilidades e construção das identidades juvenis. Os jovens criam espaços intersticiais entre o tempo-espaço da escolar institucional e o tempo-espaço juvenil. Tais possibilidades foram retiradas dos alunos do ensino médio por causa da pandemia.

A compreensão sobre o período pandêmico, por parte dos jovens, não demorou a ser sentida devida a ruptura drástica com o cotidiano em que estavam inseridos, todavia, as aulas on-line demonstraram a realidade virtual de um mundo que cada vez mais que se faz depender da tecnologia, que requer uma outra adaptação, desconstruindo os processos de socialização presenciais, moldando assim, a identidade, os sentimentos e a própria condição juvenil (Silva, 2006). Nesse caso, o jovem aluno não se adaptou bem à realidade virtual e remota imposta pelo colégio em razão da pandemia da Covid-19, pois a plataforma trabalhada pelo Instituto Federal Do Piauí foi o *Google Classroom*. Ela não permitia interação com colegas e professores que na maioria das vezes tinha muitas aulas postadas e atividades das disciplinas e com tempo limite para entrega dos trabalhos. Tal situação impõe um protagonismo desses jovens e autodidatismo nas atividades exigidas pela instituição, algo nunca visto por estes jovens estudantes. O período pandêmico da Covid-19 tornou o mundo moderno mais líquido (Bauman, 2005) até ao ponto da anomia (Durkheim, 2004). Vejamos o que Bauman (1998) afirma sobre esse mundo líquido, ainda usando os termos modernos e pós-modernos que depois, ressignificados para modernidade sólida e líquida

Os homens e as mulheres pós-modernos trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade. Os mal-estares da modernidade provinham de espécie de segurança que tolerava a liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de espécie de liberdade de procura de prazer que tolera uma segurança individual pequena demais (...). Se obscuros e monótonos dias assombram os que procuravam a segurança, noites insones são as desgraças dos livres (Bauman, 1998, p.10).

A modernidade líquida (falada ainda em termos de pós-modernidade na época desse livro), aumentou sintomas de ansiedade e depressão. A explicação é inteiramente social. A modernidade líquida peticiona mais liberdade em nome da perda da segurança. Tal perda acarreta “em noites insones”, como citado acima. Uma sociedade mutável, flexível, imprecisa produz uma liberdade maior para autoconstrução ao tempo que joga as responsabilidades de todos os infortúnios nas costas dos indivíduos. Os jovens sentem o peso dessa crescente transferência de responsabilidades sociais para o âmbito individual, produzindo a ilusão de que tudo depende de suas escolhas particulares. O modelo biomédico, ao explicar a ansiedade e a depressão em termos neurológicos, biológicos e químicos, reduzem-nas para o âmbito do corpo individual e forma uma incompreensão de questões sociais nas suas produções. Como dirá a psicanálise, os transtornos mentais devem ser compreendidos levando em conta o laço social criado pelos sujeitos.

Não podemos esquecer que estes jovens estavam em suas residências como dito, pelas psicólogas anteriormente por vezes um ambiente violento, que existem conflitos e choque de geração. Um ambiente que se exige tarefas de casa e até o cuidar de outras pessoas como um enfermo, idosos ou irmão menor e que, na maioria das vezes, não havia um acompanhamento de seus responsáveis sobre suas atividades escolares que por vezes eram relegadas, causando um desinteresse pelo estudo e pelas aulas. Certamente estes jovens estudantes foram acometidos de emoções negativas. Com isso, a tensão entre a condição juvenil (Abramo, 2005; Dayrell, 2007) e a pedagogia adotada pela escola no período de isolamento social, está ligado diretamente a forma com as aulas foram estruturadas e essa situação provocou o adoecimento ou a piora de questões ligadas a dilemas existenciais e emocionais dos alunos. Como atestam as falas dos discentes abaixo:

Flávia: mas é uma questão muito difícil aprender em primeiro lugar online. Eu mesmo não aprendi nada disso. Eu estou aqui no terceiro ano tentando o máximo, porque é muito complicado.

Sara: Deixei de lado, como eu falei, teve essa questão de desinteresse por ser online, era muito mais fácil de me distrair.

Denis: Teve questão de desinteresse por não estar saindo de casa, então eu só levantava cedo e colocava a aula online e normalmente nem prestava atenção. Por ser algo online que eu facilmente me distraía, eu tive muito desinteresse e decaiu muito minha qualidade de estudo. E aquela dificuldade toda de me adaptar, eu ia

dormir de madrugada fazendo tarefas, eu dormia durante a tarde, ficava acordado durante a noite, totalmente irregular do sono. Era difícil para a gente adaptar toda aquela situação, aquele negócio de aulas, vídeos de 1 hora, documentos imensos para ser lido, é uma coisa que não funcionava e não funcionou bem.

Sobre o entendimento dos (as) discentes sobre o ser jovem hoje. Eles responderam que não é fácil, que sabem que é um momento de transição, que a vida tem suas agruras e que apesar desse turbilhão de emoções, entendem que estão nesse momento de erros e acertos para evoluir.

Flavia: Ser jovem nos dias de hoje é enfrentar dificuldades que às vezes alguns adultos ignoram, pensam que é besteira.

Sara: Muitas pessoas falam que adolescência é melhor fase da vida e talz, mas sinceramente para mim, uma das mais difíceis que eu estou passando, é cansativo, você passa a lidar com problemas que quando você era criança, você não nem imaginava que teria, então é uma fase difícil.

Denis: É um tanto desafiador. É, eu acho que é um compartilhamento de todos também, de que é complicado. É duro ter essa vivência, essa nesse ambiente que às vezes não é tão acolhido.

Clara: Eu acho que é meio que um desafio do mundo de hoje. Tipo assim é muita pressão, às vezes para mim, terceiro ano é muita pressão.

Diogo: Ser jovem, é você, agora eu falo, é meio complicado, até porque, tipo, eu não sou um adulto ainda para dizer como é que é isso, não é, mas pelo que os adultos me falam você aproveitar sua vida, entendeu o máximo que você conseguir

Neide: Ser jovem, é estar no meio de uma grande mudança, no quesito social, a gente ao mesmo tempo que tem Liberdade para ser mais coisas, para ser o que somos, a gente também tem que lidar com a pressão que a sociedade ainda impõe, porque a gente tá num período de transição, a gente não mudou ainda, é confusa mesmo, ao mesmo tempo que muitas são reprimidas e outras são abertas, então, você está no meio de uma transição, enquanto vai ter pessoas te aplaudindo, vão ter pessoas também te agredindo.

Os jovens expressam as ambivalências, ambiguidades e contradições entre uma condição juvenil situada na modernidade líquida e as instituições em plena ebulição entre as duas modernidades: líquida e sólida. Desse modo, os jovens sentem que não são compreendidos em suas condições juvenis, sentem as dificuldades desse mundo líquido e ainda passam por pressões de cobranças de todos os lados. Sentem a transferência social para suas escolhas individuais. Isso tudo é traduzido em termos de ansiedade, depressão, confusão, desafio, pressão, transição, cansaço e falta de acolhimento. Soma-se a isso, o fato de os jovens alunos brasileiros das escolas públicas serem obrigados a trabalhar para garantir o sustento da família, como afirma Dayrell (2007).

Na categoria Escola e Professor, todos os alunos entrevistados, concordam com a ideia de que a escola, o IFPI é uma importante instituição em suas vidas, que possibilita o encontro desses jovens com o conhecimento técnico científico, a qualificação e o aprimoramento de seus

cabedais, mesmo que de maneira teórica, para o mercado de trabalho, isso fica claro na passagem dos interlocutores, que diz:

Lúcia: É um lugar que, pelo menos para mim, é um lugar acolhedor. Além de ser um lugar que está me preparando para um futuro.

Flávia: Um local de aprendizagem, conhecimento.

Sara: É, mas eu confesso que foi o melhor colégio que eu já estudei.

Diogo: sinceramente além de ser o lugar que eu mais aprendi, coisas é um lugar de refúgio porque tipo assim eu me sinto mais calmo, eu gosto mais de ficar aqui do que ficar em casa, por mais que eu gosto muito de ficar lá em casa, porque eu tenho minhas coisas lá. Eu, sinceramente, prefiro muito mais ficar aqui o dia inteiro do que ficar lá, eu tenho aula o dia inteiro todos os dias.

Neide: A Escola significa para mim um local de paz, ao mesmo tempo que eu sinto muito ódio de vir para a escola.

Como afirmar Dayrell e outros, a escola é um dos locais de produção de sociabilidades juvenis. Local muito importante para produção de suas identidades, ainda que sintam certos sentimentos ambíguos e conflituosos frente à escola. A escola como um lugar em que se ama e odeia ao mesmo tempo. Essa ambivalência de sentimentos tem seu sentido naquilo que chamamos de descompasso entre a condição juvenil e a identidade - aluno. Mesmo com essa perspectiva positiva sobre a escola, os alunos entrevistados demonstram que, muitas vezes, seus sentimentos e emoções são sobrecarregados nesse mesmo ambiente. Além desse fato, que acontece pela pressão da família da instituição que busca resultados em suas disciplinas ou apenas pelo fato de querer mesmo se capacitar. No entanto, encontram um volume muito grande de conteúdos e não suportam a pressão da pontualidade de prazos imposta pela pedagogia escolar, os alunos sentem a falta de acolhimento e/ou compreensão sobre seus pensamentos e atitudes, reacendendo a tensão entre as identidades juvenis, a condição juvenil e a escola Dayrell (2007), assim como afirma Lipovetsky (2007), construindo seu pertencimento nesse território incerto. De acordo com essas vozes:

Denis: Como eu falei, tem essa barreira entre o jovem e a instituição, assim dizendo, essa barreira de entendimento que o jovem chega nela, não sabe se adaptar, acaba saindo ou perdendo a vontade de estar naquele lugar, ou perdendo totalmente o foco ali. Quando não se tem apoio, que é o que normalmente a gente vê hoje nas instituições, escolas e tudo mais.

Clara: Essa escola, ai meu Deus, eu não vou mentir não, eu não gosto dessa escola. Se eu pudesse voltar no tempo...entrei no curso a tarde por pressão familiar, acho que meio desorganizado, sabe? Isso me irrita muito. Eu não gosto é da visão daqui, sabe? Me irrita muito. Na semana de prova, as provas. Não estão nem aí para nada, nem para ninguém. Eu vejo assim, alguns professores também só entram em salas, jogam as coisas, outros, nem entram, vem tipo da aula, uma vez em semestre e pronto, e na outra já é prova. Eles são assim mesmo desorganizados. Alguns professores são incompreensíveis, são meio fechados, tipo assim, tenho dificuldade em

alguma, na verdade, em só uma matéria. Minhas notas estão todas excelentes, menos nessa matéria. Ai, tipo o professor, ele já bota muita pressão em você e você tenta falar com ele. Meu Deus, só piora, só aumenta.

Neide: A Escola significa para mim um local de paz, ao mesmo tempo que eu sinto muito ódio de vir para a escola. Eu acho que a escola é um grande local de aprendizagem e eu sofri muito, mas eu aprendi muito e eu acho que foi necessário todo sofrimento.

Nesse sentido, aqui encontramos o descompasso da escola no seu mundo sólido perfeito em contraposição da sociedade líquida (Bauman, 2004). E também não podemos deixar de notar a violência simbólica sentida pelos estudantes. Todas as pressões, desorganizações, incompatibilidade entre professores e alunos, falta de preparo para o mercado de trabalho, falta de entendimento do jovem aluno trabalhador são as múltiplas facetas da violência simbólica tão falada por Bourdieu (2010). Percebemos que os alunos sentem todo o peso da estrutura fordista dos campi nos comentários acima. Os estudantes vivem essas ambivalências na escola, ao tempo que produzem suas identidades juvenis num espaço-tempo criado em interstícios, são eles mesmos cobrados de todos os lados na brutalidade do mundo sólido. A violência simbólica agindo em sua força. Um dos alunos entrevistados define bem esse contexto, ao dizer o que pensa:

Denis: Eu já cheguei procurar a coordenação para tentar conciliar esses contra turnos com o emprego, mas o que eles me disseram foi que eu que decida, eu que sei, eu tenho que escolher entre emprego, que é uma coisa muito importante e a escola, que também é muito importante. Não tem outra opção. Eu me senti muito acuado quando foi dito isso porque eu fiquei sem entender. Procurei apoio de alguns professores, alguns entendem, outros não. Eu, por exemplo, consegui meu estágio, mas foi porque eu procurei, porque eu passei a escola, não, não estava mais disponibilizando, porque não estava tendo no banco ou alguma coisa do tipo. Claramente tem empregos para jovens, sim. Só que esta instituição não tinha essa pro atividade de querer ir buscar isso para os jovens aqui, ainda mais que tenha essas coisas de contra turno e tudo mais.

Neide: A escola não nos prepara para um mundo lá fora, onde as coisas vão ser mais difíceis, onde você pode ter um certo apoio, mas você não deve esperar sempre você ter de tomar sua própria iniciativa, onde o mundo que vai ser mais agressivo. Não prepara totalmente para a tomada de iniciativas, mas, para te blindar sim.

Os agentes educacionais sugerem que Denis escolha entre o estágio remunerado e a vida acadêmica. Uma contradição criada pelos próprios Institutos Federais. Esse é um dos pontos de miopia da instituição. A escola não consegue compreender Denis que necessita trabalhar para sustentar a si e sua família. Deste ponto de vista, a escola acaba por limitar o desenvolvimento mental, emocional e intelectual dos jovens e impede-os de se desenvolverem plenamente. Há uma reclamação de que a escola não os acompanha, não os orienta, não escuta, não atende suas demandas, está fora da realidade do mundo laboral e não flexibiliza suas ações para os estágios dos alunos que queiram trabalhar, dificultando sua cidadania plena. Como sabemos, a

necessidade de trabalhar é um dos motivos para a evasão e abandono no Ensino Médio e caracteriza a chamada crise do ensino médio. O aluno evade dessa etapa, justamente, para trabalhar e os Institutos Federais, cuja legislação, decreto 5.124/2004, foi produzida para unir o ensino propedêutico e o ensino para o trabalho, se torna incompetente em compreender um aluno dividido entre o estágio remunerado e escola. A própria instituição não tem um programa de estágio remunerado e Denis responsabiliza-se pelo seu estágio. Tal sugestão de escolha entre estágio remunerado e escola nunca deveria ter partido de uma agente educacional dos Institutos Federais. Revela-se nessa fala mais uma faceta cruel da violência simbólica contra alunos da escola pública.

Apesar de o decreto 5.124/2004 (Kuenzer, 2017) ter instituído a obrigatoriedade de cursar o ensino médio propedêutico para os alunos que desejam seguir o ensino profissionalizante, eles não conseguem conectar essas duas dimensões curriculares. Neide, ao falar que a escola “blinda” o aluno dos problemas lá fora, está se referindo a uma certa experiência laboral que só se conseguiria em pleno exercício no emprego, sem a devida preparação nos Institutos Federais. Como revelado na fala de Neide, o Instituto Federal não a preparou para o mercado de trabalho. Isso se deu porque o decreto (um avanço tímido) não consegue sintetizar o pensamento crítico ao mundo do trabalho (Kuenzer, 2011). A escola humanística com suas disciplinas tradicionais e a formação técnica não foram devidamente sintetizadas de modo a produzir um sujeito crítico no seu cotidiano laboral. O resultado da separação das duas dimensões, chamada dualidade estrutural (Kuenzer, 2011), é traduzido por Neide, em termos de “mundo lá fora” contraposto ao mundo interno da instituição. A jovem não consegue compreender as relações de trabalho sob o prisma dos estudos realizados no Instituto Federal. A formação para cidadania exige pensamento construído pelo ensino propedêutico que deve ser aplicado, principalmente, nas relações de trabalho no intuito de requerer direitos. Ela compreende o fracasso de um modelo de escola voltado para a preparação para o trabalho. Ela sente que o currículo não conecta as várias disciplinas com o mundo laboral.

A instituição sempre peticiona o interesse pela identidade - aluno. O dilema de Denis entre o estágio remunerado e a vida acadêmica revela uma contradição vivida na escola. A contradição mencionada é aquela entre identidade estudantil e identidade juvenil. A primeira, exigida pelas instituições escolares, está enraizada nos aspectos cartesianos, racionais, coerentes e organizacionais, e a segunda se manifesta como diversidade, ora transitoriedade da vida e de seus precursores, enfatizada e perpassada por um território fluido, ora racional. Bauman (2004) refere-se aos dois momentos contemporâneos sólido e líquido. O século XXI será diferente do século XX, no qual a modernidade do último é "mais pesada", "mais forte",

"condensada" e "sistemática", uma modernidade impregnada de totalitarismo, regramentos, inimiga do acaso, da multiplicidade, da ambiguidade e da instabilidade. No século XXI, emerge uma modernidade mais leve, mais fluida, mais difusa, mais capilar, mais em rede e instável, em que o privado sempre coloniza o público, esvaziando-o de sentidos. O esvaziamento ou relação distante entre os profissionais da instituição e alunos, o processo de ensino-aprendizagem e a violência simbólica da pedagógica escolar estão entre as principais dificuldade e causas do adoecimento psicológico, segundo os discentes entrevistados, por mais que achem o Instituto Federal do Piauí (IFPI) uma relevante instituição para seu crescimento pessoal e profissional, sentem que não são ouvidos e não entendidos.

Denis: Eu sinto que a escola é importante para a gente, para a gente aprender, formar as pessoas que a gente vai ser no futuro, mas às vezes não é só sobre conhecimento, não é só sobre técnica, é também tem aquela parte pessoal, aquela relação que deve existir entre as pessoas da escola, instituição como instituição e os estudantes jovens e todas as pessoas que fazem parte dela. Sinto muito que a escola não passa essa visão para a gente, essa visão de mercado, eu vejo isso em matérias do meu curso, que fala exatamente sobre a direção das empresas, a elaboração de coisas da empresa, mas que não abordam como a gente vai fazer nas empresas. É de um método completamente diferente do que vai ocorrer realmente na vida real. A gente devia estar sendo orientada, mas não é. É uma vertente uma diferente do que vai ser no futuro, se a gente quer continuar com aquela profissão, com aquele curso, progredir, a gente vai ter que aprender praticamente tudo de novo, da forma como é, para ser de verdade, porque a forma que a gente foi ensinado não foi aqui o mercado de trabalho oferece para gente.

Clara: Então aqui, tipo assim, você já é sobrecarregado com as coisas do ensino médio, do técnico e você ainda tem que estudar para o Enem. Meus desafios maiores que eu acho que é em relação ao tempo mesmo, sabe, eu já fico muito cansada com a Carga horária.

Bourdieu (2010) defende que a violência simbólica ocorre nas escolas públicas, porque as escolas públicas analisadas pelos sociólogos foram concebidas em uma modernidade sólida. A insatisfação dos sujeitos da pesquisa mostra o distanciamento entre a escola como instituição educacional do modelo fordistas com seus regramentos e distanciamento do mundo real, não que não exista flexibilidade, mas a ela está dentro de normas burocráticas que tende a não modificar com constância que se exige no mundo líquido e nesse movimento de dentro para fora encontramos o aluno inserido numa consciência da modernidade líquida seguidos também de padrões conservadores que, no entanto, algumas dessas normas são quebrados constantemente, pois as flexibilidades do mundo líquido exigem essas plasticidades para o seu pleno funcionamento diferente das burocracias administrativas existentes nas escolas públicas e isso se expressa pelas insatisfações do sujeito da pesquisa que nos fora apontado pelos depoimentos dos discentes que veem a escola como sofrimento, um local também de angústias e que nem sempre são entendidos como aluno e jovens.

Na categoria Ideação Suicida/ Saúde Mental, a maioria dos alunos pesquisados tiveram algum tipo de pensamento sobre tirar a própria vida ou crises de ansiedade e depressão e estavam ou ainda estão em acompanhamento por profissionais da psicologia, psiquiatria, seja dentro ou fora da escola. Todos eles disseram em entrevista o que pensavam sobre o suicídio e as ideias convergiram muito, para o alívio de dores que não querem tirar suas próprias vidas, compreendem que é uma atitude extremada de suas emoções e que não voltariam a fazer as tentativas.

Flávia: Eu já tentei de mutilação profunda e também já tentei com remédio, foi com remédios do meu avô que morava comigo e os remédios dele era muito forte também. Aí eu já tentei.

Lúcia: Sim. Com remédios, só que acabou que achei que por sorte, eu não escolhi a quantidade certa e acabava que eu só passava muito mal. Eu sentia muito cansaço de mim, cansaço de tentar, cansaço de tudo. E aí, como alternativa de fuga de tudo isso eu tentei. De toda essa pressão que eu estava sentindo. Meus próprios pensamentos”. Que normalmente a pessoa não quer simplesmente acabar com a vida dela, ela está procurando alguma forma de lidar com a dor que ela está sentindo ou eliminar aquela dor que ela está sentindo. E normalmente, como última opção, acaba sendo um suicídio.

Denis: Mas naqueles momentos de angústia, raiva, eu tentava colocar algo no pescoço, algumas coisas do tipo.

Diogo Com relação a tentativas em si, as únicas vezes que eu cheguei mais perto, foi uma vez que fiquei com a faca meia hora apontada para meu peito, a outra foi uma arma carregada apontada para minha boca. Eu não faria isso de novo, por mim eu não faria isso de novo, mas foi isso que aconteceu.

Júnior (2014) entende o suicídio como fator multidimensional e insiste na dimensão social do fenômeno. Compreende o suicídio como expressão de uma crise planetária. Um mundo globalizado em que todos estão mundialmente interconectados, o suicídio seria uma espécie de apoptose, por assim dizer, em que alguns tiram sua própria vida em decorrência de uma crise do corpo social como todo. No dizer do pesquisador

Ressoam as trombetas da catástrofe planetária que se faz sentir em vários lugares do mundo, de diferentes maneiras. O suicídio está contido no cálice de agruras derramado em Teresina. Anuncia a crise generalizada da política, da educação, da desigualdade e dos valores. Diante da crise, podemos agir ou fenecer. “Tudo sempre começa com uma iniciativa” (diz Edgar Morin no seu livro "via para um futuro da humanidade" (2013, p.39.) Para enfrentar a pluralidade de crises justapostas e interdependentes é necessário efetuar diversas reformas “cada reforma só pode progredir se as outras progredir”. (Morin, 2013, p.49). Se admitirmos o suicídio como um sintoma de uma crise de múltiplas dimensões, não se pode atacar o problema apenas por um dos seus flancos, o bioquímico. O ser humano é inteiramente biológico e internamente cultural, como gosta de enfatizar Edgard Carvalho (2009). Daquilo que há de mais preciso do pensamento moriniano (Júnior, 2014, p.14).

Júnior (2014), ao pesquisar sobre o suicídio em Teresina, circunscreve-o dentro de uma crise global da humanidade. O suicídio seria uma faceta da crise do mundo interconectado e globalizado (para nossa tradução, mundo líquido). Os jovens alunos estão inseridos na

modernidade - mundo e sentem o peso dessa crise multidimensional em suas trajetórias. A modernidade líquida, ao individualizar as responsabilidades coletivas, sobrecarrega o indivíduo. Há também uma maneira de lidar com o suicídio, somente, sob o ponto de vista biomédico. O suicídio, concebido sob ponto de vista biomédico, esconde as determinações sociais e globais do fenômeno e individualiza-o. Tal visão reducionista torna ineficaz uma intervenção sobre o suicídio.

Podemos interpretar as falas de Denis e Lúcia sob o ponto de vista das ciências humanas. Eles relacionam as suas ideações suicidas a afetos de “angústia”, “raiva”, “cansaço de si” e “pressão” externa. Sabemos que os afetos são construções sociais e culturais e não, apenas, efeitos bioquímicos do corpo. A dimensão simbólica deve ser considerada para demonstrar o poder desses afetos nos atos dos indivíduos. A angústia é o sentimento que sinaliza para a consciência da finitude do ser humano (Lacan). A espécie *Homo sapiens*, *sapiens* é a única que sabe, desde muito cedo, que vai morrer e a consciência dessa finitude produz a angústia. A psicanálise afirma que a angústia é o sentimento que não mente. A angústia é sentida como uma dor existencial profunda de consciência da impotência humana frente aos acontecimentos da vida. Utilizaremos da teoria da Sociologia das emoções que será uma ponte necessária para explicar inúmeros fenômenos, inclusive as ideações e tentativas de suicídio, assumindo que as emoções são base para de todas as relações sociais. (Luz, *et al.*, 2022). Compreendemos que a emoção permite interpretar e dá sentido à própria vida e que ela faz parte do trato analítico dos sentimentos dos alunos pesquisados. Sobre os sentimentos, nas palavras de Koury “[...] pode ser definido como uma teia de sentimentos dirigidos diretamente a outros, é causado pela interação com outros em um contexto e em uma situação social e cultural determinados” (Koury, 2009). Ademais, as emoções demonstradas e analisadas desses jovens estudantes do Instituto Federal, nos dá a possibilidade de compreender e explicar suas realidades e vivências no período da pandemia.

Como dito anteriormente, suas relações, interações foram cortadas abruptamente com o isolamento social. O medo se fez presente sob uma ameaça invisível aos olhos, a angústia de notícias ruins a todo momento desperta incertezas do amanhã e as emoções negativas surgem. Desembocando para uma ansiedade sem fim que é um presente e um amanhã com muitas dores. A tristeza foi potencializada por perdas que trouxe depressões, essas perdas foram sentidas e tratadas diferentes. Como nos lembra Kehl (2016) não há tempo para as dores, os prazeres têm que ser imediatos, rápidos e instantâneos. A emergência do tempo nos cobra o auto restabelecimento por cima de tudo, até da morte.

Chamo atenção para a realidade desses jovens alunos, que veio com mais complicações que são as cobranças de uma vida adulta de um período em transição de seus corpos e formações de caráter. A qual vivemos um mundo de emergência não só pela grande crise sanitária, mas também de uma sociedade líquida que não tem tempo a perder. Esses processos de dores, luto, medo, angústias e depressões tem que ser curados de forma rápida.

Nesta esteira do tempo, vemos uma outra dimensão que está ligado ao virtual, essa dimensão mais fria e veloz que corta a presença física, o contato, os cheiros pela tela do computador e seus ícones. Nesse sentido, pode se cobrar muito mais pela não presença física. Não há barreiras, nem hora e nem local. Na plataforma digital adotada pelo IFPI, as aulas chegam nas horas programadas e suas devidas atividades com tempo limite do envio das respostas. Como dito anteriormente, este jovem está em casa com seus afazeres domésticos e agora com várias atividades de muitas disciplinas no mundo virtual. O desespero bate em sua porta, a angústia e a depressão vem, pois se exige um malabarismo, um protagonismo, um autodidatismo destes jovens que se veem cobrados como adultos fossem. Sua saúde mental está abalada, suas emoções afloram para sentimentos ruins. Como fugir de tanta pressão, como liberar essas dores que não são físicas?

[...] O que sentimos em uma situação social dependerá do conteúdo e do resultado da interação, do equilíbrio da troca que obtemos, do tipo de relação social que nos une ao outro que obtemos, do tipo de relação social que nos une ao outro, das normas e valores aplicáveis, e de outro amplo conjunto de variáveis sociais. Assim, analisando as estruturas e fatores sociais antecedentes que condicionam uma emoção e a analisando as expressões, comportamentos e consequências sociais derivadas dela, cada uma pode ser melhor compreendida. (Luz, *et al.*, 2022, p.242)

Ademais, não havendo esse conjunto de variáveis sociais que nos une, a uma quebra de laços que provoca o desequilíbrio, o distanciamento, coisas que estes jovens não conseguem explicar, mas que vem com muitas dores no seu psique e o alívio vem com o distensionamento e com ações de automutilações. Esta ação é um alívio imediato das pressões sentidas que se tornam uma constante, mas como todo “remédio” ao longo do tempo não surtirá mais efeitos e como solução final de suas angústias busca-se a fuga para um mundo melhor sem essas dores ou outras preocupações, o suicídio é o melhor “remédio”.

O ser humano sempre sentirá o mal-estar de fazer escolhas em busca do prazer e evitar o desprazer, dirá o pai da psicanálise (Freud, 2010). Na modernidade líquida, essas angústias estão relacionadas à consciência da responsabilidade da autoprodução de si e das identidades e uma constante responsabilização do sujeito sobre si e de suas vidas. Daí os sentimentos de “pressão” e “cansaço de si” falados pelos alunos. Na modernidade líquida, há uma transferência de responsabilidades coletivas para os indivíduos. Os indivíduos começam a se responsabilizar

por suas saúde, emprego, salário, aposentadoria, segurança e educação. Há uma pressão difusa para que os indivíduos se responsabilizem por todas essas coisas como se não fossem direitos universais que deveriam ser garantidos. Esses estudantes dos Institutos Federais estão sob várias pressões como mencionado anteriormente: a profissionalização técnica gera as expectativas da empregabilidade, a manutenção no curso através de estágios remunerados, pressão acadêmica de várias disciplinas, expectativas familiares e a pandemia.

As Categorias Depressão e Ansiedade e Autolesão, nas vozes dos alunos, demonstram que o suicídio não é algo repentino, mas resultado de uma construção social, ao longo do tempo. É um fenômeno indeterminado e multifatorial.

Apontamos o suicídio como um dos possíveis produtos de uma tensão entre a condição juvenil e a violência simbólica perpetrada pela escola. Dayrell (2007) refere-se a uma tensão existente na escola entre a identidade do aluno e a condição juvenil. A primeira é, frequentemente, declarada na escola para contrariar e negar a segunda. O autor observa que as escolas continuam a manter uma atitude intolerante em relação às manifestações juvenis. A escola ainda não reconhece a importância da identidade juvenil na formação do ser humano e se recusa a criar espaços onde essa identidade possa ser expressar. Ademais, observamos que a violência simbólica, se manifesta no descompasso entre escola e aluno e se materializa numa das passagens mais agonizantes da voz de um aluno em que sente o peso do mundo sólido em suas costas.

Diogo: Assim, a pessoa não quer se matar. Mas tipo assim, se a pessoa realmente quer isso, a pessoa vai lá e faz, pelo menos eu só tenho esse pensamento. Diversas vezes, tiveram vários motivos, entendeu? Mas algum deles, foi tipo assim, besteira de meu pai, briga de meus pais, entendeu? E sinceramente, tiveram algumas vezes que foi por causa daqui do IFPI. Sim, porque por mais que eu goste muito assim na matéria, mas é muita coisa, tenho 22 matérias. Eu não acho, eu tenho certeza porque, tipo, eu já senti vontade de desistir de tudo, entendeu? Porque eu simplesmente estava cansado.

Os discentes compreendem que essa ação do suicídio é o extremo, e que também está relacionado a própria Instituição que estuda. Que a automutilação é uma ação que “normalmente a pessoa não quer simplesmente acabar com a vida dela, ela está procurando alguma forma de lidar com a dor que ela está sentindo ou eliminar aquela dor que ela está sentindo”. No entanto, entendem que o suicídio é uma ação que trará muito mais sofrimento aos seus entes que essas emoções negativas e a consciência de não estar mais aqui com seus entes é de certa forma um fio que liga a vida novamente. Que os problemas familiares, o conflito geracional, questões mal resolvidas e certos gatilhos emocionais fazem com que estes pensamentos floresçam. Entendem que suas ações são impactantes e que suas emoções como angústias, raivas, frustrações são aliviadas com a automutilação. O acúmulo dessas emoções

negativas, entre outras situações, são gatilhos relevantes para tais ações suicidógenas. Os jovens estudantes sentem as regras do mundo adulto a qual, não pode haver questionamentos das regras vigentes da sociedade. Sua condição juvenil e seus marcadores são desprezados ou sequer ouvidos dentro de suas demandas identitárias que eles entendem na modernidade líquida e fluída. A falta de compreensão do descompasso da escola se estende aos participantes da comunidade escolar.

São diversas e múltiplas as questões que envolvem o tema do suicídio nas escolas e quais as motivações que levam os jovens a terem ações suicidógenas como as já listadas, ou até tentar cometer o suicídio. Para tentar mitigar esses pensamentos dentro do corpo discente dos campi estudados, professores de sociologia e psicólogos e outros profissionais realizam algumas ações, que são pontuais, com relação ao tamanho do problema. Verifica-se que não existem dentro da instituição uma padronização das condutas para combater tais ações suicidógenas e que as ações de todos os membros da instituição são pontuais e não atinge com firmeza os alunos com tais sentimentos e ações, como fica claro na própria fala de alunos:

Sara: Acho que só piorou em ansiedade assim, até por causa da quantidade de matérias, da falta de atenção dos professores, falta de atenção da coordenação. Eu me sentia muito sozinha. Eu só estava estudando para fazer prova e acabou e acarretou muita ansiedade.

Clara: Por que eu estava com isso, no caso, foi em agosto, foi quando decidiram voltar do nada as aulas, fez, foi piorar. Porque eu não estava mais conseguindo fazer nada na escola e eu estava me sentindo meio pressionada, tive alguns professores que me ajudaram.

Denís: Bem no começo, eu meio que cheguei, sabe já sentindo toda aquelas coisas, quando eu cheguei, eu não tive muito apoio da escola porque eu já tinha começado a tratar com remédios e tudo mais e assim que eu ingressei novamente presencialmente na escola eu tentei procurar psicólogo, eu tentei procurar a coordenação, a minha mãe também veio falar. A gente veio falar aquele momento ali, tudo bem, a gente foi pelo menos escutado, no sentido de ter alguém ali ouvindo, não que foi entendido. Mas a gente foi escutada. Entenderam. E as faltas recorrentes que eu tive por alguma crise, algum período que eu não estava bem e que tive que ir ao hospital onde faço tratamento e ganhei atestado, entreguei. Não sei, esses professores receberam, não sei se todos estão cientes da situação e até já a minha família, alguns da minha família já disseram para eu falar com os professores em relação à situação, mas eu não quero usar a minha situação como forma de me vitimizar ou de esclarecer faltas e tudo mais. Eu sei que é algo que me impede às vezes de estar presente aqui, mas eu sinto que às vezes os professores não entendem completamente a situação de alguns jovens. Eu acho que a escola não teve nenhuma participação positiva nisso, eu acho que tudo foi muito descontrolado. Eu não era visto, não tinha o entendimento dos meus pais em relação a isso. Eles não sabiam como eu também não sabia. Eu não sabia dizer o que era, porque e como. Não sabia identificar, então eu não tive o apoio de ninguém. Era só eu tentando lidar com aquilo tudo que eu nem sabia o que era.

Os alunos revelam que não conseguiam ter apoio e compreensão dos agentes educacionais dentro dos Institutos Federais do Piauí no que concerne seus dilemas existenciais.

Na tentativa de ser compreendido, Denis relata que era escutado, mas não ouvido em sua particularidade. A desatenção da instituição para com os alunos com tendências suicidógenas é grave e revela, como já mencionado, uma das facetas sutis da violência simbólica (Bourdieu e Passeron, 2010). Como revela Sara, ela não tinha a atenção de muitos professores e coordenadores e sentia-se sozinha. Tais atitudes acarretam ansiedade. A Violência simbólica não se faz apenas por ação deliberada, mas por meio de negligência, falta de apoio e indiferença.

A invisibilidade de tal violência é realizada através de uma justificativa institucional. Os psicólogos justificam da seguinte maneira: o objetivo do aluno é frequentar as aulas e estudar e os psicólogos da instituição não podem impedir a sua frequência e seus estudos para tratamento exclusivo. O departamento médico tem a obrigação de diagnosticar o dilema existencial e encaminhar o estudante para os órgãos de saúde competentes, mas não tem a competência de realizar uma intervenção terapêutica. Por sua vez, os professores justificam suas ações para com os alunos afirmando que encaminham para o setor do serviço social, setor médico e psicologia.

O discurso institucional não consegue compreender o jovem estudante para além da identidade cartesiana - aluno. Ela invisibiliza os dilemas existenciais mais variados advindos da condição juvenil na modernidade líquida (Bauman, 2004) brasileira. O próprio Denis sofre com a subjetivação da identidade - aluno na medida em que se recusa falar com os professores acerca de seus dilemas. Inadvertidamente, o jovem estudante sujeita-se à regra clássica da violência simbólica nas escolas públicas, ou seja, o tratamento de alunos com diferentes capitais culturais como iguais, independente da origem social e outras diferenças sócio culturais. Bourdieu (2010) denuncia essa defesa orgulhosa da escola republicana, como o ponto crucial de reprodução da violência simbólica. Ao tratar os diferentes como iguais na condição de aluno, a escola pública acaba por institucionalizar e reproduzir violências simbólicas das mais variadas formas. Denis narra que não deseja se “vitimizar”. Expõe, desse modo, a sua narrativa, o sofrimento de não ser ouvido por ser tratado como igual aos outros alunos, destarte, sua singularidade multidimensional de condição juvenil é desconsiderada e revela crença ingênua de que o seu sucesso ou fracasso escolar e profissional dependem, apenas, de seus esforços individuais. Nessa perspectiva, a escola não o ajuda compreender em seus dilemas existenciais e assim contribui para a produção de ideações suicidas.

Denis revela que não conseguia compreender seus sintomas e que, também, não se sentia entendido pelos agentes educacionais e familiares. Ele não se sentia percebido em sua condição por parte dos agentes educacionais. Os problemas existenciais na modernidade líquida são mais difusos, indefinidos, imprecisos e complexos. A escola, em muitos aspectos, ainda, na

modernidade sólida, não consegue lidar com a condição juvenil e suas complexidades. Ademais, ainda não conseguiu compreender a condição juvenil, sentimentos de ansiedade, depressão e o suicídio. Isso é refletido pela falta de uma política pública estruturada e permanente para prevenir o suicídio. O instituto fica preso a ações pontuais dentro do calendário anual acadêmico.

Podemos perceber, também, que em nome da identidade - aluno e seus reclames, os sentimentos falados acima são tratados como se não pudessem estar na escola e logo, são “despachados” para órgãos de saúde externos. As aspas em “despachados” no período anterior são propositais para revelar uma espécie de despacho burocrático a qual estão submetidos os alunos dos Institutos Federais. Os Institutos guardam muitas características das fábricas fordistas divididas em coordenações e departamentos hierarquizados. Cada um desses setores com profissionais especializados em competências bem definidas. Desse modo, os professores, ao identificar esses sentimentos nos alunos, encaminha-os para a coordenação pedagógica, em seguida, são conduzidos para o setor médico, este, por sua vez, direciona-os para a assistência social da escola que, finalmente, encaminha-os para as instituições externas psicológicas e psiquiátricas públicas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do instrumento de construção de dados como entrevistas semiestruturadas, produziu-se a análise de conteúdo das narrativas dos alunos, professores de Sociologia e psicólogos dos Institutos Federais. Os lócus empíricos da pesquisa foram os campi das cidades de Teresina e Picos do IFPI. O Professor pesquisador fez uma série de entrevistas utilizando meios eletrônicos como *WhatsApp* e Plataforma do *Google Meet* para entrevistar profissionais da educação (professores e psicólogos), e que especificamente nos campi de Teresina Central e Picos, as entrevistas foram feitas presencialmente com estes estudantes.

O pressuposto de pesquisa foi demonstrado como o descompasso existente entre os institutos Federais do Piauí e os jovens estudantes. A escola está situada no mundo sólido e a juventude, no mundo líquido. A primeira, estruturada ainda no mundo fordista sólido, produz violência simbólica, às vezes sutis, outras vezes, marcante e deliberada. Os institutos Federais não compreendem o jovem estudante para além da identidade cartesiana - aluno. Eles invisibilizam os dilemas existenciais mais complexos advindos da condição juvenil (Dayrell, 2007). Ademais, ainda não conseguiu compreender a condição juvenil, sentimentos de ansiedade, depressão e o suicídio, pois tais afetos são tratados como estranhos a escola.

Os jovens estudantes compreenderam suas ideias suicidas da seguinte maneira; advindas por pressões interna e externa, organizações escolares, incompatibilidades entre professor e aluno, falta de entendimento para com o aluno trabalhador, a não manutenção do curso através de estágio remunerado, pressão acadêmica de várias disciplinas, cobranças em avaliações externas como ENEM, expectativas familiares e a pandemia. Os alunos afirmaram que a pandemia modificou seus hábitos, rotinas e os afastou da escola. Obrigados a permanecerem em casa, os estudantes afirmaram que perdiam, facilmente, o interesse pelos estudos porque as aulas remotas eram desinteressantes. Em casa, ao assistir às aulas remotas, envolviam-se com outros afazeres e não havia o devido acompanhamento dos pais. Para eles, ansiedade, e depressão, entre outros fatores descritos neste trabalho, estão ligados a esse afastamento abrupto da convivência escolar gerado pela pandemia.

Sabemos que a escola é um importante espaço de construção das identidades juvenis e de suas sociabilidades (Dayrell, 2007). Os alunos não se adaptaram a plataforma *Google Classroom*. A anomia causada pela pandemia parece ter tornado o mundo mais líquido para os jovens estudantes. O crescente aumento da ansiedade e depressão podem ser entendidos como expressão da modernidade líquida, na medida em que se perde segurança em favor de uma crescente liberdade (Bauman, 2004). O sentimento de anomia tornou tudo menos sólido e causou o aumento da ansiedade, depressão, automutilação e pensamentos suicidógenos. Essa

crescente individualização trouxe uma transferência de responsabilidades sociais para o âmbito individual. Desse modo, o modelo biomédico em que os alunos foram tratados pelo setor médico dos Institutos Federais obscurece as percepções desses sentimentos como construções socioculturais.

Os jovens estudantes não se sentem compreendidos na condição juvenil, vivenciam as dificuldades do mundo líquido e muitas cobranças de toda parte. Tais pressões são traduzidas em termos de ansiedade, depressão, confusão, desafio, pressão, cansaço e falta de acolhimento. A escola é também experienciada como um lugar de ambivalências, contradições e conflitos, pois, ao tempo em que é local de pressão e cobrança, torna-se lugar de construção de identidade e sociabilidades.

Os jovens também revelam as facetas da violência simbólica como pressões, desorganizações, incompatibilidades entre professor e aluno e falta de entendimento para com o aluno trabalhador, expectativa de emprego gerada pela profissionalização técnica, manutenção do curso através de estágio remunerado, pressão acadêmica de várias disciplinas, expectativa familiares e a pandemia. Eles fazem uma relação desses acontecimentos aos sentimentos de ansiedade, depressão, comportamento de automutilação e ideias suicidas. Desse modo, percebemos que o suicídio é construído nas relações sociais. Todos esses sentimentos têm um fundamento social para além do substrato neurobiológico (Junior, 2014). Os jovens revelam que não conseguiam ter apoio e compreensão dos agentes educacionais dentro dos Institutos Federais do Piauí no que concerne aos seus dilemas emocionais. Tudo isso se traduz na contradição entre as cobranças do mundo sólido da escola e as sociabilidades juvenis no mundo líquido. A indiferença da instituição para com os alunos com tendências suicidógenas é mais uma forma de violência simbólica (Bourdieu e Passeron, 2010).

Os professores passaram por um período de adaptação, ainda sentem o peso e o medo dessa realidade, pois apesar de estarem vacinados, temem o vírus. Eles sentiram muitas limitações com aulas gravadas e com restrição de tempo de aula e interação com os alunos. Entenderam que suas atividades foram afetadas, não conseguindo fazer os trabalhos, com a devida eficiência e que a instituição contribuiu para isso. Observaram a pouca participação dos alunos nas aulas assíncronas e síncronas e notaram alteração de comportamento dos discentes com mudança de humor, que por vezes, eram agressivos no trato com os docentes.

Os professores de Sociologia entenderam as ideias suicidas dos alunos, através do aporte teórico de Émile Durkheim. Porém, revelaram que as ideias estavam relacionadas ao ensino remoto e às pressões escolares. Apontaram muitos alunos doentes com ansiedade, tristeza, depressão e automutilação. Perceberam dificuldades de aprendizagem, agitação e

problemas de socialização. Notaram que houve uma grande procura no setor psicológico e que as relações na rotina familiar tiveram que ser reconfiguradas, ocasionando conflitos entre os membros, estresse e sobrecarga.

Diante de tal cenário anômico, os professores encaminhavam os alunos para setores competentes dentro do Instituto Federal. Isso revelou a reprodução da burocracia da escola e a inabilidade em lidar com a condição juvenil dos estudantes. Tais atitudes representam uma faceta perversa da violência simbólica (Bourdieu, 2010). O aluno, encaminhado pelo frio movimento dos setores especializados da escola, acaba por ser atendido por órgãos externos da saúde pública. A escola revela sua inabilidade de compreender a condição juvenil e, assim, delega a órgãos externos o tratamento dos estudantes. A identidade do aluno, ao se impor a condição juvenil, causa essa inabilidade. A escola obriga os professores a reproduzirem sua lógica. Mesmo os professores de Sociologia, que deveriam ser os principais críticos, reproduzem a lógica fordista da escola.

Os psicólogos perceberam que as ideações suicidógenas dos alunos estavam relacionadas a transtornos mentais, questões de relacionamentos amorosos, familiares e relação entre professor aluno. Os psicólogos revelaram que na pandemia, aumentou a procura de alunos pelo setor psicológico nos Institutos e houve uma elevação dos casos de ansiedade, depressão, automutilação e ideações suicidas. A pandemia foi vista, neste trabalho, como uma anomia social, ou seja, um afrouxamento dos laços sociais. A anomia produz suicídio, segundo Emile Durkheim. Porém, os sintomas falados acima, foram conceituados sob o prisma dos transtornos mentais, pelos psicólogos, ou seja, explicados a partir do modelo biomédico. Isso naturalizou dilemas construídos socialmente ao explicá-los sob o ponto de vista biológico. Essa naturalização oculta a dimensão social do suicídio. Há, também, uma tendência de individualizar esses sintomas sem conectá-los aos acontecimentos sociais mais gerais.

Os psicólogos centram seus esforços em conceber os estudantes pelo ponto de vista da identidade-aluno e negam sua condição juvenil. Na condição de psicólogos educacionais, suas competências são restritas a assuntos acadêmicos e o que ultrapassa esses limites, o setor encaminha para órgãos externos de saúde. Percebemos que em função da identidade - aluno, a condição juvenil é negada. Isso revela uma faceta da violência simbólica. Os psicólogos afirmam que o suicídio é discutido de forma pontual, apenas no setembro amarelo e não há uma política pública sólida voltada para a prevenção do tema.

A pandemia foi interpretada de diferentes modos pelos nossos interlocutores, no entanto, chegaram às mesmas conclusões. Os psicólogos entenderam que a pandemia da Covid-19 potencializou estes casos de ansiedade, depressão e ideações suicidas com aumento da

procura de atendimentos no setor psicológico. Os professores perceberam alteração de comportamento dos discentes com mudança de humor, que por vezes, eram agressivos no trato com os docentes. Constataram que houve uma grande procura no setor psicológico e aumento de tristeza, ansiedade, depressão e casos de automutilação. Os alunos compreenderam que houve uma quebra de rotina brusca e não se adaptaram bem ao isolamento social, as novas formas de aulas que vinham de plataformas virtuais que essa condição não permitia interação com colegas e professores que na maioria das vezes tinha muitas aulas postadas e atividades das disciplinas e com tempo limite para entrega dos trabalhos.

As tarefas e a rotina familiar os sobrecarregavam e com isso houve um disparo de emoções negativas, desembocando uma série de sentimentos e com eles vieram, medo, angústia, ansiedade, depressão, ideações suicidas e tentativas. Nesse sentido, os discentes indicaram que a escola foi responsável por estas ações e emoções negativas que produziu uma violência simbólica, levando-as para angústias, depressões, automutilações, ideações e tentativas suicidógenas. Além de que, sua condição juvenil e seus marcadores são desprezados ou sequer ouvidos dentro de suas demandas identitárias.

Além disso, a instituição em nome dos seus agentes educacionais, no caso do presente trabalho, psicólogos e docentes, tratou os comportamentos suicidas dos discentes seguindo os ditames da burocracia escolar. Os agentes educacionais afirmaram que suas competências são restritas a assuntos acadêmicos e o que ultrapassa esses limites é visto como problemas exteriores ao ambiente escolar. Quando identificados sentimentos depressivos, ansiosos e suicidógenos nos alunos, logo, os agentes escolares tratam de encaminhá-los para órgãos de saúde externos. Os Institutos, à maneira das fábricas fordistas compartimentadas em múltiplos setores especializados, encaminham os alunos para a coordenação pedagógica, que por sua vez, são conduzidos para o setor médico, que os direciona para a assistência social da escola que, por fim, encaminha-os para as instituições de saúde públicas fora do ambiente escolar.

Esse frio caminho burocrático revela uma violência simbólica exercida por uma espécie de indiferença da instituição com os dilemas mais urgentes da juventude. Tal atitude dos Institutos Federais ocorre por causa de uma visão sobre os jovens reduzida apenas à identidade cartesiana aluno. A condição juvenil é ocultada e, muitas vezes, excluída do ambiente escolar. Eis uma faceta perversa do descompasso entre a condição juvenil e os Institutos Federais. Esse descompasso reforça as ideações suicidógenas.

Os Institutos Federais não possuem uma política pública estruturada e permanente voltada para a prevenção do suicídio. Em suma, não há uma política pública interna voltada para o combate do suicídio dos jovens alunos, há um distanciamento do mundo dos jovens

discentes, eles não são ouvidos nem atendidos e compreendidos em seus questionamentos juvenis. Destacamos que, uma das possibilidades deste estudo é contribuir para uma ampliação do diálogo entre escola e Juventudes e comunidade acadêmica contemplando o que parece uma necessidade dos interlocutores da pesquisa que é o desenvolvimento ou da implementação de políticas públicas eficazes que visem à prevenção do suicídio que incluam atendimento terapêutico nas escolas para a prevenção eficiente contra o suicídio e com capacitações constantes voltados aos agentes educacionais.

Isso implica, primeiro no entendimento da dimensão sociológica do fenômeno, em seguida, refletir sobre o real papel da escola frente ao atendimento dos alunos com ideias suicidas. Há uma necessidade de uma equipe permanente e multidisciplinar composta por, pelo menos, psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais e sociólogos para que possam contribuir e dar diagnósticos precisos das realidades concretas e vivenciadas desses jovens alunos. O suicídio, como afirma Benedito Carlos de Araújo, deve ser abordado de forma transdisciplinar. A dimensão sociológica deve somar-se às abordagens biomédicas tradicionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, H. **Condição Juvenil no Brasil Contemporâneo**. In: ABRAMO, H; BRANCO, P. P. M. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: instituto cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 37-73.

ABRAMO, H. W. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Página Aberta, 1994.

ABRAMOVAY, M; ESTEVES, L. C. G. **Juventude, Juventudes: pelos outros e por eles mesmos**. In: *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; UNESCO. 2007.

ABRAMOVAY, M.; CUNHA, A. L.; CALAF, P. P. **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas**. Edição publicada pelo Escritório da Rede de Informação Tecnológica Latino –Americana (RITLA) no Brasil e Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEDF), 2009.

ARAÚJO, A. **Suicídio na Cidade de Teresina: uma análise das políticas públicas de prevenção ao suicídio em Teresina - PI, no período de 2010 a 2020**. Teresina, Universidade Federal do Piauí, 2022.

ALTHUSSER, L BOURDIEU, P. **Materialismo histórico e materialismo dialético**. 2 Ed. São Paulo. Ed. Global, 1986.

Associação Brasileira de Psiquiatria - ABP. **Suicídio: informando para prevenir**. Brasília: CFM/ABP; 2014.

BARBAGLI, M. **O suicídio no Ocidente e no Oriente**. Petrópolis: Vozes, 2019

BARBOSA, R. **Os conceitos de medos e medos corriqueiros na Antropologia e Sociologia das Emoções de koury**. Revista Brasileira de Sociologia das Emoções. v. 13, 2014.

BARDIM, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: [s.n.], 1977.

BAUER, M W.; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro. Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. **O mal estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. Zahar, 1998

BAUMAN, Z. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro. Editora Zahar. 2007.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 2008.

BAUMAN, Z. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 2012.

BOTEGA, N. J., CAIS, C. F. S., & RAPELI, C. B. (2012). **Comportamento suicida**. In N. J. Botega (Org.), *Prática psiquiátrica no hospital geral: interconsulta e emergência* (pp. 335-355). Porto Alegre, RS: Artmed.

BOAVENTURA, E. **A educação brasileira no período joanino. IN A construção da universidade baiana: objetivos, missões e afrodescendência** [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. pp. 129-141.

BOURDIEU, P; PASSERON, J. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1994.

BOURDIEU, P. **A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

BOURDIEU, P. **Meditações Pascalianas**. Oeiras: Celta Editora, 1998.

BOURDIEU, P; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa em sociologia**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

BRASIL. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil**. Brasília, 1988.

BRASIL. **Decreto de Lei 11.892**. Brasília, 2008.

BRASIL. **Decreto de Lei 4.048**. Rio de Janeiro, 1942

BRASIL. **Decreto de Lei 4.073**, Rio de Janeiro, 1942 b.

BRASIL. **Decreto de Lei 4.244**, Rio de Janeiro, 1942 a.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, nº 4.024. Brasília, 1961.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, nº 5.692. Brasília, 1971.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, nº 9.394. Brasília, 1996.

BRASIL. MINISTÉRIO NACIONAL DA SAÚDE. CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Resolução nº 196 de 1996 sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Bioética. 1996.

BRASIL. **Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego** nº 12.513. Brasília, 2011.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e Cidadãos; Conflitos Multiculturais da Globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

CASTORIADIS, C. **As encruzilhadas do labirinto/2. Os domínios do Homem**. Editora Paz e Terra s/a. Rio de Janeiro, 1987.

CAVALCANTE, F. V. Domesticção de si: sentimentos engendrados sobre a morte, o morrer e o sobreviver. Sociabilidades Urbanas - Revista de Antropologia e Sociologia, v. 5, n. 14, pp. 131-147, julho de 2021.

CAVALCANTE, F. V. Domesticção da perda de si: emoções engendradas sobre a morte e o morrer IN CAVALCANTE, F. V; LAGE, M; CARVALHO, M; SILVA, M. Religiões, ritos e patrimônios culturais. Teresina, EDUFPI, 2021b.

- CANEVACCI, M. **Culturas extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles.**
- CIAVATTA, M, RAMOS, M. **Ensino médio e Educação profissional no Brasil: dualidade e fragmentação. Retratos da escola.** Brasília, v. 5, n° 8 - CNTE, 2011. p.27 – 42.
- CLIFFORD, J, **A experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no Século XX.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.
- COIMBRA, C M.B. & NASCIMENTO, M L. **Jovens pobres: o mito da periculosidade.** IN: Fraga, Paulo César Pontes, Lulianelli, Jorge Atílio Silva (org.). **Jovens em tempo real.** Rio de Janeiro; DP & A, 2003.
- DA MATTA, R. **O ofício do antropólogo, ou como ter anthropological blues.** In: NUNES, E. (org). **A aventura sociológica.** Rio de Janeiro: Zahar, p.23-35, 1978.
- DAYRELL, J. **Educ. Soc, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007 1105.** Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> acessado em 25 de maio de 2022.
- DAYRELL, J. **Educ. A escola como espaço sócio-cultural.** In: DAYRELL. J. (org). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura.** Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 136-161.
- DOUGLAS, M. **Como as instituições pensam.** São Paulo: EDUSP, 1998. (BN). Biblioteca Nacional. Maria Aparecida dos Santos.
- DUNKER, C. **Uma Biografia da depressão.** São Paulo: Planeta, 2021.
- DURKHEIM, É. **Estudo de sociologia.** São Paulo. Martins Fontes. 2000.
- DURKHEIM, É. **O Suicídio.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- DURKHEIM, É. **Da divisão do trabalho social.** São Paulo: 2 Ed. Martins Fontes 2003.
- DURKHEIM, É. **As Regras do método sociológico.** São Paulo: 2 Ed. Martins Fontes 1999.
- ROUDINESCO, E. **Tradução, Vera Ribeiro.** — Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- Em Tese, Florianópolis, v. 12, n. 1, jan./jul., 2015. ISSN: 1806-5023, página 18.**
- FAVRET-SAADA, J. **“Ser afetado”.** **Cadernos de Campo.** n.13, 2005, pp.155-161.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir.** Petrópolis, Editora Vozes, 2009.
- FRANÇA, S. **Uma visão geral sobre a educação brasileira.** Integração, v. 1, 2008.
- FREUD, S. **Mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos.** São Paulo. CIA. das Letras, 2010.
- GARCIA, A; DORSA, A; OLIVEIRA, E; CASTILHO, M. **Educação Profissional no Brasil: Origem e Trajetória.** Revista Vozes do Vale, UFVJM, 2018. GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais.** Rio de Janeiro: Record, 2001.
- GASKELL, G. **Entrevistas individuais e grupais.** BAUER, M.W; GASKELL. G (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** Petrópolis: Vozes, 2003. pp. 64 – 89.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GHIRALDELLI, JR. **História da educação brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Hawton, K. **Suicídio após automutilação: resultados do estudo multicêntrico sobre automutilação na Inglaterra, 2000–2012**. *Jornal de Distúrbios Afetivos* Volume 175, 1 de abril de 2015 , páginas 147-151

HOBSBAWN, E. **Como mudar o mundo: Marx e Marxismo, 1940-2011**. São Paulo, Companhia das Letras, 2011.

IFPI - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí. **PDI - Plano de Desenvolvimento Institucional**. IFPI, Teresina/PI, 2014.

IFPI - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí. **Campus Picos comemora 10 anos de inauguração**. IFPI, Picos/PI, 2017. Disponível em: <https://www.ifpi.edu.br/picos/noticias/campus-picos-comemora-10-anos-de-inauguracao#:~:text=HIST%C3%93RICO%20%2D%20A%20inaugura%C3%A7%C3%A3o%20do%20Campus,do%20calend%C3%A1rio%20acad%C3%AAmico%20da%20institui%C3%A7%C3%A3o>.

JERONIMO, M. **A expansão do Instituto Federal de Educação do Piauí - IFPI: 110 anos de história**. VI CONEDU, 2019.

JÚNIOR, B. **Apoptose na cidade verde. Suicídios em Teresina na primeira década dos séculos XXI**. Tese doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- puc. 2014.

KALINA, E e KOVADLOFF, S. **As cerimônias da destruição**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

KEHL, M. **O tempo e o Cão: a atualidade das depressões**. São Paulo. Editora Boitempo. 2009.

KUENZER, A. **EM e EP na produção flexível: a dualidade invertida**. *Retratos da Escola*, v. 5, n. 8, p. 43-56, 2011.

KUENZER, A. **Trabalho e Escola: A flexibilização do Ensino Médio no contexto do Regime de Acumulação**. *Educ. Soc., Campinas*, v. 38, nº. 139, p.331-354, abr.-jun, 2017.

KOURY, M. **Pela consolidação da Sociologia e da Antropologia das Emoções no Brasil**. *Revista Sociedade e Estado - Volume 29 Número 3 setembros/Dezembro 2014*.

KOURY, M., Barbosa R.B. **Antropologia e Sociologia das emoções no Brasil: uma resenha**. *Cadernos do GREM*, nº 07, Recife: Bagaço, 2015. *Áskesis* | v.7 | n.1 | Janeiro/Junho - 2018 | 142-145

LIPOVETSKY, G. **A Sociedade da Decepção**. 1a Ed. São Paulo: Manole, 2007.

LUZ, L. C. X., FEFFERMANN, M., ABRAMOVAY, M., WEISHEIMER, N., FERREIRA, M.D. M., CAVALCANTE F.V., SILVA A.P., LOPES I. C., **Os jovens brasileiros em tempos de covid-19**. Dossiê: O mundo pós-covid. Princípios, teoria, política e cultura, capítulo 8, ed. 160, 2021.

MACHADO, L; FERREIRA, R. **A indústria farmacêutica e psicanálise diante da “epidemia de depressão”**: respostas possíveis. Maringá, Psicologia em Estudo v. 19, nº 1, 2014.

MACHO, T. **Tirar a vida. Suicídio na modernidade**. Editora WMF Martins Fontes Ltda. São Paulo. Brasil. 2021

MOUTIER, C. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais** [recurso eletrônico] DSM-5 / [American Psychiatric Association; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al.] ; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli [et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2014. Editado também como livro impresso em 2014. ISBN 978-85-8271-089-0 1. Psiquiatria. 2. Transtornos mentais. I. American Psychiatric Association. CDU 616.89-008, 2014.

MALINOWSKI, B. Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MARX, K. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MARX, K, ENGELS, F, **O manifesto do partido comunista**. São Paulo. Novos Rumos, 1986.

MARGULIS, M; URRESTI, M. La juventud es más que una palabra; Error! Marcador no definido. 1982

MEC – **Ministério da Educação e Cultura. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília, 2007.**

MEC – Ministério da Educação e Cultura. **Centenário da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica**. MEC, Brasília, 2009.

MELO, J. **História da Educação no Brasil**. UAB/IFCE, Fortaleza – CE, 2012.

MENEZES, E. **A modelagem sociocultural na expressão das emoções** (Notas para uma sociologia das emoções. Revista de Ciências Sociais, v. 33, nº 2, 2002.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Perfil Epidemiológico das Tentativas e Óbitos por Suicídio no Brasil e a Rede de Atenção**. Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico, Volume 48, nº 30, 2017.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/unicef-amplia-sua-resposta-a-covid-19-no-brasil>, 2020. Acessado em:

MINOIS, G. **História do suicídio: A sociedade ocidental diante da morte voluntária**. Editora Unesp 2018.

MOTTA, V; FRIGOTTO; G. **Por que a urgência da Reforma do Ensino Médio? Medida Provisória nº 746/2016 (Lei nº 13.415/2017).** Educ. Soc., Campinas, v. 38, nº. 139, p.355-372, abr.-jun., 2017 BRASIL. Lei nº 13.415. Brasília, 2017.

MOURA, M; MOURA, M. **Das aulas régias ao ensino médio: História da constituição à consolidação do ensino secundário piauiense (século XIX ao século XXI).** Vozes, Pretérito e Devir, ano VIII, Vol, XII, nº 1 2021.

NASCIMENTO, C. **Escola, ensino e os processos de aprendizagem em tempos de pandemia.** Dossiê: Gestão educacional e trabalho pedagógico no contexto de pandemia da covid-19. Linhas Críticas, v. 27, 2021.

NASCIMENTO, P; RAMOS, D; MELO, A; CASTIONI, R. **Acesso domiciliar a internet e ensino remoto durante a pandemia.** IPEA, nº 88, 2020.

NETO, A; STRIEDER, D; SILVA, A. **A reforma pombalina e suas implicações para a educação brasileira em meados do século XVIII** *Tendências Pedagógicas*, 33, 2019.

NÓVOA, A; ALVIM, Y. **Os professores depois da pandemia.** Dossiê Democracia, Escola e Mudança Digital: Desafios da Contemporaneidade. Educ. Soc., Campinas, v. 42, 2021.

OMS - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Um Recurso para Conselheiros.** Departamento de Saúde Mental e de Abuso de Substâncias e Gestão de Perturbações Mentais e de Doenças do Sistema Nervoso. OMS. Genebra, 2006.

OMS. Artigo sobre autolesão. Autolesão sem intenção suicida entre adolescentes.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000300017, 2014.

PERES, T. **Educação brasileira no Império** IN PALMA FILHO, J. C. *Pedagogia Cidadã – Cadernos de Formação – História da Educação – 3. ed.* São Paulo: PROGRAD/UNESP/Santa Clara Editora, 2005 p. 29 – 47.

PETERS, G. **O anti-Durkheim: por uma análise culturalista do suicídio.** RBCS – Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol. 35 N° 104, 2020.

RAMOS, M.N. **Ensino Médio e integrado: lutas Históricas e Resistências em tempo de Regressão.** Educação Profissional e Tecnológica em revista, v. Disponível em :

RAMOS, M.N. **História e política da Educação Profissional.** IFPR, Curitiba – PR, 2014.

RIVERA, U; CAVALCANTE, V; LOPES, I; ABRAMOVAY, M; SALES, M. Emoções e pandemia: uma análise das narrativas de jovens latino-americanos e caribenhos: IN ABRAMOVAY, M; FEFFERMANN, M; LUZ, L; CENITAGOYA, V; RIVERA, U; LEIVA, A. **Trajetórias/práticas juvenis em tempos de Covid-19.** Brasília – DF: Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais, 2022.

SANTOS, R. **Breve Histórico do Ensino Médio no Brasil.** UESC, 2010.

SENNETT, R. **O artífice.** Rio de Janeiro: Record, 2009. 360p.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico.** São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, A; NETO, J; RODRIGUES, K. **Estrutura e Funcionamento do Ensino no Período Pombalino no Brasil**. Rev. Mult. Psic. V.12, N. 41, p. 637-648, 2018.

SILVA, I. *et al.* **Distribuição espacial e temporal do suicídio no nordeste do Brasil**. CogitareEnferm, v. 27, 2022.

SILVA, V. **Identidade juvenil na modernidade brasileira**: sobre o constituir-se entre tempos, espaços e possibilidades múltiplas. 2006.422f. Tese de doutorado em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

TOYSHIMA, A; MONTAGNOLI, G; COSTA, C. **Algumas considerações sobre o RatioStudiorum e a organização da educação nos Colégios Jesuíticos**. UEL, Londrina, s-d. Tradução Alba Olmi. 1a Ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

WEBER, M. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. São Paulo: UnB, 2004.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo, Martin Claret, 2002.

WHITAKER, D. **Sociologia rural**: questões metodológicas emergentes. Presidente Venceslau: Letras à Margem, 2002.

Whyte, W. 2005. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 390 pp. Ano 2005.

SITES ACESSADOS.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069compilado.htm. Acessado em: 15 de agosto de 2022.

<https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2019/09/10/taxa-de-mortalidade-por-suicidio-no-piaui-e-quase-o-dobro-do-indice-nacional-saiba-como-buscar-acessado-em>

http://www.saude.pi.gov.br/uploads/document/file/1218/DADOS_GERAIS_SOBRE_%C3%93BITOS_POR_SUIC%C3%8DDIO_NO_PIAU%C3%8D_14_04.pdf.

Canção da música: Pais e filhos. Legião Urbana. Álbum: As quatro estações, ano 1989.

Canção da música: Não é Sério. Charlie Brown jr e Negra li. Álbum: Transpiração contínua e prolongada, ano 1997.

<https://jamanetwork.com/journals/jamapediatrics/fullarticle/2782796>

Associação Brasileira de Psiquiatria - ABP. **Suicídio**: informando para prevenir. Brasília: CFM/ABP; 2014.

<https://www.oabgo.org.br/arquivos/downloads/cc964ed851fe18-ainfluenciadasredessociaisnosc-1-1054196.pdf>

<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/anualmente-mais-de-700-mil-pessoas-cometem-suicidio-segundo-oms>

APÊNDICE I: ROTEIRO DE ENTREVISTA PSICÓLOGOS

- 1- Os (As) senhores (as) têm percebido em seu campus o aumento do número de alunos com tais sentimentos como: tristeza, apatia, ausências de perspectivas frente às aulas remotas?
- 2- Neste modelo implantado de aulas remotas os (as) senhores (as) teriam como identificar se houve aumento de tais comportamentos suicidógenas ou depressivos?
- 3- A senhora tem conhecimento da política nacional de prevenção da automutilação e suicídio 13.819/19? (Lei que exige notificação compulsória de casos de automutilação).
- 4- No campus em que os (as) senhores (as) trabalham há efetivamente um exercício contínuo de prevenção?
- 6- Nestes atendimentos que a senhora presta aos alunos eles comentam sobre o ato? O porquê? Algo relacionado a gênero? Cor? Bullying?
- 7- Quais destas ações são as mais recorrentes nos alunos – ideação, mutilação, tentativas suicidógenas?
- 8- Se há identificação de casos e quais são os encaminhamentos feitos? Cite exemplos. Eles são encaminhados na maioria das vezes por quem?

APÊNDICE II: ROTEIRO DE ENTREVISTA PROFESSORES

1. Fale um pouco do seu trabalho de professor no IFPI; fale de sua rotina como professor durante a pandemia. Ela foi afetada? Como ficou sua rotina na volta às aulas presenciais?
2. Como foi sua relação com os alunos em tempo de pandemia? Seus alunos relataram ou você identificou algum problema sobre as aulas remotas?
3. Notou mudança de comportamento em seus alunos no período de pandemia? Houve mudanças de comportamento nos alunos no retorno das aulas presenciais?
4. Qual a sua concepção de suicídio no âmbito escolar?
5. O debate sobre o suicídio é feito pela instituição? Você chegou a identificar em seus alunos pensamentos suicidógenos?
6. Qual o encaminhamento dado aos alunos identificados com tais pensamentos?
7. Houve algum retorno depois do aluno ser encaminhado para o atendimento psicológico?
8. Existe algum trabalho contínuo de prevenção ao suicídio durante o ano?

APÊNDICE III: ROTEIRO DE ENTREVISTA ALUNOS

a) Impactos da pandemia na vida dos jovens

1. . Fale sobre a sua rotina durante a pandemia (suas atividades, formas de organização do tempo e estudos)
2. . Como ficou a sua rotina no retorno às aulas presenciais?

b) Significado de juventude, escola e mundo do trabalho

3. O que significa para você ser jovem?
4. O que significa escola para você?
5. Como você compreende o mundo do trabalho (perspectivas, dificuldades, desafios)?

c) Comportamentos de riscos

6. Você perdeu algum amigo ou parente, durante a pandemia da Covid-19?
7. Você teve acompanhamento psicológico na escola, durante a pandemia da Covid-19? Chegou a tomar algum tipo de remédio? Você acha que a escola foi importante para ajudar a você no período de manifestação desses pensamentos?
8. . Você já ouviu falar sobre o suicídio, o que você entende sobre o assunto? Você já tentou o suicídio? Que tipo de ação foi? O que te levou a esses pensamentos?

APÊNDICE IV: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO. (Termo padrão enviado para todos os sujeitos envolvidos na pesquisa).

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.

SUICÍDIO E EDUCAÇÃO: ideias suicidógenas entre jovens do Instituto Federal do Piauí no período pandêmico da Covid-19 (2020 e 2022).

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, na condição de **ALUNO (A)**, para uma pesquisa, de nome: **SUICÍDIO, JUVENTUDE, ENSINO MÉDIO/TÉCNICO: Uma compreensão sociológica das ideias suicidógenas entre jovens nos Institutos Federais do Piauí.**

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: **SUICÍDIO E EDUCAÇÃO: ideias suicidógenas entre jovens do Instituto Federal do Piauí no período pandêmico da Covid-19 (2020 e 2022).**

Descrição da pesquisa: A pesquisa tem como objetivo compreender como os jovens entendem suas ideias e tentativas de suicídios na instituição escolar dos institutos federais do Piauí de Teresina Central e Picos, no período de 2019 a 2022.

O pesquisador evidenciou um aumento das ideias e tentativas de suicídio no período pandêmico da Covid-19, principalmente entre os alunos do Ensino Médio Integrado na faixa etária entre quinze e dezoito anos. Após depoimentos das psicólogas (os) e professores (as) dos Quatro maiores campi do Piauí, Teresina Central, Floriano, Parnaíba e Picos, selecionou-se apenas os campus de Teresina Central e Picos.

Objetivo: Compreender o fenômeno do suicídio entre jovens na instituição escolar a partir de um olhar sociológico.

Forma de acompanhamento: Como instrumentos de pesquisa qualitativa, optou-se pela pesquisa observação participante, pois por meio dela, buscou-se compreender num determinado grupo de indivíduos seus valores, crenças e modo de vida.

A proposta é predominantemente qualitativa, pois iremos utilizar o método compreensivo Weberiano cujo o objetivo é compreender o sentido da ação. A pesquisa terá como procedimentos realização de entrevistas com tópicos-guias ou não diretivas semiestruturadas, pois por meio da mesma o pesquisador possui um ponto de partida e uma diretriz inicial a

seguir, permitindo que a conversa seja totalmente espontânea ao entrevistado sendo digitalmente gravadas, e do uso do diário de campo por meio do qual o pesquisador anotará informações relevantes de maneira direta para construção dos dados. Esclarecemos que no período de participação, término, haverá garantia de sigilo, direito de retirar o consentimento a qualquer tempo e a qualquer momento o participante da pesquisa terá a garantia expressa de liberdade de retirar o consentimento, sem qualquer prejuízo. A participação na pesquisa pelo participante ofertará e ajudará para um debate qualificado e científico em que pese uma política pública de enfrentamento a constantes casos de suicídio e tentativas.

Neste sentido, solicitamos sua colaboração mediante a assinatura desse termo. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), visa assegurar seus direitos como participante. Após seu consentimento, assine todas as páginas e ao final desse documento que está em duas vias. O mesmo, também será assinado pelo pesquisador em todas as páginas, ficando uma via com você participante da pesquisa e outra com o pesquisador. Por favor, leia com atenção e calma, aproveite para esclarecer todas as suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de indicar sua concordância, você poderá esclarecê-las com o pesquisador responsável pela pesquisa através dos seguintes telefones. Francisca Verônica Cavalcante telefone (86) 9999000XX. Se mesmo assim, as dúvidas ainda persistirem você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFPI, que acompanha e analisa as pesquisas científicas que envolvem seres humanos, no Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, Bairro Ininga, Teresina –PI, telefone (86) 3237-2332, e-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br; no horário de atendimento ao público, segunda a sexta, manhã: das 08h às 12h e à tarde das 14h às 18h. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Esclarecemos mais uma vez que sua participação é voluntária, caso decida não participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da pesquisa, não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo e o (os) pesquisador estará a sua disposição para qualquer esclarecimento.

A pesquisa tem como justificativa; compreender como pensam os jovens e os educadores/professores sobre o suicídio no âmbito escolar. Para a realização serão utilizados os seguintes procedimentos para a coleta de dados: a pesquisa predominantemente qualitativa, com a utilização de instrumentais, tais como: diário de campo e entrevista com tópicos-guias ou não diretivas. A investigação analisará o discurso dos sujeitos alunos, professores, psicólogos e utilizará o método o compreensivo. Esclareço que esta pesquisa pode acarretar danos e riscos eminentes aos participantes.

Os resultados obtidos nesta pesquisa serão utilizados para fins acadêmico-científicos (divulgação em revistas e em eventos científicos) e os pesquisadores se comprometem a manter o sigilo e identidade anônima, como estabelecem as Resoluções do Conselho Nacional de Saúde nº. 466/2012 e 510/2016 e a Norma Operacional 01 de 2013 do Conselho Nacional de Saúde, que tratam de normas regulamentadoras de pesquisas que envolvem seres humanos. E você terá livre acesso as todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo, bem como lhe é garantido acesso a seus resultados.

Esclareço ainda que você não terá nenhum custo com a pesquisa, e caso haja por qualquer motivo, asseguramos que você será devidamente ressarcido. Não haverá nenhum tipo de pagamento por sua participação, ela é voluntária. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente de sua participação neste estudo você poderá ser indenizado conforme determina a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, bem como lhe será garantido a assistência integral.

Informo que após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que estará em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma.

Após os devidos esclarecimentos e estando ciente de acordo com os que me foi exposto, Eu -----declaro que aceito participar desta pesquisa, dando pleno consentimento para uso das informações por mim prestadas. Para tanto, assino este consentimento em duas vias, rubrico todas as páginas e fico com a posse de uma delas.

Preencher quando necessário

- () Autorizo a captação de imagem e voz por meio de gravação, filmagem e/ou fotos;
- () Não autorizo a captação de imagem e voz por meio de gravação e/ou filmagem;
- () Autorizo apenas a captação de voz por meio da gravação.

Local e data: _____

Assinatura do Participante

**APÊNDICE V: TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE.
(Termo enviado aos alunos adolescentes).**

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada “Suicídio, juventude, ensino médio/técnico: Uma compreensão sociológica das ideias suicidógenas entre jovens nos Institutos Federais do Piauí”. Meu nome é Francisca Verônica Cavalcante, sou o pesquisador (a) responsável e minha área de atuação é: Sociologia. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao (à) pesquisador (a) responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo (s) pesquisador (es) responsável (is), via e-mail (douger.campelo@ifpi.edu.br) e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do (s) seguinte (s) contato (s) telefônico (s): (86)998044181. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** – colegiado responsável por revisar todos os protocolos de pesquisa envolvendo seres humanos, inclusive os multicêntricos, cabendo-lhe a responsabilidade primária pelas decisões sobre a ética da pesquisa a ser desenvolvida na instituição, de modo a garantir e resguardar a integridade e os direitos dos voluntários participantes nas referidas pesquisas – da Universidade Federal do Piauí, pelo e-mail E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br

1. Informações Importantes sobre a Pesquisa:

A pesquisa tem como objetivo compreender como os jovens entendem suas ideias e tentativas de suicídios na instituição escolar dos Institutos Federais do Piauí, nos campos de Teresina Central e Picos, no período de 2020 a 2022. O pesquisador observou um aumento das ideias e tentativas de suicídio no período pandêmico da COVID-19, principalmente, entre os alunos do Ensino Médio Integrado na faixa etária entre quinze e dezoito anos.

Título: Suicídio, juventude, ensino médio/técnico: Uma compreensão sociológica das ideias suicidógenas entre jovens nos Institutos Federais do Piauí.

1.1 Justificativa: compreender como pensam os jovens e os educadores/professores sobre o suicídio no âmbito escolar.

Objetivos: - Identificar como a pandemia afeta e potencializa o processo em curso;

- Apontar a relação dessas ideias destes discentes do ensino médio dos institutos federais com o ambiente escolar;

- Identificar como a instituição lida com os discentes que possuem ideias suicidógenas.

1.2 Métodos. A técnica será a de entrevistas porque por meio delas, poderemos colher informações do sujeito a partir de seus discursos livres. O entrevistador mantém-se em escuta, atento, registrando todas as informações e só intervindo discretamente para, eventualmente, estimular o depoente. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão junto aos jovens, sujeitos dessa pesquisa, quanto aos educadores e demais sujeitos que partilham do espaço educacional que compõem os Institutos Federais do Piauí.

1.3 Obs.: A entrevistas se dará através de questionários, que haverá registros, sonoros e ou audiovisuais da conversa, pois é imprescindível a necessidade da *concessão do uso de sua voz, imagem ou opinião*.

() Permito a divulgação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa;

() Não permito a publicação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Obs2.: rubricar dentro do parêntese com a proposição escolhida.

1.4 É possível um *desconforto emocional* e/ou de possíveis *riscos psicossociais* bem como os benefícios acadêmicos e sociais decorrentes da participação do participante em sua pesquisa.

1.5 Haverá ressarcimento das despesas decorrentes da cooperação com a pesquisa realizada.

Obs3.: Somente o transporte e a alimentação do participante, quando for o caso, tendo em vista que as ligações ao/à pesquisador/a podem ser feita a cobrar;

1.6 Haverá Garantia do sigilo que assegure a sua privacidade e o anonimato dos/as participante/s.

() Permito a minha identificação através de uso de meu nome nos resultados publicados da pesquisa;

() Não permito a minha identificação através de uso de meu nome nos resultados publicados da pesquisa.

Obs4.: rubricar dentro do parêntese com a proposição escolhida.

1.7 Haverá garantia expressa de liberdade do/a participante da pesquisa de se recusar a participar ou retirar o seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma;

1.8 Haverá garantia expressa de liberdade do/a participante da pesquisa de se recusar a responder questões que lhe causem *desconforto emocional* e/ou *constrangimento* em entrevistas e questionários que forem aplicados na pesquisa;

1.9 Haverá ao participante da pesquisa o direito de pleitear indenização (reparação a danos imediatos ou futuros), garantida em lei, decorrentes da sua participação na pesquisa;

1.10 Declaro aos participantes da pesquisa que toda pesquisa a ser feita com os dados terá um armazenamento em banco de dados pessoal ou institucional que foram coletados, pois justifica-se a relevância e oportunidade para uso futuro do material coletado.

() Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras e, portanto, autorizo a guarda do material em banco de dados;

() Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras, mas não autorizo a guarda do material em banco de dados;

Obs6.: rubricar dentro do parêntese com a proposição escolhida.

1.2 Assentimento da Participação na Pesquisa:

Eu,, inscrito (a) sob o RG/ CPF....., abaixo assinado, concordo em participar do estudo

intitulado “.....”. Destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário.

Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo pesquisador (a) responsável Sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Informo que o mesmo será assinado em duas vias, sendo que uma ficará com o pesquisador e a outra com o participante. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Local, dede 2022

Assinatura pesquisador responsável.

Assinatura do (a) participante